



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA)
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (FFCH)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA (PPGMUSEU)**

TATIANA ALVES DE ALMEIDA

**TRAJETÓRIAS DE UM SONHO:
O COLECIONADOR ANTONIO MARCELINO DO NASCIMENTO E O
MUSEU TEMPOSTAL EM SALVADOR-BA (1965-1997)**

Salvador

2017

TATIANA ALVES DE ALMEIDA

**TRAJETÓRIAS DE UM SONHO:
O COLECIONADOR ANTONIO MARCELINO DO NASCIMENTO E O
MUSEU TEMPOSTAL EM SALVADOR-BA (1965-1997)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Museologia,
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia,
como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Museologia.

Orientador: Prof. Dr. Clovis Carvalho Britto

**Salvador
2017**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA), com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

ALMEIDA, TATIANA ALVES DE
Trajetórias de um sonho: o colecionador Antonio Marcelino do
Nascimento e o Museu Tempostal em Salvador-BA (1965-1997). /
TATIANA ALVES DE ALMEIDA. -- Salvador, 2017.
178 f. : il

Orientador: Clovis Carvalho Britto.
Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em
Museologia) -- Universidade Federal da Bahia, Faculdade de
Filosofia e Ciências Humanas, 2017.

1. Colecionismo. 2. Coleção. 3. Antonio Marcelino. 4. Museu
Tempostal. 5. Museologia. I. Britto, Clovis Carvalho. II.
Título.

TATIANA ALVES DE ALMEIDA

**TRAJETÓRIAS DE UM SONHO:
O COLECIONADOR ANTONIO MARCELINO DO NASCIMENTO E O
MUSEU TEMPOSTAL EM SALVADOR-BA (1965-1997)**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Museologia pelo Programa de Pós-Graduação em Museologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia.

Aprovada em 22 de setembro de 2017 pela banca examinadora constituída pelos professores:

Clovis Carvalho Britto – Orientador

Doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB), Brasil
Universidade Federal da Bahia e Universidade Federal de Sergipe

Heloísa Helena Fernandes Gonçalves da Costa

Doutora em Sociologia pela Université du Québec à Montréal (UQÀM), Canadá
Universidade Federal da Bahia

Neila Dourado Gonçalves Maciel

Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Universidade Federal de Sergipe

Para Antonio Marcelino do Nascimento
(*in memoriam*)

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia, especialmente às professoras Heloísa Helena Fernandes Gonçalves da Costa, querida Pró Helô, por ter iniciado esta jornada comigo desde a graduação, pelo aprendizado contínuo e por sua amizade; à Suely Moraes Cerávolo, por ter me orientado inicialmente e por todo o aprendizado que me proporcionou; e, principalmente, ao Professor Clóvis Carvalho Britto, orientador desta dissertação, por ter aceitado o desafio de me conduzir à conclusão da escrita da trajetória de Marcelino, pela amizade.

À professora Neila Dourado Gonçalves Maciel, pela disponibilidade em participar da banca.

À Universidade Federal de Alagoas (Ufal), pelo incentivo à qualificação. À equipe da Pinacoteca da Ufal, pela compreensão e apoio.

Às colegas de turma do PPGMuseu/UFBA, especialmente Paula Coutinho e Cidália Ferreira Netta.

Às colegas museólogas da Diretoria de Museus do Ipac, especialmente Fátima Santos. Ao Museu Tempostal. Ao Museu Eugênio Teixeira Leal, especialmente à bibliotecária Cremilda dos Santos, pelo empenho em colaborar com a pesquisa. Ao repórter Reginaldo I. P. (Reginaldo Cruz) e a Elenivaldo Costa Conceição, da *Tribuna da Bahia*, pela confiança e disponibilidade. À Mara Viana, Supervisora do Cedoc/Jornalismo, da Rede Bahia, pela colaboração e cessão das imagens fundamentais à pesquisa. À Coordenação de Arquivo e Documentação do Arquivo Geral da UFBA, Antonio José Mendes Guedes e Nanci Santos. Ao Setor de Documentação e Pesquisa do Teatro Castro Alves, servidor João Batista Figueiredo, e à museóloga Dirlene de Oliveira, assessora da Direção-Geral.

Aos entrevistados que colaboraram com a pesquisa: Afrânio Simões Filho, Bianca Miguez, Jeferson Bacelar, João Brandão Filho, Lia Robatto, Paulo Gaudenzi, Paulo Roberto Conde Madureira e Paulo Roberto Sanctis.

Às amigas e aos amigos que compreenderam a minha ausência durante o período do mestrado.

A Cecília Cavalcante, Dayse Duarte, Denice Victória de Brito, Juscilene Barbosa, Priscilla Lima, Sueli Paim, Viviane Almeida, por tudo! A Claude Alexandre Marques, Henrique Santos, Jorge Rocchigiani e Max Madeira: sempre juntos! A Ana Paula e

Amélia Carvalho, Érica Lopo, Fernanda Lima, Graça Alves, Maís Farias, por todo o apoio na estadia do Rio Vermelho.

Aos amigos Marcia Maya e Wanderson Queiroz, por terem sido alicerces no início e no fim desta jornada acadêmica.

À Edvânia Mendes, minha querida psicóloga; à Dra. Sandra Santos, por aliviar minhas dores.

A Ana Bastos, Andréa Lopes, Cida Albuquerque, Carmem Pedro, Fabiana Guimarães, Família Bonfim, Fátima Ramalho, Flávio Reis, Grasiela Frey, Janaína Moraes, Jucileia de Paula, Luciano Brandão, Nélia Rocha, Nicolle Freire, Renize Melo, Simone Cavalcante, Tatiana Biehl, minha base em Maceió.

A Carlos Costa, Graciele Siqueira, Iraci Oliveira, Julio César Chaves, Marli Barreto, Juliana Monteiro, Rafaela Almeida, Sarah Maggiti, Valdemar de Assis (Vavá), Valéria Cruz e Valéria Abdalla, pela parceria museológica.

À minha amada família Almeida. Aos cunhados, especialmente a Josemildo Lourido, pela tradução do resumo para o inglês. Aos meus sobrinhos e sobrinhas. Aos meus avôs e avós, que já habitam o plano superior.

À minha querida amiga professora Nilza Machado, que custeou os meus estudos primários, responsável educacional por esta conquista, e à sua família, que carinhosamente me adotou.

Por fim, às minhas amadas irmãs Madalena Cristina, Patricia Mara, Maria da Conceição (Ninha) e Nadja Márcia, por esta jornada na Terra.

Obrigada, Senhor Deus!

Eparrey Oyá!

*ELE veio.
Nós viemos.
Ele se foi.
Atrás DELE nós iremos.
E outros também – todos se imitando como num verdadeiro palco
da vida.
O tempo passa a passos largos.
Fica o firmamento em todas as suas cores,
como queira você enxergá-lo.
Ficam as estrelas cintilantes, também o mar,
para banhar as nossas saudades,
já que as lágrimas são poucas.
Ore, Durma, Sonhe, Acorde.*

Antonio Marcelino
Bahia, dezembro, 8, 1973.

ALMEIDA, Tatiana Alves de. *Trajetórias de um sonho: o colecionador Antonio Marcelino do Nascimento e o Museu Tempostal em Salvador-BA (1965-1997)*. 178f. il. 2017. Dissertação (Mestrado em Museologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

RESUMO

A presente dissertação problematiza o universo onírico do colecionismo e dos museus, a partir da análise dos colecionismos de Antonio Marcelino do Nascimento (1929-2006), sergipano radicado em Salvador, cuja arte de colecionar apresenta características específicas a partir da fabricação de si no campo dos museus e do patrimônio na Bahia. Tendo como recorte aspectos da trajetória de Antonio Marcelino e a relação colecionador-coleção-museu, compreende as estratégias pela concretização do sonho por meio da criação do Museu Tempostal, em Salvador-BA. Para tanto, mobiliza os referenciais de Krzysztof Pomian e Walter Benjamin, no intuito de compreender o colecionismo e a sua relação com o universo onírico dos museus. Apresenta aspectos da trajetória do colecionador e da cartofilia, por meio de uma entrevista realizada com Antonio Marcelino em 2006 e de um conjunto de fontes mobilizadas ao longo da pesquisa. Por fim, nas tramas da constituição do acervo, da configuração em um museu-casa até a sua transferência para o poder público, o estudo contribui para a problematização das estratégias de visibilidade e silenciamento por meio das coleções e para a análise do colecionismo como um empreendimento coletivo.

Palavras-chave: Colecionismo. Coleção. Antonio Marcelino. Museu Tempostal. Museologia.

ALMEIDA, Tatiana Alves de. *Trajectories of a dream: the collector Antonio Marcelino do Nascimento and the Museu Tempostal in Salvador-BA (1965-1997)*. 178f. il. 2017. Master Dissertation – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

ABSTRACT

This dissertation problematizes the dream universe of collectors and museums, based on the analysis of the collectorship of Antonio Marcelino do Nascimento (1929-2006), a Sergipe living in Salvador, whose art of collecting presents specific characteristics from the production of himself in the field museums and heritage in Bahia. Having as a cut aspects of the trajectory of Antonio Marcelino and the relationship collector-collection-museum, he understands the strategies for the realization of the dream through the creation of the Tempostal Museum, in Salvador-BA. In order to do so, it mobilizes the references of Krzysztof Pomian and Walter Benjamin in order to understand collectivism and its relation with the dream universe of museums. It presents aspects of the trajectory of the collector and cartofilia through an interview with Antonio Marcelino in 2006 and a set of sources mobilized throughout the research. Finally, in the construction of the collection, from the configuration in a museum-house until its transfer to the public power, the study contributes to the problematization of the strategies of visibility and silencing through the collections and the analysis of the collection as an enterprise collective.

Keywords: Collecting. Collection. Antonio Marcelino. Museum Tempostal. Museology.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
A gênese da pesquisa	15
Itinerários da pesquisa no PPGMuseu	24
1 “BEM-AVENTURADO O COLECIONADOR”: COLECIONADORES, COLEÇÕES E MUSEUS.....	37
1.1 As tramas do colecionismo	39
1.2 O universo onírico das coleções e dos museus	44
1.3 Reflexões sobre a cartofilia.....	51
2 MUSEU TEMPOSTAL: TEMPLO DE POSTAIS	61
2.1 Os trajetos de um menino colecionador: entre Sergipe e Bahia	63
2.2 A Bahia e o mestre Isaías Alves	70
2.3 O secretário da Escola de Teatro da UFBA	74
2.4 Postais no Templo das Musas	77
2. O Novo Museu Tempostal	88
3 “EU NÃO FIZ O TRABALHO SOZINHO”: OS COLECIONISMOS DE ANTONIO MARCELINO DO NASCIMENTO	98
3.1 Marcelino, “Guardião de Memórias”	101
3.2 A construção da imagem pública por meio da coleção.....	108
3.3 Marcelino, colecionador de conhecimento, principal patrimônio do Museu Tempostal.....	113
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	127
REFERÊNCIAS	135
APÊNDICE	145
ANEXO.....	170
Relação nominal dos doadores de cartões-postais e fotografias à Coleção Antonio Marcelino (1965-1995).	170

INTRODUÇÃO

Sonho, palavra substantiva que remete a significados variados: conjunto de sensações, pensamentos, imagens, ideias, geralmente visuais, que se experimentam enquanto dorme; ideal ou ideia dominante que se persegue com interesse e paixão; desejo vivo, intenso, veemente e constante (MICHAELIS, 2015). Sonhar é um verbo que inspira e motiva pessoas a seguirem com determinação, resistindo, insistindo, persistindo por dias, meses, anos, décadas, por toda a vida, a fim de alcançarem seus ideais. O sonhador idealiza e acredita que é possível realizar o seu sonho, independente do tempo que possa durar; tem fome e sede de seu objetivo; se alimenta de esperança, transpira ideias, acorda e dorme trilhando caminhos a seguir para realizar o seu sonho. Um grande sonho envolve todos os que têm contato com o sonhador, motiva conhecidos e desconhecidos a contribuir para a sua realização. Comumente, o sonhador é lembrado como um apaixonado, chato, aficionado, utopista, *expert*, notadamente um tenaz.

Um “sonhador tenaz”, assim era Antonio Marcelino do Nascimento (1929-2006), sergipano radicado na Bahia que, desde a mocidade em Simão Dias-SE, orou, dormiu, sonhou, acordou e, sobretudo, realizou! O colecionismo tornou-se a mola propulsora dos movimentos cíclicos regidos por esses cinco verbos que comandaram a sua vida, dando força e direcionamento para que materializasse seus sonhos. Os verbos orar, dormir, sonhar e acordar foram empregados pelo colecionador no último verso do poema da epígrafe desta dissertação, publicado originalmente em 1973 na obra de sua autoria: *Bahia, 70 anos de iluminação elétrica de rua*. A publicação desta obra foi uma das materializações dos sonhos de Marcelino, que culminaram com a inauguração do Museu Tempostal, na Rua do Sodré, 22, no centro histórico de Salvador, em 27 de julho de 1974.

A pequena obra foi de grande relevância para a história da Bahia. Por se tratar de uma pesquisa inédita, trazia ao conhecimento da população baiana o processo de instalação definitiva da iluminação elétrica de rua em Salvador, ilustrada com cartões-postais de sua coleção. Nas primeiras linhas do texto, Marcelino escreve: “Se algo lhe agrada profusamente à primeira e à segunda vez, tente a terceira, ou melhor, lute pela sua permanência para o enlevo de su’alma”. Tal período refere-se às tentativas de instalação da iluminação elétrica nas ruas do centro de Salvador entre os anos 1902 e 1903; contudo, pode-se dizer que está diretamente relacionado com o último verso do poema da epígrafe: “Ore, Durma, Sonhe, Acorde”. Ao estimular o leitor a perseverar

por seus propósitos, percebe-se que é também uma fala pessoal; subliminarmente, ele conta a luta para conquistar seus sonhos, na certeza do deleite ao realizá-los. Indiretamente, o colecionador imortalizou-se na publicação, escrevendo sobre fatos históricos e também sobre si.

A escolha do poema para a epígrafe deste trabalho deu-se em homenagem a Antonio Marcelino, no intuito de trazer aos dias atuais um poema de sua autoria escrito em 1973 que, sob vários aspectos, versa sobre ele, suas crenças, suas inspirações e a temporariedade da vida. Observa-se que o poema segue a linha do paradoxo, pois não se relaciona à iluminação elétrica, tema da publicação, mas à iluminação espiritual do ser. É constituído por única estrofe, com treze versos livres, bem ao estilo da poesia moderna, aproximando-se do estilo dos versos drummondianos, poeta de sua admiração¹.

No que se refere à simbologia numérica, pode-se destacar o numeral 13, que tem por formação dois outros números, o 1 (um) e o 3 (três). De acordo com a simbologia, o número 1 representa a coragem, a determinação, a iniciativa nos projetos diários; o número 3 simboliza a autoconfiança, o otimismo na vida. A soma resultante desses dois números culmina com o número 4 (quatro), que é o oposto do número 13, isto é, viver sempre com regras, preferir o certo ao incerto. Esses adjetivos qualitativos sempre estiveram presentes na jornada de Marcelino, visto ele ser um homem que “lutava” cotidianamente para alcançar seus objetivos.

O número 13 remete também ao imaginário religioso cristão e católico, formação religiosa de Marcelino. Esse numeral está em consonância com o tema referido: no que diz respeito às Escrituras Sagradas, com os doze discípulos, somando-se ao mestre – Jesus –, na última ceia, têm-se o elemento treze; 13 também é o dia do mês de junho dedicado a Santo Antônio, de quem o colecionador era devoto, e também é a data do nascimento de Antonio Marcelino. Nascimento no sobrenome ratifica a ligação entre Antônio e Marcelino.

A referência religiosa não fica apenas no âmbito numerológico, mas ultrapassa para a superfície textual do poema, já nos primeiros quatro versos: “ELE veio. / Nós viemos. / Ele se foi. / Atrás DELE nós iremos”. Os pronomes em destaque no poema

¹ Marcelino orgulhava-se por ter sido presenteado por Carlos Drummond Andrade com a crônica “Brasil num retrato antigo”, publicada no *Jornal do Brasil* em 29/04/1982, dia seguinte à visita à exposição “A Fotografia no Cartão-Postal de 1900 a 1920 – Coleção Antônio Marcelino do Nascimento”, realizada pela Fundação Nacional de Artes (Funarte) na Galeria do Núcleo de Fotografia no Rio de Janeiro (14 a 30/04/1982).

evidenciam, no plano catafórico, implicitamente, o sujeito a quem o “eu” lírico faz menção. No caso, é possível inferirmos que seja Jesus, de acordo com o contexto interno do poema.

Nos quinto e sexto versos, o eu lírico faz menção à arte mimética de Aristóteles, afirmando que não somente Marcelino, “e outros também – todos se imitando como num verdadeiro palco / da vida”, seguirá a Jesus. A mimese aristotélica toma a palavra imitação e a eleva ao plano de representação, assegurando ao poema em análise uma imitação/representação de todos os sujeitos em suas ações no “palco da vida”, bem como afirma o eu lírico. O palco e a imitação literalmente fizeram parte da vida do colecionador, visto que, por mais de 20 anos, ele foi secretário da Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia. O salário recebido como servidor público custeou a realização e a manutenção dos seus sonhos, principalmente o Museu Tempostal. O apoio recebido da imprensa também é fruto das conexões estabelecidas a partir da Escola de Teatro. Especula-se que sua amizade com Nilda Spencer² tenha contribuído significativamente para essa relação duradoura.

Os versos seguintes tomam elementos da natureza para ressignificar a vida efêmera, portanto, líquida³, à qual todos são submetidos desde o nascimento: “O tempo passa a passos largos. / Fica o firmamento em todas as suas cores, / como queira você enxergá-lo. / Ficam as estrelas cintilantes, também o mar, / para banhar as nossas saudades, / já que as lágrimas são poucas”. Note-se que os elementos citados representam essa “liquidez” da vida, pois não é de sua natureza permanecer estáticos, mas em constante movimento.

Ao falar sobre as “estrelas cintilantes” e “o mar, para banhar as saudades, já que as lágrimas são poucas”, percebe-se um desabafo sobre os momentos de solidão vividos por Marcelino, que optou por morar sozinho, rodeado apenas por suas coleções. Não casou, não teve filhos. Saiu de casa muito cedo, aos 18 anos, da semi-aridez de Simão Dias para o clima tropical atlântico de Salvador, encontrando no mar da Baía de Todos os Santos o acalento e o consolo, um amigo confidente.

O poema aqui em questão termina com quatro verbos – todos conjugados no modo imperativo. A priori, pode parecer uma sugestão do eu lírico para todos os

² Nilda César Spencer (1923-2008), atriz e professora da Escola de Teatro da Ufba (1961-1985). Primeira mulher a assumir a direção de uma unidade acadêmica na UFBA (1961-1965). Colaboradora do jornal *Tribuna da Bahia*, na coluna diária sobre teatro (1969-2000). (MATTOS, 2004).

³ A partir do conceito de modernidade líquida, formulado pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2001).

locutores que o leem; não obstante, pode-se pensar numa ordem expressa por ele, visto o modo verbal conjugado, assim como o movimento cíclico sugerido: “Ore, Durma, Sonhe, Acorde”. À sequência estabelecida, cabem múltiplas interpretações quanto aos verbos sonhar e acordar: “Sonhe”, deseje, planeje, mas “Acorde”, desperte, aja! Estando acordado, o sujeito tem o controle de si para agir, desperta do sono, desperta para a vida, fica atento, não perde tempo, realiza, está vivo! Ao acordar, tem-se a oportunidade de reiniciar, uma nova chance de obter êxito. Imagem significativa para evocar o universo onírico do colecionador e dos museus⁴.

A gênese da pesquisa

Ingressei no curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA) no ano 2002. A documentação museológica foi, então, a área de maior afinidade e a pesquisa sobre o histórico dos objetos instigava muitos porquês em minha mente. Na grade curricular que vigorou até 2011⁵, só havia sete disciplinas oferecidas pelo Departamento de Museologia. Dentre elas, nenhuma específica sobre o estudo de coleções ou colecionismo. Permaneceu minha curiosidade sobre a formação de acervos e as marcas desse sentimento em meu universo onírico.

A oportunidade de investigar a formação de acervos, o universo das coleções particulares e colecionadores surgiu no ano 2006, na disciplina Estágio Supervisionado⁶, cuja pesquisa teve por objetivo diagnosticar e analisar alguns acervos particulares existentes em Salvador. Naquele momento, a finalidade foi identificar como eram geridos, visando à organização museal nas coleções ainda não institucionalizadas, considerando a contribuição que se poderia oferecer à preservação de objetos simbólicos e representativos da história regional, voltando a atenção da Academia e dos profissionais museólogos para a salvaguarda destes acervos, tanto na conservação física quanto na formação de banco de dados, cujas informações os tornam legítimos como “patrimônios culturais”⁷.

⁴ Essa discussão será aprofundada no primeiro capítulo.

⁵ Após a reforma curricular implantada no curso de Museologia da UFBA, em 2011, as disciplinas FCHG37 – História dos museus e coleções e FCHG38 – História e Patrimônio na Bahia foram incluídas na grade curricular.

⁶ Sob orientação da Profa. Dra. Heloísa Helena Fernandes Gonçalves Costa – semestre 2006.2.

⁷ Essa proposta não foi levada a público e desconheço publicações que comprovem uma relação formal entre a Academia e os colecionadores particulares em Salvador. No entanto, acredito que formar banco de dados e proteger o conjunto documental que encontra-se sob a propriedade de particulares fosse também um anseio de outros profissionais, visto que tornou-se objeto do Título VI do Decreto nº 8124/2013, que

Os procedimentos metodológicos então aplicados consistiram na pesquisa bibliográfica⁸ e em entrevistas com quatro mantenedores de acervos particulares, prezando identificar realidades distintas que permitissem desenvolver um estudo comparado, por meio da análise dos depoimentos, no intuito de responder às questões: quem coleciona objetos? Quem mantém acervos particulares? Qual o perfil dos mantenedores? Quais as formas de gestão para acervos ainda não institucionalizados? Como estas coleções chegam às instituições museológicas?

A escolha dos entrevistados foi determinada pelo perfil necessário para compreender os mantenedores de acervos e as formas adotadas por eles para geri-los. Três colecionadores foram entrevistados: Dimitri Ganzelevitch, Antonio Marcelino do Nascimento e Celso Alberto Basto de Oliva; e um mantenedor de acervo familiar, o genealogista João da Costa Pinto Victória. As conclusões resultantes da análise dos depoimentos, fundamentadas pelas referências teóricas, foram apresentadas no relatório *Colecionadores e acervos particulares: uma proposta de análise de gestão*⁹.

O primeiro escolhido foi o genealogista e também pesquisador João da Costa Pinto Victória (1935-2015). O contato inicial deu-se em virtude de uma pesquisa¹⁰, cujo material ele possuía em sua biblioteca particular, no andar superior do apartamento onde morava sozinho, no bairro Brotas, em Salvador. Ao adentrar sua residência, me senti numa casa colonial, devido ao mobiliário, objetos e fotografias que habitavam a sala e os outros cômodos – um “apartamento museu”. Sr. João não se considerava um colecionador, pois, segundo ele, o colecionador é uma pessoa compulsiva, “parece que

regulamenta dispositivos das leis nº 11.904/09 e 11.906/09 no que concerne à declaração de interesse público de bens musealizados e passíveis de musealização. Considero relevante esse registro, pois esta era uma das minhas inquietações e sugestões para as possibilidades de atuação dos profissionais, considerando que há interesse de parte dos colecionadores, assim como há demanda de profissionais ociosos ou atuando em outras áreas, de modo a contribuir para a preservação do patrimônio cultural material, o que difere das discussões sobre apropriação dos bens pelo Estado, que causou polêmica e divergência entre os proprietários e gestores, como apresentados nos vídeos “Tribuna do Consumidor (05/11/2013) Pedro Mastrobuono” e “Soberania Cultural (08/11/2013) Pedro Mastrobuono e Antonio Henrique Amaral”, disponíveis no <https://www.youtube.com>.

⁸ É importante destacar a contribuição da dissertação de mestrado de Ionne Couto (2005), *Darcy e os Urubu: um caso entre colecionador e coleção*, pois a rica bibliografia apresentada tornou-se a base norteadora, a partir da qual foi possível consultar parte das referências utilizadas para a pesquisa inicial. A pesquisa de Couto é de grande importância para a Museologia no tocante aos estudos sobre coleções, em que a museóloga buscou compreender a relação entre objeto e colecionador (Darcy Ribeiro), a partir de suas atividades no Museu do Índio, visto que as pesquisas no âmbito acadêmico eram escassas até meados dos anos 2000. Outra contribuição relevante da sua pesquisa foi apresentar uma nova perspectiva para os museus etnográficos e para a sociedade em geral, que conhece muito pouco sobre o trabalho de campo do antropólogo e a formação das coleções que ficam expostas nestes museus.

⁹ Relatório apresentado como trabalho de conclusão da disciplina FCH 262 – Estágio Supervisionado.

¹⁰ Sobre Joaquim dos Remédios Monteiro, a fim de colaborar com a pesquisa do Prof. Dr. Luis Eugênio P. F. de Souza para a Memória da Academia de Medicina de Feira de Santana-BA.

inveja o da outra pessoa, ele quer comprar, ele insiste em fazer oferta de compra”. Dizia não ter “esse espírito de ter uma coleção”; para ele, bastava visitar museus ou exposições. Os objetos adquiridos por meio de compras eram para evitar que saíssem da posse da família. Ele se considerava um mantenedor de um acervo familiar¹¹, testemunho da história das personagens de sua árvore genealógica¹²: “sou um zeloso conservador do que herdei”.

Bacharel em Direito, o genealogista não constituiu família, não tinha descendentes nem herdeiros diretos, mantinha os objetos e documentos que herdou em sua residência e não tinha planos definidos para o futuro do acervo. Ele pensava na possibilidade de criar uma Fundação onde seu patrimônio seria convertido em recursos para mantê-la e que recebesse, também, recursos externos, vindos de órgãos governamentais e empresas particulares que financiam projetos culturais: “conservei a vida inteira e ainda tenho, assim, uma ilusão de tentar ver se consigo preservar além da morte”. Em 2016, durante pesquisa no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB), de onde ele era associado, fui informada do seu falecimento e que antes da morte havia deixado seu acervo como herança para sua afilhada, que seria então a nova mantenedora.

O segundo entrevistado foi Dimitri Ganzelevitch, colecionador, *marchand* e produtor cultural, escolhido devido ao seu interesse por arte popular e sua proposta de criar uma Fundação para expor o seu acervo no solar onde reside e também funciona como pousada. Nasceu no Marrocos, em 1936, numa família francesa de origem russa. É conhecedor de arte acadêmica e popular e, devido à educação artística e estética que teve desde criança, por influência de seus pais, encontrou na atividade de *marchand* um meio de sobrevivência que não atrapalhasse o colecionismo. Radicado em Salvador desde 1975, adquiriu dois imóveis no bairro Santo Antônio, em 1985, pois precisava de espaço para sua coleção e também para desenvolver outros projetos. Localizado no

¹¹ Acervo formado por objetos diversos, como móveis, louças e pratarias, legados da própria família ou de um produto de famílias, duas ou três a quem estava ligado, que no passado eram detentoras de poder econômico e político na Bahia. (ALMEIDA, 2006).

¹² João da Costa Pinto Victória, bacharel em Direito, nasceu em 15/05/1935, na Freguesia do Rosário, em Santo Amaro, Bahia. Filho do casal Lúcio da Costa Victória e Mariana da Costa Pinto Victória, nascida Mariana da Costa Pinto. Neto paterno de Lúcio Paulino Victória (por sua vez, filho de Luís Paulino Victória e Maria Florinda de Jesus) e Maria Clara da Costa Victória (nascida Maria Clara da Costa, filha de Antônio Joaquim da Costa e Antônia Maria de São Joaquim). Neto materno de Antonio Joaquim da Costa Pinto (por sua vez, filho dos barões e viscondes de Aramaré, grandes do Império do Brasil, nascidos, respectivamente, Manoel Lopes da Costa Pinto e Maria Joaquina Ferreira de Moura) e Maria das Mercês de Pinho da Costa Pinto (nascida Maria das Mercês Arquimina de Pinho, filha de Felipe Ferreira de Araújo Pinho, bacharel em Matemática pela Escola Politécnica da Universidade de Paris, e Maria Joaquina de Carvalho). Fonte: entrevista realizada em 20/10/2006.

complexo arquitetônico do centro histórico, o Solar possui uma vista privilegiada para a Baía de Todos os Santos e dispõe de um anfiteatro com capacidade para 80 espectadores.

No seu depoimento, Dimitri compartilhou uma lembrança da infância, de quando criou seu primeiro museu, aos 5 ou 6 anos de idade, enquanto brincava na sala da casa de um amiguinho, a partir de uma moeda romana encontrada em uma ruína durante visita com os pais. Aos 14 anos, fez a primeira compra – cinco peças de barro cozido – no sul do Marrocos, que ainda possui, juntamente com a moeda romana. Ao longo de décadas, formou um acervo eclético, gerando um conflito pessoal durante anos, pois havia peças totalmente acadêmicas; cultura popular de diversos países, muitas brasileiras, principalmente baiana; da América Latina, da África, algumas europeias e, também, arte contemporânea. Foi preciso admitir o gosto eclético para pôr fim ao incômodo: “eu gosto de tudo isso e mais algumas coisas”; trata-se de “uma coleção muito específica, dentro de sua diversidade, tem um olhar muito especial”. Desde 2007, a Casa-Museu Solar Santo Antônio está aberta à visitação pública, mediante agendamento prévio. Atualmente, é cobrada uma taxa no valor de R\$ 10,00 (dez reais) por pessoa, para manutenção. De acordo com informação disponível no blog¹³ que Dimitri mantém na internet desde 2010, a casa-museu é uma instituição privada, sem patrocínio público ou privado. O conjunto se sustenta com recursos provenientes da galeria de arte, aluguel dos espaços para filmagens e fotografias e aluguel de dois apartamentos para hospedagem, com café da manhã.

Antonio Marcelino do Nascimento foi sugerido pela mediadora Bianca Miguez¹⁴, que o conheceu por ter feito parte da primeira equipe de mediadores do Museu Temporal no Pelourinho. Durante os seis anos em que trabalhou na instituição, Bianca presenciou as inúmeras visitas que o colecionador fazia à nova sede, muitas vezes acompanhado de amigos para apresentá-los ao novo museu, fazendo questão de explicar a exposição. Na ocasião, ela comentou a trajetória do colecionador, motivando a escolha dele como o terceiro entrevistado, por possuir o perfil ideal para a análise de gestão de acervo, visto que estava à frente dos demais, pois já havia ultrapassado o limite do sonho, tornando-o real: havia completado o ciclo utópico de muitos colecionadores e estava vivo para contar sua experiência de gestão. Entrevistá-lo

¹³ <http://dimitriganzelevitch.blogspot.com.br>.

¹⁴ Durante a visita ao Museu da Santa Casa de Misericórdia.

tornou-se imperioso, principalmente porque ele continuava a colecionar cartões-postais e vários tipos de objetos após a venda da coleção ao Governo.

O último a ser entrevistado foi Celso Alberto Basto de Oliva (1925-2014), colecionador de presépios. O contato se deu por intermédio da museóloga Lívia Baêta, que à época estava à frente da organização e institucionalização do Museu do Presépio, que funcionava sazonalmente¹⁵ em um imóvel de propriedade do colecionador, no bairro Rio Vermelho, e estava em vias de funcionar regularmente. Celso Oliva possuía duas características que interessavam à pesquisa: colecionava um tema específico e tinha, ele mesmo, criado um museu particular com seu acervo formado a partir de sua produção de presépios, montados por peças de diversas autorias, sendo considerado, ao mesmo tempo, compra e produção autoral. Além dos presépios, ele havia mantido outras coleções: biblioteca, pinacoteca, moedas, cartões-postais e selos – estas últimas o aproximaram de Antonio Marcelino, tornando-os amigos. Em dezembro de 2006, o Museu foi aberto, como previsto, mas fechou posteriormente, em 2007. Celso Oliva era viúvo e tinha dois filhos, que herdaram a coleção após seu falecimento.

Essa experiência foi enriquecedora tanto para compreender a formação das coleções e a gestão de acervos particulares, úteis para minha formação profissional, como também para o meu autoconhecimento sobre a presença do colecionismo na minha vida, algo que era um hábito desde a infância, até então não percebido. Sobre o estudo, cabe destacar a relação dos colecionadores com seus acervos, como eles entendem o que seja preservá-los, assim como a relação com o poder público sobre o futuro dos acervos, a justificativa de relevância social e cultural de seu patrimônio.

De todos os entrevistados, o colecionador Antonio Marcelino do Nascimento (1929-2006) foi o que mais me chamou atenção e, conseqüentemente, o que mais contribuiu para a pesquisa, pois era personagem e narrador de uma história de

¹⁵ Celso Oliva herdou do pai o hábito de montar presépios. Em 1948, iniciou a coleção e em 1993 criou, com recursos próprios, o Museu do Presépio de Salvador, na Rua Itabuna, 286, casa onde havia residido com a família. Até meados de 2006, as exposições eram montadas no período natalino; em outras épocas, era preciso agendar visita à coleção. Para manter e ampliar seu acervo, Oliva já vendeu um apartamento e um carro, em ocasiões diferentes, para não perder a oportunidade de adquirir peças para sua coleção. Sr. Celso possuía uma visão polêmica sobre a propriedade e posse do acervo do museu, não permitindo a marcação das peças por entender que elas pertenciam ao colecionador, e não ao museu. Afirmava que as pessoas doavam para ele e não ao museu; que efetivamente o museu só possuía os móveis que foram confeccionados para expor sua coleção. Por mais estranheza que possam causar, esses são a visão e o discurso de muitos colecionadores que possuem museus particulares. Celso Oliva desejava ver seu museu instalado em um dos imóveis no Pelourinho, patrimônio cultural da humanidade, local turístico, assim como o amigo Marcelino havia conquistado; segundo ele, seria mais exigente que Marcelino no acordo com os órgãos governamentais, fazendo valer suas condições. Infelizmente, Sr. Celso faleceu sem concretizar seu sonho. Recentemente, parte da coleção foi exibida no Museu de Arte Sacra (UFBA), na exposição *Presépios do imaginário lúdico de Celso Oliva*, no período de 19 a 31/12/2016.

coleccionismo. Ele havia completado um ciclo que começou com a formação do acervo, em um processo que se pode dizer que teve início, meio e fim. Criou um acervo, administrou-o dentro de suas possibilidades e limites e finalizou-o com a transferência da instituição para o poder público. Seu testemunho tornou-se o ponto central da pesquisa, visto que a criação de museus a partir de acervos particulares geralmente ocorre após o falecimento do colecionador. Marcelino estava vivo e continuava a colecionar diversos tipos de objetos. De forma semelhante aos ciclos da vida, que se iniciam e finalizam ou que coexistem e outros que se sucedem, após a venda do acervo, ele seguiu com o hábito de colecionar iniciado na infância, dando sequência ao desenvolvimento de coleções variadas e projetos de exposições de curta duração.

Tendo adotado a sugestão da mediadora Bianca Miguez, na mesma tarde fui conhecer o Museu Tempostal, pois nunca o havia visitado. Lá, me forneceram o contato de Antonio Marcelino. O agendamento da entrevista foi feito por contato telefônico e o encontro marcado para o dia 31/10/2006, uma terça-feira, às 9 horas, na residência do colecionador. No dia e horário combinados, fui recebida por ele em sua “casa dos sonhos” – mais uma vez ressignificada após a transferência do Tempostal para o Pelourinho –, renomeada então como *Alfarrábio Cultural Antonio Marcelino*. Um ambiente pequeno, empoeirado, sem ventilação, pois as janelas estavam fechadas para evitar furto de objetos ou revistas encostados nas frestas¹⁶ e também interrupções durante a entrevista. Apesar da quantidade de objetos acumulados no espaço reduzido – livros, revistas e discos por toda parte, inclusive sobre as cadeiras, estantes, prateleiras –, havia uma grande mesa ao centro, mais organizada, posta para pesquisa, como se não se desfizesse há muitos anos, uma ilha para pesquisa em meio ao mar de objetos. Num canto, uma cama próxima a uma televisão de pequeno porte, ao lado de uma lona preta que isolava aquele ambiente do restante – interditado por problemas estruturais. Sem dúvida, um ambiente insalubre para qualquer pessoa, principalmente para um idoso.

Havia poucos móveis disponíveis para sentar: uma cadeira de escritório, onde ele sentou, e uma cadeira parideira em madeira, com duas moedas imperiais de prata fixadas no espaldar, onde sentei, ao lado de um ventilador quadrado cujo barulho era bastante incômodo¹⁷. A entrevista aconteceu nesse cenário pitoresco, que remetia aos

¹⁶ Durante a entrevista, fomos interrompidos por uma pessoa que o chamava do lado de fora. Ele não deu importância, disse se tratar de pessoas da região oferecendo algo para vender. Era comum furtarem revistas pelas frestas da janela ou objetos quando estava aberta e depois oferecem a ele para compra.

¹⁷ Nos áudios, o barulho do ventilador é bem perceptível, causando “ruídos” na entrevista, algumas vezes prejudicando a compreensão de palavras.

gabinetes de curiosidades, uma viagem no tempo... Mas fundamental para compreender aquela personagem, “guardião de memórias” (GOMES, 1996). A simpatia de Antonio Marcelino tornou aquele ambiente agradável e aconchegante, repleto de histórias e sonhos. Cento e vinte minutos de conversa foram suficientes para que eu fosse imantada por aquele ser sonhador e apaixonado por tudo o que havia vivido e conquistado ao longo de 77 anos de vida. A entrevista completa foi registrada em áudio, gravada em fitas k-7, e alguns trechos em vídeo. Na ocasião, também foram feitos registros fotográficos do colecionador, da residência e do acervo que mantinha (Figura 1).

Figura 1 – Cenário da entrevista. Residência de Antonio Marcelino do Nascimento



Fonte: Acervo da autora. Salvador-BA, 2006.

Ao final da entrevista, ainda confusa com a quantidade de informações visuais e verbais, encantada com toda a riqueza daquele ser pequenino e aparentemente frágil, que vivia feliz naquele ambiente sem luxo e insalubre, me despedi com o compromisso de retornar para entregar uma cópia do relatório finalizado. Não tinha consciência de que, naquele momento, havia me tornado uma guardiã da sua memória.

Perguntas ficaram sem respostas no diálogo solitário que tive com ele enquanto transcrevia e, desse modo, também convivía com ele. Foram vários dias. Durante o processo de transcrição das entrevistas, essa proximidade foi construída. Pude ouvi-lo com calma. Ouvir várias vezes a mesma história e enxergar o gigante que habitava o corpo daquele homem franzino, de estatura baixa. Infelizmente, ele faleceu antes que eu pudesse voltar.

Seu depoimento despertou grande interesse em realizar um estudo mais específico sobre o universo dos colecionadores; aprofundar a pesquisa sobre a trajetória desse colecionador “compulsivo” – como se autodeclarava –, atencioso, curioso, organizado, detalhista, perfeccionista; investigar a história do Museu Tempostal, considerado ícone – devido ao raro acervo iconográfico formado, principalmente, por cartões-postais e fotografias da Bahia Antiga; como também discutir o colecionismo sob a perspectiva da Museologia. Mas, como o escopo daquele relatório era a gestão de acervos particulares, as considerações foram direcionadas para tal fim, abordando as contribuições de Antonio Marcelino como um colecionador gestor de acervo particular, gestor de um museu privado, e seu relato sobre a transferência do Museu para a Fundação Cultural do Estado da Bahia (Funceb), por meio da venda de parte de seu acervo.

Exatos vinte e dois dias após conceder a entrevista, Antonio Marcelino faleceu subitamente, na manhã do dia 22 de novembro de 2006. Os porquês que surgiram durante a transcrição da entrevista, guardados para uma futura entrevista, nunca poderão ser respondidos, pois só o colecionador tinha as respostas. Todavia, a curiosidade intelectual é uma de minhas características e a busca pelo conhecimento não cessa. O interesse pelo colecionismo permaneceu e, ao longo de oito anos, as informações sobre o tema foram revisitadas e ampliadas, por meio de bibliografias de referência disponíveis na rede mundial de computadores, aquisição de (material de referência pertinente) livros e revistas, participações em eventos, como o Seminário Internacional *Coleções e colecionadores: a polissemia das práticas*, promovido pelo Museu Histórico Nacional no Rio de Janeiro-RJ, em 2011, e o 1º Simpósio Internacional *Coleções e Colecionismo – práticas e narrativas na contemporaneidade*, em Recife-PE, promovido pelo Instituto Ricardo Brennand, em 2014. Acompanhei também a produção acadêmica sobre o tema, resultado de pesquisas de pós-graduação em nível de mestrado e doutorado, principalmente após a criação dos programas de Pós-Graduação em Museologia no país¹⁸. Cabe ressaltar que, em 2006, os estudos sobre colecionadores e coleções particulares disponíveis eram poucos, muito escassos, principalmente a produção acadêmica.

O mestrado no Programa de Pós-Graduação em Museologia – PPGMuseu/UFBA reacendeu, então, o interesse em dar continuidade à pesquisa sobre o

¹⁸ O Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (PPG-PMUS – Unirio/Mast) foi o pioneiro, implantado em 2006.

universo dos colecionadores, assim como retomar a relação entre Antonio Marcelino do Nascimento e o Museu Temporal, formulando outras indagações possíveis de serem respondidas nessa nova oportunidade. Apresentou-se a ocasião de trazer para o ambiente acadêmico a discussão sobre o colecionismo sob a perspectiva museológica.

A presente dissertação é o resultado desse itinerário misto de curiosidade, investigação e busca de ao menos algumas respostas sobre a relação entre colecionismo e museus. Trata-se, portanto, de uma revisita, com novos instrumentos epistemológicos e metodológicos, a um trabalho de pesquisa, inicialmente concebido na graduação, sobre determinadas memórias em torno do colecionismo na Bahia. Nesse sentido, a minha trajetória mescla-se com a do colecionador e ambos se reinventam como guardiões de memória, cada qual em seu tempo e em sua própria medida e intensidade, conforme análise de Clóvis Britto (2016) no parecer de qualificação desta pesquisa. Assim, nessa perspectiva de invenção de si, a vida e a obra do colecionador Antonio Marcelino do Nascimento se aproximam do que Luciana Heymann (2005) considera “legado substantivo”:

[...] investimento social por meio do qual uma determinada memória individual é tornada exemplar ou fundadora de um projeto político, social, ideológico etc., sendo, a partir de então, abstraída de sua conjuntura e assimilada à história nacional. Nesse movimento, configura-se um outro tipo de legado, de natureza memorial, materializado em arquivos, peças e toda sorte de registros que remetam à figura e atuação do personagem, que passa a ser objeto de ações de preservação e divulgação, por meio das quais, por sua vez, o **legado substantivo** atribuído ao personagem é constantemente atualizado e ressignificado. (HEYMANN, 2005, p. 2) [grifo meu].

O legado de Marcelino é de utilidade pública, fonte de pesquisa para estudantes, professores, historiadores, arquitetos, antropólogos, artistas, cartofilistas, profissionais de comunicação das diversas mídias, pesquisadores de variadas áreas, como noticiado por Aldo Tripodi na *Tribuna da Bahia*:

Seu acervo atual, único do Brasil, consta de mais de 70 mil cartões-postais. Graças a sua coleção, professores, historiadores, arquitetos, atores, artistas pesquisadores e uma infinidade de gente dos diversos segmentos da sociedade têm podido conhecer, estudar e solucionar dúvidas, em trabalhos de pesquisa da história, urbanismo, etnografia, cenografia, do Brasil, da Bahia e de sua gente. (TRIPODI, *Tribuna da Bahia*, 13/07/1995).

Destacam-se também publicações como: *Quem pariu e bateu, que balance!:* mundos femininos, maternidade e pobreza: Salvador, 1890-1940 (FERREIRA FILHO,

2003); *Lembranças do Brasil: as capitais brasileiras nos cartões-postais e álbuns de lembranças* (CORNEJO; GERODETTI, 2004); *História da energia elétrica na Bahia* (TEIXEIRA, 2005); *50 anos de urbanização: Salvador da Bahia no Século XIX* (SAMPAIO, 2005); *Mulher negra na Bahia no século XIX* (SOARES, 2007). Em *Bahia negra na coleção Museu Tempostal*, por exemplo, Bacelar e Pereira (2006) salientam a importância dos cartões-postais reunidos por Marcelino constantes no acervo do Museu Tempostal como uma valiosa “amostragem” da produção iconográfica sobre o negro na Bahia¹⁹. Os livros de registro de doadores e de visitas às exposições realizadas entre 1965 e 1997 contêm o reconhecimento à obra e ao legado de Antonio Marcelino, como será visto ao longo do texto.

Itinerários da pesquisa no PPGMuseu

Quaisquer que sejam as motivações que conduzem à formação de coleções, valores são atribuídos pelos próprios colecionadores, que reúnem conjuntos os mais diversos, a exemplo dos que são constituídos por exemplares da natureza ou produzidos pelo homem, tangíveis e intangíveis, que pretendem representar traços da história humana, assim como a cultura de diversos povos. Esses conjuntos são fontes de investigação para pesquisadores de diferentes áreas, permitindo inúmeras possibilidades de estudos. Muitas coleções particulares originaram museus, assim como parte delas participaram de exposições temporárias pelo mundo. Na Bahia, não foi diferente.

Primeira capital do Brasil, Salvador traz consigo a história da colonização europeia, sobretudo a portuguesa, das marcas pulsantes da presença africana, e é testemunha dos trânsitos culturais entre diferentes povos que marcam a identidade da sua gente. Ao longo dos 517 anos da história do Brasil, coleções foram formadas por baianos, outros brasileiros e estrangeiros que residem ou que aqui viveram.

Alguns itens dessas coleções foram incorporados a museus, a exemplo da coleção Galeria Abbott: reunida pelo inglês Jonathas Abbott, era formada por obras de pintores europeus e baianos, com mais de 400 quadros. Foi adquirida pelo Governo do Estado, inicialmente para o Liceu Provincial, em 1871, e transferida para algumas instituições até a criação da Pinacoteca do Estado, em 1931, que abrigou a coleção,

¹⁹ Em uma página, fazem uma breve apresentação do criador do Museu Tempostal, em reconhecimento à “criação e à perseverança” de Antonio Marcelino. (BACELAR; PEREIRA, 2006, p. 11).

posteriormente incorporada ao Museu do Estado da Bahia²⁰, atual Museu de Arte da Bahia (MAB). A coleção Góes Calmon também foi adquirida pelo Governo Estadual e incorporada ao Museu do Estado, considerada por José Valladares (1948 *apud* CERÁVOLO, 2011, p. 227) como “uma das mais completas no país, e seu antigo proprietário, como pioneiro na preservação da herança histórica e artística”. De acordo com Suely Cerávolo (2011, p. 219), as referidas coleções “foram elevadas à condição de signos da cultura baiana”.

Em alguns casos, as coleções foram transformadas em museus após a morte do colecionador, a exemplo do que ocorreu com a Fundação Museu Carlos Costa Pinto; outras mais foram desmembradas entre herdeiros ou vendidas. A partir delas, é possível realizar a leitura da iconologia dos objetos, obter elementos para compreender a sociedade em que estavam inseridos, a época em que o conjunto foi formado, a história local ou regional, além do conteúdo acionado em cada item de acordo com a categoria – pintura, escultura, fotografia, indumentária, mobiliário etc. Diante desses atos de fabricação de memórias sociais, surgem algumas indagações, tais como: qual o papel do colecionador nesse processo memorialista? Qual o lugar dos colecionadores na história dos museus na Bahia? Qual o seu legado para a cultura baiana? Qual a contribuição desses colecionadores para a história da Bahia exposta nos museus?

Nesse sentido, a questão central formulada neste trabalho, inserida na linha de pesquisa Museologia e Desenvolvimento Social, interrogou: qual a contribuição dos colecionadores e seus acervos para a história dos museus na Bahia? Para tanto, centrou-se no estudo de caso sobre o colecionador Antonio Marcelino do Nascimento e a trajetória do Museu Tempostal desde a sua idealização até a instalação no Pelourinho, no período compreendido entre 1965 e 1997. O recorte cronológico explica-se por ser aquele em que o acervo e o Museu estiveram sob sua propriedade e gestão – a coleção e o colecionador ocupam o mesmo espaço de moradia –, estendendo-se até ao prazo de incorporação do Museu Tempostal ao Patrimônio Cultural do Estado, finalizando com a inauguração da nova sede no Pelourinho.

O colecionador também registrou o período em um documento entregue ao Museu Tempostal em 03/07/2005, intitulado “Na minha estrada, três momentos

²⁰ De acordo com Suely Cerávolo, pesquisadora da trajetória da instituição, o Museu do Estado da Bahia, fundado em 1918, é o primeiro museu estadual baiano, criado como anexo do Arquivo Público pela Lei Estadual n. 1.255, de 23 de julho de 1918. Em 1931, foi instalado no Solar Pacífico Pereira, abrigando exclusivamente em uma das salas a coleção About, dando formato à Pinacoteca. (CERÁVOLO, 2011, p. 190, 212).

especiais”, ilustrado por fotografias das ocasiões: primeira exposição da “Coleção Antonio Marcelino”, no auditório do Ginásio Brasil, em julho de 1965; inauguração do Museu Tempostal na Rua do Sodré, em 27/07/1974, e a inauguração da nova sede do Museu Tempostal, no Pelourinho, como órgão oficial do Governo do Estado da Bahia, em 05/11/1997 (Figura 2). De acordo com Ecléa Bosi (2003, p. 114), “dentro da biografia há alguns momentos privilegiados”, como “o nascimento ou a formatura”, e “os momentos vividos publicamente possuem entre si interstícios da existência privada ou de um cotidiano que corre incessante”. Marcelino elegeu os “três momentos” como marcos determinantes de conquistas e concretização de sonhos.

Figura 2 – Documento produzido por Antonio Marcelino, doado ao Museu Tempostal em 03/07/2005



ALFARRÁBIO CULTURAL ANTONIO MARCELINO
SALVADOR - BAHIA
NA MINHA ESTRADA TRÊS MOMENTOS ESPECIAIS:

1º) 40 anos da primeira exposição da coleção “Antonio Marcelino”, no auditório do Colégio Brasil, de 03 a 18 de julho de 1965, espaço cedido, gentilmente, pelo seu proprietário - diretor Professor Italo Gaudenzi.

			
Esq. p/ direita: Regi e Zezé Catharino, Nilda Spencer e Marcelo Franco.	Esq. p/ direita: Salvador D'Avila, Octavio Torres, Italo Gaudenzi e Marcelino.	Esq. p/ direita: Virgilia Ataíde, Lady Astor, Sonia Hulmides Magali e Nilda Spencer.	Esq. p/ direita: Antº Marcelino Maria da Conceição (mãe) e Bandeirantes.

2º) A inauguração com adenominação de Museu Tempostal, no dia 27 de julho de 1974, após Missa congratulatória na Igreja de Santo Antonio da Barra. (31 anos)

			
Prof. Nilda Spencer desatando a fita (cores da Bahia) no ato da inauguração	A Bênção	Esq. p/ direita: Angela Magnavita, Marcelino, Carmelina e Italia Magnavita assinando o livro de presença.	O casal Lia e Silvio Robato

3º) Memorável ocasião aquela no dia 05 de novembro de 1997, dia da cultura, quando o Senhor Dr. Paulo Souto, MD. Governador deste Estado, na sua primeira gestão, entregava à Bahia ao Brasil e ao Mundo o Museu Tempostal como órgão Oficial.

			
Da Esq. p/ Direita: Paulo Gaudenzi, Antº Marcelino, Paulo Souto (governador), no ato da inauguração do Museu Tempostal e Dona Cita.	A Bênção	Da Esq. p/ Direita: José Carlos do Nascimento Filho, Nilda Spencer e Deinha Lomanto.	Museu Tempostal. Obrigado Senhor!

Fonte: Imagem cedida pelo Museu Tempostal. Acervo do Museu Tempostal.

A exposição *Brasil Antigo em postais*, realizada no auditório do Ginásio Brasil, no período de 03 a 18/07/1965, foi a primeira mostra da Coleção Antonio Marcelino, e também a primeira exposição de cartões-postais da Bahia. Foram exibidos 700 exemplares²¹. Na noite de abertura, 03/07, estiveram presentes representantes da imprensa local; o então secretário de Educação do Estado, Eduardo Mamede, representando o Sr. Governador do Estado, Lomanto Júnior (39ª assinatura); o professor Ítalo Gaudenzi, proprietário do Ginásio Brasil; professores da Escola de Teatro, artistas e atrizes: Nilda Spencer, Virgília Ataíde, Sonia Humildes, Lady Astor e sua mãe, Maria da Conceição, entre outras que registraram suas assinaturas no livro de visitas, totalizando 102 naquela noite; e 305 assinaturas ao final dos 18 dias de mostra. A imprensa noticiou a exposição, das quais foram identificadas²² duas edições do jornal *A Tarde*, em dias seguidos: 05/07/1965 – Coluna Social da July – nota sobre a exposição; 06/07/1965 – Ronda dos Fatos – nota sobre a exposição.

Entre 1965 e 1974, Marcelino havia conquistado visibilidade nacional, com matérias publicadas sobre ele e sua coleção na revista *Veja* e destaque na imprensa do Rio de Janeiro, no *Jornal do Brasil* e *O Globo*, que noticiou seu percurso em busca de apoio governamental para realizar o seu sonho de museu – “OEA apóia [sic] museu de postais” (1973); e o *Correio da Manhã*, que noticiou o lançamento da publicação *Bahia: um século de progresso*, editada pelo Banco Econômico S.A. em 1972. Antonio Marcelino também se destacava pelas pesquisas que desenvolvia, contribuindo com a imprensa por diversas vezes.

Em 1974, o colecionador já havia realizado nove exposições, em Salvador (7) e São Cristóvão/Sergipe (2), seu Estado de origem. A nona exposição, “Cem Anos do Brasil Antigo”, em comemoração ao centenário do *Diário de Notícias*, no período de 18 a 26/06/1974, um mês antes da inauguração do museu, foi prenunciadora do Museu Tempostal. Um grande anúncio nas páginas do periódico convidava a todos para visitarem a exposição: “Visite o ‘TEMPOSTAL’ no *Diário de Notícias* – a maior exposição de postais do mundo. Diariamente (das 14:00 hs às 21:30)”.

O Museu Tempostal foi inaugurado na noite do dia 27 de julho de 1974, sábado, às 20 horas, na Rua do Sodré, 22, residência do colecionador. O ato de inauguração aconteceu após “missa congratulatória na Igreja de Santo Antônio da Barra”, tendo

²¹ Fonte: quantitativo informado por Marcelino em entrevista publicada na seção “Comportamento” da revista *Veja*, nº 199, de 28 de junho de 1972, p. 29.

²² Identificadas nos recortes de jornais consultados nos clippings do Museu Tempostal e também em consulta à seção de periódicos da Biblioteca Pública do Estado da Bahia.

comparecido 70 pessoas²³, dentre elas artistas, representantes da imprensa, professores da UFBA, intelectuais, amigos e familiares. O acervo já ultrapassava 20 mil peças²⁴, entre cartões-postais e fotografias antigas. A criação do primeiro museu dedicado a cartões-postais e fotografias antigas do Brasil foi notícia na imprensa local e nacional, a exemplo do *Diário de Pernambuco*, na edição de domingo 04/08/1974, atraindo o interesse de visitantes brasileiros e estrangeiros.

O sonho tornado realidade trouxe novos desafios ao colecionador, pois exigia dele mais esforços para mantê-lo funcionando nos anos seguintes à inauguração. Ele criou estratégias para comunicar seu acervo, que se assemelhavam a estratégias de sobrevivência, inovadoras para o período, além de frequentemente ser notícia na imprensa, fosse para divulgar suas pesquisas e as exposições que realizava ou para solicitar financiamento público para a manutenção do seu sonho. O ideal do colecionador era integrar o Museu ao patrimônio público – por já ser considerado um patrimônio cultural da Bahia –, com instalações físicas e despesas mensais mantidas por órgãos governamentais, mas que ele permanecesse à frente da instituição enquanto estivesse vivo. As tentativas de instalar o Museu Tempostal no Centro Histórico estão registradas em dois projetos produzidos pelo órgão de proteção ao Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia, em 1975 e 1983, todas sem sucesso.

Cabe ressaltar que a legitimação de um museu pelo poder público, além de ser uma obrigatoriedade da época (MENESES, 2012), conferia à instituição um poder simbólico e, por vezes, também econômico. Historicamente, os museus são espaços de poder (ABREU; CHAGAS; SANTOS, 2007; BOURDIEU, 1998; CHAGAS, 2009) materializado nos acervos e nas exposições que realizam ou deixam de realizar. Antonio Marcelino conviveu com essa realidade desde que teve contato com os cartões-postais e fotografias que retratavam os diversos aspectos da Bahia Antiga, memória do poder de uma época, reunidos na coleção que foi tornada patrimônio cultural e econômico ao longo dos anos. O percurso iniciado no planejamento e na realização da primeira exposição, em 1965, até a inauguração da nova sede do Museu Tempostal no Pelourinho, em 1997, mesclou sonho, conflitos, disputas e demonstrações de poder, como será apresentado.

²³ Conforme registro no “Livro de assinaturas nº 2”.

²⁴ De acordo com informação veiculada na matéria “DN inaugura exposição de postais do Brasil antigo”. *Diário de Notícias*, 19/06/1974, Caderno 1, Local, p. 3.

Colecionador eclético, Marcelino possuía várias tipologias de coleções, que ocupavam, a cada dia, os espaços da casa-museu, que se tornou pequena e apresentava graves problemas estruturais, como as demais casas do centro histórico, que não recebiam a manutenção adequada por parte dos proprietários. O futuro do Museu e do seu acervo causava preocupação ao colecionador e a todos que reconheciam o valor daquele conjunto documental, como também o risco iminente de sinistro. Em 1992, a imprensa foi ao Tempostal na tentativa de sensibilizar os gestores públicos para a situação do Museu. Em entrevista concedida à Rede Bahia no dia 22/03/1992²⁵, Marcelino declarou insatisfação quanto ao “abandono” por parte dos órgãos governamentais; ameaçava se desfazer da coleção por não ter mais condições de mantê-la em segurança:

Eu hoje já não vou poder mais mantê-lo sozinho. O meu pensamento é... Até o final do ano eu tomo uma decisão. Se eu não encontrar logo, logo um patrocinador, uma pessoa que se sensibilize e dê condições, eu me desfazo do Tempostal. E agora tenho consciência que não vou me desfazer por falta de amor, mas por falta de apoio oficial e por necessidade. Porque eu não quero ver esse trabalho se perder.

Durante os 21 anos de existência do Museu Tempostal na Rua do Sodré, sob a responsabilidade do colecionador, foram realizadas 89 exposições na sede e em outros espaços, entre as quais se destacam: “A Fotografia no Cartão-Postal de 1900 a 1920 – Coleção Antonio Marcelino do Nascimento”, na Galeria da Funarte/RJ, em 1982; 1988 – “O negro no Cartão Postal”: Etapa I – Academia de Letras da Bahia (10 a 31/05/1988), Etapa II – Foyer do Teatro Castro Alves/BA (06 a 17/07/1988) e Museu da Imagem e do Som/SP (dezembro/1988).

Em 1995, a Secretaria de Cultura do Estado estava implementando o “Quarteirão Cultural” no Pelourinho, que previa a implantação de projetos e instituições culturais em imóveis que estavam sendo restaurados, ocasião em que Antonio Marcelino conseguiu o tão sonhado apoio governamental. A proposta de venda foi apresentada à direção da Funceb²⁶, que intermediou a transferência da tutela do Museu Tempostal para o Estado, que o adquiriu por R\$ 120.000,00, conforme publicação no Diário Oficial do Estado de 28 de julho de 1995. O acervo foi transferido para a Diretoria de

²⁵ O vídeo da matéria exibida foi gentilmente cedido pela supervisora do Centro de Documentação (Cedoc) da Rede Bahia.

²⁶ Conforme apresentado em correspondência de Antonio Marcelino do Nascimento (Salvador, 15/05/1995) endereçada ao diretor-geral da Fundação Cultural do Estado da Bahia, Sr. José Augusto O. G. Burity. Folhas iniciais do processo de venda do acervo nº 3454/95. Documento consultado na Dimus em 03/2015.

Museus, ficando depositado no Solar do Unhão, sob a responsabilidade do Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM)²⁷ até a entrega do casarão, que passava por restauração e adaptações para sediar o Museu. Em 5 de novembro de 1997, Dia da Cultura, Antonio Marcelino do Nascimento concretizou o sonho de ver o Museu Tempostal instalado no Pelourinho, Patrimônio Cultural da Humanidade.

Antonio Marcelino destacou-se dos demais colecionadores pela sua determinação em realizar o seu sonho, diante de circunstâncias bastante adversas. Há registros de museus criados a partir de coleções particulares, sendo o colecionador abastado, a exemplo da Fundação Museu Carlos Costa Pinto, o Instituto Feminino da Bahia (vida e obra de Henriqueta Catharino), as coleções particulares de Gilberto Sá, entre outros. Mas um colecionador, servidor público assalariado, sem muitos recursos, morando de aluguel, abrir o Museu em sua residência, torná-lo conhecido internacionalmente e, por fim, conseguir instalá-lo em um dos Patrimônios Culturais da Humanidade é, de fato, a concretização de um sonho. Assim sendo, as trajetórias do colecionador e do Tempostal são singulares na história dos museus, sobretudo os baianos.

O percurso por ele trilhado durou mais de trinta anos e está repleto de passagens que ratificam a sua contribuição para a memória e a história da sociedade baiana, muitas delas registradas pela imprensa local. Logo, a hipótese investigada debruçou-se sobre a contribuição memorialista do colecionador Antonio Marcelino do Nascimento como “coleccionador de conhecimento”, pois parte-se do pressuposto de que ele foi o maior patrimônio do Museu Tempostal, devido ao capital cultural acumulado ao longo dos anos, por meio do estudo permanente do seu acervo e da busca incessante por conhecimento, que fazia questão de compartilhar gratuitamente, sobretudo nas páginas dos principais jornais da Bahia. Do mesmo modo, o museu era o maior patrimônio de Marcelino, não apenas pelo capital econômico aplicado, mas, principalmente, como investimento em capital social e simbólico (BOURDIEU, 1998).

O objetivo deste trabalho é, então, apresentar a contribuição do colecionador Antonio Marcelino do Nascimento para a história dos museus na Bahia, por meio da trajetória percorrida por esse colecionador, sua coleção e seu Museu Tempostal entre 1965 e 1997 – ano da inauguração da nova sede do Museu no Pelourinho; portanto, retirar do silêncio da história o colecionador Antonio Marcelino, que reuniu coleções e

²⁷ Dados obtidos em documentos consultados na Dimus em 03/2015.

deu sentido a esse acervo, elaborando o corpo e a forma do Museu que se destinaria a cuidar, manter e divulgar esse significativo acervo de cartões-postais, cujas fontes possibilitam problematizar a história da Bahia, do Brasil e até mesmo do mundo; e cuja trajetória de formação é o objeto desta pesquisa.

Cabe ressaltar também que, até a presente data, desconheço a existência de estudo que aborde a trajetória de Antonio Marcelino do Nascimento enquanto colecionador, da coleção ou do Museu Tempostal; nem mesmo um trabalho específico que destaque a relevância do Museu Tempostal como repositório de memórias e de fontes iconográficas que ilustram a *Belle-Époque*, a Bahia e o Brasil “antigos” e as demais temáticas, cujas possibilidades de pesquisas históricas, etnográficas, cenográficas e arquitetônicas, entre outras, são incontáveis.

A presença da coleção de Antonio Marcelino e, posteriormente, do Museu Tempostal, em estudos e na produção acadêmica, se dá em virtude da cessão de imagens, na condição de créditos, propriedade ou local de consulta, em que a relação colecionador-coleção-museu é ignorada ou colocada em segundo plano, situação apontada por Tereza Pinhal (2012) em pesquisa sobre o colecionismo no âmbito dos estudos museológicos em Portugal. Ainda sobre o silenciamento da contribuição de Antonio Marcelino, cabe ressaltar o caso específico da pesquisa por ele realizada na década de 1970 sobre a “instalação da iluminação elétrica de rua em Salvador”, inédita até então. Quando há referência a Antonio Marcelino como autor da pesquisa, não há o reconhecimento do pioneirismo de sua publicação; tampouco é atribuída a ele a condição de pesquisador, observando-se a indicação da função pública que desempenhava na UFBA, “secretário da Escola de Teatro”, após o seu nome, denotando sua posição social e acadêmica – sem diploma universitário –, um exemplo notório do que Bourdieu (2008) qualifica como “objetivação” ao tratar dos “modos de dominação”.

Numa tentativa de fornecer uma “visão geral sobre o museu”, a coordenadora do Museu Tempostal organizou uma síntese histórica da instituição e da formação da coleção, a partir de textos produzidos por equipes anteriores e matérias de jornais – colecionadas por Marcelino ao longo dos anos –, sob a justificativa de “divulgar e prover a carência de informações necessárias à pesquisa, resultante da dificuldade de obter material informativo” (VENTURA, 2014, p. 255), ilustrada por postais do acervo. O texto “Museu Tempostal: uma viagem no tempo”, publicado em *Postais: Revista do Museu Correios* (dezembro/2014), não demonstra análise de dados, nem pesquisa aprofundada nos arquivos institucionais, apresentando lacunas e equívoco cronológico

na sequência dos acontecimentos. Contudo, considerando que se trata apenas de uma síntese, cumpre seu objetivo de material informativo aos que buscam o Museu como fonte de pesquisa iconográfica.

De acordo com Pierre Bourdieu, na construção de uma trajetória, faz-se necessário considerar o contexto dos acontecimentos e das relações objetivas ocorridas no campo onde ela se desenrolou:

Não podemos compreender uma trajetória [...] sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado [...] ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis. Essa construção prévia também é a condição de qualquer avaliação rigorosa do que podemos chamar de superfície social. (BOURDIEU, 2006, p. 189-190).

Nesse sentido, a pesquisa de cunho bibliográfico-documental realizada no âmbito do PPGMuseu assemelhou-se a um trabalho “arqueológico”, em que foi necessário “escavar e revolver camadas” de documentos e informações em arquivos institucionais e bibliotecas, valendo-se do aporte qualitativo-exploratório para a reconstrução de alguns itinerários da trajetória do colecionador.

Na fase de levantamento de dados para a elaboração do projeto, em setembro de 2014, foram coletadas, por meio de registro fotográfico, fontes documentais disponibilizadas pela coordenação do Museu Tempostal: correspondências; recibos de pagamentos referentes ao *Álbum Bahia Antiga*; fotografias; *clippings* contendo recortes de jornais sobre Antonio Marcelino e o Museu Tempostal; coletânea de textos referentes à história e coleções do Museu para subsidiar estudos, elaborados pelas equipes de gestões anteriores.

Devido à dificuldade de consulta ao acervo do Museu Tempostal no ano de 2015²⁸, a pesquisa foi iniciada no setor de Setor de Documentação e Pesquisa da Diretoria de Museus (Dimus/Ipac/Secult-BA), com a colaboração valorosa da equipe de museólogas. Lá, gentilmente, foi disponibilizada toda a documentação existente no setor

²⁸ No início de 2015, a equipe do Museu Tempostal estava reduzida, com pouca disponibilidade de horário para consulta ao acervo, apenas um turno por semana, conforme informação verbal da coordenadora durante visita para solicitar autorização para a pesquisa. A mesma também informou que os documentos relativos ao processo de venda do acervo, como outros solicitados, não estavam arquivados no museu, recomendando consulta na Dimus. Após a consulta na Dimus, norteada pela relação fornecida pela equipe do Setor de Documentação e Pesquisa, que indicava a localização dos documentos no arquivo na secretaria do museu, foi possível a consulta no Museu Tempostal, em contato retomado em 2016; contudo, nem todos os documentos solicitados foram localizados, como também não foram disponibilizadas algumas fontes, tais como as primeiras publicações a partir da coleção de Antonio Marcelino, acessadas posteriormente em outras instituições.

sobre o Museu Tempostal, tendo sido fornecidas cópias de correspondências administrativas; documentos referentes à venda do acervo do Tempostal para a Funceb; outros elaborados pela equipe de museólogas da Dimus em trabalho realizado no Museu Tempostal nos anos 2009-2010, como a relação dos documentos encontrados no Museu, banco de dados, banco de imagens do Museu Tempostal, relação das imagens da coleção Antonio Marcelino organizadas por temas, entre outros. Tais documentos possibilitaram a compreensão do processo de venda do acervo, assim como esclarecem pontos obscuros gerados por divergências de informações.

Outra fonte fundamental foram os periódicos consultados na seção de periódicos da Biblioteca Pública do Estado da Bahia, nas edições do jornal *A Tarde*. Foram localizados mais de 80 exemplares (impressos e na base digital) entre os anos 1965 e 2000, que possibilitaram identificar a presença do colecionador e seu acervo nas páginas daquele jornal, considerado o de maior circulação no Estado no período examinado. A leitura e a transcrição das matérias do jornal *A Tarde* e dos outros anteriormente consultados nos *clippings* do Museu Tempostal conduziram a uma visão ampla de como o colecionador tornou-se uma figura pública e difundiu o nome do Museu Tempostal. Também foram consultados alguns exemplares do *Diário de Notícias, Estado da Bahia* e revista *Veja*.

Também foi relevante a pesquisa na sede do jornal *Tribuna da Bahia*, que, mesmo sem funcionário no setor de arquivo, disponibilizou a consulta a fotografias e edições encadernadas, graças à colaboração de funcionários sensíveis à importância da pesquisa acadêmica e conscientes da relevância de divulgar memórias como a de Antonio Marcelino, que muito colaborou com a imprensa. Oportunidade que também proporcionou colaborar com o Grupo de Pesquisa Observatório da Museologia na Bahia – CNPq/UFBA, por meio da identificação de fotografias sobre museus da Bahia, como também notícias publicadas sobre museus e Museologia na Bahia.

Em setembro de 2016, a coordenação do Museu Tempostal permitiu a continuidade da pesquisa em algumas tardes, pois ainda permanecia sem servidores disponíveis para acompanhar os pesquisadores durante a consulta. Nessa fase, foi possível ter acesso a alguns documentos²⁹ e coletar de informações como: livros de

²⁹ A lista de documentos solicitados para consulta, enviados à coordenação do Museu Tempostal em junho/2016, foi construída a partir relação de documentos elaborada pelas museólogas da Dimus Marilene Cerqueira Santos e Sonia Maria Ivo Tavares, no período 2009-2010.

registro de doadores; livros de presença nas exposições do período entre 1965-1997³⁰; identificação de alguns pesquisadores que consultaram o acervo do Museu Tempostal quando ainda estava instalado na Rua do Sodré; a relação de cartões postais (1952 a 1973); a relação de algumas publicações com ilustrações provenientes do acervo do Museu; *clipping* de periódicos locais (*Diário de Notícias, A Tarde, Tribuna da Bahia, Destaque Jornal, IC, Jornal da Bahia, Correio da Bahia*).

Acrescente-se também a realização de entrevistas com pessoas que participaram do colecionismo, conviveram ou trabalharam com Antonio Marcelino³¹: Bianca Miguez, mediadora cultural no Museu Tempostal (1997-2003); João Brandão Filho, Livreiro Sebista, amigo; Paulo Roberto Sanctis, colecionador, amigo; Paulo Gaudenzi, ex-secretário de Cultura e Turismo do Estado da Bahia (1995-2006), filho de Ítalo Gaudenzi, proprietário do Ginásio Brasil; Lia Robatto, coreógrafa, professora aposentada dos cursos de Dança e Teatro da UFBA; Jeferson Bacelar, pesquisador no Centro de Estudos Afro-Orientais da UFBA, ex-aluno da Faculdade de Teatro; Afrânio Simões Filho, museólogo e pesquisador.

Utilizando-me da ampliação dos conceitos e seduzida pelas emoções que a pesquisa instigava em mim, percebi-me, de algum modo, desempenhando também o papel de escavadora do universo dos colecionadores da Bahia, escavando e conhecendo as lembranças de Marcelino, no seu processo de colecionismo, como apontado por Walter Benjamin em *Escavando e Recordando*:

[...] “fatos” nada são além de camadas que apenas à exploração mais cuidadosa entregam aquilo que recompensa a escavação. Ou seja, as imagens que, desprendidas de todas as conexões mais primitivas, ficam como preciosidades nos sóbrios aposentos de nosso entendimento tardio, igual a torsos na galeria do colecionador. E certamente é útil avançar em escavações segundo planos. Mas é igualmente indispensável a enxada cautelosa e tateante na terra escura. (BENJAMIN, 2000, p. 239).

O estudo da trajetória do colecionador Antonio Marcelino do Nascimento e do Museu Tempostal do Sodré (1965-1997) baseou-se na análise de traços biográficos do colecionador e da trajetória de seu sonho. A “escavação” me permitiu compreender

³⁰ Nos dias disponibilizados para a consulta aos arquivos do Museu Tempostal, só tive acesso aos livros de visitas nº 1, 2, 6, 7 e outro sem numeração, com registro das visitas à exposição *A fotografia no cartão-postal de 1900 a 1920* – realizada Galeria do Núcleo de Fotografia da Funarte/RJ, no qual consta a assinatura de Carlos Drummond de Andrade.

³¹ Todas realizadas entre os meses de setembro/2016 e janeiro/2017. Apesar de apenas alguns trechos estarem explícitos no texto, elas foram fundamentais para o esclarecimento de algumas dúvidas surgidas ao longo da pesquisa.

como as biografias colecionador-coleção-museu são indissociáveis; a identidade de Antonio Marcelino se imiscui com a coleção e o Museu Tempostal, como será visto nos três capítulos deste trabalho.

O primeiro capítulo – “Bem-aventurado o colecionador”: colecionadores, coleções e museus – apresenta a fundamentação teórica e discute conceitos basilares da pesquisa, assim como relaciona os autores escolhidos e suas respectivas contribuições para a construção do trabalho, como será visto em “As tramas do colecionismo”. “O universo onírico das coleções e dos museus” aborda a relação secular existente entre colecionador e museu, este edificado, local onde o “poder” está presente, seja na ostentação de suas coleções ou na escolha das narrativas que serão construídas, caracterizando-o como espaço das elites. O universo onírico em que os museus estão inseridos resulta da comparação com templos, com o sagrado, mas também poético, motivado pela origem grega do vocábulo *Mouseion*, Templo das Musas, inspiração que levou Antonio Marcelino a criar o nome “Tempostal”. Por fim, as “Reflexões sobre a cartofilia” apresentam uma breve trajetória do cartão-postal ilustrado, baseada na pesquisa de Célia Oliveira (2013). Ao longo do capítulo, é possível identificar como o colecionador tornou-se “guardião de memórias” (GOMES, 1996).

O segundo capítulo, “Museu Tempostal: Templo de Postais”, apresenta um conjunto de indícios sobre o início da sua trajetória como “coleccionador de conhecimentos”, o período em que viveu em Simão Dias (1929-1947), com base na entrevista a mim concedida e em declarações veiculadas na imprensa nas diversas matérias sobre o seu hábito de colecionar iniciado na infância; como também alguns aspectos da trajetória de Antonio Marcelino, os sonhos que o moviam, os caminhos percorridos, as oportunidades agarradas, amizades construídas, o crescimento do seu acervo e o seu desejo, além da sua busca incessante por apoio governamental para fundar o Museu Tempostal no centro histórico de Salvador. Em “Postais no Templo das Musas”, será abordada a trajetória de exposições da coleção, o “desejo de museu”, a inauguração do Tempostal em sua “residência-museu”, na Rua do Sodré, 22; como também a inovação ao levar o museu a locais como agências bancárias, shoppings centers e grandes eventos realizados por órgãos de classe. O processo de incorporação do Museu Tempostal ao patrimônio cultural do Estado da Bahia é apresentado resumidamente em “O novo Museu Tempostal”, onde serão apontadas lacunas no processo que ocasionou alguns hiatos na trajetória da nova instituição.

Por fim, o terceiro capítulo – “Eu não fiz o trabalho sozinho: os colecionismos de Antonio Marcelino do Nascimento” analisa os múltiplos aspectos do seu processo de colecionismo, sua relação com as suas coleções, doações recebidas, aquisições, enfim, suas características pessoais nas memórias que ele guardava. Marcelino “Guardião de Memórias” apresenta também o desejo do colecionador de levar o seu “alfarrábio cultural” para Simão Dias-SE, sua cidade natal. “A construção da imagem pública por meio da coleção” apresenta a parceria estabelecida entre o colecionador e a imprensa por meio da coleção, tornando-o um homem público, com reconhecimento nacional e internacional. Em “Marcelino colecionador de conhecimento, principal patrimônio do Museu Temporal” serão apresentadas as duas publicações ilustradas com postais e fotografias do acervo do colecionador, que foram notícias em jornais locais e nacionais. As pesquisas desenvolvidas por Marcelino ajudaram a solucionar mistérios que envolviam o patrimônio cultural da Bahia, como acervos de igrejas e monumentos da cidade, sempre vinculadas à imprensa. Esses são alguns exemplos de como Marcelino soube mobilizar o campo cultural baiano e nacional em prol de seus colecionismos, tornando-se um colecionador de conhecimento. O acervo de Marcelino era formado por coleções tangíveis e intangíveis que funcionavam em sintonia a partir do elo “que era a figura do colecionador”.

Difícil identificar um limite entre Antonio Marcelino e o Museu Temporal e vice-versa; impossível visualizar tal Museu sem Marcelino e Marcelino sem o Museu, que não descansou enquanto não teve o seu tão sonhado desejo concretizado. Antonio Marcelino, por conseguinte, tornou-se o principal patrimônio do Museu Temporal.

1. “BEM-AVENTURADO O COLECIONADOR”: COLECIONADORES, COLEÇÕES E MUSEUS

Bem-aventurado o colecionador! Bem-aventurado o homem privado! De ninguém se esperou menos do que dele, e ninguém sentiu mais bem-estar do que aquele que pôde prosseguir sua existência desacreditada sob a máscara spitzweguina. Pois dentro dele se domiciliaram espíritos ou geniozinhos que fazem com que para o colecionador – e me refiro aqui ao colecionador autêntico, como deve ser – a posse seja a mais íntima relação que se pode ter com as coisas; não que elas estejam vivas dentro dele; é ele que vive dentro delas. E, assim, erigi diante de vocês uma de suas moradas, que tem livros como tijolos, e agora, como convém, ele vai desaparecer dentro dela. (BENJAMIN, 2000, p. 235).

Ingressar no Curso de Museologia me possibilitou compreender como a preservação do patrimônio histórico, artístico e cultural da Bahia já fazia parte da minha vida e eu não havia percebido. Um de meus avôs era ourives³² e desde criança eu e minhas irmãs frequentávamos a sua oficina na Avenida J. J. Seabra, na Barroquinha, onde acompanhávamos a produção e o conserto de joias e objetos em prata, ouro e pedras preciosas. Era divertido ver o pó de ouro cair sobre o papel que forrava a gaveta quando meu avô limava as peças e depois vê-lo derreter com o maçarico e assim retornar à forma sólida, uma bola de ouro! Peças de igrejas históricas, como a Igreja Matriz de Sant’Ana³³, foram restauradas por ele. O vi cortar, martelar e cinzelar a prata para primorosamente produzir e reproduzir obras de arte, a exemplo do colar da Academia de Letras da Bahia, insígnia de condecoração da instituição, entregue aos acadêmicos imortalizados. Ao frequentar o Museu de Arte Sacra da UFBA, em virtude das aulas da disciplina Arte Sacra Cristã, pude perceber a relevância do seu ofício e lembrar que as técnicas utilizadas para a produção das peças em metal precioso, estudadas na graduação apenas na teoria, já faziam parte do meu aprendizado pessoal.

Do mesmo modo, percebi a presença do colecionismo na minha vida, hábito que considerava comum à infância e à adolescência sem grandes proporções. A primeira coleção de que tenho lembrança era formada por papéis de carta decorados e perfumados, “febre” entre as meninas do curso primário. Depois, vieram os cliques

³² Álvaro do Carmo Soares, conhecido pelos clientes como Alvinho, nasceu em 15 de julho de 1922 e faleceu em 1º de novembro de 1995. Aprendeu o ofício de ourives ainda jovem. Sua oficina funcionava na Av. J. J. Seabra, no trecho entre o Quartel do Corpo de Bombeiros e o Largo da Barroquinha, entre as décadas de 1970-1990.

³³ A Igreja Matriz de Sant’Ana, atual Igreja do Santíssimo Sacramento e Sant’Ana, foi construída em meados do século XVIII e está localizada na Rua do Carro, s/n, no bairro Nazaré, Centro Histórico de Salvador.

coloridos, cartões natalinos, e tantas outras. Minha avó possuía conjuntos de copos e louças intocáveis, assim como alguns objetos decorativos em prata, como uma fruteira que decorava a mesa. Todos esses objetos me encantavam, bem como as bonecas que ela guardava com muito zelo. Zelar pelo que era antigo e possuía uma memória afetiva foi algo aprendido por mim desde cedo. Por fim, a partir da adolescência, fã da banda Asa de Águia, passei a colecionar os “valiosos” autógrafos, discos, roupas, fotografias e recortes de jornais e revistas sobre essa referência do *axé music*, patrimônio imaterial da Bahia. Tal “mania” tornou-se uma identidade, que virou meu segundo sobrenome entre amigos e me abriu janelas e portas. Durante a entrevista com Antonio Marcelino, enquanto ele mostrava sua coleção de discos, sua coleção de autógrafos conquistados das formas mais inusitadas e sua busca incessante para realizar um sonho, fui percebendo o quanto o colecionismo estava presente em mim e como a busca por um sonho também havia me trazido muitas conquistas.

A pesquisa sobre a trajetória de Antonio Marcelino como colecionador na Bahia me levou a caminhos e resultados não imaginados quando decidi investigar sua história no âmbito do PPGMuseu/UFBA. Indiretamente, Antonio Marcelino me ensinou sobre história e patrimônio da Bahia. No estágio de Tirocínio Docente, acompanhei a disciplina História e Patrimônio na Bahia³⁴, com a qual aprendi sobre colecionismo, história e patrimônio na Bahia; ampliei o conhecimento sobre os museus de Salvador, onde está concentrada a maioria dos museus do Estado da Bahia (78 dos 174 existentes), de acordo com o mapa dos museus do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram); como também ministrei algumas aulas apresentando a contribuição dos colecionadores e pesquisadores para a formação do patrimônio cultural baiano. A partir das pesquisas nos periódicos, tive acesso ao cotidiano e a acontecimentos da Bahia, do Brasil e do mundo nas décadas de 1960-1980; como também ampliou-se o meu conhecimento e rememorei acontecimentos da década de 1990.

Em busca de depoimentos, ampliei meu conhecimento sobre o universo dos colecionadores em diálogos com outros colecionadores e comerciantes de produtos colecionáveis. A conversa com João Brandão, livreiro proprietário do Sebo JB, no centro histórico, desde fins da década de 1960, amigo de Marcelino, revelou histórias de personagens baianos e brasileiros apaixonados por suas coleções. João Brandão é memória viva, patrimônio vivo. Uma conversa com ele enriquece o capital cultural de

³⁴ FCHG38 – História e Patrimônio na Bahia, sob orientação da Profa. Dra. Heloísa Helena Fernandes Gonçalves Costa – semestre 2015.2.

quem vive a experiência. São muitos causos, muitas lembranças; uma parcela da história da Bahia e do Brasil passou por sua loja. O depoimento do ex-secretário de Cultura Paulo Gaudenzi expressou o pensamento da gestão da cultura na Bahia no período de 1995-2006, assim como revelou a relação entre Marcelino e o Ginásio Brasil, intermediada por Ítalo Gaudenzi. Em meio às minhas memórias pessoais, mesclada com as trajetórias do colecionador, da coleção e do Museu, fundamentada pelo aporte teórico de referência, foram elaborados diálogos e considerações que serão apresentadas ao longo deste trabalho.

Muitos colecionadores deixam vivas as memórias daquilo que já foi apagado, por meio de objetos da cultura material, trazendo para o presente o pretérito, deixando acesas para gerações futuras as marcas da história de uma vida, de uma família, de um povo, de uma nação. Reconheçamos o valor do colecionador – e não apenas das coleções –, que documenta épocas por meio de seus sonhos. Portanto, como destacou Walter Benjamin (2000) na epígrafe deste capítulo, compete compreendermos o quão bem-aventuradas podem ser as tramas do colecionismo.

1.1 As tramas do colecionismo

Os estudos sobre colecionismo e história dos museus apontam inúmeros casos de colecionadores que buscam a perenidade de suas coleções transferindo-as para museus, criando instituições particulares e fundações, cedendo-as de modo provisório ou definitivo para museus já existentes (públicos ou privados) ou, em raros casos, conseguindo que o poder público financie um museu dedicado ao seu acervo. Parte desses estudos aponta que o desejo dos colecionadores em criar museus surge quando estes se aproximam da velhice ou quando a coleção atinge uma proporção que foge ao seu controle, na sua capacidade de guarda. Contudo, o interesse não acontece apenas no fim de suas vidas, quando estes acreditam estarem próximos à finitude. É o caso do colecionador Antonio Marcelino do Nascimento, que conseguiu criar um museu particular para o seu acervo aos 45 anos, motivado pelo entusiasmo do público que visitou a primeira exposição pública de sua coleção, em 1965, no auditório do Ginásio Brasil.

A decisão de mostrar ou ocultar a coleção varia de acordo com o perfil do colecionador e a finalidade da reunião do conjunto, pois nem todos desejam exibi-las. Alguns sequer querem que saibam da sua existência. Há aqueles cuja satisfação é

manter suas “preciosidades” distantes de todos, apenas para o seu deleite. Em casos extremos, chegam a cometer crimes, como furtos e até mesmo assassinatos, em nome dessa paixão insaciável (POMIAN, 1984; BLOM, 2003; BURKE, 2010; ALMEIDA, 2012). Todavia, o quantitativo dos que desejam revelá-las é expressivo. Em geral, as primeiras mostras das coleções acontecem em suas residências, para um pequeno grupo de amigos ou pessoas de sua confiança, dependendo da tipologia da coleção e do apego do colecionador. Alguns autores consideram a exibição uma etapa intrínseca à prática do colecionismo, ainda que este não seja o propósito inicial de quem inicia uma coleção.

Krzysztof Pomian (1984, p. 56) coloca a exposição do objeto ao olhar como cerne da sua definição de coleção: “conjunto de objetos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das atividades econômicas, sujeitos a uma proteção especial num local fechado preparado para esse fim, e expostos ao olhar”. O autor trabalha o conceito de coleção a partir da perspectiva da cultura material, discutindo as coleções tangíveis que compõem acervos particulares e museus, buscando diferenciá-las. Tal definição pressupõe um observador, que determina a que classe pertencem esses objetos: coisas, semióforos ou desperdícios.

Ao explicitar a materialidade dos exemplares que compõem os conjuntos, Pomian (1984) classifica-os de acordo com sua utilidade e significado, considerando como coisas os objetos úteis, que apenas têm utilidade sem ter significado, cuja existência está relacionada ao consumo, em todas as acepções do termo; semióforos, os objetos dotados de significados, destituídos de sua utilidade, que representam o invisível; e desperdício, os objetos que não são úteis, nem carregados de significados – logo, privados de valor. O autor ressalta a superioridade do significado em relação à utilidade, numa oposição entre o visível e o invisível na maioria dos casos, não descartando a coexistência das duas orientações num mesmo artefato. A condição de semióforo atribui aos objetos a função de intermediários entre os humanos e um mundo invisível, imaginário, e vice-versa, assegurando a comunicação entre os dois mundos.

Ao incluir na definição que os componentes da coleção estão “sujeitos a uma proteção especial, num local fechado preparado para esse fim” (1984, p. 72), Pomian sublinha as ações para a preservação dos objetos e a necessidade de um espaço físico destinado à sua conservação. Ao tratar dos procedimentos de organização e conservação das coleções, o autor comenta a postura adotada pelos colecionadores que compreendem suas coleções como preciosidades, comportando-se como guardas dos tesouros, assim como o problema da dispersão da coleção após a morte do colecionador.

Ainda segundo Pomian, os valores atribuídos aos objetos são determinados pela sociedade em que estes estão inseridos, cuja organização hierárquica acarreta o aparecimento das coleções, estabelecendo o que é significativo, quais objetos devem ser privilegiados, influenciando profundamente na escolha dos colecionadores e, conseqüentemente, no tipo de coleções que serão formadas. O conceito do autor institui que os objetos que compõem a coleção devem ser mantidos “fora do circuito das atividades econômicas”, ou seja, fora do mercado comercial, para que sejam expostos ao olhar, pois somente “deste modo que podem desvelar plenamente o seu significado” (1984, p. 72). De acordo com o seu entendimento, “um semióforo acede à plenitude do seu ser semióforo quando se torna uma peça de celebração” (idem, p. 72). Cabe ressaltar que Pomian não considera como coleções os conjuntos expostos com fins comerciais, nas ocasiões comuns aos processos de circulação ou produção dos bens materiais.

Essa carga de significados depositada nos objetos, apontada por Pomian, irá determinar o valor de troca das coleções. Os objetos saem da circulação comercial, mas não perdem o seu valor econômico; ao contrário, muitas vezes o valor aumenta por fazerem parte de uma coleção. Se o colecionador ocupar uma posição de destaque no seu meio social, o seu nome torna-se *grife*, agregando valor à coleção, como apresentados por Don Thompson (2012) no livro *O tubarão de 12 milhões de dólares: a curiosa economia da arte contemporânea*.

Pomian (1984, p. 80) observa que, historicamente, as coleções foram e continuam sendo utilizadas para ostentação de poder, insígnias de pertença social, cuja aquisição retira de circulação não somente objetos que as constituem, como também uma parcela da riqueza de seu possuidor:

É fácil de compreender então que a aquisição de semióforos, a compra de obras de arte, a formação de bibliotecas ou de coleções é uma das operações que, ao transformar a utilidade em significado, permitem a quem tenha uma alta posição na hierarquia da riqueza ocupar uma posição correspondente na do gosto ou do saber, sendo as peças de coleção, como se viu, símbolos de pertença social, senão de superioridade. A aquisição de semióforos equivale, portanto à do bilhete de entrada num meio fechado e ao qual não se pode aceder sem ter retirado uma parte do dinheiro que se possui do circuito utilitário.

Outros aspectos no texto de Pomian considerados úteis à pesquisa serão discutidos ao longo dos capítulos, como o questionamento feito ao prestígio conferido aos colecionadores por estes possuírem determinadas coleções, que foram formadas de acordo com suas motivações pessoais (gosto, curiosidades intelectuais); a pressão

exercida sobre o Estado para que adquira coleções particulares e as torne acessíveis a todos, como visto nos depoimentos dos gestores de acervos entrevistados em 2006; a aplicação das classes de utilidade e significado às atividades humanas e as pessoas distinguindo homens-semióforos e homens-coisas; e as suas considerações sobre o caráter público dos museus e a legitimação destes por autoridades públicas.

Outro autor substancial para a pesquisa é o filósofo Walter Benjamin (2000, p. 234), um “coleccionador autêntico”, cuja produção textual sobre as coleções e as práticas colecionistas alinham-se perfeitamente com o sujeito desta pesquisa. Seus textos possibilitaram compreender o “mundo mental contido no ato de colecionar”.

Cabe aqui realizar uma breve comparação entre Walter Benjamin e Krzysztof Pomian, visando expor os pontos de vista dos autores: Benjamin escreve sob a perspectiva do colecionador, ao contrário de Pomian, que escreve sob a ótica do pesquisador, um olhar externo, sem a vivência daquele que retém, pois a escrita de Benjamin é também uma escrita de si. Pomian avalia, Benjamin explica. Contudo, ao longo dos textos, eles se interrelacionam, ora contrastando-se, ora complementando-se.

Desempacotando minha biblioteca: um discurso sobre o colecionador é um texto clássico de Walter Benjamin (2000) em que o autor resume “a arte de colecionar”. Embora seja um texto curto, com nove páginas apenas, seu conteúdo é denso. O intuito de Benjamin ao escrever um “discurso sobre o colecionador” não foi tratar especificamente da coleção de livros, e sim fazer uma narrativa sobre a relação entre o colecionador e seus bens, revelando o “mundo mental contido no ato de colecionar”. Seu relato gira em torno da posse dos objetos, da desordem que se faz presente na vida do colecionador, da relação afetiva de amor e paixão que estes mantêm com a coleção, da origem do colecionismo, das coleções formadas na infância, dos processos de aquisição de livros, das memórias atreladas ao colecionismo, trazidas à tona pelas lembranças e da existência incompreendida vivida pelo colecionador.

Benjamin inicia o texto descrevendo o cenário em que desempacota sua biblioteca, transferindo-me imediatamente para a residência de Antonio Marcelino e a aparente desordem em que ele vivia, também cercado por muitos livros, sua primeira paixão, como será apresentado no segundo capítulo; o caos provocado pelas lembranças ao recordar as diversas formas de adquirir livros:

Este processo ou qualquer outro é apenas um dique contra a maré de água viva de recordações que chega rolando na direção de todo colecionador ocupado com o que é seu. De fato, toda paixão confina

com um caos, mas a de colecionar com o das lembranças. (BENJAMIN, 2000, p. 227-228).

Benjamin atribui à posse o motivo principal de uma existência conflituosa vivida pelo colecionador entre a ordem e a desordem, de modo que ele se relaciona com as coisas não pela sua utilidade, mas pelo amor que possui por elas, por “que as estuda e ama como o cenário de seu destino” (2000, p. 228). Benjamin ressalta também que a biografia do objeto é importante para o “verdadeiro colecionador”, que considera todos os detalhes “para formar uma enciclopédia mágica, cuja quintessência é o destino de seu objeto”, tornando-se “fisiognomonistas do mundo dos objetos”, buscando extrair apenas com o olhar todo o passado remoto dos objetos. É inevitável não associar à vida de Marcelino, que dizia se sentir feliz por viver sozinho em sua casa, na companhia dos seus objetos, pesquisando sobre tudo o que lhe interessava ou o que lhe solicitavam.

Benjamin relata que o maior fascínio do colecionador é a excitação da compra, os momentos que a antecedem, a conquista de cada objeto. Afirma que o encontro com o colecionador é o “destino mais importante de todo exemplar”. Ao falar sobre a aquisição de livros, como estes se tornam propriedade do colecionador, observa que o ato de compra não ocorre da mesma maneira que outras pessoas adquirem objetos, pois os colecionadores têm instinto prático, possuem táticas de compra que combinam propriedade e posse.

Ao abordar a questão da posse e o uso, onde o desejo de possuir algo prevalece sobre a necessidade de usá-lo, Benjamin (2000) reitera que se trata de uma característica comum aos colecionadores. No caso do bibliófilo, não ler os livros que possui. Um colecionador adquire livros para libertá-los, livrá-lo do abandono, enquanto espera por um comprador: “Pois para o colecionador a verdadeira liberdade de todo livro é estar nalguma parte de suas estantes” (idem, p. 232). Contrariamente a tal conduta, durante os anos iniciais da formação de sua biblioteca, ele lia todos os livros que comprava, tendo por regra só comprar um novo exemplar após ter lido o que adquiriu anteriormente. Antonio Marcelino também era bibliófilo. Além de exibir com orgulho os primeiros romances que leu, possuía vários livros antigos, alguns raros, reunindo uma biblioteca com centenas de exemplares. Nos últimos anos de vida, comprava semanalmente dois ou três livros antigos.

As emoções resultantes da íntima relação de posse com suas coleções vividas pelos colecionadores são sentimentos que só cabem a eles desfrutar. O colecionador

vive dentro das coisas, elas o possuem. A perda de sentido das coleções após o desaparecimento do colecionador também é abordada por Benjamin: “o fenômeno do colecionar perde seu sentido à medida que perde seu agente”, pois o autor considera que os objetos reunidos “só têm sua razão de ser” nas coleções particulares. Nesse sentido, a importância do colecionador como narrador privilegiado é muito significativa.

No caso de Antonio Marcelino, ele esteve presente em todo o período e, assim, exercitou o que Bolle (1994) chama de “memória topográfica”, a que busca afinidades entre as estruturas da cidade e dos indivíduos que a habitam. No dizer de Clóvis Britto (2016), em seu parecer de qualificação, “a memória topográfica não reconstituiria os espaços pelos espaços, eles se tornariam pontos de referência para captar experiências sociais e espirituais por meio, por exemplo, das imagens da cidade acionadas pelo contato com os cartões postais”. Por isso, mesmo sem saber o conceito, Antonio Marcelino buscava obter imagens do mesmo lugar em épocas distintas, para estudar comparativamente. Ele fazia o que Benjamin descreve como atividade do “homem que escava”:

[...] a memória não é um instrumento para a exploração do passado; é, antes, o meio. É o meio onde se deu a vivência, assim como o solo é o meio no qual as antigas cidades estão soterradas. Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. [...] uma verdadeira lembrança deve, portanto, ao mesmo tempo, fornecer uma imagem daquele que se lembra, assim como um bom relatório arqueológico deve não apenas indicar as camadas das quais se originam seus achados, mas também, antes de tudo, aquelas outras que foram atravessadas anteriormente. (BENJAMIN, 2000, p. 239-240).

1.2 O universo onírico das coleções e dos museus

Ao longo dos séculos, as coleções e os museus estão associados a um edifício, ou pelo menos a um espaço reservado para a guarda desses acervos, a exemplo dos *studiolo*³⁵ e gabinetes de curiosidades. A associação do museu como local destinado à guarda de tesouros, raridades e tudo aquilo do mundo material que pudesse ser

³⁵ Segundo Blom (2003, p. 33), o *studiolo* é o modelo mais antigo de local especialmente construído para abrigar os tesouros de naturezas variadas colecionados por príncipes, cujo acesso era restrito a poucos; a apreciação e a fruição nesses era um privilégio da nobreza. O primeiro *studiolo* de que se tem registro data de 1335, em Treviso [uma província ao norte da Itália], de propriedade de Oliviero Forza [(1300-1373) – considerado um dos precursores do colecionismo (TRECCANI, 2015)]. “A distinção mais significativa entre os tesouros medievais e os novos *studioli* era a privacidade inerente à ideia de estúdio”. (BLOM, 2003, p. 34).

colecionável, isto é, musealizado, tem sido atribuída à instalação da Galeria Uffizi³⁶, visto que esta se tornou o modelo de museu mundialmente difundido.

Com a abertura dos museus ao público, nos séculos XVIII e XIX, além de função de guarda de coleções, as instituições passaram a desempenhar também uma função “educativa”, não como a compreendemos hoje, e sim com o propósito de lapidar os homens livres pertencentes à burguesia, a quem era permitido frequentar estes espaços. De acordo com Chagas (2002, p. 51), os museus deveriam “educar o indivíduo, estimular o seu senso estético e afirmar o nacional”. Ainda segundo o autor, todos aqueles que desconheciam ou não apreciavam as artes e não se identificavam com os monumentos eram considerados “bárbaros” ou “escravos”, devendo ser excluídos politicamente do processo de construção de memória em qualquer caso.

A soma desses aspectos ao longo dos séculos caracterizou a noção de museu elitista, lugar de ostentação de poder que, mesmo aberto ao público, não é lugar de todos. Essa foi a ideia de “museu tradicional” cristalizada no imaginário dos colecionadores e do público em geral até os dias atuais.

Nesse sentido, as coleções e os museus estão diretamente ligados ao desenvolvimento do campo da Museologia, como apontado por Waldisa Rússio (1986), assim caracterizado:

A Museologia, em suas origens, uma mera descrição do museu e de suas coleções, vai se alçar à posição de estudo das relações entre o Museu e a Sociedade e, finalmente (estágio natural), à Ciência das relações entre o Homem e a Realidade, segundo Gregorová; ou, das relações entre o Homem e a Herança Cultural, segundo Van Mensch;

³⁶ A Galeria Uffizi, considerada “o mais antigo museu da Europa”, é resultado do colecionismo dos membros da Dinastia Médici, grandes mecenas culturais da Itália, que formaram uma gigantesca coleção entre os séculos XV e XVIII. Foi criada em 1581 por Francesco I (1541-87), que determinou a instalação da galeria de arte no último andar do Uffizi, um edifício de estilo dórico construído em 1561 para abrigar os gabinetes administrativos. De acordo com Rússio (1979), a Galeria Uffizi é um “protótipo de museu da abertura renascentista”. Com o fim da “Era Médici”, a região da Toscana herdou todo o patrimônio artístico da família, mérito da grã-duquesa Anna Maria Luisa d’Médici (1667-1743), última herdeira, que por meio do “Pacto de Família” – uma Convenção de cessão do patrimônio artístico à dinastia sucessora – transferiu, em 1737, o comando do governo para a família austríaca Asburgo-Lorena, mas garantiu a permanência da coleção, perpetuando a memória dos Médici no mundo. O documento estabelecia algumas “condições expressas”, proibindo terminantemente a retirada de qualquer peça ou o transporte fora da capital; bem como determinava que todos os bens fossem utilizados para ornamentação do Estado e para utilidade pública, visando a “atrair visitantes estrangeiros” (GINANNESCHI, 2009). Além da Galeria Uffizi, essas coleções constituíram acervos de museus; algumas obras foram expostas em praças e locais públicos, fazendo parte da paisagem urbana de Florença até os tempos atuais. O ato de Anna Maria Luisa d’Médici não foi desprezioso, não era apenas uma preocupação com a dispersão das coleções após sua morte, já que coube a ela “arquivar a casa dos Médici” (GINANNESCHI, 2009); tratava-se também da afirmação do poder de sua família na região da Toscana. Abordar a trajetória do patrimônio artístico construído pela família Médici fez-se necessário para exemplificar o universo das coleções particulares e a história dos museus, assim como o poder simbólico por elas representado, que ultrapassou séculos, contribuindo para sua compreensão nos tempos atuais.

ou, segundo o nosso próprio conceito, a Ciência do Fato Museológico, entendido sempre em um processo, e construído pela relação profunda entre o Homem, sujeito que conhece, e o Objeto, parte da Realidade, da qual o Homem também participa, num cenário institucionalizado, o Museu. (*In*:BRUNO, 2010, p. 138).

Dessa concepção de Museologia, deduz-se que os conjuntos formados por colecionadores foram um dos marcos para a criação de museus. Não faltam exemplos para essa transição na literatura. A constituição de coleções, se motivada por desejo ou mesmo obsessão (BLOM, 2003), vincula-se e se transforma com formas de pensar e reter exemplares do passado, como ocorrido com a filosofia humanista.

Até a primeira década do século XX, o que era visto como teoria museológica permanecia centrada nos museus e nas coleções, tendo como produto os manuais práticos para os trabalhos em museus, como acima mencionado. Segundo Suely Cerávolo (2004), as discussões que fundamentaram uma teoria para a Museologia surgiram no plano internacional, particularmente no decorrer das décadas de 1970 e 1980 do século XX. Para a autora, a instauração do Conselho Internacional de Museus (Icom), em 1946, e a criação do Comitê Internacional para a Museologia (Icofom), em 1977, foram relevantes para estruturar a Museologia como área do conhecimento.

Em 1972, o Icom elaborou uma definição que conceituava a Museologia como “estudo da história e trajetória dos museus, seu papel na sociedade, seus métodos específicos de pesquisa, conservação, educação e organização, seu relacionamento com o ambiente físico e a classificação dos diferentes tipos de museus” (MENSCH, 1994, p. 5). Mesmo mantendo certo foco nos museus (a instituição) e nas coleções (conteúdo), houve, nessa época, um deslocamento da concepção do que seria o objeto de estudo da Museologia para, por exemplo, o fato museológico³⁷, assim denominado por Waldisa Rússio (*In*: BRUNO, 2010).

Outras definições surgiram ao longo dos últimos anos do século XX, ampliando os horizontes da Museologia, deslocando a ênfase dada à dimensão espacial, centrada nas instalações físicas do museu e na coleção, para uma dimensão humana, voltada para as relações entre os seres humanos e o ambiente, o homem e a sociedade, e a produção humana material e imaterial. A definição proposta por Suely Cerávolo (2004) apresenta

³⁷ Fato museológico – a relação profunda entre homem e objeto (objeto, ideia, criação) que se realiza no “recinto institucionalizado do museu”, cenário onde essa relação é percebida – definição estabelecida por Waldisa Rússio em 1981.

um conceito que dissocia a Museologia do museu e considera as “categorias de pensamento objeto, lugar e instrumentos”:

A Museologia como área de conhecimento científico se concretiza sobre indícios variados do Patrimônio cultural e natural (o objeto), em qualquer lugar que eles se apresentem (o lugar), através de procedimentos de preservação, conservação, documentação, exposição, educação, divulgação e disseminação de conhecimentos (os instrumentos). (CERÁVOLO, 2009, p. 19).

Nas últimas décadas, houve uma profunda transformação no entendimento de Museologia e da própria ideia de museus. Essas reelaborações talvez sejam uma constante, em virtude de os museus serem lugares onde o onírico se faz presente, seja por estímulos expográficos, pelo espaço onde se apresenta ou pelos inúmeros significados que acionam. São “espaços que suscitam sonhos” (BENJAMIN, 2005), como também “lugares de criação” (MOREIRA, 2007). Os museus ultrapassam as barreiras físicas, coexistindo em lugares visíveis e invisíveis. Sonhos, memórias e afetos são acervos de museus imaginários, como observa-se no poema “Coleção de cacos”, de Carlos Drummond de Andrade (2001, p. 973-974), no qual o eu lírico esconde a sua “coleção de cacos” para que José “não ria nem jogue fora esse museu de sonho”.

Para Walter Benjamin (2005, p. 134), “de maneira bem determinada, os museus fazem parte das casas de sonhos na ordem do coletivo”. Castelos, casas, casebres e choupanas foram transformados em museus, certamente criados por pessoas que se permitiram sonhar. A história da humanidade está repleta de museus criados a partir do sonho de alguém que idealizou, projetou, traçou metas e o fez tornar-se realidade, ou quando este desaparece antes da finalização do processo, outrem contagiado pelo sonhador dá prosseguimento *in memoriam*.

O universo onírico dos museus passa também pela comparação com templos, com o sagrado, mas também poético, motivado pela origem grega do vocábulo *Mouseion*, Templo das Musas. A origem mítica da ideia de museu é recorrente no mundo dos museus, exaustivamente difundida na literatura da área. Ainda segundo a mitologia, as nove musas seriam filhas de *Mnemósine*, deusa do poder da memória, e *Zeus*, Deus supremo do poder. Assim, elas seriam “ao mesmo tempo e no mesmo espaço, poder, resistência, memória e esquecimento, fala e silêncio”, como afirma Mário Chagas (2009, p. 57).

Há ainda outra versão, também mítica, atribuída aos personagens semimitológicos, o poeta *Museu* – filho de *Apolo*, aquele que exerce a arte da lira, e

Selene, deusa da lua – segundo Chagas (2009, p. 57), “herdeiro das divindades, comprometido com a instituição dos mistérios órficos, autor de poemas sacros e oráculos”, “uma entidade mítica que é construtora de narrativas e é narrada”. Nesse sentido, ainda de acordo com o autor, o “museu é um canto onde a poesia sobrevive”, cabendo aqui acrescentar, no caso dos colecionadores, onde é possível ver e compreender a poética de suas coleções.

Figura 3 – Estampas de Eucalol, séries 201, 206 e 210. Lendas da Antiguidade



Fonte: Coleção Antonio Marcelino. Acervo do Museu Tempostal. Imagem cedida pelo museólogo e pesquisador Afrânio Simões. Acervo do pesquisador.

Considerando que a mitologia clássica é “patrimônio cultural” da humanidade, amplamente divulgada ao longo dos séculos, presente na literatura mundial e ensinada nas instituições educativas ocidentais; sinônimo de intelectualidade para a elite europeia e colonial, da qual o Brasil também é herdeiro; que Antonio Marcelino era conhecedor

desde a infância, por meio da educação básica escolar e das estampas de Eucalol³⁸ que colecionava (Figura 3), é possível concluir que a origem mítica do termo museu tenha motivado sua escolha pela denominação *Tempostal* – templo de postais – para o museu que abrigaria seus postais, fotografias antigas e sonhos. O colecionador considerava que seus postais representavam “deuses” e o museu a ser criado seria um templo para eles, que eram a sua religião, a sua família, como declarado no depoimento que me concedeu (Apêndice) e, por diversas vezes, em entrevistas à imprensa³⁹. Ao incluí-los no campo do “sagrado”, Marcelino atribuiu valor à sua coleção “alicerçado” no valor de patrimônio (MENESES, 2012) reconhecido por intelectuais e defensores da “arquitetura colonial” presente na paisagem da Bahia Antiga e na nostalgia de outrora⁴⁰.

O poeta Carlos Drummond Andrade, na crônica “Brasil num retrato antigo”, publicada no *Jornal do Brasil* em 29/04/1982, sugeriu outra denominação para o Museu de Marcelino: “Também poderia chamar-se Tempoësia, pois o que não lhe falta é o hábito de nostalgia poética, evocativo do que era a vida brasileira entre 1900 e 1920”.

Cabe ressaltar que a perspectiva mítica, de Templo das Musas, abraçada por Marcelino na segunda metade do século XX, apesar de difundida mundialmente, não corresponde aos estudos atuais desenvolvidos pelo campo da Museologia, sendo os museus espaços de construção de conhecimentos, de indagações, de afirmações de identidades, de representatividades, mas também de conflitos, de poderes e de disputas memoriais. Faz-se necessário, portanto, compreender os museus a partir de novas perspectivas, de novos olhares, que culminem na sistematização de uma nova práxis, tendo em vista que pensar os museus na contemporaneidade nos impõe percebê-los, segundo o que destaca Mário Chagas (2009, p. 51), enquanto espaços de memória “atravessados por interesses políticos diversos, por dispositivos de maior e menor controle social, por disputas de memória e poder”.

O campo museal, como se costuma dizer, está em movimento, tanto quanto o domínio patrimonial. Esses dois terrenos – que ora se casam, ora se divorciam, ora se interpretam, ora se desconectam – constituem corpos em movimento. E, como corpos, também são instrumentos de mediação, espaços de negociação de sentidos, portas (ou portais) que ligam e desligam mundos, indivíduos e tempos diferentes. O que está

³⁸ Estampas que acompanhavam o sabonete Eucalol, lançadas pela Perfumaria Myrta S. A. entre os anos de 1930 e 1950, como estratégia publicitária da empresa dos irmãos Stern para impulsionar as vendas de produtos de higiene pessoal à base de eucalipto, segundo Samuel Gorberg (2003), pesquisador e colecionador das estampas Liebig e Eucalol.

³⁹ Conforme notícias veiculadas no *Jornal do Brasil*, 18/06/1973, 1º Caderno, p. 73; *Jornal da Bahia*, 12/07/1988, entre outros.

⁴⁰ A exemplo de intelectuais como Isaías Alves, José Valladares e Godofredo Filho; e doadoras como as irmãs Teixeira.

em jogo nos museus e também no domínio do patrimônio cultural é memória, esquecimento, resistência e poder, perigo e valor, múltiplos significados e funções, silêncio e fala, destruição e preservação. Por tudo isso, interessa compreendê-los em sua dinâmica social e interessa compreender o que se pode fazer com eles e a partir deles. (CHAGAS, 2009, p. 53).

Retornando à premissa de que os “museus são casas que suscitam sonhos” e ao “Templo das Musas” que, segundo a versão pitagórica, “compreendia numerosas dependências consagradas à moradia, exercícios, jogos e artes” (MACÉ; ALFONSO *apud* CHAGAS, 2009), evidencio que a casa onde Antonio Marcelino morava não possuía muitos cômodos, mas foi ressignificada por ele no seu “fazer museu”, como será visto nos capítulos seguintes. A “casa” nº 22 era mais do que uma casa, residência, local de moradia do colecionador. Converteu-se em uma residência-museu, repositório de memórias, individuais e coletivas, que se somaram ao repertório de Marcelino, tornando-se a sede do Museu Tempostal por mais de duas décadas, constituindo-se, assim, um patrimônio cultural da Bahia e do Brasil, juntamente com outras coleções.

A proposta aqui apresentada, de “residência-museu”, diferencia-se dos conceitos de museus-casa ou casas-museu conhecidos até então, por caracterizar-se pela transformação da residência do colecionador em museu quando este ainda a habitava. Neste caso específico, todo o período em que o Museu Tempostal existiu na Rua do Sodré era uma ocupação simultânea. Conforme depoimento do próprio Antonio Marcelino, de entrevistados como Lia Robatto e Paulo Gaudenzi, e imagens dos arquivos da imprensa – como as entrevistas concedidas à Rede Bahia –, a residência ocupava o mesmo espaço, ao mesmo tempo, com o museu, podendo-se, assim, dizer que a residência saía de cena e o museu ocupava todo o espaço. A coreógrafa Lia Robatto, questionada sobre as suas lembranças da noite de inauguração do museu, em 23/07/1974 (como era a exposição, a disposição dos postais no espaço), respondeu:

Lembro! A exposição em si, mais ou menos... Porque a casa dele era estreita, muito estreitinha, então ele ia pelas paredes, pelas escadas, onde coubesse, tinha material exposto, todos em painéis, em tudo que era lugar. Não era só numa sala, não tinha um grande salão. Era tudo miudinho. Isso era interessante, porque cada postal é muito pequeno, você tem que olhar às vezes até de lupa. [...] não é como numa exposição de obra de arte, que você vê uma estética de um trabalho criativo de composição visual de longe, então você com trinta quadros você preenche toda uma exposição. Ali não, são milhares, pequeninhos, um a um; cada um é um universozinho; e ele agrupa por temáticas. (ROBATTO, entrevista à pesquisadora, 21/12/2016).

Paulo Gaudenzi, em entrevista concedida para esta pesquisa em 21/12/2016, afirmou que Marcelino “transformou a casa dele num grande museu, chegou a um ponto que ele estava afogado nos trabalhos que fazia, nas coisas que guardava”.

1.3 Reflexões sobre a cartofilia

A prática de colecionar e estudar cartões-postais é denominada cartofilia. De acordo com Célia Oliveira (2013, p. 1), em Portugal, o uso e o reconhecimento do termo é restrito à comunidade de colecionadores de postais ilustrados, “que se dedica praticamente apenas à coleção, conferindo ao seu estudo um papel menos relevante”. Ela apresenta também as designações utilizadas na França (*cartophilie*), Estados Unidos (*deltiology*) e Inglaterra (*cartofilia*). No Brasil, de modo geral, os colecionadores são nominados “cartofilistas”. Antonio Marcelino do Nascimento é um dos representantes mais conhecidos desse grupo.

A popularização da prática de colecionar cartões-postais ilustrados teve o ápice nas primeiras décadas do século XX; contudo, há estudos que apontam registros de coleções formadas nas últimas décadas do século XIX, período de criação e difusão em diversos países. Nas várias entrevistas que concedeu à imprensa, desde a década de 1960, Antonio Marcelino explicava, com muita propriedade, o surgimento do cartão-postal derivado do bilhete-postal, cuja criação, em 1869, é atribuída a Emmanuel Hermann (1839-1902), professor de economia política na Academia Militar de Viena.

Há estudos que apontam duas tentativas, anteriores à de Hermann, para simplificar a correspondência postal. De acordo com a pesquisa⁴¹ apresentada por Sara Rêgo (*apud* OLIVEIRA, 2013, p. 53), os postais criados pelo norte-americano Hymen Lipman em 1861 “apresentavam um design simples e evidenciavam o recurso à xilogravura”. Em 1865, Heinrich von Stephan, diretor dos Correios da Confederação da Alemanha do Norte, apresentou, na Conferência Postal Germano-Austríaca, uma proposta semelhante à mostrada por Hermann; entretanto, ela “foi recusada pelos serviços postais alemães com a justificação de ser complicada e dispendiosa”⁴².

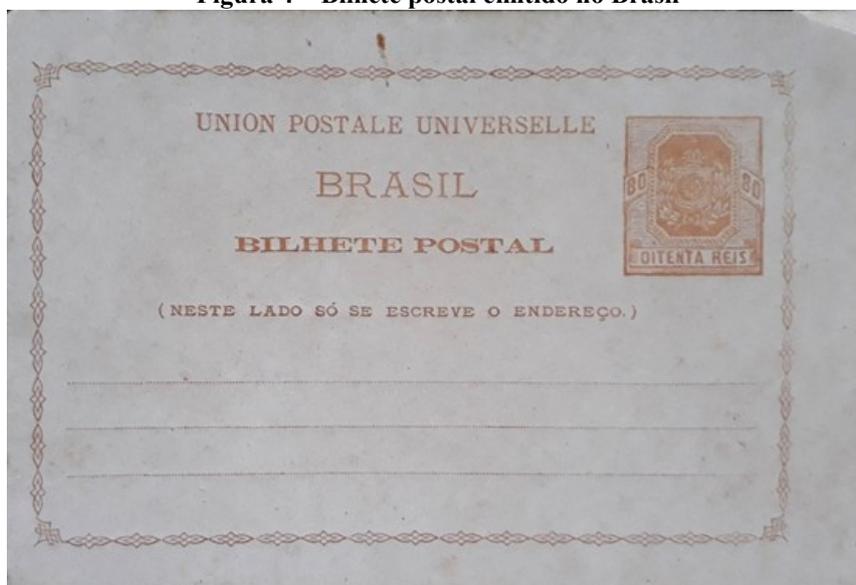
⁴¹ RÊGO, Sara. *Contributos do postal ilustrado para a história do Free Card*. 69 f. Dissertação – (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Especialização em Publicidade e Relações Públicas. Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1822/41035>>.

⁴² WILLOUGHBY, 1993 *apud* OLIVEIRA, 2013, p. 53.

Célia Oliveira (2013, p. 53) atribui o êxito da adoção da proposta de Emmanuel Hermann à conjuntura da época, marcada por grande descontentamento com a qualidade e os custos do serviço postal. O uso de envelopes era necessário para o envio de todo tipo de correspondência, garantindo principalmente o sigilo do conteúdo, mas contribuía para o aumento da taxa, que incluía também o selo. No artigo publicado num jornal de Viena em janeiro de 1869, Hermann apresentava um modelo de cartão-postal com selo pré-impresso cujo formato, com dimensões reduzidas, permitia escrever uma breve mensagem, comunicando o necessário, eliminando o uso de envelope, com um custo que se aproximava da metade do valor da taxa postal padrão⁴³. Tal iniciativa interessou as autoridades do Império Austro-Húngaro, que emitiu, a partir de 1º de outubro de 1869, o *Correspondenz-Karte*, que passou a circular em todo o território. De acordo com Bénard & Guignard (2010 *apud* Oliveira, 2013), no primeiro ano foram vendidos cerca de dez milhões de exemplares.

Outros países da Europa e de outros continentes adotaram o modelo e passaram a emitir seus próprios bilhetes. No Brasil, o bilhete postal foi instituído pelo Decreto nº 7.695 (Figura 4), de 28/04/1880, proposto pelo conselheiro Manuel Buarque de Macedo, ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, ao imperador D. Pedro II.

Figura 4 – Bilhete postal emitido no Brasil



Fonte: Exemplar doado à pesquisadora por Paulo Roberto Sanctis, colecionador, amigo de Antonio Marcelino, em 29/09/2016. Acervo da pesquisadora.

⁴³ Célia Oliveira baseou-se nos estudos de Gruner, 1980; Pereira, 2009; Willoughby, 1993.

De acordo com Oliveira (2013, p. 54), o que era solução para os que trocavam correspondência tornou-se problema para os que tinham a missão de entregá-las, “carteiros que se queixavam do volume insuportável do correio que tinham de transportar”. A simplicidade dos bilhetes-postais e a falta de privacidade causaram desinteresse e desconfiança por parte de pessoas de diversas nacionalidades, além das críticas negativas da imprensa, que associavam seu uso ao analfabetismo. Algumas iniciativas isoladas inseriram elementos decorativos e imagens litografadas com o intuito de torná-los mais atraentes e comerciais:

A autorização, por parte das entidades governamentais, para os privados imprimirem os seus próprios postais constituiu uma medida importante para o aparecimento e desenvolvimento do postal ilustrado. Segundo Martin Willoughby, os primeiros bilhetes-postais ilustrados tiveram como antecessores vários tipos de artigos impressos com decoração, designadamente o cartão comercial, destinado a publicitar negócios, os cartões-de-visita, folhas de música e papel de carta (1993, p. 7). Estes primeiros postais ilustrados eram ainda bastante modestos, verificando-se que a imagem, impressa com uma única cor, se encontrava na frente do postal, juntamente com o espaço destinado à morada e ao selo (Pereira, 2009). Ainda assim, trata-se de um momento marcante e decisivo na história do bilhete-postal e que desencadeará o que Jorge Custódio designou de “civilização das imagens” [...]. (OLIVEIRA, 2013, p. 54-55).

O uso de imagens para ilustrar os postais é consequência do surgimento da fotografia, que teve papel fundamental enquanto veículo de difusão da imagem, sob diversos aspectos, “impondo uma completa mudança no modo como se via, se registrava e se documentava a realidade” (BACELAR; PEREIRA, 2006, p. 29). Não nos cabe, aqui, discorrer sobre a invenção da fotografia; contudo, faz-se necessário destacar como a materialização das imagens e o registro de fatos tornou-se documento, testemunho histórico, social, político e também afetivo, revolucionando as formas de constituição das memórias individuais e coletivas. Registros posteriormente reproduzidos nos cartões-postais ilustrados, que encurtavam distâncias, imortalizavam pessoas e eternizavam lugares e cenas reais ou fictícias – a exemplo das encenações teatrais ou comerciais (Figura 5).

Figura 5 – Cartão-postal da Coleção Antonio Marcelino – representa uma cena de um casal de namorados e a declaração de amor: “Alcides! És o iman[sic] que me atrae[sic] a vida”



Fonte: Acervo do Museu Tempostal. Imagem cedida pelo museólogo Afrânio Simões.

Sobre os primeiros registros fotográficos no Brasil, há estudos que apontam a década de 1840 como o período inicial do uso do equipamento de daguerreotipia no país (KOSSOY, 1995). De acordo com Bacelar e Pereira (2006, p. 32), D. Pedro II foi o primeiro brasileiro a adquirir o equipamento, tornando-se “a figura central da fotografia brasileira oitocentista” e “também o primeiro a formar uma coleção de fotografias brasileiras”, que segundo Lilia Schwarcz⁴⁴ (1998) foi doada à Biblioteca Nacional quando o imperador deixou o país⁴⁵. Muitos estrangeiros vieram para o Brasil em missões, enviados por países europeus, e documentaram por meio de registros fotográficos a natureza e os seus habitantes. Alguns não retornaram, fixando moradia principalmente no Rio de Janeiro e na Bahia.

O suíço Guilherme Gaensly e o brasileiro Marc Ferrez tornaram-se pioneiros na produção de cartões-postais ilustrados no Brasil a partir de registros dos habitantes, com destaque para a população negra, tanto em estúdio como em cenas do cotidiano nas ruas da capital e do interior. De acordo com Bacelar e Pereira (2006, p. 36), a Bahia era alvo

⁴⁴ *Apud* BACELAR; PEREIRA, 2006, p. 33. SCHWARCZ, Lilia. *As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

⁴⁵ Dos seus registros como fotógrafo, teriam restado apenas duas fotos. (SCHWARCZ, 1998 *apud* BACELAR; PEREIRA, 2006).

do desejo dos “grandes profissionais da fotografia”: quando não era possível nela residir, a documentavam de passagem. Os nobres abriam as portas de suas casas, dando-lhes a honra de conhecer e registrar as riquezas materiais que ornamentavam seus lares e os escravos, que ostentavam também como demonstração do poder das oligarquias baianas, seres invisibilizados, mas indispensáveis para a manutenção daquele cenário e daquela sociedade – a “velha Bahia”. Como consequência do desenvolvimento dessa atividade profissional, a fotografia foi incorporada à tipografia. Segundo Pedro Karp (2002 *apud* BACELAR; PEREIRA, 2006, p. 36), algumas editoras fotográficas alcançaram notoriedade: Almeida & Irmão, Casa Alexandre Reis & Cia, Gastão Müllen, Lith. Typ. Joaquim Ribeiro, Typografia Almeida, Rodolfo Lindemann e J. Mello (Figura 25).

A pesquisa realizada por Célia Oliveira⁴⁶ sobre a coleção de postais ilustrados reunida pelo português coronel José Marcelino Barreira⁴⁷ nos séculos XIX e XX apresenta importante contribuição para os estudos sobre colecionismo e coleções de cartões-postais ilustrados no âmbito dos museus. Ela pontualiza como o postal ilustrado tornou-se um objeto de desejo, alvo dos colecionadores:

[...] tratava-se do objeto mais admirado, desejado, cobiçado e colecionado. As suas características eram sobejamente conhecidas. A elegância da forma, a novidade pictórica e a rapidez da mensagem são alguns dos aspetos que justificavam a obrigatoriedade da sua presença em todos os lares, uma popularidade que não conhecia diferenças de género, idade ou estatuto social, o frenesim gerado em torno das trocas com estranhos de outras nacionalidades. O postal ilustrado era multifacetado até ao nível da diversidade de papéis que desempenhava, participando ativamente no desenvolvimento de indústrias e serviços comerciais, promovendo pontos turísticos, celebrando grandes eventos culturais, prestando tributo a celebridades, noticiando novidades em primeira mão, estimulando a comunicação interpessoal, instruindo na exploração e mapeamento do mundo, encorajando em tempos de guerra. Por isso, chamaram-lhe fenómeno, uma manifestação extraordinária da criatividade humana, consagrando-o como uma marca indelével na história universal da arte, da comunicação, da prática de colecionar, da cultura. (OLIVEIRA, 2013, p. 86-87).

Durante a “Idade de Ouro” dos postais ilustrados – transição para o século XX e as duas primeiras décadas do século –, houve grande adesão aos postais ilustrados. As

⁴⁶ OLIVEIRA, Célia Isabel de Castro. *Biografias e coleções: um caso de estudo. A Coleção de Postais Ilustrados do Coronel José Marcelino Barreira*. 2013. 130 f. Dissertação – (Mestrado em Museologia). Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, Portugal, 2013.

⁴⁷ Coleção legada ao Museu Martins Sarmiento em 1948. Localizado na cidade de Guimarães, região do Norte de Portugal, o museu faz parte da Sociedade Martins Sarmiento, uma instituição cultural fundada em 1882, da qual o coronel José Marcelino era sócio.

famílias faziam questão de exibir o seu álbum como forma de *status* e modernidade. Tal aceitação levou o colecionismo de postais ilustrados a ganhar grande popularidade universal, pois através deles as pessoas tinham a oportunidade de adquirir conhecimentos variados em diversas áreas, como História, Geografia, Arte, Política e Ciência. O número de Clubes de Colecionadores multiplicou e aumentava cada vez mais a quantidade de publicações de artigos que tratavam sobre o assunto nos jornais e revistas mais populares de todo o mundo. Posteriormente, os postais receberam mensagens no formato “frases-tipo”, para contar uma novidade, fazer um agradecimento, marcar um encontro, enviar mensagens de aniversário e mensagens instantâneas (OLIVEIRA, 2013).

Hermeto Lima, em fevereiro de 1930, narrou, na *Revista da Semana*, como o início do século XX foi marcado pelo fascínio por cartões-postais:

E surgiram os cartões-postais de toda sorte, com os desenhos os mais extravagantes e com os dizeres os mais esquisitos. [...] Como complemento [...] vieram os álbuns para os colecionar e daí os colecionadores, que nunca acham dificuldades para completar as suas coleções, solicitarem de todo o mundo a honra de lhes mandar um cartão-postal para enriquecer seus álbuns. (LIMA *apud* SOTILO, 2009, p. 6).

De acordo com estudo realizado por Susan Nicholson (*apud* OLIVEIRA, 2013, p. 56), a venda de postais alcançou números históricos em todo o mundo no ano de 1904, possibilitando o desenvolvimento de técnicas de impressão e a redução de custos na produção dos postais. Para Bjarne Rogan (*apud* OLIVEIRA, 2013, p. 56), o papel do cartão-postal como *souvenir*⁴⁸, a sua estética, a sua função de veículo de comunicação e o potencial como item colecionável reúnem o “segredo deste culto ao postal”.

O início da Primeira Guerra Mundial marca o fim da Idade de Ouro dos cartões-postais. Conforme Célia Oliveira (2013, p. 58), em Portugal, “em tempo de guerra, não existia vontade ou condições para a realização de viagens turísticas”,

⁴⁸ O *souvenir* abrange uma grande diversidade de objetos que são investidos de uma simbologia muito pessoal. Representa fragmentos de experiências e eventos passados, cujo significado é transferido pelo colecionador para os objetos, que passam a substituir a sua memória e se transformam numa extensão de si próprio. Como não possui qualquer valor utilitário, apenas sentimental, o *souvenir* está sempre dependente da relação social com o colecionador e o seu significado é criado a partir da narrativa construída por ele. A natureza dessa narrativa é sempre idealizada, pois a percepção do narrador recria e embeleza a experiência sempre que é lembrada. A característica principal do *souvenir* é que figura unicamente como uma amostra no presente de uma experiência distante, que o objeto apenas pode evocar, mas nunca recuperar (STEWART, 1993, p. 136). Logo, esses momentos podem ser lembrados, mas nunca revividos, de modo que o colecionador deseja voltar ao passado e necessita dos *souvenirs* para o fazer. No mundo delicado e hermético do *souvenir*, o passado é reconstruído através das memórias fragmentadas, numa atmosfera marcada por sentimentos de felicidade e segurança. (OLIVEIRA, 2013, p. 23-24).

somada às restrições estabelecidas e à censura, ocasionando a redução significativa da produção de postais. Como consequência, os custos da produção aumentaram e aquele modo de colecionismo perdeu a popularidade. Entretanto, o cartão-postal foi ressignificado pelas nações em conflito, passando a atuar também como veículo de propaganda ideológica, além de meio de comunicação entre soldados e seus familiares:

No terreno, funcionava como uma arma psicológica no arsenal de guerra de todos os que participavam no conflito. As imagens registradas, desde aspetos relacionados com a mobilização das tropas, as vitórias alcançadas, o armamento utilizado, a marinha e a aviação, as cidades destruídas pelos bombardeamentos, as marchas dos prisioneiros de guerra, os feridos, os serviços fúnebres, tinham um efeito moralizador/desmoralizador, consoante a nacionalidade do fotógrafo. Mesmo no caso de retratos de personalidades importantes, políticos, militares, heróis, estes estavam também mobilizados e a servir a pátria através do postal. Geralmente, essas imagens veiculavam mensagens de ódio, embrulhadas num discurso patriótico e nacionalista. (OLIVEIRA, 2013, p. 59).

No entanto, o uso dos cartões-postais foi de substancial importância para manter o ânimo das tropas, pois conectava afetivamente os combatentes aos seus familiares e entes queridos. De acordo com Oliveira (2013, p. 60), “nesse contexto muitos soldados tornaram-se colecionadores”. No pós-guerra, os postais por eles guardados tornaram-se “receptáculos para as memórias desses tempos tão conturbados”. Por outro lado, o cartão-postal ilustrado produzido na “Idade de Ouro” passou a ser visto “como algo fútil, símbolo de um estilo de vida que já havia passado”. Segundo a pesquisadora (idem, p. 60), a crise econômica do período, associada à popularização das novas tecnologias de comunicação, que possibilitavam a agilidade da divulgação das notícias e da transmissão de mensagens, a exemplo do rádio e do telefone; assim como a “ascensão do fotojornalismo e os melhoramentos significativos registrados na imprensa ilustrada resultaram na perda de protagonismo do postal ilustrado e na redução do seu repertório temático, reproduzido com uma qualidade que nem sempre era a melhor”.

No período entre guerras, os cartões-postais produzidos na Europa nas décadas de 1920 e 1930 retratavam referências dos países, como: “fotografias da realeza e os acontecimentos mais relevantes na sua história, eventos desportivos, paisagens e arquiteturas, cenas cômicas, desenhos animados, estrelas de cinema” (OLIVEIRA, 2013, p. 60); também são incluídos nas imagens dos postais ilustrados os movimentos artísticos *Art Nouveau* e *Art Décor*.

Nos anos 1950 e 1960, no continente europeu, os cartões-postais “perderam o brilho”. Segundo Oliveira (2013), as editoras que não faliram em decorrência da guerra pareciam estar desmotivadas a produzirem como antes e a população parecia

desmotivada em comunicar-se por meio deles, tampouco colecioná-los, assim como aconteceu após o fim da Primeira Guerra. Ressalte-se que coincide com o período que Antonio Marcelino iniciou sua coleção de postais (década de 1950) – comprando em bancas de jornais/revistas e adquirindo de outros colecionadores por meio de compra, doação e até mesmo coleta em descartes domésticos – e realizou as primeiras exposições (1965 e 1966), cujo sucesso foi fundamental para o projeto de criação do Museu Tempostal.

A década de 1970 marca um novo ciclo do postal ilustrado, como afirmam Daniel Bénard e Bruno Guignard (*apud* Oliveira, 2013, p. 61), uma vez que o interesse pelo colecionismo de cartões-postais é restabelecido em diversos países:

Os clubes de colecionadores ganham um novo ânimo com a crescente procura de postais ilustrados antigos, encarados como artefactos históricos. Vivia-se uma nostalgia em relação a um mundo que desaparecera. Publicam listas de postais antigos, destacando os raros para orientar os colecionadores, organizam eventos informativos, feiras para trocas e vendas, e exposições. As editoras tentam conciliar a produção das temáticas tradicionais com os temas da atualidade (celebridades da televisão, do cinema, da música ou da odisseia espacial) e ainda com a procura dos postais da “Idade de Ouro”. (OLIVEIRA, 2013, p. 61-62).

No Brasil, surgem algumas associações de cartofilistas nos anos 1970. Na Bahia, Antonio Marcelino dedicou-se exaustivamente à criação do seu Templo de Postais e estimulou a cartofilia em muitas pessoas que visitavam as exposições que realizou dentro e fora do Estado.

O contexto europeu apresentado por Célia Oliveira (2013) possibilita a compreensão do cenário mundial e brasileiro dos cartões-postais – surgimento, uso e colecionismo – desde 1869 até a década de 1960, quando é realizada a primeira exposição pública de cartões-postais, com “valor” de exposição de arte, pelo colecionador Antonio Marcelino.

O estudo dos cartões-postais como fonte iconográfica tem sido objeto de teses, dissertações e artigos por pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento. Caroline Sotilo (2009) pesquisou os cartões-postais enquanto fonte iconográfica, considerando a relação com a fotografia e a sua popularização, e o seu uso como produto de consumo da massa. Fátima Campello (2009) também analisou o uso dos cartões-postais como fonte na pesquisa histórica, a partir da análise de cartões-postais fotográficos da cidade de Maceió no período de 1903 a 1934.

De acordo com Luzia Ventura⁴⁹, atual coordenadora do Museu Tempostal, há uma grande demanda de solicitações de pesquisa no acervo por parte de pesquisadores de vários locais do país, de diversas áreas, destacando a escassez de publicações disponíveis sobre o assunto e a “dificuldade de obter material informativo” (2014, p. 255).

Em que pese a informação de Luzia Ventura, acima referida, existem informações, inclusive no próprio Museu Tempostal, talvez dispersas, ainda sem sistematização, visto que é uma exigência do museu que o pesquisador assine um termo se comprometendo em fornecer cópias do trabalho ou publicação ao final da pesquisa. Tal procedimento é condição estabelecida para que seja autorizada a consulta direta ao acervo ou aos arquivos históricos e administrativos. Contudo, esses trabalhos não estão acessíveis ao público, sendo também desconhecida uma listagem daqueles resultantes das pesquisas que se encontram depositados no museu.

No Museu Tempostal, por exemplo, há registros nos cartões-postais produzidos pelo colecionador; autógrafos recebidos, que remetem a pessoas com outros registros de conhecimento; há uma minibiografia na exposição; entrevistas e textos em jornais; testemunhos de pessoas da época e alguns trabalhos acadêmicos sobre a coleção que podem, se bem sistematizados, produzir grande compreensão sobre o colecionador e sua forma peculiar de produzir memória topográfica que, no dizer de Bolle (1994), se evidencia quando “lugares e objetos enquanto sinais topográficos tornam-se vasos recipientes de uma história de percepção, da sensibilidade, de formação das emoções” que, no caso em análise, possibilitam tecer mapas afetivos ao convergirem para locais de memória encravados na cidade de Salvador. Antonio Marcelino agiu como um escavador e deixou os fragmentos que metonimicamente podem acionar o todo.

Nesse sentido, tornou-se possível observar que Antonio Marcelino se misturou, se imiscuiu na sua cartofilia, realizando, de certa maneira, uma autobiografia. E é possível considerá-lo como um guardião de memórias, as suas e as da coletividade, dentro de um contexto muito próximo ao que Ângela Gomes (1996) descreve:

O guardião ou o mediador, como também é chamado, tem como função primordial ser um “narrador privilegiado” da história do grupo a que pertence e sobre o qual está autorizado a falar. Ele guarda/possui as “marcas” do passado sobre o qual se remete, tanto porque se torna um ponto de convergência de histórias vividas por muitos outros do grupo (vivos e mortos), quanto porque é o “coleccionador” dos objetos

⁴⁹ Informação obtida em conversa informal durante a visita para levantamento das fontes em setembro de 2014.

materiais que encerram aquela memória. Os “objetos de memória” são eminentemente bens simbólicos que contêm a trajetória e a afetividade do grupo. Sejam documentos, fotos, filmes, móveis, pertences pessoais, etc., tudo tem em comum o fato de dar sentido pleno, de “fazer viver” em termos profundos o próprio grupo. Tais objetos podem ser, assim, um bom exemplo do que Pierre Nora consagrou, em sua metodologia, com a designação de “lugares da memória”. Este acervo, que também inclui, com destaque, relatos preciosamente contados, é a própria identidade do grupo “materializada”: é sua riqueza, poder e emoção.

Os cartões-postais se tornam esses “objetos de memória” e a coleção de Antonio Marcelino uma memória de memórias sobre sua trajetória e sobre a trajetória de tantos outros indivíduos. Reunidos no Museu Tempostal, museu de sonho, acionam lembranças e esquecimentos sobre a Bahia e o Brasil; a memória, nesse caso, será uma revisitação a momentos passados, épicos porque heroicos.

Antonio Marcelino do Nascimento idealizou um museu, o fez acontecer em nove anos, desde a primeira exibição da sua coleção de cartões-postais; projetou sua vida no Museu Tempostal, aproximando-o dos públicos, levando-o a espaços de grande circulação de pessoas, como shopping centers e agências bancárias, cumprindo a função social de disseminar cultura e conhecimentos, extrapolando as paredes de sua casa-museu, como será visto no capítulo a seguir.

2. MUSEU TEMPOSTAL: TEMPLO DE POSTAIS

DATA MUITO SIGNIFICATIVA PARA MIM, DOIS DE SETEMBRO DE 1947, que deixando a minha pacata cidade de Simão Dias Estado de Sergipe pisava em solo baiano depois de uma longa viagem. 50 anos se passaram, hoje comemorando e agradecendo a esta cidade MATER que recebe todos que a procuram, de braço abertos. Ainda adolescente trazia em uma mala além de objetos pessoais, os livros de curso primário, minhas estampinhas do sabonete Eucalol, meus santinhos de catecismo. Finalidade – vindo para Salvador: prosseguir os estudos no nível secundário. No Colégio da Bahia (era Colégio Central), idos de 1952, acompanhando o hábito de muitos colegas que colecionavam chaveiros, caixas de fósforo, flâmulas e outros temas, optei para o lado do cartão postal que eram adquiridos em livrarias, bancas de jornais e pedindo aos colegas e pessoas amigas. Em 1954 por dificuldades financeiras da minha família fui aceito como bedel do Colégio Ipiranga que me ofereceu estudos, casa e comida em troca de trabalho, o que muito agradeço ao Professor Isaias Alves. Como funcionário do Colégio Ipiranga, servindo na secretaria em 1955, quando os alunos e professores tomando conhecimento da minha coleção de cartões postais foram chegando aos poucos até que um certo dia chegava no balcão da Secretaria⁵⁰ com um pacote de cartões postais do período da Belle-époque a estudante ANA ROSA CATALÁ LOUREIRO fiquei encantado com os postais que pertenceram as suas tias Ana e Anita Carvalho duas beldades que inquietavam os corações dos jovens daquela época dentre eles os Balalai, os Pedreiras, os Valente, os Tarquino, os Catharino, os Costa Pinto⁵¹, até os poetas Francisco e Octavio Mangabeira, este último registrava as paixões no verso do cartão Postal – Há uma flor maravilhosa no jardim do coração, hoje viva perfumosa, amanhã triste chorosa, como se chama ilusão!

O que vem ser uma flor? Uma estrela que tem o brilho o aroma!

Outra expressiva doação que é meu dever deixar registrado para sempre. Certa ocasião passando pelo Largo do Mucambinho ouvia gritos pedindo socorro, olhava para todos os lados e não via ninguém até que me aproximando de uma pequena casa⁵² de porta e janela olhei pelo buraco da fechadura e deparei-me com o corpo de uma⁵³ Senhora de idade avançada estendida ao solo – fêmur fraturado⁵⁴. Pedi ajuda a vizinhança⁵⁵ que logo arrombaram a porta e sem delongas os primeiros socorros – duas irmãs [?] sós: Zezé Teixeira e Lily Teixeira (tias de Dr. Altino Teixeira)

Com as visitas e amabilidades para com as duas irmãs, muito bem acolhido. Certo dia observei, em um quadrinho, um cartão postal de uma criança emoldurada, bastou que eu gostasse para que a oferta acontecesse. Com a declaração de que colecionava cartões postais foi o suficiente para que elas declarassem que o irmão Dodó Teixeira era

⁵⁰ No original: Secretari.

⁵¹ No original, foram incluídos à mão os sobrenomes: os Valente, os Tarquino, os Catharino, os Costa Pinto.

⁵² No original, a palavra casa foi incluída à mão.

⁵³ No original: um Senhora.

⁵⁴ No original: fêmur faturado.

⁵⁵ No original: visinhança.

um grande colecionador de todas as temáticas – todos os álbuns⁵⁶ foram a mim oferecidos – Excelente material proporcionando-me a condição de um bom colecionador. Levei muito tempo para separar⁵⁷ a Bahia antiga.

[Fl. 2]

ofereceu-me os seus muito bem cuidados, com uma condição: fazer uma exposição para mostrar ao povo como era Salvador no século⁵⁸ passado com bondes de burro, lampiões de gás⁵⁹, charetas, carregadoras africanas crioulas com seus tabuleiros⁶⁰ pelas ruas vendendo seus quitutes. acarajé, abará, cocadinha, etc. Sinhás e Sinhazinhas com as suas bem vestidas mucamas descendo e subindo ladeiras. De início relutei fazer uma exposição mas a insistência do meu saudoso Isaias Alves era tanta que resolvi montar a Primeira Exposição com o título “BRASIL ANTIGO EM POSTAIS” de 03 de julho a 18 de julho de 1965. Fui muito feliz nesta primeira mostragem. A primeira exposição teve a primeira notícia no Diário de Notícias⁶¹, na coluna de Guido Guerra que anunciava: de Antonio Marcelino do Nascimento, grande colecionador brevemente fará uma⁶² exposição de seus cartões postais, o que aconteceu com a compreensão do Professor Ítalo Gaudenzi que distintamente⁶³ cedeu-me o auditório do seu Ginásio Brasil. Com esta exposição as famílias tradicionais desta cidade abriram seus gavetões, suas arcas, seus baús e de caixas de madeira e de papelão que deles surgiram-se exposições e mais exposições sem parar, chegando a 99ª sob a minha responsabilidade, todas comprovadas através de livro de presença, relatório, etc.

As dificuldades foram muitas para manter um Museu, com dois funcionários e outros compromissos, sozinho, somente com a fé em Deus e em Santo Antonio que [é] o Patrono do Tempostal desde 13 de junho de 1974, quando foi inaugurado no prédio nº 223 na Rua do Sodré.

Desativado dois os três anos por dificuldades para mantê-lo, surgiu, na hora certa, uma proposta da Secretaria⁶⁴ da Cultura e Turismo e da Fundação Cultural do Estado através dos Drs. Paulo Renato Gaudenzi e José Carlos Burity – Negócio Fechado porque confiei e confio na continuação do Museu Tempostal que veio para servir em parte a comunidade, especialmente a CULTURA.

Obrigado Senhor Governador do Estado Dr. Paulo Souto.

Obrigado demais autoridades que aprovaram a transferência do Museu Tempostal para a proteção deste grandioso Estado da Bahia.

Obrigado a todos que direta e indiretamente contribuíram para a ascensão do nosso MUSEU TEMPOSTAL.

Voto de reconhecimento para os primeiros⁶⁵ fotógrafos estrangeiros no Brasil e na Bahia Gaensly e Lindemann, no Rio de Janeiro Marc Ferrez e [?] em [?] em São Paulo Gaensly⁶⁶.

⁵⁶ No original: álbuns.

⁵⁷ No original: esparar, corrigido à mão: separar.

⁵⁸ No original: século.

⁵⁹ No original: lampeões.

⁶⁰ No original: creoulas com seus tabolheiros.

⁶¹ No original: Diário de Notícias.

⁶² No original: brevemente um a exposição, *fará* incluído à mão.

⁶³ No original: distintamen-.

⁶⁴ No original: Secretariada Cultura.

⁶⁵ No original: escrito em numeral (1º).

⁶⁶ Texto escrito à mão na margem esquerda da segunda página.

(ANTONIO MARCELINO DO NASCIMENTO, 05/11/1997. Discurso de inauguração do Museu Tempostal no Pelourinho como instituição pública vinculada à Diretoria de Museus do Estado da Bahia/Funceb/Secult, em 05/11/1997).

O discurso acima transcrito foi proferido por Antonio Marcelino do Nascimento na cerimônia de inauguração do novo Museu Tempostal, no Pelourinho, e marca a concretização do sonho do colecionador. O fim de um ciclo. A consolidação de um projeto de vida iniciado na Rua do Sodré, ainda na década de 1960.

“Concretizar sonho” é uma expressão que sempre esteve presente no discurso do colecionador ao veicular na imprensa o seu desejo de museu dentro dos moldes tradicionais, custeado/apoiado pelo poder público, mas que continuasse sendo o “seu” museu, com as suas escolhas, seu modo de compreender as coleções, para que o seu “Templo de Postais” mantivesse a sua marca. Sua dedicação é reconhecida por todos os que o conheceram e está registrada nas páginas de jornais baianos e brasileiros:

Foi a concretização de uma idéia [*sic*] há muito acalentada e que havia recebido o apoio do grande educador baiano Isaías Alves. **Foi um desafio para o colecionador Marcelino, numa época em que somente se expunham pinturas.** Com a aceitação do público e a cobertura da imprensa, o entusiasmo levou Marcelino a prosseguir avante, mesmo porque muitas famílias baianas que possuíam álbuns de cartões-postais importados fizeram-lhe doações, enriquecendo o seu acervo. (MAGALHÃES, jornal *A Tarde*, 26/04/1992, p. 9) [grifos meus].

Antonio Marcelino solicitou apoio aos órgãos governamentais, exigência da época. Transformou o sonho em projeto de vida, de modo que o tripé “coleccionador-coleção-museu” tornou-se uma extensão do outro; mesclaram-se de tal maneira que um estava contido no outro, indissociáveis.

As trajetórias do Museu Tempostal no Sodré, assim como a de um colecionador “obstinado”, trazem uma inovação na história dos museus, principalmente na Bahia, pois não há registros de processo de formação de museu semelhante em se tratando do perfil do colecionador, como será visto a seguir. O reconhecimento do Tempostal como museu foi uma árdua batalha que Marcelino enfrentou, pois era comum que colecionadores abastados criassem museus ou doassem suas coleções aos museus. Antonio Marcelino vinha na contramão da história.

Marcelino sabia o que queria e aonde queria chegar. Queria que o seu “Templo de Postais” estivesse no circuito turístico de Salvador, com apoio governamental e, obviamente, ele mesmo continuando à frente da administração do museu, como

indicado na proposta de venda do acervo à Fundação Cultural, em 1995⁶⁷. Ele acreditava nesse sonho: dedicou anos, horas de trabalho em prol dessa conquista.

Figura 6 – Inauguração do Museu Tempostal como instituição vinculada à Dimus/Funceb/Secult, em 05/11/1997. À esquerda, ex-secretário de Cultura Paulo Gaudenzi; ao centro, o ex-governador Paulo Souto e Antonio Marcelino, de costas, explicando as imagens



Fonte: Foto de divulgação Agecom (Luciano da Mata). Acervo da *Tribuna da Bahia*.

2.1 Os trajetos de um menino colecionador: entre Sergipe e Bahia

Antonio Marcelino do Nascimento nasceu em 13 de junho de 1929, em Sergipe, na cidade de Anápolis, atual Simão Dias⁶⁸, filho de Maria da Conceição dos Santos e Pedro Roberto do Nascimento. O casal teve oito filhos, mas pouco se sabe sobre os irmãos do colecionador⁶⁹, apenas o nome de três: Maria Lúcia, Maria da Conceição e José Carlos. Por ter nascido no dia de Santo Antônio, Marcelino o adotou como santo da sua devoção, considerando-o seu protetor por toda a vida.

⁶⁷ Correspondência de Antonio Marcelino Nascimento (Salvador, 15/05/1995) endereçada ao diretor-geral da Fundação Cultural do Estado da Bahia, Sr. José Augusto O. G. Burity. Folhas iniciais do processo de venda do acervo nº 3454/95.

⁶⁸ A Freguesia de Sant'Ana de Simão Dias foi elevada à categoria de Município pela Resolução Provincial nº 264, de 15 de março de 1850, com território desmembrado do município de Lagarto. A sede do município recebeu foros de cidade pelo Decreto nº 51, de 12 de junho de 1890. A Lei nº 621, de 25 de outubro de 1912, mudou o nome de Simão Dias para Anápolis e pelo Decreto-Lei Estadual nº 533, de 7 de dezembro de 1944, o município voltou a denominar-se Simão Dias. Fonte: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/sergipe/simaodias.pdf>>. Acesso em 08 dez. 2016.

⁶⁹ Na entrevista que me concedeu, Marcelino informou que o casal teve oito filhos, mas mencionou apenas o nome de três, não informando qual era a sua “posição” na ordem dos filhos, se era o mais velho ou mais novo. Na ocasião do falecimento do pai, disse que era arrimo de família e precisava sustentar “duas irmãs”. Durante a pesquisa, não foi possível esclarecer quantos irmãos eram vivos, suas idades ou em que condições viviam quando Marcelino veio para a Bahia.

Os primeiros anos de vida de Antonio Marcelino coincidiram com um período de mudanças políticas no cenário nacional, em decorrência da Revolução de 1930, repercutindo diretamente nas administrações públicas regionais, pondo fim aos governos dos coronéis. Entretanto, o poder de chefes locais se manteve forte e atuante durante os anos seguintes. Marcelino é fruto do pensamento da sociedade desse período, historicamente dominada pelo sistema oligárquico, em que famílias poderosas da região exerciam influência sobre a população mais pobre. Assim sendo, faz-se necessário contextualizar o período em que o colecionador viveu sua juventude, gérmen dos seus sonhos.

Simão Dias está localizada na região centro-oeste de Sergipe, cidade fronteira com a Bahia, situada no Polígono das Secas, de clima quente e seco, cuja vegetação predominante é a caatinga. A energia elétrica foi lá inaugurada em 1922, sendo a cidade a segunda do interior sergipano a ter luz elétrica (SANTANA, 2009). De acordo com Marcelo Souza (2002), durante décadas, o desenvolvimento econômico da região era voltado para a produção pecuária de engorda. Nas décadas de 1940 e 1950, devido à abundância de couro na região, o município viveu um período áureo tanto econômico quanto cultural, proporcionado pelo desenvolvimento manufatureiro, estimulando a produção de celas nos curtumes da cidade e calçados nas pequenas fábricas, favorecendo o ofício de sapateiro. Nesse período, havia também as alfaiatarias, quatro grandes, que empregavam aproximadamente 32 funcionários.

Segundo Cláudia Santana (2009), Simão Dias tornou-se uma das cidades mais importantes do Estado até fins da década de 1960. Em sua pesquisa, ela apresenta o perfil sociocultural da cidade de fins do século XIX à primeira metade do século XX, para explicar como as diversidades culturais exerceram influência no campo educacional nos anos seguintes ao declínio econômico local vivido a partir do final da década de 1960. De acordo com sua pesquisa, nos primeiros decênios do século XX, o povo simãoense teve uma vida cultural bastante ativa e até com toques de sofisticação. As festividades à padroeira Senhora Santana, no mês de julho, eram o principal evento cultural da cidade, marcado por bailes familiares que aconteciam tanto nas residências das famílias abastadas quanto em clubes. Havia declamações de poemas e cânticos acompanhados por regionais, reunindo famílias da elite intelectual e econômica.

Até 1958, a educação em Simão Dias era limitada ao ensino primário, realidade comum no interior do país no século XX, principalmente nas regiões Norte e Nordeste. Em 1925, o governo do Estado inaugurou o Grupo Escolar Fausto Cardoso (GEFC), que

incorporou as dez escolas isoladas que existiam na cidade e na zona rural, tornando-se uma escola-modelo, referência para instituições educacionais da circunvizinhança (OLIVEIRA, 2016). De acordo com Cláudia Santana (2009), as práticas educativas do GEFC não ficavam restritas ao ambiente escolar. Realizavam-se eventos artístico-culturais fora da instituição, principalmente no Cine-Ipiranga, a exemplo do “Festival de Artes” e no encerramento do ano letivo, importante evento social para alunos e familiares, também apontado por Vânia Souza (2016). De acordo com as autoras, os melhores alunos eram premiados; havia a leitura das notas, orações, exposições orais e de trabalhos manuais, momento esperado pelas famílias para conhecer o desempenho dos seus filhos. O ponto alto da festa de fim de ano eram as formaturas do curso primário, ao final do quarto ano, organizadas seguindo a mesma formalidade das formaturas de nível superior: discursos do orador da turma e do paraninfo; a oração; e por fim a entrega do diploma aos formandos, acompanhados por seus padrinhos. Segundo Roselusia Oliveira (2016), era o momento de colocar os alunos e suas produções em uma “vitrine”, para serem vistos e admirados.

Esse rito de passagem, celebrado pela formatura, simbolizava o fim dos estudos para a maioria dos jovens pobres em idade escolar, pois a cidade não dispunha de escolas de nível secundário (ginásio e ensino médio). Vânia Souza (2016) destaca que em 1947 só existiam duas escolas primárias na cidade, “o Grupo Escolar Fausto Cardoso, mantido pelo Estado, e a Escolas Reunidas Augusto Maynard, mantidas pelo poder público municipal”. Assim sendo, as condições econômicas determinavam o destino dos recém-formados. Para continuar os estudos, era necessário sair da cidade com destino a Aracaju ou outros Estados (Bahia e Pernambuco), àqueles com condições financeiras para custear as despesas referentes aos estudos e moradia ou tentar bolsas de estudo e viver em internatos. Aos que ficavam, sem perspectiva da implantação de instituições de ensino secundário, a opção era aprender os ofícios que movimentavam a economia local ou ir trabalhar no campo.

De acordo com Harildo Déda⁷⁰, a Bahia era escolhida pela maioria das pessoas devido à relevância do Estado e Salvador era a referência de capital em vários aspectos. Se havia condições de mandar um filho para estudar fora, optar entre Aracaju e

⁷⁰ Harildo Esteves Déda, ator, diretor e professor aposentado da Escola de Teatro da UFBA, nascido em Simão Dias em 1939. Concluiu o estudo primário na cidade, conquistou bolsa de estudos para ser interno do Colégio Dois de Julho, mudou-se para Salvador aos 12 anos. Seu irmão, mais velho, mudou-se para Salvador na mesma época em que Antonio Marcelino. Informações obtidas em conversa informal com o professor em outubro de 2016.

Salvador, a capital baiana era a escolhida. Ir estudar na Bahia, entenda-se Salvador, era sinônimo de *status*.

A família de Antonio Marcelino vivia na zona rural de Simão Dias. A mãe era dona de casa, o pai trabalhava na lavoura e também num curtume. Tinham uma vida modesta, sem luxo em sua residência: na sala, um sofá, cadeiras simples, mesinha de centro; nos quartos, camas patentes (VIEIRA, 1988)⁷¹. Seus pais eram semianalfabetos; em sua casa não tinha jornais, revistas ou livros, não havia incentivo à leitura.

Tonho, como era conhecido na infância, desde muito cedo demonstrou interesse pela leitura, pelo “conhecimento”. Costumava dizer que nasceu “predestinado” ao colecionismo e à cultura. Na entrevista que me concedeu em 2006, ele relatou que enquanto as outras crianças se interessavam por brincadeiras comuns à idade, ele procurava as mães de seus amigos ricos para pedir jornais, revistas, livros antigos, para ler e fazer seus recortes (Figura 7), pois essas famílias possuíam condições financeiras para adquirirem tais publicações. Tonho era um menino falante, interessado em instruir-se; chamava atenção dos mais velhos, seus professores e pais dos colegas. Ele não tinha noção do que era colecionar, mas já reunia um conjunto de objetos de valor afetivo e registros de sua época. Criava seus álbuns sobre artistas de cinema, retirando de revistas e jornais as fotografias dos seus ídolos – Shirley Temple, Tom Mix, entre outros – e personagens como Tarzan.

Outra preferência do menino Tonho eram os autógrafos que via nos periódicos e retratos de nomes da história mundial e nacional, como Shakespeare, Leonardo da Vinci, Tomé de Souza, Castelo Branco, Ruy Barbosa, Castro Alves, entre outros. A partir do material coletado, ele recortava o que lhe chamava atenção – um autógrafo de Tomé de Souza, uma reprodução da Monalisa, a cadeira de Camilo Castelo Branco, personagens da história etc. – colava em papel e fazia o próprio cartão (Figura 7). Esse era o seu passatempo. Marcelino passava horas entretido com as descobertas que as publicações lhe proporcionavam. Considerava o conjunto produzido um tesouro.

Setenta anos depois, ainda guardava suas colagens, que ele chamava “primeiros contatos meus da intelectualidade”:

[...] eu ia para as portas dos amigos ricos que tinham jornais, tinham revistas. Então as mães deles, minhas amigas, Dona Clarita Santana, Dona Otaviana Odília da Silveira; os professores, meu padrinho Cícero Guerra e todos... Então eles me davam aquelas revistas. [...] eu já tinha um interesse de fazer isto com idade de 13 a 14 anos. [...] aqui

⁷¹ *Jornal da Bahia*, 12/07/1988.

é um autógrafo de Tomé de Souza, isso eu vi criança, fazendo colagem. Isto aqui, já é outra personalidade, lá também... Olhe, minhas colagens, e tudo que eu gostava, eu colava e em papel mesmo fazia o cartão. [...] A cadeira de Camilo Castelo Branco. [...] aqui uma Torre, uma das sete maravilhas do mundo [...] aqui tem Romeu e Julieta com cartão postal [...] Pra você ver, isso as minhas primeiras colagens⁷².

Figura 7 – Cartões produzidos por Marcelino na infância. Residência de Antonio Marcelino do Nascimento, Salvador-BA, 2006



Fonte: Acervo da autora.

Marcelino absorveu o pensamento oligárquico da época. Ele não contestava o sistema existente que estabelecia a hierarquia econômica na sociedade, aceitava as divisões de classe. Contudo, não estava satisfeito com sua realidade. Sempre teve por objetivo “ascender”, procurando estar próximo das pessoas que de alguma forma poderiam contribuir para seu intento.

A estratégia utilizada por Tonho para mudar sua realidade e desfrutar daquilo que os ricos dispunham foi conviver com aquelas pessoas, frequentando suas residências; e inserindo-se no seio da Igreja Católica, passando a auxiliar nas missas como coroinha, convivendo com o conforto da casa paroquial, onde fazia as refeições após as missas diárias, utilizando talheres de prata e desfrutando de um rico café da manhã com alimentos como leite, bolos, pão com manteiga, queijos, ovos fritos etc. Fartura que não encontrava em casa. Na casa dos amigos e colegas do GEFC, ficava encantado com os objetos decorativos como biscuits, porcelanas, pratarias e mobiliário.

Como Simão Dias não dispunha de ensino secundário e seus pais não tinham condições de custear seus estudos fora da cidade, Antonio Marcelino seguiu a mesma sina dos jovens pobres após a formatura do ensino primário: aprender um ofício e

⁷² Entrevista que realizei com Antonio Marcelino do Nascimento em 31/10/2006.

trabalhar. Quis ser sapateiro, trabalhar em uma das fábricas de calçados, mas sua mãe não permitiu⁷³.

Como todo jovem, Antonio Marcelino gostava de estar “bem vestido”, frequentar teatro e cinema. As condições financeiras não eram favoráveis, mas ele não esmorecia. Para custear seus desejos, trabalhou como aprendiz de alfaiate de Sr. Sinézio Jacó, um homem de pouco estudo, mas que possuía grande conhecimento – estudou até a 4ª série primária numa escola rural – “a leitura dele era Basílio Catalá Castro, era Gerônimo Gueilos, da Academia Sergipana de Letras; Rui Barbosa... Era um povo assim. Não eram todos, mas quem não tinha condições de ler (que havia muito analfabeto)” (RIBEIRO *apud* OLIVEIRA, 2016). Segundo Vânia Souza (2016), os que não tinham condições de continuar os estudos “consolidavam seus conhecimentos de modo autônomo”. Nesse sentido, percebe-se que o ambiente vivido por Marcelino na adolescência e juventude de algum modo contribuiu para seu desejo de colecionar conhecimento. Os saberes que o circundavam contribuíram para torná-lo um pesquisador.

As recordações da infância foram as sementes que Antonio Marcelino levou na mala para a Bahia. Muitas delas foram guardadas até o fim da vida como um tesouro, embaladas todas juntas, amarradas por um barbante com a identificação VALIOSOS escrita num papel branco com letras vermelhas (Figura 8):

Figura 8 – Acervo de livros “VALIOSOS” da adolescência de Antonio Marcelino, 2006



Fonte: Foto da Autora.

⁷³ De acordo com Gustavo Vieira. *Jornal da Bahia*, 12/07/1988.

Baseada na definição de objetos biográficos estabelecida por Violette Morin, como aqueles que “envelhecem com o seu possuidor e se incorporam à sua vida”, Ecléa Bosi (2003, p. 26) tece uma reflexão acerca dos objetos que acompanham o indivíduo por toda a vida: “as coisas que modelamos durante anos resistiram a nós com sua alteridade e tomaram algo do que fomos”. Portanto, essas “recordações da infância” de Marcelino podem ser classificadas na categoria dos objetos biográficos.

De acordo com Werner Muensterberger (*apud* OLIVEIRA, 2013), para compreender o processo de colecionismo faz-se necessário conhecer a infância do colecionador, como apontado por Célia Oliveira (2013, p. 45):

Considera que o colecionismo está associado aos afetos e que a sua ausência constitui a primeira motivação para a busca de objetos compensadores, que permitem a recuperação do equilíbrio e autoestima da pessoa. No caso das crianças, sentimentos de vulnerabilidade, solidão e ansiedade podem ser temporariamente controlados mediante a adoção de objetos que proporcionam conforto e estão sempre presentes nas suas vidas. É neste contexto que defende a relevância do conhecimento da infância do colecionador, uma vez que considera como facto provado que as primeiras experiências modelam o colecionador na idade adulta, sobretudo no que diz respeito às suas motivações e preferências.

Essas memórias e desejos da infância foram levados por Marcelino para Salvador em sua bagagem, influenciando suas aquisições na vida adulta. Em sua “residência-museu”, havia muitos objetos e mobiliário que representavam essa memória. As coleções de objetos que formou ao longo da vida, como as de biscuits, frascos de perfumes, miniaturas, objetos de prata, entre outros, são exemplo disso. Tonho sempre esteve vivo em Antonio Marcelino.

2.2 A Bahia e o Mestre Isaías Alves

Antonio Marcelino chegou à capital baiana em 02 de setembro de 1947, aos 18 anos, para continuar os estudos. Não há informações sobre as condições financeiras que custeassem suas despesas durante os estudos secundários em Salvador. Entretanto, considerando os contextos familiar e local, anteriormente descritos, acredita-se que o jovem tenha conquistado bolsa de estudos e vaga como interno para cursar o ginásio no Instituto Baiano de Ensino, tradicional colégio particular de Salvador, dirigido pelo professor Hugo Balthazar da Silveira.

Em 1952, Marcelino foi estudar no Colégio da Bahia (atual Colégio Central) para cursar o ensino médio. O caminho trilhado por ele foi o mesmo de muitos jovens da época, tendo como objetivo final cursar Direito na Universidade Federal da Bahia – alguns deles tornaram-se conceituados intelectuais, a exemplo dos professores Milton Santos e Waldir Freitas Oliveira, que estudaram nessas mesmas instituições.

Antonio Marcelino também pretendia cursar Direito, mas o falecimento de seu pai, em 1954, o fez desistir dos estudos, pois precisou trabalhar para sustentar a mãe e duas irmãs. Ingressou no serviço público desde o primeiro emprego, no Departamento de Saneamento do Estado da Bahia⁷⁴, num edifício no início da Ladeira de São Bento. Porém, o salário era insuficiente para manter a família. Não foram identificadas mais informações sobre as circunstâncias que favoreceram sua contratação, se por meio de seleção ou por indicação.

Marcelino contou com pessoas que o incentivaram no seu aprendizado. Em busca de uma solução para a interrupção dos estudos, um amigo o levou até o professor Isaías Alves⁷⁵, que se impressionou com o jovem falante, concedendo-lhe uma vaga de aluno interno do Colégio Ipiranga, passando ele a lá morar⁷⁶, com direito às refeições, em troca da prestação de serviços como bedel⁷⁷ na secretaria. Concluiu o antigo 2º grau nesta instituição. Prestou vestibular para Direito, mas não obteve êxito.

Durante sua permanência no Colégio Ipiranga, Marcelino conciliou as atividades como bedel, os estudos e o trabalho no serviço público estadual. Em 1963, foi colocado à disposição da Universidade Federal da Bahia por dois anos⁷⁸ e, posteriormente, integrado ao quadro de pessoal Universidade como escriturário⁷⁹, em 1969.

Em sua trajetória em Salvador, três pessoas que foram determinantes nos caminhos que trilhou, podendo ser considerados seus padrinhos na Bahia: Isaías Alves, Ítalo Gaudenzi e Nilda Spencer – todos conectados pelo fio da educação e da cultura.

⁷⁴ Órgão vinculado à Secretaria da Viação e Obras Públicas, extinto em 1961, transformado em Departamento de Engenharia Sanitária do Estado da Bahia.

⁷⁵ Isaías Alves de Almeida (29-08-1888 – 20-01-1968), educador baiano, bacharel em Direito, idealizador e fundador da Faculdade de Filosofia da Bahia, em 1941, integrada à Universidade Federal da Bahia em 1950. (ROCHA, 2010).

⁷⁶ Sabe-se que Antonio Marcelino residiu na Rua do Sodré desde que foi aceito como aluno interno do Colégio Ipiranga, mas não foram encontradas informações sobre as condições de moradia em Salvador desde a sua chegada, em setembro de 1947.

⁷⁷ Chefe de disciplina em escolas.

⁷⁸ Sobre a trajetória profissional de Antonio Marcelino, sabe-se muito pouco. Após uma busca exaustiva no Arquivo Geral da UFBA, realizada pela equipe da Coordenação de Arquivo e Documentação (CAD), o único documento encontrado e disponível para consulta é um documento emitido pelo Governo do Estado da Bahia em 28/06/1963 colocando-o à disposição da UFBA.

⁷⁹ Decreto nº 65.196, de 19/09/1969, publicado no Diário Oficial da União de 30/09/1969.

Quando Isaías Alves viabilizou a continuidade dos estudos de Antonio Marcelino, assegurando-lhe moradia, não poderia imaginar o quanto modificaria o destino daquele jovem. Muito mais do que assegurar moradia e alimentação, nutriu com o seu “saber” o jovem colecionador de conhecimento, que tinha sede e fome de aprendizado. Tornaram-se mestre e pupilo.

O intelectual baiano não apenas ofereceu estadia na instituição, como proporcionou ao jovem uma convivência direta com ele, certamente abrindo-lhe outras janelas intelectuais, uma sólida formação em diversas áreas, mantendo vivo o espírito curioso que nunca lhe abandonou.

Marcelino tornou-se secretário pessoal do intelectual baiano. Mudou-se para a “Casa das Judias⁸⁰”, em frente ao Colégio Ipiranga, onde o professor mantinha seu gabinete. Datilografou o último livro do “mestre”, *Matas do Sertão de Baixo*, publicado em 1971:

Eu fui secretário particular de doutor Isaías Alves, datilografava... O último livro publicado por ele, “Os Sertões da Bahia”, que era referente à Santo Antonio de Jesus, a terra dele. Aí ele achou que eu devia trabalhar com ele, no gabinete dele; aí eu fiquei morando no gabinete, na “Casa das Judias”, em frente ao Colégio Ipiranga [...] ali fiquei uma temporada⁸¹.

Em documento⁸² encontrado nos arquivos do Museu Tempostal, é possível perceber como se dava a relação de mestre-discípulo com o professor Isaías Alves em momentos de aprendizado diário:

O inesquecível Isaías Alves, que, já enfermo, me transmitia seus conhecimentos, dando aulas sôbre [*sic*] a Bahia Antiga, descrevendo minunciosamente, a imagem de Salvador Antiga, sôbre [*sic*] pedaços de papel cujos rascunhos ainda os guardo carinhosamente. (ANTONIO MARCELINO, carta, 13/09/1971).

Como visto na declaração acima, Marcelino guardava consigo diversas recordações do “mestre”, lembranças tangíveis e intangíveis, como me apresentou durante a entrevista (Figura 9):

Aqui é interessante! “Amostra do primeiro petróleo que jorrou no pequeno Vale do Lobato de cor verde fino em 1938. Lembrança de Landulfo Alves de Almeida ao seu irmão Isaías Alves de Almeida”. A

⁸⁰ O poeta Castro Alves morou no casarão onde Colégio Ipiranga foi instalado, em frente à sua residência moravam três judias, que impressionaram o poeta.

⁸¹ Entrevista que realizei com Antonio Marcelino do Nascimento em 31-10-2006.

⁸² Carta de Marcelino datilografada e assinada, sem destinatário, intitulada “prezado e respeitável mestre” – o colecionador se desculpa com o “mestre” por trechos publicados na reportagem da Tribuna da Bahia de 13/09/1971. Documento consultado no Museu Tempostal em setembro/2016.

mim ofertada por Dr. Isaías. Aí eu lhe mostro o primeiro Petróleo que jorrou no Lobato. Landulfo ofereceu ao Dr. Isaías Alves e o Dr. Isaías Alves me ofertou. “Amostra do primeiro Petróleo do Posto Pioneiro do Lobato. Oferta a mim do Dr. Isaías Alves”. Tá aqui guardado como Dr. Isaías Alves me ofereceu. Agora, isto aqui quem escreveu fui eu. Mas eu recebi nesta caixa de madeira. É importantíssimo! Ter um material desse é importante⁸³.

Figura 9 – “Amostra do primeiro petróleo que jorrou no pequeno Vale do Lobato de cor verde fino em 1938. Lembrança de Landulfo Alves de Almeida ao seu irmão Isaías Alves de Almeida”



Fonte: Acervo de Antonio Marcelino do Nascimento, 2006. Foto: Tatiana Almeida, 2006.

Após receber a significativa doação das irmãs Teixeira, Maria José Soares Teixeira (Zezé) e Lili Teixeira, Marcelino mostrou ao mestre o conjunto recebido, que muito o incentivou a exibi-los em uma exposição:

Aí Doutor Isaías Alves disse: “Ah, tem que fazer uma exposição urgente para mostrar como era a Bahia Antiga!”.

Porque onde hoje está o Relógio de São Pedro era uma igreja que tomava toda aquela área, chamava Igreja de São Pedro Velho, tanto assim que ainda hoje ali se chama São Pedro; onde tinha a Faculdade de Engenharia e hoje é o edifício Fundação Politécnica.

Aí eu disse comigo: “Como é que eu vou fazer uma exposição?”. Quando eu vou visitar uma exposição de Carlos Bastos⁸⁴, as coisas lindas daquelas! Uma exposição de Carybé! Como é que eu vou expor cartões postais?

Aí eu disse comigo: “Isso é uma frescura! Eu expor cartões postais” – eu dizendo a mim, não disse a ele não! Ah, mas faça, tem que fazer, e eu fiz!⁸⁵.

De acordo as informações obtidas com os entrevistados e o depoimento de Antonio Marcelino, é possível concluir que o “mestre Isaías Alves” não compareceu às

⁸³ Entrevista que realizei com Antonio Marcelino do Nascimento em 31/10/2006.

⁸⁴ Carlos Bastos (1925-2004) – pintor, ilustrador, cenógrafo baiano, que se destacou no cenário artístico brasileiro a partir da década de 1940.

⁸⁵ Entrevista que realizei com Antonio Marcelino do Nascimento em 31/10/2006.

exposições (1965 e 1966), devido à fragilidade da sua saúde. Mas os outros dois padrinhos, Ítalo Gaudenzi e Nilda Spencer, acompanharam os momentos iniciais e os anos seguintes da trajetória do colecionador.

2.3 O secretário da Escola de Teatro da UFBA

Antonio Marcelino foi colocado à disposição da “Universidade da Bahia” em 1963, conforme documento emitido pelo Palácio do Governo do Estado da Bahia, assinado pelo governador Antônio Lomanto Junior em 28/06/1963. Acredita-se que tenha iniciado suas atividades na Escola de Teatro, durante a gestão da professora e atriz Nilda Spencer como diretora da unidade (1961-1965). Nilda Spencer amadrinhou Marcelino no acesso à alta sociedade baiana e certamente à imprensa, pois, além de atriz e professora, também assinava uma coluna diária sobre teatro (1969-200) no jornal *Tribuna da Bahia*. Em uma das fotos encontrada nos arquivos do periódico, é possível perceber a presença de uma mulher o acompanhando nos bastidores da entrevista – possivelmente, era a “madrinha”.

Nilda Spencer estava presente na maioria, se não em todas, as exposições realizadas pelo pupilo, como pode ser verificado nos livros de presenças dos eventos. Nos três momentos que Marcelino elegeu como especiais em sua vida (Figura 2), Nilda Spencer esteve presente. Colaborou na realização da 1ª exposição, em 1965, que resultou no projeto de vida de Marcelino: criar o Museu Templo dos Postais.

Antonio Marcelino era considerado um servidor eficiente e rigoroso. Gostava de tudo muito certo e organizado, de acordo com o depoimento dos entrevistados. Jeferson Bacelar – pesquisador no Centro de Estudos Afro-Orientais da UFBA, ex-aluno da Faculdade de Teatro – recordou:

Conheci Marcelino nos finais da década de [19]60. Eu era aluno da Escola de Teatro, devia ser [19]69 mais ou menos, momento de muita ebulição no país, seja do ponto de vista político, seja do ponto de vista cultural; era um momento muito rico. [...] Marcelino era um secretário muito sério. Ele usava uma peruca, e nós brincávamos com ele: “Vamos tirar essa peruca!” e Marcelino: “Me respeitem! Eu sou um homem sério. Eu não gosto de brincadeiras, sobretudo com alunos”. Mas ao mesmo tempo era amável, conversava conosco quando nós queríamos conversar alguma coisa com ele. Era um homem que se percebia que tinha uma formação para além dessa condição de secretário. Se percebia que não era um simples secretário. Não aquele atendente de telefone, não era isso. O secretário anteriormente na universidade, isso eu vi na Faculdade de Filosofia, era uma pessoa que, por exemplo, as cadernetas, você tinha que pegar as cadernetas na

secretaria e devolver. [...] Esses secretários eram pessoas que tinham uma função que, eu diria, seria hoje, um gerente. Era a pessoa que cuidava de tudo, se houvesse um problema na escola, se houvesse um problema de luz, era uma pessoa que cuidava de tudo. E Marcelino me parecia uma pessoa que atendia inteiramente esses requisitos, e as pessoas o respeitavam muito. Nunca chegaríamos a ser amigos, porque se percebe pela idade dele, eu deveria ter 19 anos, se ele nasceu em [19]29, já era um homem de 40 anos. Uma simpatia de pessoa, gostava muito dele. (BACELAR, entrevista, 22/12/2016).

Lia Robatto – coreógrafa, professora aposentada dos cursos de Dança e Teatro da UFBA – o conheceu quando passou a ensinar na Escola de Teatro:

Antes de eu saber que Marcelino era colecionador, eu conheci ele como o secretário da Escola de Teatro. [...] Eu era da Escola de Dança, pedi transferência pra Escola de Teatro, não me lembro em que ano [...] Então já encontrei Marcelino lá. Eu frequentava a Escola de Teatro desde sempre, desde que ela foi inaugurada, fundada... [...] Mas Marcelino eu vim conhecer quando eu fui dar aula na Escola de Teatro [...] Ele sempre um fiel secretário eficiente, é quem conhecia tudo, sabia de tudo da Escola. Aos poucos ele foi se aproximando de mim e daí me contou da paixão dele, particular, fora da Escola de Teatro, dessa paixão que ele tinha pela coleção de postais [...]

Marcelino era um rapaz muito agitado, pequenininho, baixinho. A gente dava risada porque ele usava uma peruca muito feia, muito mal feita, e todo mundo ficava brincando “como será a careca dele?”, nunca assumiu. [...] Ali no meio de teatro todo mundo tirava a máscara. O ator, assim como ele coloca a máscara, também tira a máscara. E ele não tirava a máscara, não tirava a peruca... E era uma pessoa um tanto nervosa, agitada, pequenininho, rápido. Muito ciente das suas obrigações. E muito reacionário politicamente. Um cara que eu tenho a impressão que aceitava a ditadura que a gente estava vivendo, sem maiores questionamentos, queria que se respeitasse... Imagine, ele queria colocar uma ordem numa escola de arte onde a desordem impera, faz parte do processo criativo [...] aquilo eu acho que deixava ele doente. Porque ele queria tudo muito certinho, nos conformes. Eu lembro que havia um certo conflito entre o desejo dele de uma disciplina, de um comportamento mais “careta” e o ambiente que ele caiu. Mas ele findava gostando de todo mundo, era amigo de todo mundo. [...] Eu lembro muito da presença de Nilda Spencer nesse período. Uma pessoa super livre, oposta; o oposto de Marcelino. Eram muito amigos. Isso que era bonito de Marcelino, ele se afeiçoava a todo mundo. Ele era muito querido por todos. A gente brincava carinhosamente com esse lado mais careta dele... (ROBATTO, entrevista, 21/12/2016).

O resultado da eficiência e organização no ambiente de trabalho é atestado por pesquisadores que buscam os arquivos sobre a Escola de Teatro da UFBA, anos após a sua aposentadoria, como relata Jussilene Santana (2011):

Diferentes depoimentos atestam que Martim Gonçalves organizou um vasto arquivo de recortes de jornal sobre a Escola de Teatro que, à época, ficava disponível para consulta na biblioteca da unidade. Ainda hoje nesse setor existem duas pastas de recortes, organizadas, pelo menos da forma como se apresentam, na época do então secretário Antônio Marcelino do Nascimento. As pastas reúnem matérias sobre a Escola, seus alunos e sobre teatro no Brasil retiradas de diferentes jornais e revistas da Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo. (SANTANA, 2011, p. 31).

Tais arquivos de recortes de jornais, conforme descrito pela pesquisadora, se assemelham aos recortes reunidos nos *clippings* consultados no Museu Temporal (2014, 2016).

Nilda Spencer o considerava seu “perpétuo” secretário, como declarou em sua coluna de Teatro, ao noticiar a exposição “Mundo em Postais” no foyer do Teatro Castro Alves, realizada no período de 25/07 a 03/08/1972.

A função de secretário também foi desempenhada no Ginásio Brasil, no turno da noite⁸⁶, assessorando o professor, diretor e proprietário Ítalo Gaudenzi, como relatou Paulo Gaudenzi – filho do educador e ex-secretário de Cultura do Estado da Bahia:

Antônio Marcelino era uma pessoa extremamente interessante. Era uma pessoa estudiosa. Era um homem dedicado a tudo que fazia, dentro da sua função na Escola de Teatro, onde foi secretário por muitos e muitos anos; também trabalhou com meu pai, como eu já disse, no colégio que meu pai tinha e também ele era o secretário do colégio. Tinha um profundo conhecimento da legislação, das coisas da educação, tanto da área universitária tanto da área secundarista, e ajudou muito meu pai com seu trabalho extraordinário e como eu disse, dedicado!

[...] Então esse homem era isso, ele era um cara que tinha amor à cultura e uma pessoa boa, do bem. Marcelino era um cara dedicado a todos. [...] E daí veio essa amizade, ele foi trabalhar com meu pai. Ele tinha o turno da noite que podia fazer alguma coisa, e ficou conosco, com meu pai, décadas trabalhando. (GAUDENZI, entrevista à pesquisadora, 21/12/2016).

Os professores também reconheciam a competência e a organização de Antonio Marcelino nas atividades da secretaria, de acordo com a professora Denice Victória de Brito, que lecionou matemática no Ginásio, em conversa informal sobre o período que trabalhou na instituição; como também o professor Villares, em entrevista à aluna Vera, para o jornalzinho do Ginásio Brasil, *Ouro* (nº 1, 1972), cuja circulação era limitada ao interior da instituição. O exemplar era uma cópia mimeografada em que a pergunta e

⁸⁶ Trabalhava como secretário nas duas instituições: na Escola de Teatro da UFBA durante o dia e no Ginásio Brasil à noite.

resposta referentes ao “secretário” estão circuladas por caneta esferográfica na cor vermelha: “P – Que acha do Sr. Marcelino? R – Para mim, êle [*sic*] é muito inteligente e competente. É muito organizado no fichário dos alunos”. Paulo Roberto Conde Madureira, servidor da Funceb, também recordou a presteza e cordialidade de Antonio Marcelino no atendimento aos alunos do colégio quando buscou orientações na secretaria para ingressar na instituição, no ensino médio.

A função pública que desempenhava na UFBA, “secretário da Escola de Teatro”, era sempre mencionada após o seu nome, nas notícias da imprensa, e o “qualificava”, denotando sua posição social e acadêmica – sem diploma universitário –, um exemplo notório do que Bourdieu (2008) qualifica de “objetivação” ao tratar dos “modos de dominação”. Ao mesmo tempo, tal cargo lhe conferia um “título” de confiável, garantindo sua “idoneidade”, lhe atribuindo a condição de “alguém” que poderia ser recebido por autoridades e notáveis da sociedade baiana.

2.4 Postais no Templo das Musas

O sonho de criar um museu surgiu em 1965, logo após a primeira exposição, em virtude da aceitação do público, que aprovou a proposta de uma exposição composta apenas por cartões-postais, até então inédita na cidade, e, principalmente, demonstrou interesse em ver preservada a memória do período colonial do Brasil e da Bahia, primeira sede do governo português no país. Cidade-mãe, guardiã das primeiras edificações do período, símbolo de poder da Coroa lusitana. A coleção de Antonio Marcelino representava, por meio das suas imagens, o pensamento da elite local, “um discurso da baianidade” (MACIEL, 2015), legitimado “a partir da valorização de uma determinada memória da cidade transformada pelo poder público e privado em patrimônio simbólico identitário⁸⁷” (idem, p. 6).

⁸⁷ Em sua tese de doutorado, *Carybé e a legitimação de um discurso da baianidade na integração das artes em Salvador*, Neila Maciel (2015) buscou compreender “o modo como uma ideologia do moderno se legitimou na capital do estado” entre as décadas de 1950 e 1970, por meio do estudo das “obras de arte integradas à arquitetura moderna da capital baiana, concentrando-se na relação entre alguns princípios construtivos e estéticos desta arquitetura, variáveis em suas aplicações, e os painéis e murais do artista plástico Carybé, nos quais a cidade aparece num recorte temático muito definido, majoritariamente a partir do uso de tradições e vivências de matriz afro-brasileira, além de estar calcada na busca de uma memória tradicional/colonial, rememorando recortes de um passado, embora, ao mesmo tempo, Salvador se pretendesse moderna e em pleno surto de desenvolvimento econômico e aplicação de novas tecnologias de construção e urbanismo”. Trata-se, portanto, de um estudo aprofundado sobre economia, política, cultura e arte em Salvador na segunda metade do século XX, possibilitando ao leitor uma ampla compreensão sobre a construção e legitimação da “baianidade”.

Incentivado pelo mestre Isaías Alves, Marcelino realizou a primeira exposição de cartões-postais da Bahia, no auditório do Ginásio Brasil, no período de 03 a 18/07/1965. “Brasil Antigo em Postais” foi a primeira mostra pública da sua coleção, na qual foram exibidos 700 exemplares⁸⁸. O apoio de Ítalo Gaudenzi⁸⁹, proprietário do colégio, foi fundamental para a realização do projeto, ao ceder o auditório para que lá fosse feita a exposição:

Nessa época ele não trabalhava com meu pai. Mas ele estava em dificuldade de achar um lugar para fazer exposição, foi lá, procurou meu pai, daí fez amizade, meu pai abriu as portas do colégio. O colégio tinha um grande auditório, e lá nesse auditório ele montou essa exposição por algum tempo. E teve ajuda, claro, do colégio. Foi o primeiro espaço aberto para ele expor o Tempostal. [...] o colégio entrou de férias, por causa do São João, e ele ficou lá um tempão. (PAULO GAUDENZI, entrevista, 21/12/2016).

Cabe ressaltar que o Ginásio Brasil estava localizado na Piedade, centro de Salvador⁹⁰ – região onde ainda predominavam as classes alta e média nas décadas de 1960 e 1970; onde também estavam concentradas as atividades culturais da cidade, teatros, cinemas, museus e galerias de arte. Como visto anteriormente, na ocasião, Marcelino já trabalhava na UFBA como secretário da Escola de Teatro e Nilda Spencer ocupava o cargo de diretora.

O colecionador enviou convite para intelectuais, para a imprensa e autoridades. Marcelino preparou o “Livro nº 1” para registrar as visitas à exposição, conforme termo de abertura:

“Térmo [*sic*] de abertura”

Servirá o presente livro, contendo cinquenta 50 fôlhas [*sic*] numeradas e rubricadas para assinatura de visitas à 1ª exposição de “Postais Antigos” realizada no Ginásio Brasil, no período de 3 a 18 de julho de 1965. Cidade de Salvador – Bahia, 3 de julho de 1965.

Antônio Marcelino do Nascimento

No livro de visitantes, constam 102 assinaturas na noite de abertura. A primeira a assinar foi a bandeirante Iara Sena Santos. Também estiveram presentes

⁸⁸ Fonte: quantitativo informado em entrevista publicada na seção “Comportamento” da revista *Veja*, n. 199, 28 jun. 1972, p. 29.

⁸⁹ Ítalo Giacomo Gaudenzi (1911-1992), professor, diretor em instituições de ensino em Feira de Santana e Salvador. Proprietário do Ginásio Brasil. Membro do Conselho Regional da Bahia da União dos Escoteiros do Brasil. Fonte: <<http://www.al.ba.gov.br/deputados/Titulos%ADInterna.php?id=179>>. Acesso em: 16 jan. 2017. A vinculação de Ítalo Gaudenzi com os Escoteiros do Brasil indica a presença das Bandeirantes nas aberturas das exposições realizadas por Marcelino em 1965 e 1966, conforme registro no livro de visitantes.

⁹⁰ Perímetro urbano que compreendia ruas e avenidas que iam do bairro de Nazaré à Barra, incluindo o centro histórico de Salvador.

representantes da imprensa local – *Diário de Notícias* (19^a), Rádio Cultura (27^a) e Alexis Augusto; Eduardo Mamede (39^a assinatura) – secretário de Educação do Estado – “representando o Sr. Governador do Estado” Lomanto Júnior; Estácio de Lima; Gumercindo Rocha Dorea – superintendente de Turismo da Cidade de Salvador (1964-1967); o professor Ítalo Gaudenzi, proprietário do Ginásio Brasil; professores da Escola de Teatro, artistas e atrizes: Nilda Spencer, Marcelo Franco, Salvador D’Ávila, Octavio Torres, Virgília Ataíde, Sonia Humildes, Lady Astor; e sua mãe Maria da Conceição, entre outras que registraram suas assinaturas no livro de visitas; e 305 assinaturas ao final dos 16 dias de mostra. Para o então secretário da Escola de Teatro, esse foi um grande dia marcante em sua vida: ganhava visibilidade sua prática de colecionador.

A imprensa noticiou a exposição, das quais foram identificadas⁹¹ duas edições do jornal *A Tarde* em dias seguidos: 05/07/1965 – Coluna Social da July – nota sobre a exposição (p. 7): “E desde o último sábado foi inaugurada a exposição ‘Postais Antigos do Brasil’, de autoria de Antônio Marcelino do Nascimento. A mostra está no Ginásio Brasil, ao Portão da Piedade; 06/07/1965 – Ronda dos Fatos – nota sobre a exposição (p. 2): “Antônio Marcelino do Nascimento inaugurou a exposição ‘Postais Antigos do Brasil’, no Ginásio Brasil, (Portão da Piedade), com vultos célebres e postais de congratulações de cerca [*sic*] de dezessete estados da Federação”.

“Brasil Antigo em Postais” teve grande repercussão na imprensa e no meio cultural soteropolitano, fazendo surgir doações de várias famílias que viram no projeto de Marcelino um destino útil para as coleções de cartões-postais que estavam ocupando espaços em armários, gavetas ou embaixo de camas. De acordo com alguns entrevistados e depoimentos registrados nos livros de doações, o que havia de mais valioso na coleção de Antonio Marcelino eram as imagens da Bahia Antiga, ratificando os motivos que levaram ao sucesso da primeira mostra.

A convite do professor Antonio Loureiro⁹², então superintendente da Difusão Cultural do Estado, Marcelino realizou, em 1966, outra exposição – “Panorama do Mundo Antigo em Postais” –, no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, inaugurada às 21 horas do dia 25 de abril, com 75 assinaturas, que contou com a presença de personalidades, como demonstra a fotografia publicada no jornal *A Tarde* (Figura 17), no dia seguinte ao evento. A segunda exposição da Coleção Antonio Marcelino teve

⁹¹ Identificadas nos recortes de jornais consultados nos *clippings* do Museu Tempostal e também em consulta à seção de periódicos da Biblioteca Pública do Estado da Bahia.

⁹² *Tribuna da Bahia*, 23/01/1971, Caderno 3, p. 4.

duração de sete dias – 25/04 a 01/05/1966 –, totalizando 787 assinaturas. Naquele momento, a coleção de Marcelino já alcançava seis mil postais. Francisco Barreto noticia o aumento da coleção com vários postais autografados por Rui Barbosa (30/05/1966).

A “batalha” para conseguir financiamento público para criar seu museu teve início ainda na década de 1960, após o sucesso das duas exposições que realizou em Salvador. Em abril de 1967, Antonio Marcelino e seu desejo de museu voltam a ser notícia na imprensa local:

Um museu de postais é a próxima meta do colecionador Antonio Marcelino, que para isto vem trabalhando desde há muito. Serão apresentados cêrca [sic] de seis mil postais, adquiridos através de famílias tradicionais de Salvador. Um dos postais exibidos orgulhosamente pelo colecionador traz autógrafo e pensamento de Rui Barbosa. Além dêste [sic], existem muitos outros de igual importância, que terão galeria de honra no futuro museu. Antonio Marcelino nos disse que sua coleção possui postais recebidos de todo o mundo. (LINDSAY, *Estado da Bahia*, 05/04/1967, p. 4).

O colecionador aproveitava as oportunidades de exibir seu acervo vinculando-o aos eventos de Teatro, a exemplo da “Exposição de folhetos postais, livros e objetos da época de Canudos – Coleção de Antônio Marcelino”, realizada no saguão do Teatro das Mercês em 03/11/1967, junto com o início da temporada da peça *Evangelho de couro*, de Paulo Gil Soares, conforme notícia veiculada pela colunista social July, que à época ainda assinava Julieta. Este evento não consta nos livros de presença nas exposições do colecionador, disponibilizados pela coordenação do Museu Tempostal (2014, 2016).

Marcelino sabia da relevância de ter um patrocínio público para o seu empreendimento inovador, por isso buscou de várias formas apoio oficial permanente, enviando solicitações a entidades, como a Organização dos Estados Americanos (OEA), e órgãos governamentais, como Ministério da Educação e Cultura (MEC) e Secretarias de Governo. É importante considerar, a todo instante, o pensamento da época em que Antonio Marcelino viveu e formou seus conceitos e preconceitos. O Museu Tempostal do Sodré representava a história que Marcelino queria contar sobre si e sobre o que ela representava culturalmente.

Na edição nº 199 da revista *Veja*, publicada em 28/06/1972, a seção “Comportamento” (p. 29) traz dois artigos: “A bolsa cívica”, sobre a Sociedade

Beneficente Bolsa dos Patriotas”⁹³, e “O colecionador”, que aborda a relação de apego excessivo entre colecionadores e coleções. Antonio Marcelino é apresentado como um exemplo de colecionador com esse perfil, por acreditar na possibilidade de uma guerra entre nações caso ele vendesse sua coleção de postais para outro país. A idade indicada é 38 anos, sendo que ele já estava com 43. Informa um acervo de 12.000 postais que são mantidos trancados em dois arquivos de aço, abertos “apenas para visitantes ilustres”. Questionado sobre o valor, ele não revela. Informa que a próxima exposição, a terceira de grande porte, terá o apoio de “firmas particulares baianas”, cujo valor do conjunto que será mostrado totaliza Cr\$ 11.000,00. Marcelino lamenta a falta de apoio governamental; entretanto, por meio de sua coleção, tem acesso aos representantes do poder público:

Antônio Marcelino só lamenta a falta de apoio oficial à sua atividade. Através dela, tem entrada franca nos gabinetes de autoridades, inclusive o governador do Estado, mas passa cada noite preocupado com a hipótese de um confisco e com outra, pior ainda, de um ladrão arrombar seus cofres.

As preciosidades que Antônio Marcelino guarda, na verdade, mereceriam atenções maiores que a de um guardião solitário. (VEJA, 28/06/1972, p. 29).

Contraditoriamente às declarações veiculadas desde 1966, Marcelino diz estar “decidido a manter seus cartões em segredo”. Sobre o futuro da coleção, ele afirma que o povo a herdará após sua morte, causando desconfiança no repórter, que acredita ser mais uma auxese do colecionador:

E, quando morrer, já que não tem filhos, deixará tudo ao povo, talvez em mais um arroubo de colecionador: “Foi o povo que ajudou a coleção Antônio Marcelino a crescer e só ele a merece”. (VEJA, 28/06/1972, p. 29).

Desde que entrou em vigor no Brasil o Decreto-Lei 25/1937⁹⁴ até a promulgação da Constituição Federal Brasileira de 1988, que traz nova definição para os “Bens Culturais”, seguia-se a definição constante no Decreto-Lei 25/1937:

Art.1º Constitui o patrimônio artístico e histórico nacional o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da

⁹³ Associação criada na Bahia em 1895, pelo tenente da polícia José Augusto Dórea, a fim de manter vivas entre os baianos as datas de suas glórias, principalmente o “Dois de Julho”.

⁹⁴ Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937 – Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Governo Getúlio Vargas (1937-1945). Gustavo Capanema, ministro da Educação e Saúde Pública (1937-1945).

história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico.

§ 1º: Os bens a que se refere o presente artigo só serão considerados parte integrante do patrimônio histórico e artístico nacional, depois de inscritos separada ou agrupadamente num dos 4 Livros do Tombo, de que trata o art. 4º desta Lei.

Logo, devemos lembrar que era o poder público que instituía o patrimônio cultural, devendo este estar registrado nos Livros de Tombo. Daí explica-se a busca de Marcelino por apoio governamental para criar o seu Templo de Postais, como se vê nas correspondências enviadas à OEA e ao MEC e nas matérias veiculadas na imprensa: “OEA apoia museu dos postais” (JORNAL DO BRASIL, 18/06/1973); “Se OEA aprovar, Bahia terá templo dos postais” (A TARDE, 16/07/1973). Contudo, autorizar não é o mesmo que patrocinar ou financiar.

O Museu Tempostal foi inaugurado na noite de 27 de julho de 1974, sábado, às 20 horas, na Rua do Sodré, 22, residência do colecionador. O ato de inauguração aconteceu após “missa congratulatória na Igreja de Santo Antônio da Barra”, tendo comparecido 70 pessoas, conforme registro no livro de assinaturas nº 2, dentre elas artistas, representantes da imprensa, professores da UFBA, intelectuais e amigos. O acervo era formado por mais de 20 mil peças⁹⁵, entre cartões-postais e fotografias antigas. A criação do primeiro museu dedicado a cartões-postais e fotografias antigas do Brasil foi notícia na imprensa local e nacional, a exemplo do *Diário de Pernambuco*, na edição de domingo 04/08/1974.

No primeiro ano, Marcelino já percebeu o desafio de manter seu projeto por conta própria com sua renda de servidor público, o que significava pagar alguém para atender ao público, já que trabalhava os três turnos; além do investimento na coleção, pois chegava a todo o momento oferta de venda de postais que “não podia perder”. Marcelino era compulsivo; ele não tinha limites no seu colecionismo, mesmo quando as condições financeiras lhe impunham limites. Negociava a forma de pagamento, fazia permutas, vendia peças excedentes, repetidas, ou outras que recebia junto ao conjunto doado que não eram de seu interesse; conseguia empréstimo com amigos e até mesmo com agiotas, como declarou o entrevistado Paulo Sanctis.

⁹⁵ De acordo com informação veiculada na matéria “DN inaugura exposição de postais do Brasil antigo”. *Diário de Notícias*, 19/06/1974, Caderno 1, Local, p. 3.

Marcelino continuou sua empreitada pelo apoio governamental. Transferir o Museu Tempostal para o Pelourinho⁹⁶ era algo que já buscava desde a década de 1970, como visto em documentos identificados e consultados na biblioteca do Ipac.

Em 1975, a Fundação do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (FPACB)⁹⁷ elaborou o documento *Salvador: estudos de viabilidade econômica*⁹⁸, com o intuito de captar recursos oriundos do Programa de Reconstrução das Cidades Históricas do Nordeste, e já cogitava a instalação do Tempostal no Pelourinho:

2.7. – Viabilidade Econômica

2.7.1. – O conjunto arquitetônico do Pelourinho, dada a sua importância artística e cultural, absorve 80% da demanda turística aqui existente. Todavia, não somente neste conjunto, como em toda Salvador, a oferta de certos serviços de infra-estrutura considerados básicos e indispensáveis ao incremento do turismo, se faz necessária. A finalidade a que se propõe este projeto está perfeitamente enquadrada nas linhas gerais do Programa de Reconstrução das cidades históricas do Nordeste, para a utilização em fins turísticos porque, se de um lado, através:

a) das exposições dos trabalhos de artistas nacionalmente conhecidos

b) do Tempostal com uma coleção de 15.000 postais, podendo os mesmos servirem de pesquisas

c) da instalação de ateliers – apartamentos – servindo como um local onde artistas possam confeccionar e expor trabalhos

Proporcionará aos turistas e à comunidade local uma programação a nível cultural, do outro ele atuará no setor terciário na comercialização de serviços como:

a) restaurante típico;

b) galerias de arte, visando a comercialização e promoção das obras de arte dos artistas acima mencionados. (BAHIA, 1975) [grifo meu].

Em outro documento elaborado pelo Ipac em 1983, *Circuito Turístico do Centro Histórico de Salvador*, consta o apêndice “Os Museus do Centro” – uma relação de 15 museus com uma breve descrição sobre cada um. O primeiro da lista é o Museu de Arte

⁹⁶ A área que compreende o conjunto arquitetônico do Pelourinho, delimitada pela Rua do Bispo até o Largo do Santo Antônio, foi tombada pelo Iphan, em 14/07/1959, inscrita no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico (Decreto Lei nº 25/1937), página 5, inscrição nº 19.

⁹⁷ Atual Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (Ipac).

⁹⁸ O documento, não paginado, apresenta um diagnóstico da região do centro histórico, abrangendo também informações sobre a capital baiana: clima; altitude; população; infraestrutura: transportes, energia elétrica, comunicações (serviços telefônicos/serviços de Correios e Telégrafos/jornais/estações de rádio difusão/emissoras de televisão), infraestrutura social (saúde/saneamento básico); educação (cursos de ensino médio e superior); aspectos geoturísticos de Salvador; entretenimento e atrações culturais da cidade; quantitativos da demanda turística nacional e internacional. Apresenta a geografia e a história da região do Pelourinho; aspectos culturais: nome de ruas, sobrados que contam histórias de mistério e assombração; histórias e lendas que passam pelas ruas do Pelourinho; aspectos artísticos e culturais dos monumentos, incluindo as igrejas; os mestres de capoeira Pastinha e Bimba; a residência de Jorge Amado; a literatura sobre o Pelourinho na obra de Jorge Amado; a culinária, em que predomina a cozinha afro-brasileira; o artesanato rico e variado; a vida cultural dia e noite da Praça do Terreiro de Jesus. Apresenta também um projeto para a instalação do Museu Afro-Brasileiro (Mafro) no prédio da antiga Faculdade de Medicina, elaborado em parceria com a UFBA.

Sacra da UFBA, localizado na Rua do Sodré, considerado um dos melhores museus da cidade por abrigar a maior coleção de arte sacra do Estado. O Museu Tempostal é apresentado logo em seguida, o segundo da lista: “Também localizado na rua do Sodré, é composto de uma grande coleção de postais de épocas diferentes”⁹⁹.

Marcelino queria que o seu Templo de Postais estivesse no circuito turístico de Salvador, com apoio governamental, e que ele continuasse responsável pela administração do museu, como apontado na proposta de venda do acervo à Fundação Cultural, em 1995¹⁰⁰.

Seu acervo despertava o interesse de muitas pessoas e instituições que o convidavam para expor dentro e fora da Bahia. Essa demanda propiciou a busca por parcerias para realizar exposições de curta duração fora da sede do Museu Tempostal.

Os espaços tornaram-se extensão do Museu Tempostal, como o foyer do Teatro Castro Alves, que abrigou três exposições organizadas por Marcelino – “O Mundo em Postais”, de 25/07 a 03/08/1972 (aproximadamente 3.300 visitantes); “Sete Décadas da Bahia em Postais. Homenagem ao Sesquicentenário da Independência da Bahia”, de 19 a 26/08/1973 (aproximadamente 2.400 visitantes); “O Negro no Cartão-Postal – II Etapa”, de 06 a 17/07/1988.

Agências bancárias: Banco Econômico, agência Marquês de Caravelas – “A criança na Cartofilia – Coleção Tempostal”, de 27/07 a 26/08/1985; Caixa Econômica Federal – “Natal na Cartofilia”, de 12/1993 a 01/1994; ambas em Salvador. E Banco Bradesco – São Paulo/SP, agência Jardim Europa – “Mulher no Cartão-Postal – Coleção Antonio Marcelino”, de 09 a 29/10/1984. No livro de assinaturas de visitantes ao Museu Tempostal (nº 6), estão registrados os dias de reunião (14 e 17/08/1974) entre o colecionador e a pessoa que organizou a exposição em São Paulo, na agência do Banco Bradesco – há uma observação “2º Contato Bradesco”:

Hoje eu estou mais feliz, porque já selecionei o material que irá elevar o nome do meu amigo Antonio Marcelino em S. Paulo e se Deus quiser p/ outros [ilegível] e quem sabe p/ o mundo. (CARLOS [sobrenome ilegível], 14/08/1994, p. 30).

A imprensa acompanhava as aberturas das exposições e divulgava nos telejornais e jornais impressos. A abertura da exposição “A criança na Cartofilia –

⁹⁹ Ipac, 1983, p. 60.

¹⁰⁰ Correspondência de Antonio Marcelino Nascimento (Salvador, 15/05/1995) endereçada ao diretor-geral da Fundação Cultural do Estado da Bahia, Sr. José Augusto O. G. Burity. Folhas iniciais do processo de venda do Acervo nº 3454/95.

Coleção Tempostal” foi notícia no telejornal da TV Bahia, como pode ser visto no vídeo gentilmente cedido pela supervisora do Centro de Documentação da Rede Bahia:

[Repórter] Todo esse acervo pertence ao colecionador Antonio Marcelino, proprietário do Tempostal, o único Museu do Mundo especializado em postais. Como é que você conseguiu? Como teve acesso aos postais?

[Marcelino] Quando eu fiz a primeira exposição no Ginásio Brasil, em 1965, as famílias começaram a sentir o valor da minha obra, que teve um incentivo muito grande do professor Isaías Alves, diretor e proprietário do Colégio Ipiranga. Então começaram a fazer doações, então essas doações foram aumentando e hoje já não adquire mais através de doações. Às vezes através de compras, através de trocas. Saio daqui pro Rio de Janeiro, pra São Paulo [...] (ANTONIO MARCELINO, entrevista, arquivos da Rede Bahia, vídeo 01’50”).

Ele, enquanto colecionador e fundador de um museu particular, recebeu doações de colecionadores anônimos, grandes colecionadores e personalidades. As motivações para doar eram variadas; contudo, a paixão de Marcelino por seu acervo conquistava a todos, estimulando as doações.

Figura 10 - Cartão-postal do período da Belle Époque



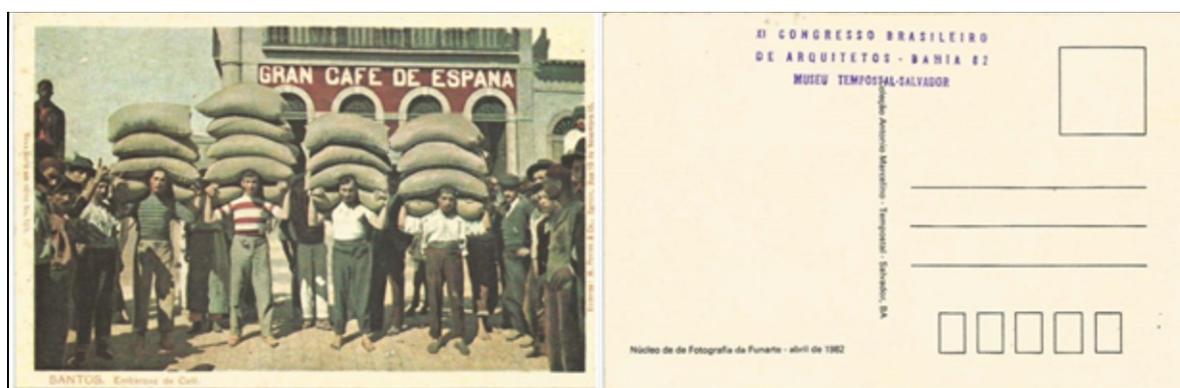
Fonte: Acervo do Museu Tempostal. Imagem cedida pelo museólogo Afrânio Simões.

Shoppings centers em Salvador também receberam as exposições do Museu Tempostal, a exemplo: Shopping Iguatemi – “Mulher na Belle Époque – Coleção Tempostal”, de 11 a 31/05/1984; Shopping Barra – “Bahia de Ontem e Hoje”, em 03/1993; “Flagrantes da Mulher na Belle Époque”, em 03/1994; “Namoro à Antiga”, 06/1994; Exposição Comemorativa do Centenário do Monumento dos Heróis do 2 de Julho e da Praça do Campo Grande, 06-07/1995; Shopping Baixa dos Sapateiros –

“Imagens da Velha Bahia nas Fotos do Tempostal”, 09 a 24/03/1987; Convenções: Centro de Convenções do Estado da Bahia, em Salvador: “Aspectos Urbanos do Brasil em Fins do Século XIX e Início do Século XX – Coleção Tempostal”, 20 a 23/10/1982, durante o XI Congresso de Arquitetos: a Gestão Democrática da Cidade; Exposição do Tempostal no XXXIX Congresso Nacional de Enfermagem, de 23 a 27/11/1987.

Antonio Marcelino aproveitava essas ocasiões para vender reproduções de postais e, assim, obter recursos para custear a manutenção do Museu Tempostal e a ampliação de seu acervo. O museólogo Afrânio Simões adquiriu alguns desses postais em outubro de 1982 (Figura 11).

Figura 11 – Cartão-postal adquirido pelo museólogo Afrânio Simões durante o XI Congresso de Arquitetos, em outubro de 1982, no Centro de Convenções da Bahia



Fonte: Acervo do pesquisador.

Por vezes, aconteciam exposições paralelas ao funcionamento do Tempostal na residência-museu, no Sodré, a exemplo de “Namoro à Antiga”, em homenagem a Thales de Azevedo, realizada no Museu de Arte da Bahia (MAB) em dezembro de 1993, em que foram exibidos alguns postais do acervo do Tempostal; no mesmo período da exposição “Natal na Cartofilia”, na Caixa Econômica Federal –12/1993 a 01/1994; e a convite da Prefeitura de Petrolina, a mostra “Recife Antiga, Juazeiro, Petrolina e Natal na Cartofilia”, no Palácio Episcopal de Petrolina¹⁰¹. As mostras simultâneas foram divulgadas nas páginas do jornal *A Tarde*, com indicação das exposições no Caderno 2, seção Roteiro, nos dias 22, 23, 27/12/1993 e 04 a 05/01/1993. Cabe destacar que apenas a exposição realizada pelo MAB foi recomendada pelo “Mascote” por vários dias (Figura 12).

¹⁰¹ Informação publicada no Jornal *A Tarde*, 16/12/1993.

Figura 12 – Jornal *A Tarde*, 23/12/1993, Caderno 2, Seção Roteiro “O Mascote Recomenda”

FESTAS

Terno de Reis e Presépio Vivo — Tradições que serão mostradas no palco armado no Pelourinho, a partir das 19 horas. O terno de Reis percorrerá as ruas do Pelourinho e o presépio vivo será encenado no palco. A promoção é da Bahiatursa e integra a programação do Viva esta Festa.

FEIRA

Artesanato do Instituto Mauá — Com trabalhos em cerâmica, bordados, instrumentos musicais e outras peças. No Centro de Artesanato do Pelourinho-Espaço Mestre Abdias. *Até hoje*

EXPOSIÇÕES

Namoro à Antiga — Consta de fotografias, postais e outros documentos que mostram o ritual do noivado ao casamento, do final do século passado a meados deste. No *Museu de Arte da Bahia* (Corredor da Vitória). Visitas: de terça a sexta-feira, das 14 às 19 horas; sábado e do-

torno. *Até hoje*

Natal na Cartofilia — Trata-se de 88: exposição promovida pelo Tempostal. Consta de uma média de 200 cartões postais, em sua maioria da Belle-Époque, abordando o Natal e o Ano-Novo. Na *Caixa Econômica Federal* (Agência Graça). *Até 6 de janeiro*.

II Salão Nacional de Arte Fotográfica da Bahia — Dentro da programação do evento, mostra de trabalhos de 69 profissionais de vários estados do País. Na Galeria Cañizares (Araújo Pinho, Cane-

dos do ano passado até hoje. As telas abordam figuras conhecidas e anônimas. No *Expresso Bahiano*. *Até 10 de janeiro*.

Geuza Leite — Mostra quadros na técnica óleo sobre tela, enfocando figuras humanas exercendo atividades rurais. No *Banco do Brasil* (Agência Pituba), de segunda a sexta-feira, das 10 às 16 horas. *Até 30 de dezembro*.

I Expo Coletiva do Portal da Cor — Com a participação de vários artistas locais. No *Atelier Portal da Cor* (Ladeira do Carmo, 31). *Até 2 de janeiro*.

O Mascote Recomenda

COMO ÁGUA PARA CHOCOLATE / CINEMA
 NAMORO À ANTIGA / EXPOSIÇÕES
 A ERA JK / TELEVISÃO
 AVAIDEUS

Fonte: Acervo da Biblioteca Pública do Estado da Bahia.

A tipologia e as características físicas do acervo favoreciam seu transporte e a quantidade assegurava a simultaneidade das mostras. A análise da realização dessas mostras como estratégias para solucionar as limitações espaciais da sede do Tempostal conduz à compreensão do “fazer museu” de Antonio Marcelino, que atesta a inovação do colecionador.

Marcelino era um colecionador apaixonado. Era uma figura muito visto na cidade. Antes de conhecê-lo já o encontrava andando pela cidade e nos ônibus. Era uma figura curiosa, baixinho, usando peruca e sempre com um chapeuzinho. Moro perto de onde morava Nilda Spencer, a quem ele visitava com frequência. Talvez por isso o tenha visto algumas vezes nas redondezas e nos ônibus. Quando era estudante secundarista estive na escola de Teatro para uma pesquisa e fui atendido por ele. Em 1982, adquiri esse postal no Congresso Brasileiro de Arquitetos, onde ele organizou um ponto de vendas para reproduções de postais. Quando trabalhei no Museu de Arte da Bahia, estive em sua casa no Sodré (o TEMPOSTAL). Lembro-me de como o ambiente era apinhado de papéis e curiosidades. Depois de vender a coleção, ele intencionava montar os “alfarrábios baianos”, com os demais itens da sua coleção. Quando fui coordenador do Memorial da Câmara de Salvador, tive oportunidade de manter um contato maior com ele. Conversávamos quando nos encontrávamos. Recordo que ele costumava se vangloriar de não ter alergia a nada, no meio de toda a poeira que tinha em casa. Fui a uma pequena exposição que ele organizou na Associação dos Empregados do Comércio, na Rua Chile. Era aquela mostra relativa à iluminação elétrica em Salvador. Acho que já tinha visto essa exposição na Biblioteca Pública. (AFRÂNIO SIMÕES, entrevista à pesquisadora, 15/01/2017).

2.5 O Novo Museu Tempostal

Senhor Diretor,

Como é do conhecimento de V. S^a. [...] da Comunidade Baiana e de Brasileiros e estrangeiros através de visitas e de outros meios de comunicação, há mais de quarenta anos venho colecionando cartões-postais dos mais variados temas, dentre os quais, o período da “Belle Époque”, a Bahia, especialmente, os Estados do Brasil e quase todos os Países do Mundo, além de revistas antigas, recortes de jornais e fotografias. Esse trabalho **cujo acervo é considerado de grande valor artístico, histórico e cultural, foi transformado em museu – o conhecido Museu Tempostal – com inauguração em 13 de junho de 1974, funcionando na rua do Sodré nº 223 – térreo – aberto à visitação pública e servindo de meio de informações e pesquisas para estudantes dos três graus de escolaridade, inclusive para teses de mestrado.**

Com o passar do tempo e o grande crescimento do acervo – atualmente com mais de quarenta mil peças – o prédio, de construção antiga, a partir de 1986, passou a apresentar problemas na sua estrutura e espaço físico.

Sem recursos financeiros para restaurá-lo e ampliá-lo além da dificuldade de manutenção, inclusive pagamento dos dois auxiliares e também **a constante necessidade de aquisição de mais peças [fl. 2] para a ampliação do acervo, encontro-me, hoje em dia sem condições de continuar, de maneira adequada, com esta obra, já considerada de valor extraordinário posto que se constitui [sic] numa memória viva, não só da Bahia mas, de todo o Mundo.**

Tendo criado e cultivado com amor, dedicação e não sem sacrifício tão gratificante trabalho, não desejaria ver, pela inexorabilidade do tempo e falta de condições adequadas, perdido esse precioso arquivo confirmando a triste referência de que o Brasil é um país sem memória.

Assim, **imbuído dos mais altos propósitos de poder dar à Bahia uma pequena contribuição artística, cultural e histórica, é que venho propor a aquisição, por esta Fundação Cultural, de todo o acervo do Tempostal** constituído de cartofilia, fotografia, biblioteca, hemeroteca (revistas e recortes de jornais) cujo levantamento detalhado se encontra anexo, pelo valor de R\$ 120.000,00 [...] podendo, esse pagamento ser efetuado em duas parcelas iguais.

Por outro lado, **vale ressaltar, que em se tratando de um acervo de grande valor estimativo para mim, do qual o desfazimento é motivado pelas razões expostas, sinto-me como seu legítimo guardião. Reservo-me, pois, com a devida vênua, o direito de propor a V. Sa. algumas condições de caráter subjetivo para a referida venda, a seguir:**

01 - **A preservação do nome original – Museu Tempostal –** para o novo estabelecimento, que se traduz como templo para preservar as imagens de épocas passadas;

02 - Que a sede seja constituída de, no mínimo, quatro salas amplas trazendo, cada uma delas, o nome de: MESTRE ISAÍAS ALVES, Dr. EUGENIO TEIXEIRA LEAL, SR. CARLOS MARTINS CATHARINO e PROF. ÍTALO GIÁCOMO GAUDENZI;

03 - Que, como criador e organizador do Tempostal, enquanto me permitam as condições físicas e mentais, continue [sic] à frente de sua administração.

Na certeza de contar com a sensibilidade de V.Sa. para as razões aqui expostas, aguardo, confiante nas providências que serão [fl.3] tomadas para a aquisição proposta, conforme entendimentos verbais anteriores.

(CARTA DE ANTONIO MARCELINO DO NASCIMENTO, endereçada ao diretor-geral da Fundação Cultural do Estado da Bahia, Sr. José Augusto O. G. Burity, Salvador, 15/05/1995) [grifo nosso].

Ao propor a venda do acervo à Funceb, Antonio Marcelino apresenta uma exposição de motivos justificando a relevância do acervo e do Museu Tempostal como Patrimônio Cultural da Bahia. Dentre as condições elencadas para a concretização da venda, cabe ressaltar a primeira e a terceira, demonstrando como o colecionador desejava que o novo Tempostal guardasse sua marca, sua identidade, indissociável, a essa altura, da trajetória do trinômio “coleccionador-coleção-museu”. Entretanto, somente a condição da manutenção do nome Museu Tempostal foi atendida, conforme Parecer da Procuradoria Jurídica da Fundação (Proju/Funceb):

Propõe o Sr. ANTONIO MARCELINO DO NASCIMENTO através exposição de motivos, [...] a aquisição, pela FUNDAÇÃO CULTURAL, do acervo intitulado MUSEU TEMPOSTAL constituído de [...] e estabelece o valor de R\$ 120.000,00 [...] como preço da transação contratual.

No curso de sua exposição o Postulante propõe ainda algumas condições tais como: preservação do nome da coleção/museu – MUSEU TEMPOSTAL, especificações a serem observadas quando da instalação da futura sede onde se abrigará o acervo e a sua permanência na direção e administração da Coleção Museu.

[fl. 2 do Parecer PROJU/FUNCEB nº 176/95]

Ora, adquirindo o valioso conjunto que será incorporado ao seu patrimônio, com respaldo no art. 2, II do Estatuto , a FUNDAÇÃO estará preservando um acervo de grande valor artístico-cultural e histórico, além de resguardar a memória cultural de um segmento já incorporado a vida cultural da cidade o TEMPOSTAL.

[...]

De todo o exposto dúvidas não subsistem sobre a viabilidade da aquisição do referido acervo, inclusive conservando a sua titulação original “MUSEU TEMPOSTAL”, considerando haver sido assim incorporada à vida cultural da cidade, desde que se formalize a dispensa da licitação através manifestação da autoridade competente para fazê-lo, o Diretor Geral.

Considerando que as duas últimas condições não estão intrinsecamente ligadas à natureza da transação proposta e se constituem assuntos da competência e gerência da Administração Pública , deixaremos de analisá-las neste pronunciamento, porque não vemos a pertinência do assunto neste momento.

(PARECER DA PROJU/FUNCEB Nº 176/95, emitido pela Procuradora Ivone Chaves Jucá, Salvador, 01/06/1995).

O processo de incorporação do Museu Tempostal ao patrimônio cultural do Estado ocasionou alguns hiatos na trajetória da instituição. Cabe ressaltar que não se trata de juízo de valor sobre os procedimentos adotados pelas profissionais envolvidas na incorporação e implantação do Museu na nova sede, mas sim de uma análise acadêmica desse processo, em que é inerente apontar carências no intuito de fornecer suporte para outros profissionais e, conseqüentemente, fortalecer o campo da Museologia.

Apesar de haver, nos corredores de entrada do Museu, uma placa com fotografias do colecionador e um texto que resume sua trajetória em poucas linhas (Figura 13) e outra da inauguração do Museu no Pelourinho, que traz o texto “O Governo do Estado da Bahia, ao inaugurar o Museu Tempostal, preserva a nossa memória e homenageia o colecionador Antonio Marcelino” (Figura 15), quem conhece a trajetória do colecionador e da coleção, ao visitar o museu, nota que a memória do colecionador não está explicitada no museu, exceto nos cartões-postais e fotografias que fazem parte da exposição e que possuem o carimbo “COLEÇÃO ANTONIO MARCELINO” em tom escuro, percebido com um olhar de perícia.

Em parecer endereçado ao Gabinete da Funceb em 10/06/1996 – páginas não numeradas, cujo objetivo era justificar a contratação de outras museólogas para trabalharem exclusivamente com o acervo do Museu Tempostal, assinado por Maria Francisca Gouveia Ribeiro, diretora da Dimus –, a gestora inicia o texto apresentando o quantitativo de profissionais museólogos (11) em atuação na Dimus, distribuídos em seis instituições museológicas e na Diretoria de Museus, insuficientes para a demanda das instituições vinculadas à Dimus/Funceb:

[fl.1]

“Dessa forma, não contamos com profissionais disponíveis para desenvolver o projeto do **Museu Tempostal que possui em sua coleção cerca de 30 mil peças**, que por sua vez, **precisam passar por um processo técnico de documentação e conservação do acervo.**

A documentação de um acervo do tipo do Tempostal requer dedicação exclusiva não só pelo montante das peças, mas especialmente pelo **tempo que requer a decodificação das informações contidas em cada objeto. Uma fotografia ou um cartão postal, não só traz informações iconográficas, como também textuais, como por [fl.2] exemplo correspondências de personalidades baianas.**

Estas informações devem ser transportadas para uma ficha (uma para cada peça) e posteriormente para o computador.

A partir do diagnóstico da coleção como um todo, é que se pode definir o arranjo físico (maneira correta de se guardar documentos, objetos, observando o mobiliário adequado para cada tipo de acervo e as condições climáticas de iluminação e insalubridade do espaço a ser guardado a coleção), e o acondicionamento do acervo. Daí então se define também o sistema de catalogação a ser adotado.

Partindo do desempacotamento até as fichas catalográficas existe uma série de procedimentos e tarefas que exige esforço e disponibilidade de uma equipe treinada e harmônica; familiarizada com os materiais que estão tratando, para futuramente oferecer ao usuário um serviço rápido e eficiente.

A conservação do acervo inicia-se pelo levantamento de referências bibliográficas e estudo das fontes que, inicialmente nos têm ajudado no processo de seleção no ato do desempacotamento, separando as fotos que estão em deterioração biológicas (fungos e insetos) e fotografias com base em nitrato de celulose (1889), que são inflamáveis, capazes de sofrer combustão espontânea [sic], o que constitui um sério risco. Os gases que são gerados durante o processo de decomposição do nitrato de celulose causam a deterioração das fotos do acervo, estas devem ser separadas das demais fotografias e imediatamente duplicadas, pois certamente irá contaminar todo o acervo para posterior limpeza técnica e, em seguida, a higienização que é um processo minucioso [sic] realizado através de pincéis especiais de pelo de marta e soprador de poeira e sujeira que demanda o tempo pela fragilidade do acervo.

Toda coleção deverá ser examinada cuidadosamente para que possamos determinar, com precisão, as estratégias de preservação e conservação: acondicionamento e guarda, controle de umidade, temperatura ambiente e poluentes atmosféricos.

[fl.3]

A aquisição do Museu Tempostal prova a dedicação do Governo do Estado da Bahia para com os assuntos culturais, preservando acervos desta categoria, para o bem da cidadania das futuras gerações.

Diante dos motivos acima expostos, constatamos a nossa **carência de pessoal especializado para desenvolver os serviços** frente a montagem do Museu Tempostal e, desta forma, vimos reforçar a necessidade da **contratação das museólogas [...]**, visando a valorização, e divulgação do acervo **preservando assim verdadeiras raridades que retratam a Bahia de outrora e todo cenário mundial.**

Em 10.06.96

Maria Francisca Gouveia Ribeiro

Diretora – Dimus

O referido parecer deixa claro o processo de implantação do novo Tempostal, que desconsidera o processo de colecionismo de Antonio Marcelino, no qual a voz de autoridade do campo se sobrepôs ao conhecimento adquirido e produzido ao longo de mais de quarenta anos. Não se trata de questionar a atuação ou atribuições da profissional museóloga, mas sim de ratificar que a pesquisa em instituições museológicas deve ser um trabalho em conjunto, onde o conhecimento do profissional é

somado ao do ex-proprietário ou do detentor do acervo adquirido, sendo imprescindível o registro da memória daquele que foi o guardião por décadas, o responsável por reunir o conjunto. No caso em questão, o registro da memória de Antonio Marcelino do Nascimento, principal patrimônio imaterial do Museu Tempostal.

O capital cultural do “colecionador de conhecimento” teria contribuído significativamente para o trabalho da equipe pleiteada, garantindo a preservação do patrimônio material e imaterial que o acervo do Museu Tempostal representa. Fato é que ainda hoje, passados 20 anos da inauguração do “novo Tempostal”, a equipe – reduzida a uma museóloga, que também exerce o cargo de coordenadora, auxiliada por uma ou duas estagiárias – permanece na busca por informações sobre os postais e fotografias, como pude constatar durante os dias autorizados para consultar a documentação solicitada. A pesquisa numa instituição museológica não finda, mas poderia disponibilizar muito mais informações do que consegue atualmente, potencializando sua função social, estando à disposição de pesquisadores, cartofilistas e de todos aqueles que desejarem investigar seu acervo.

O método de registro dos depoimentos por meio de recursos audiovisuais, com o objetivo de preservar “o conhecimento” do guardião do acervo adquirido, por meio da história oral, é utilizado por instituições de memória, a exemplo do Centro de Memória da Bahia (CMB), unidade da Fundação Pedro Calmon (FPC)/SecultBA. As trajetórias do casal Lia e Silvio Robatto estão depositadas no CMB, sendo, portanto, um importante registro da memória da dança e da fotografia no século XX na Bahia, que estará à disposição de todos os interessados em suas trajetórias pessoais, como também dos segmentos que o acervo abrange. Após receber o acervo físico¹⁰² – primeira etapa –, a equipe do CMB selecionou as fotografias por assuntos e programou uma sequência de encontros para a realização da segunda etapa, em que registrou relatos orais de Lia

¹⁰² O acervo doado ao Centro de Memória da Bahia em setembro/2016 é resultado do edital de Restauração e Digitalização de Acervos Arquivísticos Privados (2013), com recursos do Fundo de Cultura, coordenado pela FPC/SecultBA. Fazem parte do acervo de Lia Robatto: cadernos de processo de criação coreográfica, em que ela anotava o conceito do espetáculo – estético, ideológico, temático – e esboçava os movimentos a serem executados, descrevendo-os ou em desenhos; programas e cartazes dos espetáculos; reportagens, críticas, documentos sobre as realizações como coreógrafa; milhares de imagens entre fotografias, slides, quadros emoldurados; registros audiovisuais de entrevistas que concede para a imprensa e pesquisadores. Toda a trajetória da coreógrafa foi registrada pelo fotógrafo Silvio Robatto (1935-2008), seu marido, que, além de documentar sua carreira, também registrou outros coreógrafos e manifestações da cultura popular da Bahia, assim como o cotidiano de cidades do interior do Estado e dos inúmeros locais para onde viajou, no Brasil e no exterior. Foi precursor do uso de recursos digitais nas fotografias. O acervo de Silvio Robatto, que também inclui o de Lia, é formado por mais de 45 mil imagens entre fotografias, negativos e arquivos digitais da sua fase mais recente. Além de fotógrafo, Silvio era arquiteto, por formação, cineasta e escritor.

Robatto no qual ela identifica as personagens das fotografias, o local e a ocasião em que foram registradas. As informações são anotadas em fichas correspondentes durante a gravação dos áudios. O objetivo é disponibilizar os relatos para consulta e pesquisa, juntamente com o restante do acervo físico. De acordo com Valdicley Vilas Boas, coordenador de Arquivos Privados, “a intenção é ativar suas memórias históricas, pois é um acervo muito rico e esses relatos orais vêm para complementá-lo” (MENEZES, 2017).

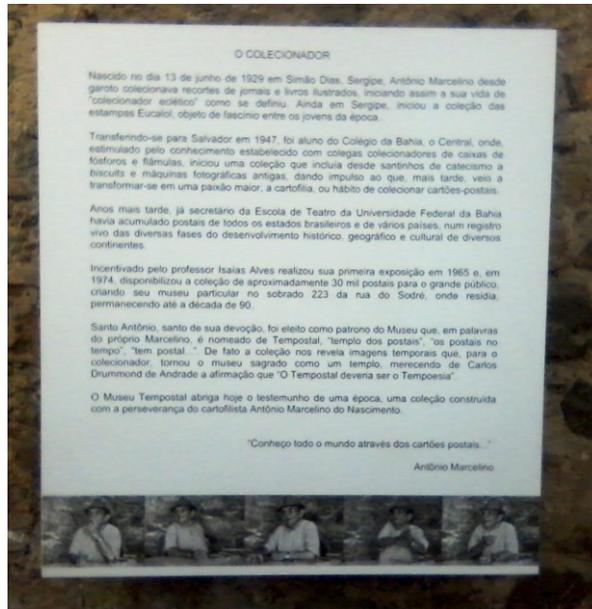
Analisando o procedimento adotado pelo Centro de Memória, lamenta-se a perda da “coleção de conhecimento” de Antonio Marcelino do Nascimento, visto que no planejamento do “Novo Tempostal” não estava contemplado o capital cultural do colecionador. Considerando o parecer da diretora da Dimus na ocasião, assim como os depoimentos e diálogos informais com profissionais que atuaram na instituição, a dispersão e o reordenamento das notícias veiculadas pela imprensa e documentos sobre o colecionador, o acervo e o Tempostal e pela inexistência de documentos no Museu Tempostal que comprovem a consulta ao colecionador durante o processo de implantação da nova sede, é possível concluir sua exclusão do processo, bem como o silenciamento da sua memória. Ao contrário do procedimento adotado em todo o processo de “curadoria, contextualização histórica e arquivística” do projeto inicial do casal Robatto – contemplado pelo Edital de Restauração e Digitalização de Acervos Arquivísticos Privados –, em que a detentora do acervo esteve à frente, assessorando o trabalho conjunto das profissionais envolvidas, continuado após ter passado para a tutela da Secretaria de Cultura do Estado.

No caso do Museu Tempostal do Pelourinho, é notório que o objetivo principal era preservar as informações contidas nas “correspondências de personalidades baianas”, desconsiderando a “biografia da coleção” (KOPYTOFF, 2008), que não estava visível nos artefatos fragmentos de memória. O acervo do Museu Tempostal guarda memórias pessoais do colecionador Antonio Marcelino e de outros a quem pertenceram anteriormente. A comprovação do apagamento e silenciamento da biografia dos objetos foi publicada no *Diário Oficial do Estado da Bahia* em notícia que informa os procedimentos de conservação e restauração realizados num conjunto de postais:

[...] **para que apresentassem as mesmas características iniciais.** O restaurador José Roberto Ribeiro conta que **os cartões apresentavam problemas generalizados**, provocados por oxidação, fitas adesivas,

anotações, carimbos, bordas fragilizadas e de laminação do suporte. (D.O.E., 01 e 02/11/1997, p. 5) [grifo nosso].

Figura 13 – Placa sobre o colecionador no corredor de entrada do Museu Tempostal, no Pelourinho. Registro em 26/09/2014



Fonte: Acervo da autora.

Figura 14 – Placa sobre a inauguração do museu no Pelourinho, instalada no corredor de entrada do Museu Tempostal. Registro em 26/09/2014



Fonte: Acervo da autora.

Figura 15 – Placa de inauguração do Museu Tempostal, no Pelourinho. Registro em 26/09/2014



Fonte: Acervo da autora.

O Museu Tempostal que existiu por 31 anos na Rua do Sodré era a personificação do colecionador; era um museu semióforo, os objetos que constituíam o acervo eram testemunhos da sua vida. Retirar a presença de Antonio Marcelino daquele acervo, despersonificar as coleções, despersonificar o Museu Tempostal é, de certo modo, desvalorizar a coleção, pois esta ganhou forma, valor e repercussão como “a coleção de Marcelino”, o conjunto por ele reunido.

Um postal da *Belle Époque* isolado seria apenas um postal, se é que resistiria ao seu antigo dono, a uma faxina ou ao desgaste do tempo. Uma fotografia da Bahia Antiga poderia ter sido rasgada junto a tantas outras que deixaram de existir, como também com os jornais da época e os “diários das mocinhas”.

Na entrevista que realizei com Marcelino, ele relatou como adquiriu quatro álbuns de cartões-postais da *Belle Époque* que pertenceram à família Tourinho, comprados de um “negro”¹⁰³ empregado deles de muitos anos. No conjunto, havia um postal de 1902 com frisos de ouro, bordado a mão, em alto-relevo. Note-se que, naquela ocasião, o álbum fora inserido no “circuito das atividades econômicas” (POMIAN, 1984), e já não era mais o “álbum da família Tourinho”; passou à condição de mercadoria, um conjunto de cartões-postais antigos. Estes certamente não possuíam a condição de “semióforo” para aquela família ou, se possuíam, foram libertados de tal condição ao se desfazerem quando se mudaram da Rua da Lama, na Barroquinha, para o

¹⁰³ Expressão utilizada por Marcelino ao descrever o rapaz que vendeu o álbum.

bairro Nazaré. Possivelmente, o álbum tornou-se um “problema” a ser descartado e, por isso, foi oferecido ao empregado. Este, por sua vez, sabendo que o álbum representava um objeto de troca, com valor comercial, tendo conhecimento de que havia um comprador potencial, procurou Marcelino, propondo a venda por um valor muito abaixo do valor de mercado, segundo o colecionador: “me vendeu de graça”.

Não se trata, aqui, de discutir o desconhecimento do vendedor sobre a raridade que estava sob sua propriedade, e sim de que este não possuía relação afetiva com o conjunto, portanto era algo que representava um retorno monetário atendendo a suas necessidades financeiras naquele momento. Neste episódio, a biografia da coleção não foi apagada. Ao contrário, foi escrito mais um capítulo. Quando passou às mãos de Marcelino, o conjunto recebeu uma nova carga de sentimentos e emoções depositadas pelo colecionador, que tinha total noção da raridade que estava em suas mãos: “era uma fortuna que eu tive em mãos”.

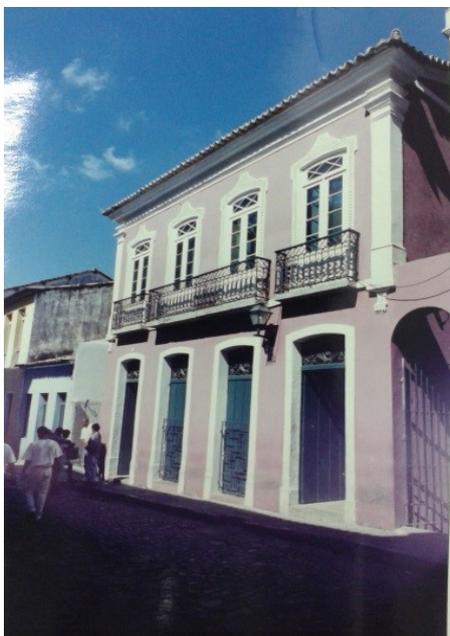
Os postais retornavam à condição de semióforos sob o olhar de Marcelino. Tornaram-se símbolos de sua conquista, que ele comparou a um tesouro. Contudo, ao serem transferidos para o patrimônio do Estado, tratados apenas como objetos da cultura material, agrupados por tipologia definida a partir de critérios museológicos, eles voltam a ser os “postais da família Tourinho”, se houver algo que os identifique com aqueles antigos proprietários, ou serão apenas um valioso documento da *Belle Époque*. O valor atribuído por Marcelino some, dando lugar ao que pode apenas ser visto com olhos humanos. O colecionador sai da condição de possuidor para a de detentor. E a memória do colecionador? Da coleção? O postal é desprovido da humanidade de Marcelino.

Evidentemente, não se deve ser ingênua e desconsiderar que havia em Marcelino um propósito que visava à autopromoção e ao reconhecimento público associado à paixão pelas coleções. Ele depositou no acervo a sua expectativa de ascensão social; ansiava ser notado e reconhecido, superando, assim, as frustrações vividas, o que não invalida o seu legado. É provável que este tenha sido o combustível para sua determinação, tornando-se um especialista com olhar treinado. Sua pesquisa foi primorosa: coletou, analisou, classificou, identificou e expôs ao longo de três décadas. Estes testemunhos de uma época, representados por imagens impressas em suportes de papel, seja o cartão-postal, a fotografia ou a estampa de Eucalol, só são documentos expostos ao olhar à disposição de qualquer cidadão do mundo, passíveis de serem

contemplados e consultados, servindo de fonte para pesquisas das mais diversas áreas, graças ao olhar e à obstinação de Antonio Marcelino.

Marcelino desejava que o novo Tempostal (Figura 16) guardasse a sua marca. Após a venda do acervo, ele fez doações ao Museu Tempostal: em setembro de 1998, doou sua coleção de estampas de Eucalol, composta por 1.494 peças e uma coleção da *Revista Única*, com 39 exemplares, conforme “Termos de Doação e de Recebimento” assinados por ele e Maria Francisca Gouveia Ribeiro, diretora da Dimus/Funceb à época, de onde conclui-se que tais conjuntos não faziam parte do projeto de venda. A relação do acervo vendido não foi localizada no Museu Tempostal, nem na Diretoria de Museus, tampouco na Fundação Cultural, instituição que celebrou o contrato de venda. De acordo com o servidor Paulo Roberto Conde Madureira¹⁰⁴, responsável pelo arquivo da Funceb, houve uma inundação na antiga instalação do arquivo, ocasião em que a maioria dos documentos e processos foram perdidos. Todavia, esses e outros indícios contribuem para repensarmos os múltiplos colecionismos de Antonio Marcelino.

Figura 16 – Nova sede do Museu Tempostal como instituição vinculada à Dimus/Funceb/Secult em 05/11/1997



Fonte: Foto de divulgação Agecom (Luciano da Mata). Acervo da *Tribuna da Bahia*.

¹⁰⁴ Entrevista concedida à pesquisadora em 16/09/2016, durante tentativa de consulta ao Processo nº 03454/1995, que deveria estar arquivado no “arquivo morto” da Funceb, junto a outros processos de compra finalizados.

3. “EU NÃO FIZ O TRABALHO SOZINHO”: OS COLECIONISMOS DE ANTONIO MARCELINO DO NASCIMENTO

Fiz a primeira exposição. Você pode acreditar, mandei convites para toda a imprensa, intelectuais. Fiz o discurso de abertura, minha mãe estava presente, meu cunhado, a sociedade e os intelectuais. Inédito, nunca se fez uma exposição de cartões-postais, como esse rapaz vai fazer isso? Quando eu fiz a exposição a imprensa me ajudou, eu não fiz o trabalho sozinho. Foi a imprensa e as famílias importantes, porque o colecionismo de cartões-postais só era da alta elite, de quem tinha um poder aquisitivo alto, para se corresponder com a França, se corresponder com Portugal, se corresponder com tudo. Então, o que é que acontece, aí foi feita a exposição, eu abri os gavetões, as caixas de sapato cheias de cartões-postais dos colecionadores que não queria mais saber. [...] Fiz a primeira exposição, repercutiu demais. A segunda exposição já foi em 1966, que foi no Instituto Geográfico e Histórico, aí eu já fiz essa exposição patrocinada pelo Governo, repercutiu mais. Aí foi aumentando, eu comprando, adquirindo, comprando aqui, recebendo ali de presente. [...] É como se fosse uma família. São meus filhos. O Tempostal lá é um filho meu. O Alfarrábio Cultural é outro filho meu, dois filhos¹⁰⁵.

Antonio Marcelino se considerava um colecionador nato¹⁰⁶. Em diversos momentos, ele mobilizou essa ideia na entrevista que me concedeu em 2006: “eu nasci predestinado para a cultura”; “eu vim com essa ideia”; “sempre colecionei tudo”; “é minha tendência, eu nasci predestinado a ser colecionador”¹⁰⁷. Esse discurso é recorrente nos contornos autobiográficos da maioria dos colecionadores, visando a reforçar aquilo que Pierre Bourdieu (1996) definiu como “ilusão biográfica”. Desse modo, essa entrevista, assim os livros que publicou, as matérias na imprensa, as pesquisas que auxiliou e as próprias exposições realizadas por Marcelino consistem em espécies de “acontecimentos biográficos” que seu titular construiu sobre si mesmo e sobre os demais agentes do campo, o que contribui para a necessidade de escapar “da aproximação mecânica com a história de vida, subvertendo a lógica forjada de apresentação oficial para, em seguida, encará-lo como conjunto de indícios que permitem reconstruir alocações e deslocamentos no espaço social” (BRITTO, 2011, p. 49).

¹⁰⁵ Trechos da entrevista que realizei com Antonio Marcelino do Nascimento em 31/10/2006 (Cf. Apêndice).

¹⁰⁶ Que pertence ao ser desde o seu nascimento; inerente, natural, congênito (talento). (HOUAISS, 2009, p. 1061).

¹⁰⁷ Entrevista com Antonio Marcelino do Nascimento em 31/10/2006.

Conforme destaquei, Antonio Marcelino tornou-se conhecido pelo conjunto que originou o Museu Tempostal, formado por cartões-postais, fotografias, principalmente as que retratavam a Bahia Antiga, mas o que poucos sabem é que ele colecionava uma infinidade de materiais: “sempre colecionei tudo. Imagens antigas, óculos, vidros de perfume, tenho pra mais de 200 vidros de perfume; esses são os menores que eu tenho; coleção, Torre Eiffel em vidro/cristal; óculos da década de 60, da década de 50”¹⁰⁸.

Sua primeira paixão foram os livros. Aos 77 anos de vida, idade em que faleceu, ainda guardava consigo a primeira coleção, romances adquiridos na adolescência, quando ainda morava em Simão Dias-SE, comprados de Florives, moça que cortava seus cabelos. Marcelino exibia com muito orgulho os livros:

Aqui os meus primeiros livros. [...] *Adágios populares*; *Claudia, a desgraçada*, foi um romance que eu li, isto é lindo, inédito, ninguém conhece isso. Primeiros romances lidos e assinados por mim na época, 1944, isso eu era menino, adolescente. Aqui está minha primeira *Geografia*, guardei com todo carinho; aqui é outra, Clarita Santana, uma sergipana de Simão Dias, que foi para o Rio de Janeiro, se preparar, e escreveu no Rio um romance sobre o Rio. Aqui está a minha primeira Bíblia, resumo da história sagrada [...] eu lia *Romeu e Julieta* e *Cachoeira de Paulo Afonso*, de Castro Alves¹⁰⁹.

Ainda em Simão Dias, Marcelino iniciou sua coleção de Estampas de Eucalol¹¹⁰, modismo que se difundiu entre adultos e crianças devido à variedade de temas que ilustravam as séries de estampas contidas nas caixas dos sabonetes Eucalol. Segundo ele, as estampas serviam também como prêmio entre as crianças pobres nos jogos de gude e outras brincadeiras. Sua coleção era formada por 600 estampas. Em entrevista publicada no jornal *Tribuna da Bahia* em janeiro de 1972, o colecionador declarou que sua primeira viagem pelos continentes havia sido por meio das estampas de Eucalol:

Marcelino afirma que o seu amor pela fotografia, em geral, vem desde a infância, pois nunca jogou fora os retratos de familiares e amigos que eram trocados como um costume, os santinhos recebidos como prêmio nas lições de catecismo, as fotografias dos cortejos religiosos e

¹⁰⁸ Entrevista com Antonio Marcelino do Nascimento em 31-10-2006.

¹⁰⁹ *Idem*.

¹¹⁰ Lançadas pela Perfumaria Myrta S. A. entre os anos de 1930 e 1950. De acordo com Samuel Gorberg (2003), pesquisador e colecionador das Estampas Liebig e Eucalol, a distribuição das estampas foi uma estratégia publicitária da empresa dos irmãos Stern para impulsionar as vendas de produtos de higiene pessoal à base de Eucalipto. Devido à cor verde dos sabonetes, o produto teve pouca aceitação, visto que até então no Brasil os sabonetes eram nas cores rosa e branco. Por meio de anúncio em jornais, a Perfumaria Myrta convidada o público a colecionar as estampas que acompanhavam os sabonetes, contribuindo para que a mesma atingisse o topo do mercado. A partir de 1875, as estampas começaram a ser distribuídas em séries de seis, tendo no reverso um texto explicativo da imagem. Nesse período, na Europa já havia o hábito do colecionismo de cartões-postais e as estampas estavam ao alcance do grande público.

cívicos e por isso conserva tudo isto guardado e catalogado em seu arquivo. Porém a sua coleção começou mesmo com as estampas que acompanhavam o sabonete Eucalol e mostravam às crianças a imagem do Brasil e do mundo. (TRIBUNA DA BAHIA, 20/01/1972, p. 6).

O relato dessa fase da vida do menino “predestinado ao colecionismo” remete aos textos de Walter Benjamin (2000) e Ecléa Bosi (2003) sobre memória e as origens do indivíduo. Ao comentar as lembranças que retornam à memória ao desempacotar caixas e a formação de coleção por herança, Walter Benjamin recorda o momento em que encontrou dois álbuns de figurinhas herdados de sua mãe, que ela colou quando criança: “as sementes de uma coleção de livros infantis que ainda hoje cresce constantemente ainda que não seja no meu jardim” (2000, p. 234). Observa-se que, no caso de Benjamin, ele herdou a coleção de sua mãe, influenciando-o diretamente a ser colecionador de livros: “a herança é maneira mais pertinente de formar uma biblioteca”. Para o autor, o colecionismo na infância é algo ingênuo, apenas um dos “processos de renovação da existência”:

Crianças decretam a renovação da existência por meio de uma prática centuplicada e jamais complicada. **Para ela colecionar é apenas um processo de renovação; outros seriam** a pintura de objetos, **o recorte de figuras** e ainda a decalcomania e assim toda a gama de modos de apropriação infantil, desde o tocar até o dar nome às coisas. (BENJAMIN, 2000, p. 229) [grifos meus].

Contrariamente ao relato de Benjamin, Marcelino não teve influência familiar no seu hábito de colecionar, em sua casa não havia o hábito da leitura, seus pais não possuíam recursos para comprar livros. Ele não sabia justificar a origem da sua “mania” de colecionar, não sabia por que aquelas coisas lhe interessavam, pois as crianças da sua idade não tinham o hábito de colecionar informações ou coisas que se aproximassem de um conteúdo escolar. Elas colecionavam objetos comuns à idade, como bolinhas de gude, tampinhas de garrafas, até mesmo as estampas de Eucalol. Já os adultos o incentivavam, fornecendo as fontes para suas pesquisas pueris e, assim, ele buscava alternativas para satisfazer sua curiosidade. Possivelmente seja uma explicação para a valorização extrema que dava a cada objeto que possuía; tudo à sua volta tinha valor.

Na verdade, os trechos que destaquei na epígrafe deste capítulo contribuem para desconstruir certo romantismo em torno do ato de colecionismo. Ao mesmo tempo em que, ao longo da entrevista, o colecionador tentou reforçar a ideia inata do colecionismo, ele revela indícios preciosos que evidenciam a coleção como um

empreendimento coletivo no intuito de construir uma imagem de si e mobilizar lucros simbólicos para sua trajetória: imprensa, intelectuais, famílias abastadas, políticos, colecionadores consistem um conjunto de agentes que auxiliaram na produção da crença em Marcelino, a ponto de ele afirmar que “eu não fiz o trabalho sozinho”. Na verdade, ele se referia ao processo de construção da coleção. Eu utilizo essa frase para compreender as diversas facetas de seu colecionismo ou, em outras palavras, os colecionismos de Marcelino a partir do encontro com esses diferentes agentes.

3.1 Marcelino, “Guardião de Memórias”

Marcelino considerava o ano de 1952 um marco inicial na sua trajetória de colecionador, quando passou a conviver com os colegas do ensino médio no Colégio da Bahia (atual Colégio Central). Lá, aprendeu o que significava colecionar, o que era coleção, pois era comum os alunos colecionarem chaveiros, flâmulas, cartões-postais etc. Ele tomou consciência de que também era colecionador, pois já tinha suas coleções, os fragmentos da juventude que trouxe consigo na mala. Marcelino já se interessava por postais e passou a comprá-los em livrarias e bancas de jornais, além de pedir a colegas e pessoas amigas.

Em 1955, ainda funcionário do Colégio Ipiranga, recebeu de presente de uma aluna os primeiros postais antigos, que se tornariam destaque da sua coleção. Eram postais do período da *Belle Époque*. Outras doações aconteceram, porém a mais expressiva foi a da família Teixeira, que doou a coleção de Dodô Teixeira, um colecionador que viajou pelo mundo coletando postais das mais variadas temáticas, dentre eles muitos postais e fotografias da “Bahia Antiga”. Essas duas doações enriqueceram o acervo de Antonio Marcelino, tornando-o um grande colecionador. Em meados dos anos 1960, Antonio Marcelino conciliava a dedicação ao colecionismo às duas jornadas de trabalho como secretário.

A primeira exposição de sua coleção foi intitulada *Brasil Antigo em postais* e realizada no auditório do Ginásio Brasil, no período de 03 a 18/07/1965, sendo apresentados 700 exemplares. A convite do professor Antonio Loureiro¹¹¹, então superintendente da Difusão Cultural do Estado, Marcelino realizou, em 1966, uma segunda exposição, no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, inaugurada às 21

¹¹¹ *Tribuna da Bahia*, 23/01/1971, Caderno 3, p. 4.

horas do dia 25 de abril, com a presença de personalidades, como demonstra a fotografia publicada no jornal *A Tarde* (Figura 17) no dia seguinte ao evento¹¹²:

Figura 17 – Jornal *A Tarde*, 26/04/1966. Sobre inauguração da Exposição “Panorama do Mundo Antigo em Postais”, no IGHB



Fonte: Acervo da Biblioteca Pública do Estado da Bahia.

A colunista social July Isensee noticiou a exposição e o desejo do colecionador em montar um museu também no jornal *A Tarde*, na coluna “Sociedade”, ao lado de notícias sobre a elite baiana:

O Professor Antônio Marcelino, que está com uma exposição de postais antigos, no Instituto Geográfico e Histórico, tem como principal objetivo montar um museu. O colecionador tem mais de 6 mil postais antigos e quer apoio oficial para levar avante o seu propósito. (A TARDE, 28/04/1966, p. 8) [grifo em caneta esferográfica verde].

Ressalta-se que tal notícia foi inicialmente consultada em um dos *clippings* do Museu Tempostal, no qual o recorte do jornal possui um grifo em caneta esferográfica na cor verde. Os grifos foram percebidos também em outros recortes, geralmente na cor verde, mas também nas cores azul e preta, devido à correspondência de cores, similares

¹¹² Legenda da foto: EXPOSIÇÃO DE POSTAIS ANTIGOS – Com numerosa assistência, inaugurou-se, ontem, às 21 horas, no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e sob patrocínio da Superintendência de Difusão Cultural do Estado, a Exposição de Postais Antigos, organizada pelo Prof. Antônio Marcelino do Nascimento. A coleção é um resultado de um trabalho feito em 14 anos de pesquisas. Na foto, aspectos da inauguração.

às adotadas por secretarias das escolas na época. Conclui-se terem sido feitas pelo colecionador, em seu processo de arquivamento de si (ARTIÈRES, 1998).

O colecionador e sua rara coleção tornaram-se conhecidos. Algumas exposições foram realizadas na Bahia, em Sergipe, em São Paulo e no Rio de Janeiro, entre julho de 1965 e maio de 1974. A exposição no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia contribuiu, de algum modo, para uma maior visibilidade entre os intelectuais e na imprensa baiana. A imprensa teve um papel fundamental também em sua trajetória, pois desde a primeira exposição os jornais publicavam frequentemente notas e matérias sobre o colecionador e seu acervo iconográfico, ressaltando a importância para a sociedade baiana e pesquisadores do Brasil e do exterior.

A Jornalista Matilde Matos, colunista do extinto *Jornal da Bahia*, foi uma das divulgadoras da trajetória de Marcelino e do Museu Tempostal. Em sua coluna diária, “Página Quente”, nas “Dicas de Matilde”, trazia, por vezes, uma nota sobre o colecionador:

Colecionar é uma coisa. Fazer desta coleção o centro de seus interesses, usá-la como ponto de referência para estudos, empregar todo seu tempo em função da mesma, fazer dela uma utilidade ao alcance de muitos, é completamente diferente. É como faz Antonio Marcelino. Tendo como partida sua bela coleção de cartões, pesquisa vultos e acontecimentos históricos, vai buscar no passado fatos que passaram despercebidos e que têm o aval ali nos cartões. [...] Hoje os cartões de Marcelino são procurados a cada momento por alunos e estudiosos que querem documentar pesquisas, mas o colecionador anda muito preocupado com o futuro da sua coleção. Em qualquer outro lugar eles estariam muito bem catalogados e preservados, em local especial (o sonhado Tempostal de Marcelino), ao alcance do público. Afinal de contas são uma raridade que somente muitos anos de trabalho, amor e dedicação constante puderam reunir. (MATOS, *Revista do Jornal da Bahia*, 16/12/1973, p. 6).

O acervo crescia diariamente, adquirido por doações e compras, atingindo um quantitativo de aproximadamente 30 mil postais nos primeiros anos da década de 1970, dando origem ao Museu Tempostal, inaugurado em 27 de julho de 1974:

Quem quiser sentir a Bahia Antiga, é só dar uma passada pelo Tempostal na Rua do Sodré, 22 (em frente ao Museu de Arte Sacra), e ver os 1.500 postais que Antônio Marcelino vem com muito amor colecionando há tanto tempo, e conseguiu finalmente colocar num local permanente para visitação pública. Desde pesquisadores e historiadores, à gente de cinema, teatro e TV procurando documentação de figurinos de diferentes décadas, são muitos os que têm se utilizado nos cartões de Marcelino. E na onda da nostalgia, nada melhor do que suspirar diante das maravilhas que ele tem de fim de século e começo deste. Coleção das mais relaxantes, não conheço

quem tenha visto e não tenha achado o maior barato. (MATOS, *Revista do Jornal da Bahia*, 02/03/1975).

Além de comunicar, transmitir sentimentos entre ausentes e ser suporte de memórias, os cartões-postais possibilitam uma viagem por meio deles. Antonio Marcelino, que iniciou sua viagem pelos continentes ainda na infância por meio das estampas de Eucalol, dizia que conhecia o mundo por meio dos postais: “Entre sorrisos e brilhos nos olhos, ele tenta explicar a razão de tanto amor aos cartões: ‘Conheço todo o mundo através dos postais. Quando as pessoas falam dos lugares, sou capaz de me transportar mentalmente para eles’” (*In: CARNEIRO, Jornal Bahia Hoje*, 18/08/1993).

No mesmo sentido, o jornal *Tribuna da Bahia* convidava seus leitores a viajar “pelo mundo com os postais do Sr. Marcelino”:

Alemães, japoneses ou baianos querendo ver como era sua terra no século passado, basta que consultem a coleção de postais de Antônio Marcelino do Nascimento. São quase oito mil postais de todo o mundo do século XIX, alguns mais raros trazendo pedrarias, bordados e penas de passarinho, “na época em que tinha gosto na confecção de um postal”. [...] formam a coleção de Antônio Marcelino, reunindo fotografias do México, Venezuela, Uruguai, Argentina, Egito, África, Alemanha, Inglaterra, Estados Unidos, França, Espanha, Cuba, Rússia e vários outros países. [...] Mas além da Bahia, Marcelino tem postais dos aspectos de todas as capitais brasileiras. Como êle diz, “quem quiser, pode fazer uma viagem pelo mundo através de minha coleção”. (*Tribuna da Bahia*, 03/02/1970, p. 12).

A viagem proporcionada pelos postais ilustrados não é apenas geográfica, como também temporal, conforme declarou à visitante no livro de presenças na exposição *A Flor na Cartofilia*: “Agradeço ao Museu por me proporcionar esta maravilhosa viagem através dos tempos¹¹³”. As imagens representadas nos postais dialogavam com o universo onírico de cada um dos visitantes e, por sua vez, contribuía para a construção de imagens sobre o seu colecionador, que, aos poucos, se transformava em um “guardião da memória”.

Desse modo, Marcelino tornou-se uma referência no campo do colecionismo e da memória baiana. Tornou-se fiel depositário dos postais e fotografias e, a ele, era confiada a Bahia Antiga que desapareceu. Por meio das imagens, era possível acionar inúmeras lembranças, especialmente da Bahia. Nesse sentido, o colecionador torna-se o patrimônio principal do acervo. A partir dele, são criadas as conexões entre a

¹¹³ 43ª exposição do Museu Tempostal, realizada no Museu de Arte da Bahia (27/08 a 14/09/1986) – Bartolimara Souza Daltro – Salvador – visitante nº 15 do dia 05/09/1986.

materialidade e imaterialidade dos objetos. No caso específico de Antonio Marcelino, ele se tornou um “guardião da memória” da Bahia Antiga, da memória de personalidades baianas e brasileiras: “Parabéns à iniciativa do Shopping Baixa dos Sapateiros pela valorização históricas das lembranças de nossa Bahia e a Marcelino amigo: Você é o Guardião cuidadoso das relíquias da Bahia. Zínia S. de Araújo Góes – Pesquisadora Legislativa” (DEPOIMENTO REGISTRADO NO LIVRO DE VISITAS Nº 7, março/1987).

Ao longo de três décadas, Marcelino realizou um “trabalho de solidificação” dessas memórias, nos moldes apresentados por Ângela de Castro Gomes quando analisou o trabalho de Alzira Vargas em prol da memória paterna:

Construiu uma certa interpretação dos principais eventos que envolveram a figura do pai (e dela mesma), elegendo estruturas narrativas que se repetem, alterando-se de forma apenas secundária. Assim, ela sustenta uma mesma versão de acontecimentos, da ação de personagens e do sentido de conjunturas políticas ao longo de todo o depoimento que, cotejado com o texto do livro e também com o de várias entrevistas, apresenta uma extrema convergência. Se tal característica remete à existência de um discurso “fechado” que precisa ser questionado e testado pelo historiador, remete igualmente a um solo fértil para reflexões sobre o modo de pensar e atuar da depoente, o que certamente foi sendo decantado ao longo do tempo. (GOMES, 1996, p. 6).

A coleção de Marcelino reverbera um conjunto de tempos: os representados nas imagens dos postais; os da época de fabricação, envio e recebimento; das memórias de sua aquisição na coleção; dos diferentes encontros com o colecionador, com as exposições e com os museus.

Eram postais recebidos, com passagem pelos Correios, com selo e carimbo. Não eram endereçados a ele. Portanto, os postais da coleção de Marcelino guardam memórias de diversas pessoas, famosas e desconhecidas. Marcelino colecionava memórias suas e de outros, assim como o acervo que formou. Memórias visíveis registradas no suporte, seja por meio da escrita, da iconografia, das marcas e impressões digitais lá depositadas, bem como as invisíveis, imantadas por todos aqueles que fizeram parte da trajetória de cada postal, do fabricante ao colecionador Antonio Marcelino. Incluem-se nesse rol também os postais que não foram postados, apenas adquiridos para coleção, pois carregam consigo a memória de seus possuidores, como também de outros que se identificam com o conteúdo iconográfico e/ou histórico, a exemplo das memórias inventadas por Marcelino.

Nesse caso em particular, é interessante destacar que, mesmo após a transferência da coleção para a tutela da Funceb, em 1995, Marcelino deu continuidade à sua missão de “guardião da memória”, dessa e de outras coleções que começou a adquirir (Figura 18):

Eu já tenho outra coleção de cartões-postais, não como a do Museu Tempostal, mas já tenho uma quantidade, inclusive a coleção de Hildegardes Vianna, a grande folclorista imortal da Academia Baiana de Letras, hoje me pertence. Porque ela saiu da casa dela e foi morar num kitnet, ali no Politeama. Ela tinha um saco cheio de cartões-postais, viagem dela [...] saudosa memória [...] dentro de um saco de linhagem. [...] Esse material aqui foi adquirido depois que eu entreguei o acervo. Porque o Museu Tempostal não compra, só aceita doação. “Vá pra Marcelino, que ele compra”. Como é que deixa passar isso, em alto-relevo?¹¹⁴.

Figura 18 – Cartão-postal em alto-relevo adquirido para o Alfarrábio Cultural. Registro feitos durante entrevista na residência de Antonio Marcelino, em 31/10/2006



Fonte: Acervo da autora.

Marcelino pretendia criar um novo museu em sua cidade natal. Inédito, o Alfarrábio Cultural seria aberto à visitação pública, onde haveria palestras, além da exposição permanente. Cabe ressaltar que, durante a entrevista (2006), ele não informou como manteria essa instituição:

[...] eu pretendo voltar pra minhas origens. A minha origem é Simão Dias. Vim para a Bahia, cumpri minha missão; entreguei um museu à Bahia, ao Brasil e ao mundo. Estou com outro museu, porque alfarrábios é o lugar onde se coleciona quinquilharias, objetinhos, eu tenho de tudo. E eu caí na asneira de dar uma entrevista ao *A Tarde*, e disse: “Por favor, quem tiver alguma coisa que quiser jogar fora, procure Antonio Marcelino, meu telefone é... Que eu vou buscar”.

¹¹⁴ Entrevista que realizei com Antonio Marcelino do Nascimento em 31-10-2006.

Você sabe que até vestido antigo eu recebi? Até colchas de cama bordada à mão eu recebi? Que eles não queriam mais, porque era do finado, era da finada. Até escarradeira eu recebi.

Eu estou com uma exposição pra montar brevemente, “Mortos ilustres e seus funerais”. São 64 mortos dentro do esquife, estão todos ali [aponta para o armário]. Tem da Rainha Vitória a Guido Guerra, meu amigo, dentro do esquife. Paguei R\$60,00 para o fotógrafo ir ao funeral, porque eu não fui, e tirar a fotografia dele dentro do caixão; é o último que chegou pra fazer parte da minha exposição. [...] Então eu pretendo retornar à minha terra. Eu retornando à minha terra, eu vou criar lá um museu inédito, porque eu levarei pra lá o meu acervo para visitação pública; para palestras, dizendo o valor do acervo [...]”¹¹⁵.

Figuras 19 e 20 – Acervo do Alfarrábio Cultural, formado após a transferência da tutela do Tempostal para o Governo do Estado. Destaque para a quantidade de cartões-postais separados em grupos nas gavetas e os livros e objetos sobre cadeiras, mesas e dentro dos armários. Registros feitos durante entrevista na residência de Antonio Marcelino, em 31/10/2006.



Fonte: Acervo da autora.

Devido a seu falecimento súbito, seu sonho não pôde ser concretizado e o destino do seu acervo é desconhecido. Antonio Marcelino tornou-se um “coleccionador de coleções” ou um “guardião de guardiões de memórias”. Compete, aqui, compreender os processos de construção da imagem pública por meio da coleção, percebendo os diferentes colecionismos e agenciamentos em prol de sua fabricação enquanto importante “guardião” de determinadas memórias.

¹¹⁵ Entrevista que realizei com Antonio Marcelino do Nascimento em 31/10/2006.

3.2 A construção da imagem pública por meio da coleção

A coleção foi um passaporte para Marcelino frequentar os ambientes que almejava, mas que “não lhe cabiam” em virtude da sua condição socioeconômica. Como ele mesmo dizia, nasceu numa família pobre, sem “tradição”. Não tinha lugar nas camadas mais altas da sociedade simão-diense, tampouco da soteropolitana.

Ao longo da vida, contou com amigos das classes mais abastadas, tanto na cidade natal como na capital baiana. Em Simão Dias, seu acesso foi por meio do convívio com colegas do Grupo Escolar Fausto Cardoso, de famílias tradicionais, pessoas da comunidade católica da Igreja de Senhora Santana, onde auxiliava nas missas pelas manhãs como coroinha, e o ambiente de fartura da casa paroquial, onde fazia as refeições após a missa, com alimentos e utensílios diferentes do seu ambiente familiar. Marcelino conquistava com a sua inteligência, sua sede de conhecimento.

Os saberes que circundavam Antonio Marcelino contribuíram para torná-lo um pesquisador; todavia, mais importante é visualizar os encontros com agentes significativos no campo cultural baiano e o modo como esses agenciamentos contribuíram para a fabricação de Marcelino como colecionador e homem público. A própria reunião de coleções de agentes renomados consistiu em uma forma de fabricar a raridade e a importância da coleção e do colecionador. Importantes colecionadores fizeram doações a Marcelino, assim como personalidades baianas como Eugênio Teixeira Leal, prof. Isaías Alves, Nilda Spencer, Alice Moniz Silva (viúva de Presciliano Silva), prof. Cid Teixeira, Sante Scaldaferrì, Carlos A. Martins Catharino, Sylvia Teixeira Leal, Calazans Neto etc., como demonstram os registros nos livros de doadores:

258. Antônio Marcelino possui uma das melhores coleções de cartões postais do Brasil, dando assim uma grande contribuição à cultura de nossa terra. Só os “loucos” e privilegiados têm [*sic*] esta coragem de lutar pelos seus ideais. Com mais esta doação presto homenagem ao sensível amigo de muitos anos. Afetuosamente. 21/04/95.
[assinatura pouco legível, possivelmente Sante Scaldaferrì]

259. Antonio Marcelino tem um missão preservar um patrimônio de toda uma história do cartão postal.
Aplauso para ele.
Calazans Neto
21/IV/95

260. Em nome de Carlos Bastos faço entrega de postais, parabenizando Antonio Marcelino pelo interesse e dedicação que presta a cultura do país, com o Museu Tempostal.

Pedra do Sal 03/05/95. P.P. Altamir Galimherti
[companheiro de Carlos Bastos].

(Livro de registro de doadores de cartões postais e fotografias à Coleção Antonio Marcelino e posteriormente ao Museu Tempostal – Sede Sodré. Acervo do Museu Tempostal, consulta em setembro/2016).

Esse exercício consistiu em um modo eficiente de fabricar a imortalidade, conforme destacou Regina Abreu (1996) quando analisou os processos de encenação de memórias promovidos por colecionadores e herdeiros simbólicos e suas estratégias de consagração. Além da relação com outros colecionadores e pesquisadores, Marcelino conquistou grande parte de sua visibilidade através de sua articulação com a imprensa.

Figura 21 – Registro de Antonio Marcelino durante entrevista ao jornal *Tribuna da Bahia*, em janeiro de 1972



Fonte: Acervo *Tribuna da Bahia*.

Sua presença nos jornais era constante (Figura 21), inclusive com fatos sobre ele, sempre bem apresentado, de óculos e usando a “famosa” peruca, lembrada e citada por todos que o conheceram. As matérias nos jornais falam sobre o acervo, as exposições e também sobre aspectos de sua trajetória. Seu acervo era divulgado sempre como “uma preciosidade”. Um discurso, por vezes repetido, mas que certamente contribuiu para a solidificação da sua imagem pública.

Marcelino, em suas contribuições à imprensa, opinava sobre temas variados, mas principalmente defendia a memória da “Bahia Antiga”, a arquitetura dos casarões, a urbanização e os aspectos humanos dos habitantes de Salvador. A partir da pesquisa nos periódicos, foi possível compreender o período, o cenário vivido por Marcelino.

Alguns recortes disponíveis no Museu Tempostal reunidos em *clippings* não trazem data nem página ou estão com referências trocadas, dificultando a busca por periódicos completos que facilitem a leitura. A pesquisa na Dibip/BPEB foi uma tarefa árdua, pois o atendimento ao público foi prejudicado ao longo de 2016.

O fato é que a parceria entre Marcelino e a imprensa durou mais de quatro décadas. Sua presença nos jornais é anterior ao seu projeto de museu, como se vê na coluna de Francisco Barreto sobre o aniversário da Escola de Teatro (13/06): “Também o Sr. Antônio Marcelino, secretário da ETUBa fêz aniversário no dia 13 (data também de aniversário da Escola) e fugiu para Sergipe, para não comemorar a efeméride com os amigos baianos” (BARRETO, *A Tarde*, 14/06/1965, p. 5).

A partir dos recortes de jornais disponibilizados pela Coordenação do Museu Tempostal, foi possível perceber como ele se manteve presente nas páginas dos jornais por muitos anos; do mesmo modo que na imprensa televisiva, como demonstram as imagens do cedidas pelo Centro de documentação da Rede Bahia.

Sua coleção de postais foi noticiada pela imprensa local e nacional em diversos períodos, destacando a relevância da sua coleção e a contribuição do colecionador na preservação da memória coletiva (oficial) seja a baiana, a carioca, a sergipana, ou seja, a brasileira – memória que ultrapassa as imagens representadas nos postais. Conforme sublinhei anteriormente, cada cartão-postal trazia, além de belas imagens, memórias pessoais de anônimos e personalidades como Ruy Barbosa, Miguel Calmon, Eugênio Teixeira Leal, entre outros. O livro de registro de doadores do Museu Tempostal de Antonio Marcelino constam 267 doadores, entre nomes de famílias importantes na sociedade baiana do período, intelectuais, artistas, amigos, familiares e professores da UFBA, principalmente dos cursos de artes, que durante um período funcionaram juntas. 27 nomes que se repetem, como Eduardo Cabús, Ítalo Gaudenzi, Lia Robatto, Nilda Spencer e Virgília Maria Athayde Bispo Pereira.

A primeira exposição, em 1965, teve grande repercussão, fazendo surgir doações de várias famílias que viram no projeto de Marcelino um destino útil para as coleções de cartões-postais que estavam ocupando espaços em armários, gavetas ou embaixo de camas. Junto com os álbuns, eram doados outros objetos, ele recolhia tudo. Aceitava as doações. Levava para casa e lá fazia uma seleção do que era relevante manter em seu acervo e o que não interessava era trocado ou vendido, revertendo em recursos para a aquisição de outros itens. Os chamados dos doadores chegavam até as páginas dos jornais na seção de recados: “Para Antonio Marcelino: venha buscar 500 (quinhentos)

postais para a sua coleção” (PETRUS, *Jornal da Bahia*, Mataripe Social, 07 e 08/01/1973).

Em 1974, Marcelino realizou a exposição “Cem Anos do Brasil Antigo”, com 1.500 postais, no salão nobre do edifício sede do *Diário de Notícias* por ocasião das comemorações do centenário do periódico por nove dias (18 à 26/06/1974), com patrocínio do “Jornal de Cultura”, suplemento literário do jornal. A noite de abertura (18/07) foi noticiada com destaque na edição do *Diário de Notícias*, no dia seguinte, trazendo na capa uma fotografia da exposição (Fig. 21), na qual aparecem Marcelino e convidados da imprensa, entre eles o colunista Alexis Augusto; e na página 3, do Caderno 1, a matéria “DN inaugura exposição de postais do Brasil antigo”, com uma fotografia dos visitantes admirando os postais nos painéis (Figuras 22 e 23).

Figuras 22 e 23 – *Diário de Notícias*, 19/06/1974, p. 3. Acervo da Biblioteca Pública do Estado da Bahia



Foto: Tatiana Almeida – 06/12/2016.

O texto comenta a exposição, o potencial fotográfico da coleção nacionalmente conhecida, apresenta o colecionador e, por fim, noticia a inauguração do Museu Tempostal, prevista para o dia 1º de julho de 1974.

No dia 20 de junho, o jornal *A Tarde* também noticiou a inauguração da exposição. A matéria traz a informação sobre a organização dos postais: “São 60

‘stands’ distribuídos em cavaletes mostrando 1.500 postais colecionados pelo pesquisador Antônio Marcelino”¹¹⁶. No recorte do jornal consultado no Museu Tempostal, as palavras sublinhadas estão grifadas em caneta esferográfica, nas cores azul e verde, certamente feitas por Marcelino, fato que se repete em outros recortes.

Também no dia 20, na página 4 do *Diário de Notícias*, caderno 1 – Opinião comparece a matéria/texto “Na meta do Centenário”, na qual se comenta a exposição e a importância do acervo, destaca-se a dedicação do colecionador e justifica-se a escolha do tema para as comemorações do centenário do *DN*:

[...] Já ante-ontem [*sic*] patrocinando através do seu suplemento literário “Jornal de Cultura”, inaugurou-se no salão nobre do nosso edifício sede a exposição de postais antigos do Brasil, em que se mostra todo um século de evolução urbana brasileira, através de **postais que se constituem realmente num valioso acervo recolhido, com perseverança e preocupação artístico-cultural pelo colecionador Antonio Marcelino.** [...] A exposição “Cem Anos do Brasil Antigo” é uma iniciativa que **faz jus ao trabalho e à dedicação de um colecionador**, permitindo nos dias de hoje o deleite de uma visão pitoresca do passado, pela fixação de momentos realmente marcantes da nossa evolução urbanística e arquitetural. [...] Por isso mesmo, não se poderia escolher melhor tema para motivar todo o esforço comemorativo de um século de existência diariamente vivido nas páginas do DIÁRIO DE NOTÍCIAS, da Bahia. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Opinião, 1974, p. 4) [grifos meus].

Nos dias seguintes (21, 22, 23, 24 e 25/06/1974), a exposição ganhou divulgação de destaque nos cadernos¹¹⁷ do *Diário de Notícias* (Figura 24), com um anúncio no final da página (ocupando toda a largura da área de impressão e altura de 5,5 cm), que convidava o leitor para visitar a exposição: “Visite o ‘TEMPOSTAL’ no *Diário de Notícias* – a maior exposição de postais do mundo. Diariamente (das 14:00hs às 21:30)”. Não é possível desconsiderar que essa constante exposição do colecionador, da coleção e do museu contribuiu para a fabricação do renome em torno de Antonio Marcelino e para sua legitimação no cenário baiano enquanto um “coleccionador de conhecimento”.

¹¹⁶ Jornal *A Tarde*, 20/06/1974, página 2. Nesta mesma página, há duas notícias sobre museus em Salvador: “Encontro sobre museus se realizará na Bahia” – VIII Colóquio Nacional de Museus de Artes e Afins no Museu de Arte Sacra – UFBA, 29 e 30/07/1974, promovido pela Associação de Museus do Brasil. Ressalte-se que a residência de Marcelino e o Museu Tempostal eram em frente ao MAS. “No Farol da Barra, o Museu de Hidrografia” – sobre a criação do Museu de Hidrografia, da Marinha, a ser inaugurado em 03/12/1974.

¹¹⁷ Edições n. 21.627 – sexta-feira, 21/06/1974; n. 21.628 – sábado, 22/06/1974 – Caderno 2, página 1, Local. Edição n. 21.629 – domingo, segunda e terça-feira, 23, 24 e 25/06/1974 – Caderno 1, página 6, Internacional.

Figura 24 – Diário de Notícias, 21/06/1974, Caderno 2, Caderno Local, p. 1. Acervo da Biblioteca Pública do Estado da Bahia

DN - caderno 2 - página 1

21/6/74

Local

Festa de São João reúne excepcionais



O tradicional São João de Salvador reuniu nesta noite os melhores artistas da cidade para uma festa que promete ser inesquecível. O evento, realizado no auditório da Prefeitura Municipal, contou com a participação de mais de 50 grupos de dança, música e teatro. A programação foi montada especialmente para esta ocasião, com apresentações de alta qualidade artística. O público foi recebido com muita hospitalidade e a festa terminou com um show de fogo que deixou todos maravilhados.

Velhinhos do Abrigo do Salvador fizeram festa nos 40 anos da entidade

Os moradores do Abrigo do Salvador fizeram uma festa especial para comemorar os 40 anos de existência da entidade. O evento, realizado no auditório da Prefeitura Municipal, contou com a participação de todos os moradores e familiares. A programação foi montada especialmente para esta ocasião, com apresentações de alta qualidade artística. O público foi recebido com muita hospitalidade e a festa terminou com um show de fogo que deixou todos maravilhados.

Supletivo: nova hora para exames

O Conselho de Exames do Ensino Superior do Estado da Bahia anunciou que a partir de agora os exames supletivos serão realizados em uma nova hora. O objetivo é facilitar a participação dos candidatos e melhorar a organização do evento. A nova programação será divulgada em breve.

Palestra e batismo em mais um congresso das Testemunhas de Jeová

Os membros da Igreja das Testemunhas de Jeová realizaram um congresso em Salvador. O evento contou com uma palestra sobre a Bíblia e o batismo de novos membros. O congresso foi muito bem recebido pelo público e terminou com uma celebração especial.

Um homem estranho no ICBA hoje

Um homem desconhecido foi visto no ICBA hoje. O indivíduo estava sozinho e parecia estar procurando alguém. O caso está sendo investigado pelas autoridades locais.

Mais ônibus para quem vai passar o S. João na roça

A Prefeitura Municipal anunciou que vai comprar mais ônibus para facilitar o transporte dos moradores que vão passar o São João na roça. O objetivo é garantir a segurança e o conforto dos passageiros durante o período festivo.

Garantido o êxito da pesquisa

A pesquisa realizada em Salvador sobre o desenvolvimento econômico da cidade está garantida. Os resultados serão divulgados em breve e vão servir como base para a elaboração de políticas públicas.

Alguma vez assistiu para comprar sua TV usada?

Alguma vez assistiu para comprar sua TV usada? Este é um anúncio para uma loja que vende televisores usados em boas condições. Os preços são muito baixos e a qualidade é excelente.

Visite o "TEMPOSTAL" no Diário de Notícias - a maior exposição de postais do mundo. Diariamente (das 14:00hs às 21:30)

Foto: Tatiana Almeida – 06/12/2016.

3.3 Marcelino colecionador de conhecimento, principal patrimônio do Museu Tempostal

“Eu fui privilegiado, porque foi através de mim, expondo cartões-postais, que outros pequenos colecionadores do Brasil começaram a se movimentar”¹¹⁸. Esse trecho da entrevista de Marcelino também revela trocas e agenciamentos com outros colecionadores e mediadores responsáveis pela fabricação no campo da memória e dos museus. O colecionador ainda informou que estava consciente dos efeitos da fabricação de sua imortalidade (ABREU, 1996) na longa duração: “Se você chegar hoje no Rio de Janeiro, se chegar em São Paulo, Minas Gerais, procure os colecionadores e pergunte: você conhece Marcelino? Ah, o mestre da cartofilia?”¹¹⁹.

Para além do mestre da cartofilia, ou a partir dessa fabricação, reconheço Antonio Marcelino como um “patrimônio do conhecimento”¹²⁰. Aqui, esse conceito dialoga com a Declaração Universal Sobre a Diversidade Cultural, produzida pela Unesco (2001), quando disseminou que a cultura deve ser considerada como:

conjunto dos traços distintivos espirituais e materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade ou um grupo social e que abarca, além das artes e das letras, os modos de vida, as maneiras de viver juntos, os sistemas de valores, as tradições e as crenças.

Essas orientações dialogam explicitamente com a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, aprovada pela Unesco em sua 32ª reunião, realizada em Paris, em 2003. De acordo com a Convenção, o patrimônio imaterial consiste nos

usos, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e espaços culturais que lhes são inerentes – que as comunidades, os grupos e em alguns casos os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural.

Esse entendimento foi ampliado na Convenção Sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais aprovada pela Unesco, em 2005, em Paris. Nesse sentido, a diversidade é concebida não apenas nas múltiplas

formas nas quais se expressa, enriquece e transmite o patrimônio cultural da humanidade mediante a variedade de expressões culturais, mas também através de distintos modos de criação artística, produção,

¹¹⁸ Trecho da entrevista com Antonio Marcelino do Nascimento, em 31/10/2006.

¹¹⁹ Trecho da entrevista com Antonio Marcelino do Nascimento em 31/10/2006.

¹²⁰ Categoria de patrimônio sugerida pela professora Dra. Heloísa Helena Gonçalves da Costa, no Exame de qualificação desta pesquisa (2016), para aprofundar a investigação da hipótese de Marcelino ter sido um “coleccionador de conhecimento”.

difusão, distribuição e desfrute das expressões culturais, quaisquer que sejam os meios e tecnologias utilizados.

O patrimônio imaterial necessita de um interlocutor para fazer sentido; faz-se necessário que haja um mediador para comunicar o intangível, transmiti-lo e salvaguardá-lo. Marcelino era um mediador entre o conhecimento que acumulou e os interessados/público, pois sem esse interlocutor não é possível conhecer nem apreender. Os postais eram um meio e uma tecnologia para difundir o conhecimento, mas o próprio Marcelino tornou-se um “patrimônio vivo desse conhecimento”, conforme insinuavam as matérias jornalísticas na década de 1990:

Não só guardar como também aprender a história de cada cartão-postal. Marcelino é um pedaço vivo da história da Bahia, que aprendeu com as dezenas de livros antigos que mantêm em suas estantes. Passou 21 anos como secretário da Escola de Teatro da UFBA e há quase duas décadas faz a alegria do pessoal do Colégio Brasil, única ocupação que o faz sair de casa e deixar a coleção de lado por algumas horas. Entre sorrisos e brilhos nos olhos, ele tenta explicar a razão de tanto amor aos cartões: “Conheço todo o mundo através dos postais. Quando as pessoas falam dos lugares, sou capaz de me transportar mentalmente para eles”. (CARNEIRO, BAHIA HOJE, 18/08/1993).

Em 13/09/1971, o jornal *Tribuna da Bahia* publicou a reportagem “Cartões Postais de Antônio Marcelino viajam para mostra em São Paulo”¹²¹, em que noticia a ida de Marcelino para São Paulo; e a exposição no Instituto Central de Educação Isaías Alves (Iceia), com postais de Estados brasileiros e a palestra de Antonio Marcelino sobre a Bahia Antiga, destacando o Elevador Lacerda e sua posição histórica. Divulga que a coleção já ultrapassa o quantitativo de 10 mil postais, mais da metade da Europa. Nessa matéria, há uma declaração polêmica de Marcelino:

– Acredito que o ensino seria muito mais fácil se os professores tivessem um material histórico mais detalhado, mais orientado. O aproveitamento seria mais eficiente. Fazer demagogia de fatos é fácil, comprová-los é muito mais difícil. Na minha exposição de São Paulo, não procurarei nunca mostrar simplesmente o cartão, mas localizá-lo e para isto, estudei história como pesquisador, excluindo a mania de inventar, tão comum no historiador. Verbalizar é desistir de fazer a verdade. (TRIBUNA DA BAHIA, 13/09/1971).

¹²¹ Acima da matéria sobre a coleção de Marcelino, uma matéria sobre uma palestra realizada por Sônia dos Humildes, atriz, professora da Escola de Teatro da UFBA e amiga de Marcelino, como parte de um Curso de Comunicação promovido pelo Iceia: “Sônia dos Humildes dá recado de teatro”.

Buscando desfazer o mal-entendido, Marcelino escreveu uma carta¹²² intitulada “Prezado e Respeitável Mestre”, na qual o colecionador se desculpa com o “mestre” por trechos publicados na reportagem da *Tribuna da Bahia* daquele dia. Nela, também descreve quais eram suas referências para suas pesquisas históricas, fala do arquivo de recortes de jornais e narra um pouco da sua relação de mestre-discípulo com o professor Isaías Alves:

Fiquei perplexo quando me deparei com a reportagem publicada no conceituado jornal “A TRIBUNA”, desta data, na sua folha 14. [...] Nunca, jamais, teria a petulância, a coragem e a ousadia de usar as expressões constantes da reportagem. [...] Meu Deus dos Céus, respeitando os meus grandes mestres, vivos e mortos, como respeito: Alberto Silva, Isaltino Paraizo, Luiz Monteiro, José Barreto Bastos, Luiz Henrique Dias Tavares, Antonio Andrade, Clériston Andrade, Salvador de Ávila e finalmente **o inesquecível Isaías Alves, que, já enfermo, me transmitia seus conhecimentos, dando aulas sobre a Bahia Antiga, descrevendo minuciosamente, a imagem de Salvador Antiga, sobre pedaços de papel cujos rascunhos ainda os guardo carinhosamente**, por que iria eu, começando a engatinhar no campo das pesquisas históricas, julgar dessa maneira, tão friamente **como se não houvesse reconhecimento daquilo que recebi e nada tenho para pagar em substituição a quem sou, por toda vida, reconhecido**. O meu reconhecimento não é apenas para os professores de quem ouvia o “V E R B O” que é elemento tão sublime e essencial no ser humano, é, também, para os mestres, que, indiretamente, através da imprensa falada, escrita e televisada têm contribuído bastante para ampliar os meus conhecimentos, tais como: Professores Mariêta Alves (crônicas sobre igrejas e alfaias), Armando Sales (falecido) (crônicas sobre “O Brasil é Assim”, tendo mais tarde, essas crônicas constituído um excelente livro e, em seguida “Turismo&Hotéis”, Hildegardes Vianna (recentes crônicas sobre Portugal), Padre Barbosa, Cid Teixeira, Adroaldo Ribeiro Costa, José Calazans, Dom Clemente Nigra, **Valentim Caldeiron la Vara**, Antonio Loureiro de Souza, Carlos Eduardo, **Pedro Calmon**, Fernando Hupsel e **tantos outros de quem guardo recortes de jornais quer servem de subsídios para as minhas humildes pesquisas**. (ANTONIO MARCELINO, Carta, 13/09/1971) [grifos meus)].

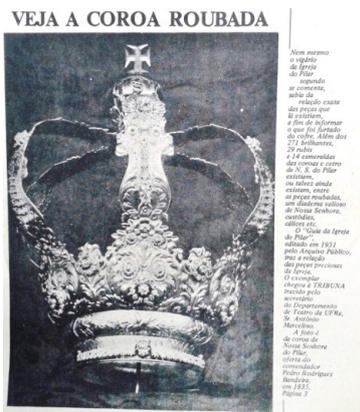
Essa carta é sintomática, por apresentar a importância de valorização do “patrimônio do conhecimento” sobre a “Bahia Antiga” e também por explicitar uma listagem de mestres que potencialmente teriam lhe transmitido esses conhecimentos. Desse modo, Marcelino tornava-se herdeiro e legatário, inserindo-se nessa genealogia como um expoente e, ao mesmo tempo, desfazendo o mal-entendido promovido pela reportagem.

¹²² Carta de Marcelino datilografada e assinada, sem destinatário. Documento consultado no arquivo do Museu Temporal em setembro/2015.

Além disso, como forma de atestar esse papel exercido por Antonio Marcelino, os jornais noticiavam importantes descobertas sobre a história da Bahia. Quando era publicado um “mistério” em alguma matéria de jornal, ele se dedicava a desvendá-lo, como na ocasião do roubo das joias da Igreja do Pilar (Figura 25), do aniversário do Elevador Lacerda e do monumento do Largo da Vitória que representa um busto de um homem (Figura 26), sem identificação do nome, apesar de haver uma biografia e a “história do monumento minuciosamente gravadas”¹²³, todas publicadas pelo jornal *Tribuna da Bahia*. Na matéria que desvenda o mistério do monumento do Largo da Vitória a partir da pesquisa apresentada por Antonio Marcelino, o periódico ressalta a colaboração do colecionador:

A propósito da matéria publicada anteontem na TB, na página 3, sob o título “Ele foi governador e é Monumento. Quem é Ele?”, referente ao busto de um homem no largo da Vitória, o colecionador Antônio Marcelino, baseado na publicação “Baianos Ilustres” [...] informou que se trata do Dr. Joaquim Manuel Rodrigues Lima. [...] Agora, Antônio Marcelino sugere às autoridades competentes que mandem incluir no monumento o nome do homem. [...] Conhecido colecionador de postais, Antônio Marcelino é também um colaborador deste jornal. Quando do roubo das jóias [sic] do Pilar foi quem forneceu as fotos dos arquivos das coroas, não apenas de Nossa Senhora do Pilar como também Nossa Senhora do Carmo, Santana e da Conceição, entre outras. Foi ele também que provocou a polêmica quanto à data de inauguração do elevador Lacerda, conforme publicação da imprensa local e sul do país. (TRIBUNA DA BAHIA, 14/02/1973, p. 13).

Figuras 25 e 26 – Notícias no jornal *Tribuna da Bahia* registram a colaboração das pesquisas de Antonio Marcelino. À esquerda, edição n. 649, de 15/12/1971, sobre o roubo na Igreja do Pilar; à direita, edição n. 1010, de 14/02/1973, sobre o monumento no largo da Vitória



Fonte: Acervo Tribuna da Bahia. Foto: Tatiana Almeida, 28/09/2016.

¹²³ *Tribuna da Bahia*, 14/02/1973, p. 13.

O acervo de Marcelino também ilustrou duas publicações na década de 1970 cujo destaque é a “Bahia Antiga”: *Bahia: um século de progresso*, de abril de 1972, editada pelo Banco Econômico S.A.; e *Bahia, 70 anos de iluminação elétrica de rua*, de sua autoria, publicada em dezembro de 1973.

No ano de 1971, a notícia que a “Bahia Antiga” seria tema de um álbum com 64 imagens de cartões-postais pertencentes à coleção de Antonio Marcelino circulou nos jornais da Bahia e do Rio de Janeiro:

Êste [sic] ano, patrocinado pelo Banco Econômico da Bahia, o Sr. Antonio Marcelino do Nascimento organizou um esquema de postais da Velha Bahia para a confecção de um album. Êste album receberá o título de “Bahia Antiga, uma Homenagem do Banco Econômico à Nova Bahia. A fim de manter contato com gráficas do Rio e São Paulo, embarcou ontem o colecionador. Espera-se que até março ou princípio de abril o album seja lançado na Bahia. É, sem dúvida, uma obra da maior utilidade para escolas, museus, pesquisadores, estudiosos e curiosos. [...] Postais da Bahia Antiga vão ser impressos em álbum com legendas do colecionador Antonio Marcelino. Esta reportagem conta a história da coleção de Marcelino e anuncia para os próximos meses [sic] a publicação do álbum. (TRIBUNA DA BAHIA, 23/01/1971, Caderno 3, p. 4).

No mês de janeiro, o colecionador viajou para o Estado da Guanabara, GB¹²⁴, como noticiou também PETRUS na coluna Mataripe Social do *Jornal da Bahia* (24 e 25 de janeiro de 1971). Na mesma data, o *Jornal do Brasil*, na coluna Gente, 1º Caderno (Figura 27), traz uma fotografia de Marcelino, apresentando-o, divulgando sua coleção e o futuro álbum, motivo da sua viagem. *O Globo* deu destaque na edição do sábado, 30/01/1971, ao publicar a matéria “Colecionador de postais quer organizar exposição no Rio” (Figura 28), ilustrada por dois postais da coleção, um com imagens da região onde se encontra a Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro (RJ) e outro com imagem da região do Comércio, na qual aparece o Elevador Lacerda. Na ocasião, Antonio Marcelino aproveitou para divulgar a confecção do álbum, sua coleção e a pretensão de realizar na cidade uma exposição com postais sobre o Rio de Janeiro (1902 a 1970) no mês de julho do mesmo ano – que possivelmente não ocorreu, pois não há registros na documentação consultada, nem nos livros de visitantes.

¹²⁴ Acrônimo utilizado para referir-se ao Estado da Guanabara, que existiu de 1960 a 1975 no território do atual município do Rio de Janeiro, criado após a transferência definitiva da capital brasileira para Brasília. Fonte: <<http://diariodorio.com/breve-historia-do-estado-da-guanabara/>>. Acesso em 20 out. 2016. Tal sigla aparece em algumas matérias consultadas.

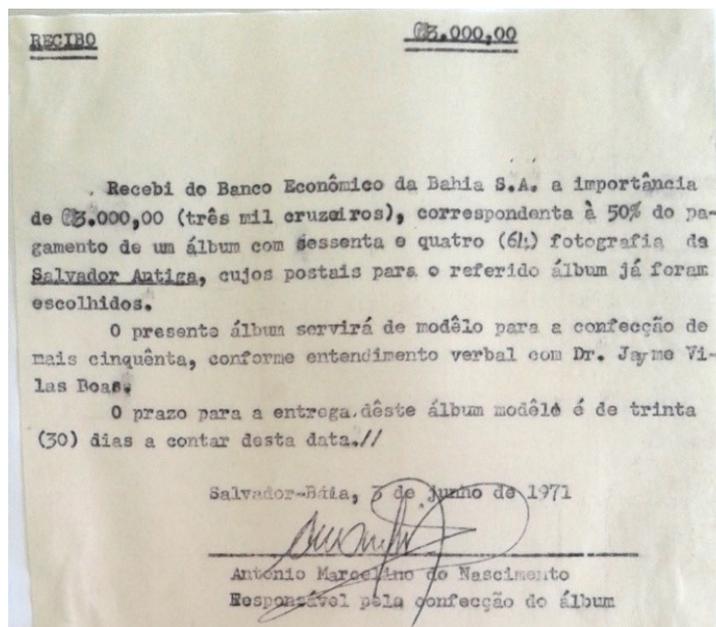
Figuras 27 e 28 – Recortes de notícias publicadas no *Jornal do Brasil* e *O Globo* em janeiro de 1971



Fonte: *Clippings* do Museu Tempostal e de Antonio Marcelino. Foto: Tatiana Almeida, 26/09/2016.

A produção do “Álbum Bahia Antiga” foi financiada pelo Banco Econômico, como comprovam os recibos assinados pelo colecionador e ordens de pagamento no valor total de Cr\$ 6.000,00, pagos em duas parcelas nos meses de junho e setembro de 1971. Tais documentos encontram-se arquivados no Museu Tempostal (Figura 29).

Figura 29 – Recibo assinado por Antonio Marcelino em 1971, referente à parcela 1/2 para produzir o álbum sobre “Salvador Antiga”



Fonte: Acervo do Museu Tempostal. Foto: Tatiana Almeida, 26/09/2016.

Apesar de toda a divulgação sobre a confecção desse álbum e de constar no recibo (Figura 29) que o modelo seria entregue em trinta dias, a contar de 03/07/1971, não foi identificada nenhuma publicação com tal título ou características, nem notícias nos periódicos sobre o lançamento, tampouco no Museu Tempostal. A atual coordenadora do Museu informou desconhecer tal publicação. Os entrevistados também não souberam informar, tendo João Brandão e Paulo Sanctis relatado conhecerem apenas a obra *Bahia, 70 anos de iluminação elétrica de rua*, publicada possivelmente em dezembro de 1973.

Contudo, é possível deduzir que a proposta do “Álbum Bahia Antiga” tenha sido modificada e resultado na publicação *Bahia: um século de progresso. Um ensaio fotográfico* (Figura 30), visto que esta foi editada pelo Banco Econômico da Bahia S/A e lançada em abril de 1972, alguns meses após o pagamento da segunda parcela (22/09/1971). Com texto de apresentação de Godofredo Filho¹²⁵, a publicação exhibe imagens de distintos locais de Salvador presentes em sete postais da coleção de Antonio Marcelino representando a Bahia Antiga, de finais do século XIX e início do XX. Baseado nessas imagens, o fotógrafo Artur Viana realizou novas fotografias desses mesmos locais, buscando registrá-los a partir dos mesmos ângulos, com o objetivo de comparar as modificações urbanas da capital.

Figura 30 – Bahia: um século de progresso. Ficha técnica no verso da primeira folha: “FOTOS: Final do Séc. XIX e início do Séc. XX: Col. Antônio Marcelino. 1972: Artur Viana”



Fonte: Acervo da Biblioteca do Museu Eugênio Teixeira Leal. Foto: Tatiana Almeida, 08/11/2016.

¹²⁵ Godofredo Rebelo de Figueiredo Filho (1904-1992) foi diretor do Sphan/Iphan na Bahia (1938-1970).

Figura 31 – Imagens da Ladeira de São Bento em 1972 (Artur Viana) e Finais do Século XIX (J. Mello) – coleção Antonio Marcelino. Bahia: um século de progresso



Acervo da Biblioteca do Museu Eugênio Teixeira Leal. Foto: Tatiana Almeida – 08.11.2016.

O lançamento da publicação foi realizado na sede da Associação Baiana de Imprensa (ABI) em 13 de abril de 1972, com sessão solene e presença de autoridades como o prefeito Clériston Andrade, Eugênio Teixeira Leal, presidente do Banco Econômico, Jaime Villas Boas, diretor do Banco, Godofredo Filho, dentre outros. A imprensa local (jornal *A Tarde*, *Tribuna da Bahia*, *IC – Indústria e Comércio*) e nacional (*Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro) noticiou o evento, ressaltando a relevância da publicação e, mais uma vez, enaltecendo a qualidade da coleção de Marcelino:

EXCELENTE PUBLICAÇÃO. Está mesmo uma jóia [sic] o ensaio fotográfico “Bahia: Um século de Progresso”, editado pelo Banco Econômico da Bahia S/A. Trata-se de uma série de fotografias (postais) da Bahia dos fins do século XX, colocadas ao lado de fotografias da Bahia atual. Os postais antigos são da famosa coleção de Antônio Marcelino, enquanto os outros são de Artur Viana. Vale dizer que tudo foi muito bem elaborado e que a publicação tem, na sua abertura, a assinatura de Godofredo Filho, presidente do Patrimônio Histórico da Bahia. (A foto-montagem que publicamos dá ideia do ensaio). (SANTOS, *Tribuna da Bahia*, 10/04/1972, p. 6).

Cabe ressaltar que, dos referidos periódicos, apenas o jornal *A Tarde* publicou fotografia do evento, na qual não é possível ver Antonio Marcelino entre os convidados. Ainda segundo as matérias, o intuito da publicação também foi promocional, para marcar o ingresso do Grupo Econômico na “indústria do turismo” com a aquisição da Franstur, de São Paulo, e da Kontek, de Salvador. Nos recortes dos jornais consultados no Museu Tempostal¹²⁶ (*A Tarde* e *IC*), o nome de Antonio aparece grifado com caneta

¹²⁶ *Clippings* do Museu Tempostal e de Antonio Marcelino. Gestão Museu Tempostal: Edgard Assis Filho 2004/2006. Volumes I e II.

esferográfica na cor verde¹²⁷, marca identificada em outros recortes de periódicos, de onde se conclui ter sido feita pelo colecionador em seu processo de arquivamento de si (ARTIÈRES, 1998).

No texto de apresentação, Godofredo Filho tece considerações sobre o hábito de colecionar, as utilidades das coleções e comenta o colecionismo de Antonio Marcelino do Nascimento, destacando a paixão do colecionador e a qualidade do seu acervo:

Há “hobbies” que parecem singularmente inúteis, em que pese a dificuldade para julgamento de certos critérios de utilidade, e alguns que se afiguram apenas extravagantes; outros, e são os mais, que admitimos como simples entretenimento de quem os exercita ou mesmo espécie de fuga do tédio, através de um mecanismo de paciência orientado pelo comprazimento em atividade inconsequente.

Mas esse, de Antônio Marcelino do Nascimento, **transcende das catalogações expressas para inserir-se numa quase categoria de vivência estética, qual o de perseguir e fixar o passado em suas conotações com a ordem plástica.** Pois o “hobby” de Marcelino é a Bahia dos fins do século XIX e dos primeiros anos do atual, Bahia só de raro em raro compromissada com expressões de graça alígera e às mais das vezes plena da turgidez e densidade com que se apresenta ora no casario, ora nas figuras humanas acaso vislumbradas em suas ruas de aspectos para sempre acabados.

O curioso é que toda essa revelação nos vem através de **uma coleção de cartões-postais em preto e branco, cuidadosamente arrumados em sequência cronológica que nos permite acompanhar, entre surpresos e comovidos, parte da evolução arquitetônica e de costumes desta cidade do Salvador.**

Bem haja o colecionador apaixonado e arguto na escolha de suas peças, senhor e dono de um acervo de cerca de doze mil postais, e capaz de também mostrar, como presentemente o faz com a Bahia, a fisionomia antiga de quase todas as capitais e de muitas cidades do país e do mundo. E o Banco Econômico da Bahia S.A., igualmente, que nos vem de possibilitar o brinde iconográfico que é **o presente álbum repositório de lembranças da mais subida valia, pois de seu contexto exurge uma vida pretérita poderosa e múltipla em suas manifestações plásticas e humanas.**

Assim, teremos uma exemplar lição de como **a cidade nova** em que vivemos, com suas largas pistas e edifícios varando o céu, **não se pode comparar em doçura e em pureza construtiva a essa que os postais relembram, cidade maternal e tranquila, cujas prerrogativas de autenticidade ainda restantes é do nosso dever preservá-las e amá-las, com a força do espírito e o fervor do coração.** Bahia, fevereiro de 1972. Godofredo Filho. [grifos meus].

Godofredo exalta os aspectos arquitetônicos da Bahia Antiga, bem como ressalta as figuras humanas e outras cidades do Brasil e do mundo que aparecem nas imagens da coleção de Antonio Marcelino.

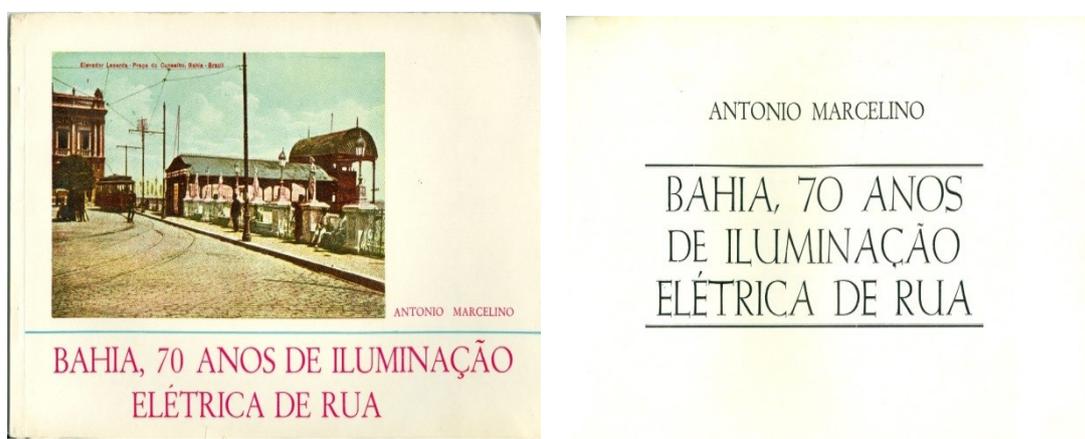
¹²⁷ A exemplo da Figura 28.

O edifício da Associação Comercial da Bahia (no bairro Comércio) inicia a série, seguido da Igreja do Bonfim e entorno; uma vista da cidade (registrada a partir do mar em frente ao Mercado Modelo, na qual se vê o Elevador Lacerda e trecho da paisagem urbana das cidades baixa e alta); Ladeira de São Bento (Figura 31) em fins do século XIX, na qual se veem entre os transeuntes trabalhadores negros, sinhazinhas e homens de paletó – uma imagem muito difundida, registrada por J. Mello; o Farol da Barra (registrado a partir do Morro do Gavazza); a Igreja de Santana (no bairro Nazaré), registrada a partir de uma das ladeiras do Pelourinho, possivelmente no início do século XX, pois a data de postagem é da primeira década, e o Dique do Tororó, que encerra a série. Alguns postais trazem o carimbo “Coleção Antonio Marcelino” na parte superior ou inferior das imagens.

Em dezembro de 1973, foi lançada *Bahia, 70 anos de iluminação elétrica de rua*, de autoria de Antonio Marcelino. A publicação desta obra foi uma das materializações dos sonhos de Marcelino e culminou na inauguração do Museu Tempostal, na Rua do Sodré, 22, no centro histórico de Salvador, em 27 de julho de 1974.

A pequena obra foi de grande relevância para a história da Bahia. Por se tratar de uma pesquisa inédita, trazia ao conhecimento da população baiana o processo de instalação definitiva da iluminação elétrica de rua em Salvador, ilustrada com cartões-postais da coleção de Marcelino. Nas primeiras linhas do texto, ele escreve: “Se algo lhe agradar profusamente à primeira e à segunda vez, tente a terceira, ou melhor, lute pela sua permanência para o enlevo de su’alma”, demonstrando a persistência em concretizar seus sonhos.

Figura 32 – Capa da publicação *Bahia, 70 anos de iluminação elétrica de rua*

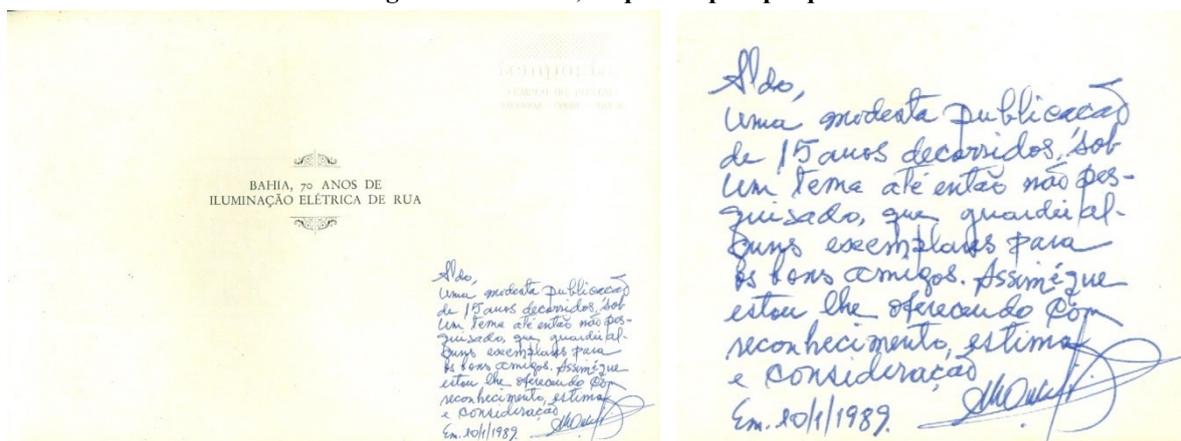


Fonte: Acervo da autora.

Essa publicação rendeu a Marcelino o reconhecimento de intelectuais como o historiador Cid Teixeira, que o cita em uma de suas publicações. O texto produzido por Marcelino foi publicado na íntegra em periódicos locais a exemplo do *Destaque Jornal*, edição n. 21, de 09/12/1973; e trechos do jornal *A Tarde* (07/12/73) e do *Jornal da Bahia* (16/12/1973). No exemplar que adquiri no Sebo São José em 18/04/2017, há uma dedicatória ao amigo Aldo (Figura 33), possivelmente Aldo Tripodi¹²⁸, na qual Marcelino comunica que se trata de uma publicação inédita sobre o tema:

Aldo,
Uma modesta publicação de 15 anos decorridos, sob um tema até então não pesquisado, que guardei alguns exemplares para os bons amigos. Assim é que estou lhe oferecendo com reconhecimento, estima e consideração.
Em 10/01/1989
[assinatura de Marcelino]

Figura 33 – Publicação *Bahia, 70 anos de iluminação elétrica de rua*. Exemplar doado por Marcelino ao amigo Aldo em 1989, adquirido pela pesquisadora em 2017



Fonte: Acervo da autora.

¹²⁸ Aldo José Ramos Trípodí (1955-2016), jornalista, professor e crítico de arte do jornal *Tribuna da Bahia*.

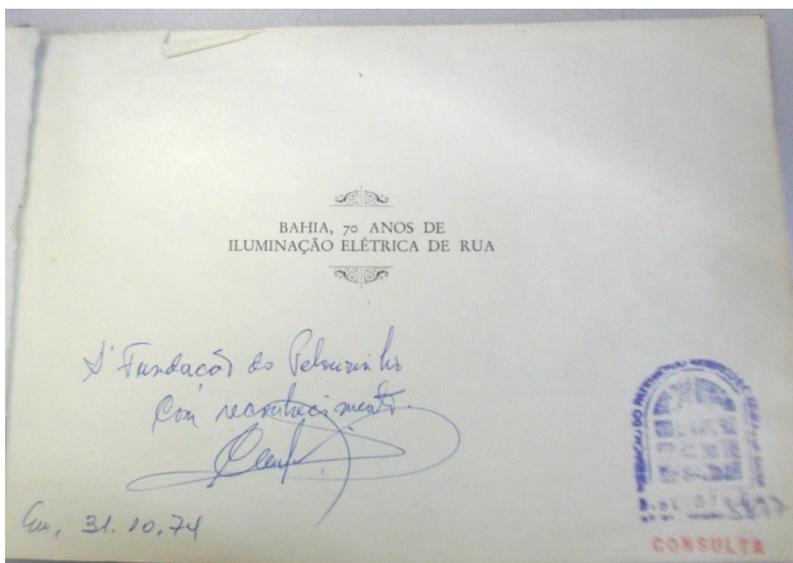
Figura 34 – Logotipo do Tempostal em alto relevo na 1ª folha do exemplar doado por Marcelino ao amigo Aldo, em 1989. Bahia, 70 anos de iluminação elétrica de rua



Fonte: Acervo da autora.

Este exemplar possui o logotipo do Tempostal em alto relevo no canto superior direito da 1ª folha do livro (Figura 34). Tal marca não foi identificada no exemplar consultado na Biblioteca do Ipac doado pelo colecionador “À Fundação do Pelourinho. Com reconhecimento. Em, 31.10.74” (Figura 35). Possivelmente, tal marca foi feita *a posteriori*, já que Marcelino informa ter guardado alguns exemplares e tinha o hábito de identificar os objetos com a marca *Tempostal*.

Figura 35 – 1ª folha da publicação Bahia, 70 anos de iluminação elétrica de rua sem o logotipo do Tempostal em alto relevo. Exemplar doado por Marcelino “À Fundação do Pelourinho” em 1974



Fonte: Acervo da Biblioteca do Ipac. Foto: Tatiana Almeida, 06/05/2016.

Esses são alguns exemplos de como Marcelino soube mobilizar o campo cultural baiano e nacional em prol de seus colecionismos, tornando-se um colecionador de

conhecimento. O acervo de Marcelino era formado por coleções tangíveis e intangíveis que funcionavam em sintonia a partir do elo “que era a figura do colecionador”.

O conhecimento adquirido ao longo de décadas não se transfere em poucos anos, nem meses. Marcelino faleceu 11 anos após a venda do seu acervo ao Estado da Bahia. De acordo com a atual coordenadora, o museu não dispõe do “caderno” em que ele fazia a catalogação do seu acervo, onde registrava a numeração; não possui a relação do acervo adquirido; não há registro da bibliografia vendida – diz-se não haver livros no Museu, assim como não há registros audiovisuais no qual haja depoimentos do colecionador sobre a coleção. De acordo com a documentação consultada, bem como relatos, não houve participação direta do colecionador na implantação do novo Tempostal, nem na catalogação e documentação museológica do acervo.

Segundo depoimentos dos entrevistados, Marcelino não repetia numeração no registro dos postais; logo, supõe-se que, certamente, ele possuía uma lógica de controle e, possivelmente, um caderno ou livro no qual registrava esses dados. Contudo, não foi localizado nenhum livro/caderno com esse registro. Na documentação disponibilizada pela coordenação do Museu Tempostal sobre o assunto, só tive acesso ao livro de doadores em que está registrada a quantidade de doadores/benfeitores, os nomes, as datas e, algumas vezes, a quantidade doada, conforme lista anexa.

Sobre a coleção de conhecimento de Marcelino, só encontrei registros escritos, principalmente pela imprensa baiana e brasileira – não utilizando esse termo, mas sim comunicando o capital cultural do colecionador. Nas páginas dos jornais, ele expôs, por diversas vezes, seu conhecimento a respeito de tudo o que lhe interessava. Nesse aspecto, era versátil. Marcelino tinha informação sobre temas variados. Era um colecionador eclético, focado, determinado, que sabia aonde queria chegar por meio do seu acervo, fruto de um empreendimento coletivo em que esta dissertação integra as tramas de fabricação. Não é por acaso que ao final da nossa entrevista, em 2006, um de seus últimos depoimentos, Antonio Marcelino me solicitou que levasse uma cópia do trabalho, contribuindo para a produção de novos conhecimentos. Ele justificou o pedido afirmando: “coleciono tudo o que escrevem a meu respeito”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pensar sobre a contribuição dos colecionadores e seus acervos para a história dos museus na Bahia, analisando como estes dedicaram tempo e recursos financeiros para preservar patrimônios históricos e culturais por meio da cultura material ou por registros das manifestações artísticas por meio de recursos audiovisuais, é possível identificá-los e reconhecê-los no papel de guardiões de memórias, sejam elas familiares ou coletivas.

O legado dos colecionadores resulta na escrita de histórias individuais, por meio da escrita de si, quando arquivam suas memórias e documentos produzidos ao longo da vida, a exemplo dos artistas plásticos ou performáticos; ou na escrita de memórias coletivas que, tornadas públicas e disponibilizadas em equipamentos culturais como bibliotecas, arquivos ou museus permitem que sejam feitas diversas leituras de um mesmo objeto ou imagem.

De acordo com Paulo Gaudenzi, ex-secretário de Cultura e Turismo da Bahia,

O museu, ele nasce exatamente de alguém que teve visão e foi responsável por dedicar parte da sua vida recolhendo coisas, catalogando coisas, ordenando coisas, que venham depois ser mostradas. Coisas essas que são resultado do processo cultural de um lugar, de uma região, de uma cidade, de um acontecimento, de um tipo de atividade. Então se não fossem os colecionadores, você provavelmente não teria grande parte dos museus existentes aqui ou em qualquer lugar do mundo. (Entrevista à pesquisadora em 21/12/2016).

As trajetórias do casal Lia e Silvio Robatto estão depositadas no Centro de Memória da Bahia, sendo, portanto, um importante registro da memória da dança e da fotografia no século XX na Bahia, disponibilizado a todos os interessados em suas trajetórias pessoais e dos segmentos que o acervo abrange. Contudo, nem todos os acervos formados têm como destino final museus ou instituições de preservação governamentais. Muitos acervos são desmembrados e vendidos, guardados com os herdeiros ou mantenedores previamente nomeados, sendo mantidos fora do circuito cultural ou acadêmico.

Retomando o pensamento de Walter Benjamin (2000) de que as coleções perdem sentido após a morte do colecionador, esta é, sem dúvida, outra constatação desta pesquisa, visto que o acervo reunido por Antonio Marcelino em sua residência, pós-venda para o Governo do Estado, não foi devidamente preservado. Este fato foi

estudado por Susan Stewart (*apud* OLIVEIRA, 2013), que “defende que o *souvenir* está destinado a ser esquecido, um processo que se inicia com a morte da memória, a morte do colecionador”. Segundo Paulo Sanctis, amigo de Marcelino, os objetos que estavam na residência do colecionador ficaram sob a guarda dos sobrinhos e seu destino é desconhecido. De acordo com Susan Pearce (*apud* OLIVEIRA, 2013), “se o colecionador não for uma personalidade conhecida ou se os objetos não forem muito interessantes, a coleção é facilmente desvalorizada”.

As categorias adotadas por Pomian (1984) – objetos semióforos ou desperdícios –, ainda que desconhecidas da maioria da população, refletem a atitude daqueles que ficam responsáveis pelo acervo, sejam familiares ou profissionais de museus. Estes últimos, por vezes, desmembram coleções sem deixar registros do processo e do destino – ocorrendo episódios de descarte, em alguns casos – por considerarem que determinados objetos ou publicações não condizem com o acervo ali preservado; tal atitude quebra os elos estabelecidos pelos colecionadores, construídos ao longo de anos ou décadas.

Nesse sentido, a presente pesquisa teve como uma das finalidades salientar a relevância do estudo das trajetórias das instituições, das coleções, como também a trajetória dos colecionadores ou dos idealizadores, por meio da documentação, pesquisa e comunicação, a fim de evitar a perda das informações necessárias à compreensão do patrimônio histórico, artístico e cultural. É importante também registrar depoimentos orais do colecionador, visto que essa é uma fonte relevante para as ações museológicas, principalmente para a documentação. Baseado na argumentação de Franz Boas, José Reginaldo Gonçalves (2007, p. 18) aponta a importância de buscar as informações sobre os objetos para compreender o contexto original de função e significado e as relações sociais entre estes e seus usuários.

Do mesmo modo, faz-se necessário compreender as origens dos objetos que constituem as coleções, o motivo que levou o colecionador a escolher uma peça em detrimento de outra. Não apenas facilita o trabalho do setor de documentação, como também evita equívocos futuros, inclusive no estudo do objeto. Obviamente, há colecionadores que sabem muito pouco sobre a peça, a exemplo das peças originárias de grupos étnicos; contudo, todas as informações fornecidas por eles são pistas para pesquisas futuras. Outro resultado desta análise é o risco de a própria instituição disseminar informações equivocadas sobre o colecionador e sobre as peças que

compõem a coleção, na qual erros são perpetuados – como data de abertura, título de obras, etc. – e personagens são silenciados.

Nesse sentido, a definição de Museologia proposta por Cerávolo (2004, p. 19) que considera

como área de conhecimento científico [que] se concretiza sobre indícios variados do Patrimônio cultural e natural (o objeto), em qualquer lugar que eles se apresentem (o lugar), através de procedimentos de preservação, conservação, documentação, exposição, educação, divulgação e disseminação de conhecimentos

vai ao encontro da contribuição dos colecionadores para a história do colecionismo e de museus na Bahia.

Ao adotar as trajetórias do colecionador Antonio Marcelino do Nascimento e do Museu Tempostal no período de 1929, ano de nascimento do colecionador, até 2006, ano de seu falecimento, como estudo de caso, estabelecendo o recorte cronológico de 1965-1997, período em que Marcelino tornou projeto de vida a concretização do sonho de criar um museu para os seus “deuses” postais, num “templo” dedicado a eles denominado Tempostal, tendo como fim instalá-lo no Pelourinho, Patrimônio Cultural da Humanidade, muitas questões surgiram, sendo a principal delas destacar a existência do Tempostal como residência-museu que funcionou por mais de trinta anos.

Tal premissa foi interrogada principalmente durante o desenvolvimento da pesquisa, visto que, para muitos, o Museu Tempostal que existiu na Rua do Sodré (1974-1995) não era museu porque não funcionava dentro dos padrões de outras instituições museológicas que existiam na cidade. Desse modo, não havia nada igual ao Tempostal, tanto em acervo como na forma inovadora de fazê-lo acontecer encontrada por seu idealizador.

Desde a definição do nome, Tempostal – Templo dos Postais –, que foi concebido antes mesmo de ser inaugurado, até o final do século passado, não existia uma instituição museológica com a especificidade do Tempostal: um museu dedicado aos cartões-postais dos tempos áureos e às fotografias do Brasil Colonial, principalmente da Bahia Antiga, até as primeiras décadas do século XX, cujas imagens registram uma época, sua gente, hábitos, costumes, arquitetura e paisagem, fonte relevante para pesquisadores de diversas áreas e de várias partes do mundo.

Há um consenso de que se trata de um museu singular: possivelmente no período em que foi criado, o Tempostal era único no mundo. Célia Oliveira (2013, p. 62) destacou outros três museus dedicados ao tema: *Musée de la Carte Postale*, na França,

Chicago Postcard Museum, nos Estados Unidos, e *Museo della Cartolina d'epoca*, na Itália, além do Tempostal, no Brasil. Daltozo (2006) também menciona a existência do Musée de la Carte Postale e do Museo della Cartolina d'epoca, além do Museu Tempostal. Contudo, cabe destacar que, à exceção do Tempostal, os museus citados pelos dois pesquisadores foram criados após os anos 2000¹²⁹. Apenas o museu da Itália não apresenta ano de criação, mas, de acordo com as informações disponíveis em diversos sites especializados e de órgãos oficiais italianos, de turismo e museus, os indícios levam a crer que sua criação também é do início do século XXI, apesar de estar instalado numa edificação do século XVIII, a capela dedicada a San Giulio.

Os postais da coleção de Marcelino guardam memórias de diversas pessoas – personalidades ou desconhecidos. Marcelino colecionava memórias suas e de outros, assim como o acervo que formou. Memórias visíveis registradas no suporte, seja por meio da escrita, da iconografia, das marcas e de impressões digitais lá depositadas, bem como as invisíveis, intangíveis, imantadas por todos aqueles que fizeram parte da trajetória de cada postal, desde o fabricante até o colecionador Antonio Marcelino. Incluem-se nesse rol também os postais que não foram postados, apenas adquiridos para a coleção, pois estes carregam consigo a memória de seus possuidores, como também de outros que se identificam com o conteúdo iconográfico e/ou histórico.

O fato é que a contribuição de Marcelino não se restringe aos museus da Bahia. Indiretamente, ele contribuiu para que outras coleções de cartões-postais fossem formadas, assim como de fotografias antigas de cidades e Estados brasileiros. A partir de suas exposições, a divulgação na imprensa a respeito do seu acervo, mesmo com as limitações de circulação de notícias, e com a criação do primeiro museu dedicado ao tema no país de que se tem conhecimento até a presente data, muitas pessoas passaram a interessar-se pela cartofilia. Alguns retomaram o hábito, pois na década de 1970 já havia passado o modismo dos grandes álbuns de cartões-postais. Tal influência também manteve viva a nostalgia de uma Bahia, de um Brasil, de um mundo de outrora, ao qual muitos desejavam regressar; um determinado local e época no passado representados nos cartões-postais e nas fotografias, no gesto do envio dos postais e de seu próprio colecionismo.

Alguns colecionadores se inspiraram no universo onírico de Marcelino e formaram suas coleções de postais e fotografias antigas de cidades que registram vários

¹²⁹ Museu Tempostal (1974), Musée de la Carte Postale (2003), Chicago Postcard Museum (2007) e Museo della Cartolina d'epoca (?).

aspectos da época. O mineiro Otávio Dias Filho¹³⁰, por exemplo, visitou o Museu Tempostal em 23/02/1975¹³¹ e, a partir daí, dedicou-se à cartofilia, tornando-se um dos maiores cartofilistas de Belo Horizonte-MG. A sua coleção de postais e cromos da capital mineira tornou-se referência iconográfica sobre a cidade. Em 2009, ela foi comprada e incorporada ao acervo do Museu Histórico Abílio Barreto, na mesma cidade.

Não cabe aqui uma análise psicológica do colecionismo; todavia, a análise do universo onírico de Marcelino e a relação com seu acervo abrigado em sua casa-museu permitem um conjunto de outras reflexões sobre a poética do espaço, até porque, segundo Bachelard (2008), em sua fenomenologia da imaginação através do espaço, a casa é uma das maiores forças de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos. Assim sendo, os contornos de uma memória autobiográfica são mais evidentes no museu da Rua do Sodré; a museografia, com seus parâmetros ou cânones tradicionais, está muito mais definida no Museu Tempostal situado no Pelourinho. Além disso, a exposição do novo Museu Tempostal, de algum modo, contribui para o silenciamento de aspectos significativos da trajetória do colecionador ao valorizar, em certa medida, mais a coleção do que o colecionismo.

O fato é que Marcelino foi um sonhador avançado para sua época e, graças à mobilização em busca da concretização do seu “museu de sonho”, tornou-se inovador. Seja no modo de aquisição, ao respeitar e preservar a memória dos doadores, seja no ato de organizar os postais e na mediação cultural que ele realizava com os visitantes em seu museu-casa-sonho, Marcelino reinventou a memória afetiva e contribuiu para reescrever aspectos da história da Bahia, do Brasil e do próprio colecionismo. Ao relatar as ações desenvolvidas pelo colecionador, não tenho o intuito de compará-lo ao profissional museólogo, e sim de ratificar seu zelo, sua dedicação e seu amor pelo patrimônio cultural de que era guardião.

Ainda sobre a inovação de Antonio Marcelino, diante do que se convencionou conceber à maioria dos museus nos anos 1970 e 1980 no Brasil, ele inovou na sua

¹³⁰ Nascido em 1949, em Nova Lima/MG. Reuniu cerca de 25 mil postais ao longo de 30 anos de cartofilia. Em 2009, o Museu Histórico Abílio Barreto adquiriu parte de seu acervo, que corresponde a 4.061 itens, entre cartões-postais e cromos, que compõem a coleção sobre Belo Horizonte, desde 1902 até os dias atuais, ampliando o acervo da instituição. A compra resultou de projeto aprovado no Programa Caixa de Adoção de Entidades Culturais – Patrocínio 2009, no valor de R\$ 110 mil, conforme Prefeitura Municipal de Belo Horizonte em nota sobre aquisição do acervo do colecionador em abril/2009. Disponível em:

<<http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/contents.do?evento=conteudo&idConteudo=28098&chPlc=28098>>.

¹³¹ Visitante nº 1 do dia 23/02/1975 a assinar o livro de registro de visitas nº 2, página nº 146.

estrutura física, assim como na comunicação de seu acervo. Após percorrer os indícios do colecionismo desse sergipano radicado em Salvador, que instituiu um museu em sua casa no Sodré, é possível reconhecer que Marcelino foi responsável pela criação de uma das primeiras residências-museus do Nordeste, possivelmente a primeira do Brasil, de acordo com as características anteriormente apresentadas.

Que museu era esse? Como esse museu existiu? Se considerarmos que a publicação do Ibram *Museus em números* (2011) é baseada na “autodeclaração” das instituições, sem documentação comprobatória; que há instituições museológicas públicas que não possuem portaria de criação, nem regimento, não realizam procedimentos museológicos básicos, tampouco dispõem de profissionais qualificados em seu quadro permanente; baseiam-se no fato de possuírem endereço fixo, prédio destinado ao acervo ou partilhado, quando não se resumem a uma sala; com exposição de longa duração montada há mais de uma década ou realizando apenas exposições temporárias; e são reconhecidas como museus no século XXI, porque não considerar o museu particular criado pelo colecionador Antonio Marcelino do Nascimento em sua casa, cujo acervo possuía valor reconhecido por intelectuais e autoridades baianas e nacionais? Um museu com renome internacional fomentado no período em que esteve sob a guarda do colecionador? Um museu que inovou ao levar suas exposições a shoppings centers e agências bancárias da Bahia e de São Paulo? Sem dúvida, era incomum; contudo, se não foi o pioneiro, foi um dos pioneiros na prática de levar exposições a praças, escolas e shopping centers, comuns na atualidade por parte das instituições museológicas.

A partir dos arquivos da imprensa, constatou-se que o colecionador adaptava sua residência, transformando-a num museu. Na maior parte do tempo, o acervo permanecia numa espécie de reserva técnica, primorosamente organizado e acondicionado em fichários de aço, de acordo com depoimentos colhidos, relatos em publicações, matérias de periódicos e telejornais. Antonio Marcelino morava no seu museu particular. Convivia com o acervo formado não apenas pelos postais ou fotografias de um passado nostálgico, como também estampas de Eucalol, discos, revistas, miniaturas diversas, frascos de perfumes, autógrafos, indumentária colonial e do início do século XX, entre outros.

A pesquisa revelou também que o acervo lhe conferia prestígio; era a chave de acesso aos gabinetes das autoridades, à imprensa e às residências das famílias abastadas. E, em meio a esse conjunto, as coleções que eram consideradas pela elite intelectual das

décadas de 1960-1970 como portadoras de valor cultural eram as que representavam a Bahia, o Brasil e o mundo antigos. Para alguns, interessavam os postais vindos do “Velho Mundo”, do continente europeu, sobretudo da França. Para outros, valiosos eram os postais que evidenciavam imagens da Bahia e do Brasil do período colonial.

As primeiras exposições realizadas por Marcelino coincidiram com o período de demolição de imóveis representativos do período colonial, para dar espaço às novas construções do “progresso”, registrado em publicações como *Homenagem à Bahia Antiga*, de José Valladares (1959).

Após a realização da primeira exposição no auditório do Ginásio Brasil, Marcelino recebeu muitas doações, assim como propostas para comprar álbuns raros a baixo custo, oferecidos por pessoas que desconheciam o valor de mercado. Segundo João Brandão, “naquela época, ninguém dava valor aos postais. Depois de Marcelino, passaram a dar valor”. De acordo com o livreiro e o próprio Marcelino, muitas coleções foram jogadas no lixo, e nem todas foram “salvas”. Devido à quebra do padrão econômico de muitas famílias que tiveram que mudar para residências menores, como também os modismos que determinavam os itens colecionáveis, coleções de diversas tipologias foram descartadas, assim como muitos documentos e periódicos antigos.

Desde que chegou à capital baiana, em 1947, Marcelino sempre morou no centro de Salvador. A Rua do Sodré foi seu endereço desde quando foi aceito como bedel do extinto Colégio Ipiranga, na década de 1950, e lá viveu e morreu. A Rua do Sodré está no itinerário do colecionador na busca incessante para concretizar seu sonho. Na maioria das vezes, o percurso era feito a pé, permitindo-lhe encontrar no caminho preciosidades, como também objetos possíveis de serem vendidos ou trocados, transformando-se em recursos para aumentar sua coleção. Certamente, seu acervo foi enriquecido no trajeto diário casa-trabalho, que compreendia a saída da Rua do Sodré até a Escola de Teatro (no Canela) e o Ginásio Brasil (na Piedade), região nobre de Salvador até a década de 1970, habitada por famílias “tradicionais”.

Após o meu estudo, identifiquei na história dos museus da Bahia a existência de dois Museus Tempostal, resultado da persistência de um mesmo colecionador, a partir de uma mesma coleção, mas que se distingue por sua forma, conteúdo e gestão. Há o Novo e o Velho Tempostal, ambos sonhados por Antonio Marcelino do Nascimento. O Museu Tempostal do Sodré, concebido pelo colecionador em sua casa, e o Tempostal do Pelourinho, planejado, implantado e conduzido por outros atores, profissionais da cultura e do patrimônio. Marcelino desejava que o Novo Tempostal guardasse a sua

marca, que imortalizasse a “memória do colecionador”. Nesse sentido, apresentou algumas condições para vender o acervo, sendo a primeira delas a “preservação do nome original – Museu Tempostal – para o novo estabelecimento, que se traduz como templo para preservar as imagens de épocas passadas”; foi a única exigência atendida, conforme Parecer PROJU/FUNCEB nº 176/95, de 01.06.1995, emitido pela Procuradoria: “dúvidas não subsistem sobre a viabilidade da aquisição do referido acervo, inclusive conservando a sua titulação original ‘MUSEU TEMPOSTAL’, considerando haver sido assim incorporada à vida cultural da cidade”; ou seja, a marca já estava consolidada na memória coletiva e mesclada à vida do colecionador.

Pesquisar profundamente como se deu o processo de incorporação do Museu Tempostal ao patrimônio cultural da Bahia, como também a função social do “Novo Tempostal” instalado no Pelourinho é uma possibilidade futura de estudo a ser realizado no âmbito acadêmico por pesquisadores ligados ao curso de graduação em Museologia ou ao próprio PPGMuseu/UFBA.

A experiência de retirar Marcelino dos silêncios da história dos museus na Bahia foi uma escavação longa, árdua, turbulenta, mas por fim gratificante, pois esta dissertação marca a entrada de Antonio Marcelino do Nascimento para a Academia, não mais como um “secretário” da UFBA, e sim como sujeito da pesquisa, personagem icônico da história da Bahia, dentro de um Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu*.

A partir desse estudo, me sinto também uma colecionadora de conhecimentos, semelhante a ele, que iniciou sua coleção de conhecimento na infância. Compartilho com todos a trajetória do colecionador de conhecimento Antonio Marcelino do Nascimento, o maior patrimônio do Museu Tempostal do Sodrê.

Sinto-me com a sensação de dever cumprido em relação ao compromisso assumido com Antonio Marcelino em 31 de outubro de 2006; estou entregando a ele simbolicamente o resultado da entrevista concedida.

“Bem-aventurado o colecionador!”. Bem-aventurado Antonio Marcelino, que se permitiu ser um sonhador!

REFERÊNCIAS

- ABREU, Regina. *A fabricação do imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- ABREU, Regina; CHAGAS, Mário de S.; SANTOS, Myrian S. dos. *Museus, coleções e patrimônios: narrativas polifônicas*. Rio de Janeiro: Demu/Iphan, 2007.
- ALMEIDA, Cícero A. F. de. Objetos que se oferecem ao olhar. Colecionadores e o “desejo de museu”. In: MAGALHÃES, Aline M.; BEZERRA, Rafael Z. (Orgs.). *Coleções e colecionadores: a polissemia das práticas*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2012. p. 183-200.
- ALMEIDA, Tatiana A. de. *Colecionadores e acervos particulares: uma proposta de análise de gestão*. Relatório apresentado como trabalho de conclusão da disciplina FCH 262 – Estágio Supervisionado, sob a orientação da Profa. Dra. Heloísa Helena Gonçalves da Costa. Semestre 2006.2. Graduação em Museologia – UFBA. 2006.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. Brasil num retrato antigo. *Jornal do Brasil*, n. 21, ano XCII, Rio de Janeiro, 29 de abril de 1982.
- _____. *Obra Completa*. São Paulo: Nova Aguilar, 2001.
- BAHIA. Fundação do Patrimônio Artístico e Cultural. *Salvador: estudos de viabilidade econômica*. Salvador: FPACB, 1975. n. p.
- _____. *Estudos de viabilidade econômica: projeto tempestade, exposições, restaurante, ateliers aptos; projeto Museu Afro-Brasileiro*. Salvador: FPACB, 1975.
- BAHIA. GOVERNADOR DO ESTADO DA. Lei n. 1.549/1961. Disponível em: <<https://governo-ba.jusbrasil.com.br/legislacao/85485/lei-1549-61>>.
- _____. Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural. *Circuito turístico do centro histórico de Salvador*. Salvador, 1983.
- BACELAR, Jeferson Afonso; PEREIRA, Cláudio. *Bahia negra na coleção Museu Tempostal*. Salvador, BA: P555 edições, 2006. 83 p.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas*. v. II. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- _____. Espaços que suscitam sonhos, museus, pavilhões de fontes hidrominerais. *Revista do Patrimônio*, n. 31, 2005. p. 132-147.
- BLOM, Philipp. *Ter e manter: uma história íntima de colecionadores e coleções*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

- BOURDIEU, Pierre. *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- _____. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. (Orgs.). *Usos & abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p.183-191.
- _____. *A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos*. 3. ed. Porto Alegre: Zouk, 2008.
- BOLLE, Willi. *Fisiognomia da Metrópole Moderna: representação da história em Walter Benjamin*. São Paulo: Edusp, 1994.
- BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BRASIL. Decreto-Lei n. 25, de 30 de novembro de 1937. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0025.htm>.
- BRITTO, Clovis Carvalho. *A economia simbólica dos acervos literários: itinerários de Cora Coralina, Hilda Hilst e Ana Cristina César*. 2011. 364 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/9435>>.
- _____. *Gramática expositiva das coisas: a alquimia poética dos museus-casas de Cora Coralina e Maria Bonita*. 2016. 185 f. Dissertação (Mestrado em Museologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016. Disponível em: <<http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/20961>>.
- _____. Parecer. Banca de qualificação de Tatiana Alves de Almeida. *Os percursos da concretização do sonho do colecionador Antônio Marcelino do Nascimento: a trajetória do Museu Tempostal – do Sodré ao Pelourinho (1965-1997)*. Exame de qualificação (Mestrado em Museologia), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.
- BRUNO, Maria C. O. Estudos de cultural material e coleções museológicas: avanços, retrocessos e desafios. In: GRANATO, M.; RANGEL, M. *Cultura material e patrimônio*. Rio de Janeiro: Mast, 2009. p. 14-25.
- BURKE, Janine. *Deuses de Freud: a coleção de arte do pai da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- CAMPELLO, Maria de Fátima de M. B. *A construção coletiva da imagem de Maceió: cartões-postais 1903/1934*. 2009. 268 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Urbano) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.
- CARNEIRO, Mariana. Viagem no tempo. *Jornal Bahia Hoje*. 18 ago. 1993.
- CERÁVOLO, Suely. M. Delineamentos para uma teoria da Museologia. In: *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 12, 2004, p. 237-268.

_____. Tecendo interfaces teóricas e metodológicas por sobre o conceito museologia: o exercício de uma tese. In: GRANATO, M.; SANTOS, C. P. dos; LOUREIRO, M. L. de N. (Orgs.). *Museu e Museologia: interfaces e perspectivas*. Rio de Janeiro: Mast, 2009. v. 11, p. 7-24. (Série MAST Colloquia, 11).

_____. O Museu do Estado da Bahia, entre ideais e realidades (1918 a 1959). In: *Anais do Museu Paulista*. 2011, v.19, n.1, p. 189-246.

CHAGAS, Mário de S. Memória e poder: dois movimentos. In: CHAGAS, Mário de S.; SANTOS, Myriam S. Museu e políticas de Memória. *Cadernos de Sociomuseologia*, n. 19. Lisboa: ULHT, 2002. p. 43-81.

_____. *A imaginação museal: museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro*. Rio de Janeiro: Ibram/Garamond, 2009.

_____. *Cultura, Patrimônio e Memória*. Disponível em: <<http://www.revistamuseu.com.br/18demaio/artigos.asp?id=5986>>. mai. 2013. Acesso em: 17 jun. 2015.

CLIFFORD, James. Colecionando arte e cultura. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 23, 1994. p.69-89.

CORNEJO, Carlos; GERODETTI, João E. *Lembranças do Brasil: as capitais brasileiras nos cartões-postais e álbuns de lembranças*. São Paulo: Solaris Editorial, 2004.

COUTO, Ione Helena Pereira. *Darcy e os Urubu: um caso entre colecionador e coleção*. 2005. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Documento) – Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

DALTOZO, J. C. *Cartão-postal: arte e magia*. Presidente Prudente: Gráfica Cipola, 2006.

FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. *Quem pariu e bateu, que balance!:* mundos femininos, maternidade e pobreza – Salvador, 1890-1940. Salvador: Edufba, 2003.

GANZELEVITCH, Dimitri. Blog do Dimitri. Disponível em: <<http://dimitriganzelevitch.blogspot.com.br>>. Acesso em: 16 jul. 2015.

GINANNESCHI, Elena. *Galeria dos Uffizi, Florença*. Rio de Janeiro: Mediafashion, 2009. (Coleção Folha Grandes Museus do Mundo, v. 10, Folha de São Paulo).

GOMES, Ângela de Castro. A guardiã da memória. *Acervo – Revista do Arquivo Nacional*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1/2, jan./dez. 1996. p. 3.

GONÇALVES, José Reginaldo S. *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônio*. Rio de Janeiro: Iphan, 2007.

GORBERG, Samuel. Figurinhas de coleção: primeiros passos do marketing promocional. In: *Revista ESPM*, mar./abr. 2003, v. 10, n. 2, 2003. Disponível em:

<http://acervodigital.espm.br/revista_da_espm/2003/mar_abr/Figurinhas_de_colecao_primeiros_passo_do_marketing_promocional.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2015.

_____. O que são estampas Eucalol. [2015]. Disponível em: <http://www.brasilcult.pro.br/eucalol/estampas_eucalol/eucalol.htm>. Acesso em: 18 set. 2015.

GRUPO ACQUA. Polígono das Secas. *Notícias*, 21 mar. 2011. Disponível em: <<http://www.redeacqua.com.br/2011/03/poligono-das-secas>>. Acesso em: 19 nov. 2014.

HEYMANN, Luciana. *De “arquivo pessoal” a “patrimônio nacional”*: reflexões acerca da produção de “legados”. Rio de Janeiro: CPDOC, 2005.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1.986 p.

ISENSEE, July. *A Tarde*. Edição n. 17.926. Sociedade, July. Salvador, 28 abr. 1966. p. 8.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. *Museus em números*. Brasília, 2011. 2 v.

MARCELINO, Antonio. *Bahia, 70 anos de iluminação elétrica de rua*. Salvador: Beneditina, 1973. 18 p. il.

KOPYTOFF, Igor. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: APPADURAI, Arjun. *A vida social das coisas*. Niterói: EDUFF, 2008.

KOSSOY, Boris. *A fotografia no Brasil:1840-1900*. Rio de Janeiro: Funarte, 1995.

LINDSAY, Jorge. *Estado da Bahia*. Edição n. 40.438. Bahia Artística, Em Cena. Salvador, 5 abr. 1967. p. 4.

MAGALHÃES, Herbert. Museus de arte da Bahia. *A Tarde*. Caderno 2, Lazer & Informação, Painel. Salvador, 26 abr. 1992. p. 9.

MATTOS, Sérgio. Entrevista com Nilda Spencer. In: *Morre atriz Nilda Spencer, mãe de todas as atrizes do teatro baiano*. Disponível em: <<http://www.bahiaja.com.br/noticia.php?idNoticia=11131>>. Acesso em: 08 abr. 2016.

MACIEL, Neila D. G. Carybé e a legitimação de um discurso da baianidade na integração das artes em Salvador. 2015. 309 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015. Disponível em: <<http://www.ppgau.ufba.br/node/1713>>.

MENESES, Ulpiano T. B. O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas. In: IPHAN. *I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural: Sistema Nacional de Patrimônio Cultural: desafios, estratégias e experiências para uma nova gestão*, Ouro Preto/MG, 2009. Brasília: Iphan, 2012. v. I. p. 25-39. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Anais2_vol1_ForumPatrimonio_m.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2016.

MENEZES, Jamile. *Coreógrafa Lia Robatto dá início a relatos orais sobre seu acervo no Centro de Memória da Bahia*. 06 fev. 2017. Disponível em: <<http://www.fpc.ba.gov.br/2017/02/614/Coreografa-Lia-Robatto-da-inicio-a-relatos-orais-sobre-seu-acervo-no-Centro-de-Memoria-da-Bahia.html>>. Acesso em: 22 mar. 2017.

MENSCH, Peter Van. *Objeto de estudo da museologia*. (Pretextos museológicos, 1). Rio de Janeiro: Unirio/UGF, 1994.

MICHAELIS. *Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa*. Versão On-line. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/acesso>>. Acesso em: 05 out. 2017.

MIRANDA, Ana Carolina N. *História e intervenção em sítios urbanos tombados: a experiência de Vassouras (RJ), 1958-2009*. Rio de Janeiro: Iphan, 2012.

MOREIRA, Gilberto P. G. Os museus do Brasil estão bem vivos. In: CHAGAS, Nascimento Júnior. *Política Nacional de Museus*. Ministério da Cultura, Brasília, 2007. p. 8-11.

OLIVEIRA, Célia Isabel de C. *Biografias e coleções: um caso de estudo*. A Coleção de Postais Ilustrados do Coronel José Marcelino Barreira. 2013. 130 f. Dissertação (Mestrado em Museologia) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2013.

OLIVEIRA, Roselusia T. M. O Grupo Escolar Fausto Cardoso nas escritas dos seus alunos: vestígios da “cultura escolar” no jornal estudantil “O Ideal” (1942). In: Anais eletrônicos. *V Congresso Sergipano de História e V Encontro Estadual de História da ANPUH/SE*. 2016.

PINHAL, Teresa. A poética do colecionador: um caso de estudo. In: *Ensaios e Práticas em Museologia*. v. 2. Porto: Departamento de Ciências e Técnicas do Património da FLUP, 2012. p. 268-286.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: ROMANO, Ruggiero (Dir.). *Enciclopédia Einaudi*. Memória-História. v.1. Porto: Imprensa Oficial/Casa da Moeda, 1984. p. 51-86.

ROCHA, Ana Cristina S. M. Isaías Alves através de seu arquivo pessoal: possibilidades de leitura. In: *Mosaico*, v. 2, n. 3, p. 76 - 93, out. 2010. Rio de Janeiro. ISSN 2176-8943. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/mosaico/article/view/62789>>. Acesso em: 28 set. 2014.

RÚSSIO, Waldisa. Museologia e museu. (1979). In: BRUNO, Maria Cristina O. (Org.). *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional*. v. 1. São Paulo: Pinacoteca do Estado/Secretaria de Estado da Cultura/Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010. p. 78-85.

_____. Exposição: texto museológico e o contexto cultural. (1986). In: BRUNO, Maria Cristina O. (Org.). *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional*. v. 1. São Paulo: Pinacoteca do Estado/Secretaria de Estado da Cultura/Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010. p. 137-143.

SAMPAIO, Consuelo N. *50 anos de urbanização: Salvador da Bahia no Século XIX*. Rio de Janeiro: Versal, 2005. 294 p.

SANTOS, Jancileide S. dos. *Coleções, colecionismo e colecionadores: um estudo sobre o processo de legitimidade artística da produção de arte popular católica na Bahia entre as décadas de 1940 a 1960*. 2013. 221 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

SANTANA, Cláudia P. S. de. *Educação e Práticas Culturais em Simão Dias (1960 – 1990)*. 29 abr. 2009. Disponível em: <<http://sintese-claudiapatricia.blogspot.com.br/2009/04/artigo-da-professora-claudia-patricia.html>>. Acesso em: 31 mar. 2017.

SANTANA, Jussilene. *Martim Gonçalves: uma escola de teatro contra a província*. 2011. 256 f. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Escola de Teatro Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

SOARES, Cecília C. Moreira. *Mulher negra na Bahia no século XIX*. Salvador: Eduneb, 2007. 133 p.

SOTILO, Caroline P. *O postal em seus movimentos: comunicação e memória*. 2009. 154 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

SOUZA, Marcelo Domingos de. *Simão Dias: a transição da Oligarquia ao Populismo (1940-1964)*. Monografia (Licenciatura em História). 2002. 104 f. Projeto de Qualificação Docente. Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2002. Disponível em: <<http://www.outraversao.blog.br/2-uncategorised/8-monografia-sobre-a-politica-de-simao-dias-2>>. Acesso em: 23 jan. 2017.

SOUZA, Vania B. de. *Carvalho Déda e o jornal “A Semana”*: visibilidade da educação (1946-1969). 2016. 113 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2016. Disponível em: <https://bdtd.ufs.br/bitstream/tede/3415/2/VANIA_BATISTA_SOUZA.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2017.

TAVARES, Odorico. *Bahia: imagens da terra e do povo*. 3. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1985. 130 p.

TEIXEIRA, Cid. *História da energia elétrica na Bahia*. Salvador: EPP Publicações e Publicidade, 2005. p. 79.

THOMPSON, Don. *O tubarão de 12 milhões de dólares: a curiosa economia da arte contemporânea*. São Paulo: BEI, 2012.

TRIPODI, Aldo. Os 30 anos do Tempostal. *Tribuna da Bahia*. n. 8.484, T2, p. 4. 13 jul. 1995.

UFBA. *Exposição “Presépios do imaginário lúdico de Celso Oliva”*. Disponível em: <http://www.agenda.ufba.br/?tribe_events=exposicao-preseprios-do-imaginario-ludico-de-celso-oliva>. Acesso em: 15 mai. 2017.

VALLADARES, José. *Galeria Abbott*. Primeira pinacoteca da Bahia. Salvador: Museu do Estado da Bahia/Secretaria de Educação e Saúde, 1951. (Publicações do Museu, 12).

_____. *Homenagem à Bahia antiga*. Salvador: Construtora Norberto Odebrecht, 1959.

VENTURA, Luzia M. M. In: *Postais – Revista do Museu dos Correios*. n. 3. Brasília: Empresa Brasileira de Correios e Telegráfos, 2014. p. 253-271.

VIEIRA, Gustavo. Tempostal. O sonho de um menino chamado Tonho. *Jornal da Bahia*. Salvador, 12 jul. 1988. Editoria de Cultura, p. 6-7. Consultado no Setor de Documentação e Pesquisa do Teatro Castro Alves em 26 out. 2016.

Entrevistas

BACELAR, J. A. Jeferson Afonso Bacelar: depoimento [dez. 2016]. Entrevistadora: Tatiana Alves de Almeida. Salvador, 2016. Vídeo (duração: 3min5s), mp4. Entrevista concedida para a pesquisa sobre o colecionador Antônio Marcelino do Nascimento. Carta de Cessão devidamente assinada em 22 dez. 2016.

BRANDÃO FILHO, J. B.; SANCTIS, P. R. João Bezerra Brandão Filho e Paulo Roberto Sanctis: depoimento [set. 2016]. Entrevistadora: Tatiana Alves de Almeida. Salvador, 2016. Vídeo (duração: 1h5min6s), mp4. Entrevista concedida para a pesquisa sobre o colecionador Antônio Marcelino do Nascimento. Cartas de Cessão devidamente assinadas em 29 set. 2016.

NASCIMENTO, A. M. Antonio Marcelino do Nascimento: depoimento [out. 2006]. Entrevistadora: Tatiana Alves de Almeida. Salvador, 2006. 2 fitas cassete (duração: 120 min), estéreo. Entrevista concedida para elaboração de relatório técnico de estágio supervisionado.

GAUDENZI, P. R. D. Paulo Renato Dantas Gaudenzi: depoimento [dez. 2016]. Entrevistadora: Tatiana Alves de Almeida. Salvador, 2016. Vídeo (duração: 9min6s), mp4. Entrevista concedida para a pesquisa sobre o Colecionador Antônio Marcelino do Nascimento. Carta de Cessão devidamente assinada em 21 dez. 2016.

GANZELEVITCH, D. Dimitri Ganzelevitch: depoimento [out. 2006]. Entrevistadora: Tatiana Alves de Almeida. Salvador, 2006. 2 fitas cassete (duração: 90 min), estéreo. Entrevista concedida para elaboração de relatório técnico de estágio supervisionado.

OLIVA, C. A. B. Celso Alberto Basto de Oliva: depoimento [nov. 2006]. Entrevistadora: Tatiana Alves de Almeida. Salvador, 2006. 1 fita cassete (duração: 60 min), estéreo. Entrevista concedida para elaboração de relatório técnico de estágio supervisionado.

VICTÓRIA, J. C. P. João da Costa Pinto Victória: depoimento [out. 2006]. Entrevistadora: Tatiana Alves de Almeida. Salvador, 2006. 1 fita cassete (duração: 60 min), estéreo. Entrevista concedida para elaboração de relatório técnico de estágio supervisionado.

SIMÕES FILHO, A. M. Afrânio Mario Simões Filho: depoimento [jan. 2017]. Salvador, 2017. E-mail. Entrevista concedida para a pesquisa sobre o colecionador Antônio Marcelino do Nascimento. Carta de Cessão devidamente assinada em 10 jan. 2017.

REGIS, B. G. M. Bianca Gomes Miguez Regis: depoimento [set. 2016]. Entrevistadora: Tatiana Alves de Almeida. Salvador, 2016. Vídeo (duração: 5min25s), mp4. Entrevista concedida para a pesquisa sobre o colecionador Antônio Marcelino do Nascimento. Carta de Cessão devidamente assinada em 16 set. 2016.

ROBATTO, L. C. Lia de Carvalho Robatto: depoimento [dez. 2016]. Entrevistadora: Tatiana Alves de Almeida. Salvador, 2016. Vídeo (duração: 1h18min18s), mp4. Entrevista concedida para a pesquisa sobre o colecionador Antônio Marcelino do Nascimento. Carta de Cessão devidamente assinada em 21 dez. 2016.

Documentos:

ANTONIO MARCELINO DO NASCIMENTO. Discurso de inauguração do Museu Tempostal no Pelourinho como instituição pública vinculada à Diretoria de Museus do Estado da Bahia/Funceb/Secult em 05 nov. 1997.

BAHIA. Fundação do Patrimônio Artístico e Cultural. *Salvador: estudos de viabilidade econômica*. Salvador: FPACB, 1975. Documento consultado em 06 mai. 2016 na Biblioteca do Ipac.

BAHIA. Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural. *Circuito turístico do Centro Histórico de Salvador*. Salvador, 1983. Documento consultado em 06 mai. 2016 na Biblioteca do Ipac.

CLIPPING MUSEU TEMPOSTAL E ANTONIO MARCELINO. *Gestão Museu Tempostal*: Edgard Assis Filho 2004/2006. v. 1. Consulta em 26 set. 2014.

CORRESPONDÊNCIA DE ANTONIO MARCELINO DO NASCIMENTO ENDEREÇADA AO DIRETOR-GERAL DA FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESTADO DA BAHIA, SR. JOSÉ AUGUSTO O. G. BURITY. Folhas iniciais do processo de venda do acervo nº 3454/95. Documento consultado na Dimus em mar. 2015.

Periódicos:

Diário Oficial do Estado da Bahia

01 e 02/11/1997 – *Museu Tempostal é inaugurado no dia 5*. Caderno 1, Memória, p. 5. (Edições n. 16.660 e 16.661).

Jornal A Tarde (Salvador)

- 05/07/1965 – *Sociedade*. July. p. 7. (Edição n. 17680).
06/07/1965 – *Ronda dos Fatos*. Alaor. p. 2. (Edição n. 17681).
28/04/1966 – *Sociedade*. July. p. 8. (Edição n. 17926).
26/04/1992 – *Museus de arte da Bahia*. Herbert Magalhães. Caderno 2, Lazer & Informação, Painel, p. 9. (Edição n. 26714).

Jornal Bahia Hoje (Salvador)

- 18/08/1993 – *Viagem no tempo*. Mariana Carneiro.

Jornal da Bahia (Salvador)

- 16/12/1973 – *Setenta anos de luzes*. Matilde Matos. Revista do Jornal da Bahia. Página Quente. Dicas de Matilde. p. 6.
02/03/1975 – *Tempostal*. Matilde Matos. Revista do Jornal da Bahia. Página Quente. Dicas de Matilde.
12/07/1988 – *Tempostal*. O sonho de um menino chamado Tonho. Gustavo Vieira. p. 6-7.

Jornal Diário de Notícias (Salvador)

- 19/06/1974 – *DN inaugura exposição de postais do Brasil antigo*. Caderno 1, Local, p. 3.

Jornal Diário de Pernambuco (Recife)

- 04/08/1974 – (Nota sobre a inauguração do Museu Tempostal no Sodré). Primeiro Caderno, Geral/Latitudes, Walmir Maia Leite, p. 6. (Edição n. 206).

Jornal do Brasil (Rio de Janeiro)

- 18/06/1973 – *OEA apóia museu dos postais*. 1  Caderno. p. 73
26/04/1982 – *Caderno B*. Divirta-se. Artes Plásticas. Ano XCII. n. 18. p. 8.
27/04/1982 – *Caderno B*. Divirta-se. Artes Plásticas. Ano XCII. n. 19. p. 4.
28/04/1982 – *Caderno B*. Divirta-se. Artes Plásticas. Ano XCII. n. 20. p. 4
29/04/1982 – *Caderno B*. Divirta-se. Artes Plásticas. Ano XCII. n. 21. p. 4
29/04/1982 – *Brasil num retrato antigo*. Carlos Drummond de Andrade. Ano XCII. n. 21. Caderno B. p. 8

Jornal O Globo

- 30/01/1971 – *Colecionador de Postais quer organizar exposi o no Rio*. p. 3.

Jornal Tribuna da Bahia (Salvador)

- 03/02/1970 – *Viaje pelo mundo com os postais do Sr. Marcelino*. (Edi o n. 87). p. 12.
23/01/1971 – *Bahia antiga vai ser  lbum*. (Edi o n. 380). Caderno 3. p. 4.
20/01/1972 – *O mundo em sete décadas nos postais de Marcelino*. p. 6.

Revista Veja

- “Comportamento” da Revista *Veja*, n. 199, de 28 jun. 1972, p. 29.

Rede Bahia (arquivo de matérias exibidas nos telejornais):

02/09/1985 – Exposição/Tempostal

28/01/1987 – Acervo/Tempostal

22/03/1992 – Fotos/Tempostal

26/03/1995 – Exposição/Tempostal

24/01/2012 – Histórias/Cartões Postais – Anna Valéria

APÊNDICE

Entrevista com ANTONIO MARCELINO DO NASCIMENTO, colecionador, cartofilista, criador do Museu Tempostal, em sua residência na Rua do Sodré, 22, Centro – Salvador-Bahia, na manhã do dia 31 de outubro de 2006 (terça-feira).

Nome, data de nascimento, naturalidade.

Meu nome é Antonio Marcelino do Nascimento, nasci em 13 de junho de 1929, na cidade de Simão Dias, uma pequena cidade do Estado de Sergipe.

Vinda para a Bahia.

Vim para a Bahia em 1947 e aqui estou até a presente data.

Filiação

Filho de Pedro Roberto do Nascimento e Maria da Conceição dos Santos.

Naquela época, não tinha o hábito da mulher pegar o sobrenome ou o nome do marido; então ela continuou Santos e meu pai, Nascimento, e todos os filhos tiveram o sobrenome Nascimento: Antonio Marcelino do Nascimento, José Carlos do Nascimento e outros; foram 8.

Infância em Simão Dias

Aí quando eu terminei o curso primário, lá em Simão Dias, no Grupo Escolar Fausto Cardoso, em Sergipe, em Simão Dias, não tinha condições de eu continuar a mais, porque lá só tinha o curso primário. Então eu achei por bem optar pela Bahia para continuar os meus estudos secundários.

[recortes e colagens]

Agora imagine você, uma criança pobre, sem tradição, filho de fazendeiros, morando em roça, sem uma revista em casa, sem um jornal em casa, e eu ter a curiosidade de fazer colagens; porque eu ia para as portas dos amigos ricos que tinham jornais, tinham revistas.

Então as mães deles, minhas amigas: Dona Clarita Santana, Dona Otaviana Odília da Silveira, professores, meu padrinho Cícero Guerra e todos, então eles me davam aquelas revistas. Então o que era que eu fazia, eu já tinha um interesse de fazer isto com idade de 13 a 14 anos.

Figura 36. Cartões produzidos por Marcelino na infância: colagens sobre personagens históricos



Foto: Tatiana Almeida, 2006.

Aqui está a prova de que eu nasci predestinado para a cultura. Não foi à toa que o menino pobre, filho de semianalfabetos, começou a fazer as primeiras colagens, inclusive com autógrafos. Aqui é um autógrafo de Tomé de Souza, isso eu vi criança, fazendo colagem.

Figura 37. Reprodução de autógrafo de Tomé de Souza com anotações à mão: “Autógrafo de Tomé de Souza, o primeiro governador (do B) Geral do Brasil (Bahia)” – cartões produzidos por Marcelino na infância



Foto: Tatiana Almeida, 2006.

Isto aqui já é outra personalidade, lá também. Olhe minhas colagens, e tudo o que eu gostava, eu colava e em papel mesmo fazia o cartão.

Este aqui, Leonardo Da Vinci, tá aqui, e quem é essa? Monalisa.

Figura 38. Colagens sobre Leonardo da Vinci e a “Monalisa”– cartões produzidos por Marcelino na infância



Foto: Tatiana Almeida, 2006.

Quer dizer, minhas colagens. A cadeira de Camilo Castelo Branco. Muito bem, aqui uma Torre, uma das Sete Maravilhas do Mundo, aqui outro.

Figura 39. Colagens sobre personagens, objetos e monumentos históricos: cartões produzidos por Marcelino na infância



Foto: Tatiana Almeida, 2006.

Olhe pra aqui, tudo isso é colagem, quer dizer, as minhas primeiras colagens, tá vendo, está aqui. Como é que eu, uma casa sem cultura, eu dizia era William Shakspeare, quando eu estava

lendo *Romeu e Julieta*, tá aqui o livro que eu li lá, então tá aqui as minhas primeiras colagens. Pra você ver, isso, as minhas primeiras colagens, aqui os meus primeiros livros.

É a minha vida, é de colecionar.

Desde menino, com toda a ignorância, sem saber o que era colecionar. Como eu não sabia o que era um esquema. Quando diziam: “faça o seu esquema”. E eu sei lá o que é esquema? Você faz [?] escreve é isso, é isso... Faz o seu esquema para desenvolver o assunto, em tantos períodos... Esse aqui é de 1946...

O senhor lembra por que guardava esses recortes de revista?

Porque é minha tendência, eu nasci predestinado a ser colecionador. Eu não sabia o que era colecionar.

Isso era trabalho de escola? [os recortes]

Não. Eu era nascido pra isto. Eu fazia isto. Eu nem sabia o que era colecionar. Eu conseguia pedindo revista a um, jornal a outro. Na minha casa não tinha jornal, não entrava revista. Meu pai não lia, minha mãe não lia. Pra que eles queriam?

Minha mãe era doméstica, meu pai de anoque, de couro. Quando ele não estava na malhada, cuidando de plantações, estava no anoque, chama-se curtume, então, eram pessoas semi-analfabetas.

Eu recortava. Isso aqui quem fazia era eu, ainda pedia livros antigos, usados.

Aqui uma cadeirinha de arruar, eu achava isso bonito. Não sabia o que era cadeirinha de arruar...

Figura 40. Cadeira de arruar: cartão produzido por Marcelino na infância

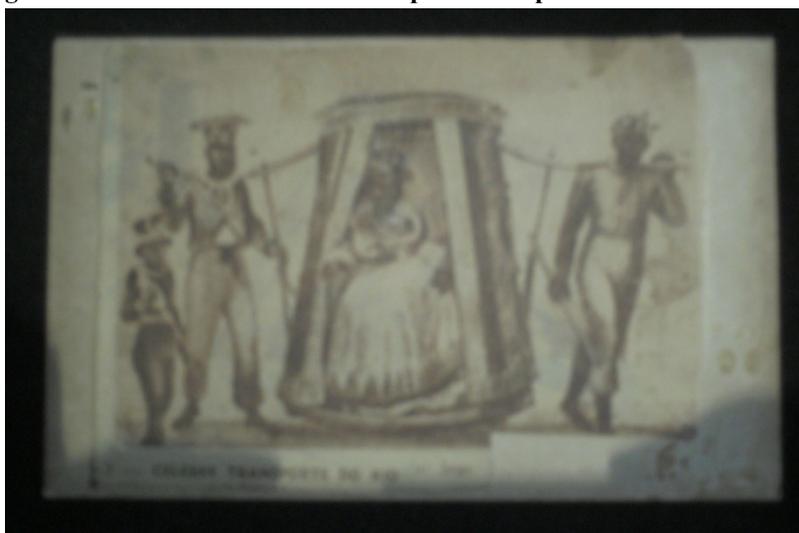


Foto: Tatiana Almeida, 2006.

Nunca me separei disso. Nada faz eu me desfazer.

Olhe Tiradentes... Aí eu já sabia, estava no colégio, sabia quem era Tiradentes... Romeu e Julieta, ainda tenho um cartão-postal, de Romeu e Julieta, um cartão-postal antigo sobre Romeu e Julieta...

Coleção de livros

A minha primeira coleção de livros, comprados à moça que cortava o meu cabelo, Florives, tá aqui: *Adágios populares*; *Claudia, a desgraçada* foi um romance que eu li, isto é lindo, inédito, ninguém conhece isso. Primeiros romances lidos e assinados por mim na época, 1944, isso eu era menino, adolescente. Aqui está minha primeira Geografia, guardei com todo o carinho; aqui é outra, Clarita Santana, uma sergipana de Simão Dias, que foi para o Rio de Janeiro, se preparar, e escreveu no Rio um romance sobre o Rio. Aqui está a minha primeira Bíblia, resumo da história sagrada; aqui tem *Romeu e Julieta* com cartão-postal, porque eu lia *Romeu e Julieta* e *Cachoeira de Paulo Afonso*, de Castro Alves.

Mas eu trouxe os primeiros contatos meus da intelectualidade.

Figura 41. Primeira coleção de livros, formada na adolescência



Foto: Tatiana Almeida, 2006.

Chegada em Salvador

Um menino pobre que chegou aqui, para enfrentar, para trabalhar, para ascender, porque meu ideal sempre era esse, olhar sempre pra cima, nada de baixo.

Origem do hábito de colecionar

Estudos

Aí quando eu terminei o curso primário, lá em Simão Dias, no Grupo Escolar Fausto Cardoso, em Sergipe, em Simão Dias, não tinha condições de eu continuar a mais, porque lá só tinha o

curso primário. Então eu achei por bem optar pela Bahia para continuar os meus estudos secundários.

Quando eu cheguei aqui, eu fui me matricular no Instituto Baiano, dirigido pelo professor Hugo Baltazar da Silveira, grande educador, que ficava ali na Praça do Fórum Ruy Barbosa, no Campo da Pólvora. Quando cheguei na Bahia, terminei o ginásio no Instituto Baiano e fui para o Colégio Central.

Aí tive uma necessidade, que meu pai faleceu em Simão Dias em 1954. Minha mãe viúva e minhas duas irmãs (que hoje uma é dona de um colégio em Tobias Barreto – Maria Lúcia, e a outra mora com a família da Av. Dom João VI – Maria da Conceição), então eu fiquei com a responsabilidade de cuidar dessa mãe viúva e duas irmãs. Tive que ir trabalhar. Eu cheguei a fazer vestibular para Direito, na época quem era meu colega era Amadias Barreto. Eu fiz o vestibular, não passei porque meu pai tinha morrido recentemente e eu estava com aquela preocupação de ficar como arrimo de família.

1º emprego

Aí graças a Deus, foi no governo de Octavio Mangabeira, grande governador, que eu consegui uma vaga para trabalhar no antigo Serviço de Águas e Esgoto, que fica ali onde hoje é a Embasa, na ladeira de São Bento, ali eu comecei a trabalhar. Mas o ordenado era pequeno, era 800 cruzeiros, não dava pra manter uma mãe viúva e duas irmãzinhas.

Aí eu fui a Isaías Alves, tive um amigo que me levou a Isaías Alves. Aí Isaías Alves achou que eu era interessante, tinha meus vinte anos, eu falante, aí ele se impressionou comigo. Chamou o diretor do Colégio Ipiranga dizendo que arranjasse uma vaga, para eu ser aluno interno e bedel do colégio e vinha morar dentro do colégio. Aí eu vim morar dentro do colégio, recebia cama e mesa, dava um trabalho na secretaria do colégio.

Isaías Alves [Isaías Alves de Almeida 29/08/1888 – 20/01/1968]

Aí eu fui a Isaías Alves, tive um amigo que me levou a Isaías Alves.

Aí Isaías Alves achou que eu era interessante, tinha meus vinte anos, eu falante, aí ele se impressionou comigo.

Aluno interno e bedel

Chamou o diretor do Colégio Ipiranga dizendo que arranjasse uma vaga, para eu ser aluno interno e bedel do Colégio e vinha morar dentro do Colégio.

Por sinal ontem fez um mês que Ângelo Alves de Almeida [filho de Isaías Alves com a esposa Maria Amélia Sampaio Lyrio] faleceu, a missa dele foi ontem, na Igreja Santa Luz, lá na Pituba. Aí quando o Doutor Isaías Alves, que eu fui secretário particular de Doutor Isaías Alves, datilografava... O último livro publicado por ele, *Os Sertões da Bahia*, que era de referente à

Santo Antonio de Jesus, a terra dele [*Matas do Sertão de Baixo*, publicado em 1967]. Aí ele achou que eu devia trabalhar com ele, no gabinete dele; aí eu fiquei morando no gabinete, na “Casa das Judias”, em frente ao Colégio Ipiranga, onde moraram as três judias que impressionaram Castro Alves, de frente; Castro Alves morava no Colégio Ipiranga e elas defronte, naquele casarão; ali fiquei uma temporada.

Castro Alves

Castro Alves começou a se familiarizar espiritualmente comigo a partir de Cachoeira de Paulo Afonso, a minha primeira leitura e posso bem dizer, para depois vim se materializar nas minhas fotografias e hoje ele passa aqui de madrugada, dizendo: “Sou o poeta da Preguiça”. Porque a Preguiça é de lá do início da Rua do Sodré até a Preguiça, a Conceição. Tudo isso aqui era a Preguiça, só veio ser Rua do Sodré em homenagem à família que ajudou a construir o Museu de Arte Sacra e o Colégio Ipiranga, onde residiram.

Origem do hábito de colecionar

Quando eu cheguei de Sergipe, já cheguei com a mania de colecionar, que na época eu não sabia o que era colecionar. Tão pequeno, tão ignorante eu era no assunto. Devia ter 13 pra 14 anos, eu tenho as fotografias da época.

Então aí eu vim com uma ideia, nunca parei, já com a ideia de colecionar cartões-postais. Porque todo mundo que colecionava só colecionava flâmulas, tampinhas de garrafas, lápis, garrafinhas. Então eu já tinha espírito de colecionador e me transformei em um colecionador eclético, abrangendo todos os temas. Qualquer tema que você quiser eu lhe mostro, da garrafinha pequena, dos vidros de perfume, dos óculos antigos e dos autógrafos. A mania estava arraigada dentro de mim, ser colecionador.

Quando cheguei na Bahia, terminei o ginásio no Instituto Baiano e fui para o Colégio Central [1952]. No Central, tive a felicidade de encontrar uma pleia de alunos colecionadores de flâmulas, outros colecionadores. Aí eu já tinha a ideia de colecionar cartões-postais, aí eu fui avante, colecionando, colecionando.

Então eu fiquei com aquela ideia de colecionar cartões-postais, pedindo a um, pedindo a outro, pedindo a um, pedindo a outro...

Família Teixeira

Aí eu falando com um que gostava de cartões-postais e outro. Aí uma família Teixeira que morava no Largo das Flores, ali no trecho da Rua Carlos Gomes, aí disse assim: “Vá lá em casa que eu lhe dou uns cartões-postais, que era de Dodô Teixeira, meu irmão”, e eu fui lá no dia. Quando cheguei, encontrei uma menina paralítica e Dona Zezé, pintora – por sinal, boa pintora, tema mais das fazendas, de roças, não era o tema da cidade. Eu fui pra lá e lá eu recebi muitos

cartões-postais, que me deu uma dificuldade... Porque ele, Dodô Teixeira, era um grande colecionador, da Bahia, do mundo, ele viajou pelo mundo para angariar esse material. Aí elas passaram esse material para mim. Noites e noites, porque o dia todo eu trabalhava, chegava a dormir duas horas. Aí eu cheguei pr'aqui – Bahia: que nada! Eu sabia o que era Avenida Sete? Eu sabia desta grossurinha que era a Rua Chile? Largo da Graça? Campo Grande? Que coisa linda, tanto os cartões-postais como fotografias da Bahia antiga, do Brasil antigo e do mundo. Aí eu fiz uma seleção daquele material e disse: “Eu vou mostrar a Dr. Isaías”.

Incentivo de Isaías Alves: 1ª exposição

Peguei esse material e mostrei ao Doutor Isaías. Aí Doutor Isaías Alves disse: “Ah, tem que fazer uma exposição urgente para mostrar como era a Bahia antiga!”.

Porque onde hoje está o Relógio de São Pedro era uma igreja que tomava toda aquela área, chamava Igreja de São Pedro Velho, tanto assim que ainda hoje ali se chama São Pedro; onde tinha a Faculdade de Engenharia e o hoje é o edifício Fundação Politécnica.

Aí eu disse comigo: “Como é que eu vou fazer uma exposição?”. Quando eu vou visitar uma exposição de Carlos Bastos, as coisas lindas daquelas! Uma exposição de Carybé! Como é que eu vou expor cartões-postais?”. Aí eu disse comigo: “Isso é uma frescura! Eu expor cartões-postais” – eu dizendo a mim, não disse a ele, não! “Ah, mas faça, tem que fazer”, e eu fiz!

Ginásio Brasil

Nesse ínterim, eu estava como secretário do Colégio Brasil, que ficava onde é o Bradesco, professor Ítalo Gaudenzi. Lá tinha um auditório muito bom que era sala de aula para mais de 50 a 60 alunos, aí eu pedi ao professor Ítalo o espaço para fazer uma exposição sobre a Bahia Antiga e a Belle Époque.

1ª exposição

Eu já tinha Belle Époque, alto-relevo, flores de veludo, flores bordadas, um encanto! Eu faço a exposição a pedido de Dr. Isaías Alves, foi em 1965, a primeira exposição, de 4 a 18 de julho de 1965, a primeira! Que foi no auditório do Colégio Brasil, cedido gentilmente pelo professor Ítalo Gaudenzi, que é pai de Paulo Gaudenzi, o secretário de Turismo. Fiz a primeira exposição.

Os convidados: autoridades e imprensa

Você pode acreditar, mandei convites para toda a imprensa, mandei convites para intelectuais, mandei convites para todos. Fiz o discurso de abertura, minha mãe estava presente, meu cunhado, a sociedade e os intelectuais.

Inédito, nunca se fez uma exposição de cartões-postais, como esse rapaz vai fazer isso?

Ajuda da imprensa e famílias importantes

Quando eu fiz a exposição, a imprensa me ajudou, eu não fiz o trabalho sozinho, não. Foi a imprensa e as famílias importantes, porque o colecionismo de cartões-postais só era da alta elite, de quem tinha um poder aquisitivo alto, para se corresponder com a França, se corresponder com Portugal, se corresponder com tudo. Então, o que é que acontece, aí foi feita a exposição.

Doações após a 1ª exposição

Foi mesmo que abrir... Essa primeira exposição eu abri os gavetões, as caixas de sapato cheias de cartões-postais dos colecionadores que não queriam mais nem saber; isso era do início do século: 1904, 1905; todos registrados. Um me telefonava: Marcelino, vá lá que eu tenho um presente pra você; quando eu chegava lá, olha, uma capa de um álbum ali. Era assim, álbum, capa de marfim, era capa de um álbum. Era assim que as meninas ricas e os menininhos ricos colecionavam. Álbuns riquíssimos, eu tinha que pegar tudo aquilo, fazer a coleção, catalogar, eu não podia catalogar no álbum. O que era lindo, cromos, essas coisas eu catalogava.

Aquisição – doação e compra

Aí, menino, foi tanto presente; outros vendiam. Eu cheguei a pagar em cinco vezes mil cruzeiros, em cheques, por dois álbuns, a uma família importante, que eles não me venderam, me doaram, os mil cruzeiros que eram pra pagar umas mobílias da época. Esses mil cruzeiros foi mesmo que me dar um presente, porque o material que veio pra mim foi crescendo, crescendo, comprando a um, comprando a outro.

Como o senhor adquiria os cartões-postais antes da doação da família Teixeira?

Eu comprava nas bancas. Eram cartões-postais novos. O que veio levantar foi quando eu adquiri alguns antes, uns antigos, que essa família, que me disse que conhecia uma família que tinha uma coleção muito boa lá, dentro dos gavetões, que eles podem lhe vender, mas quando eu fui lá, elas duas: a paralítica e Dona Maria José Teixeira se impressionaram tudo; eram primas carnais ou tias de Dr. Altino Teixeira, que morava no Largo de Nazaré. Aí o que acontece, elas duas se impressionaram comigo... Tinham um cartão-postal da Belle Époque, era uma criança numa moldura, eu disse: “Oh, que cartão bonito!”. Ela disse: “Você pode levar pra você”. Aí eu trouxe esse cartão, era uma criança dentro de um porta-retrato. Com o cartão emoldurado no porta-retrato, vieram os álbuns. Aí eu fui colecionar tudo aquilo; foi quando eu fui mostrar a Isaías Alves, ele disse: “Faça uma exposição pro pessoal ver como era a Igreja de São Pedro Velho no centro da cidade, como era a Piedade toda cercada de grades; como era o Campo Grande cercado de grades (antes dessas grades novas), nas duas praças”; aí, eu, menina, fiquei impressionado. Fiz a primeira exposição, repercutiu demais.

A segunda exposição

Já foi em 1966, que foi no Instituto Geográfico e Histórico, aí eu já fiz essa exposição patrocinada pelo Governo...¹³². Aí eu fiz a segunda exposição, repercutiu mais.

Ampliação do acervo

Aí foi aumentando, aumentando, eu comprando, adquirindo, comprando aqui, recebendo ali de presente, famílias importantes, porque só dava família importante. Era Henriqueta Catharino, que ela vinha ver uma exposição minha, levava cartões-postais, levava cromos pra mim, de lembrança, pra levantar o meu trabalho.

Então até criar o museu o senhor só colecionava postais?

Não, sempre colecionei tudo. Imagens, antigos, óculos, vidros de perfume, tenho pra mais de 200 vidros de perfume; esses¹³³ são os menores que eu tenho; coleção, Torre Eiffel em vidro/cristal; óculos da década de 60, da década de 50.

Exposições realizadas 1965 – 1988 – dificuldade pra manter o museu

Foi indo, foi indo, de 1965 até 1988 eu fazia exposições, porque eu tinha dois empregados; era difícil pagar dois empregados e ainda pagar aluguel, então disse: “Poxa, ou eu me desfaço de tudo ou eu falo com o Governo”.

Exposições nacionais e internacionais

Aí eu comecei a viajar. Rio de Janeiro se preocupava com meu material. Eu fiz exposição no Rio de Janeiro, fiz na França, fiz na Argentina, aqui, fiz em Sergipe. Abria os festivais de Sergipe com exposições minhas, lá em Sergipe, era a imprensa me levantando. Aproveitava, era notícia, eu estava com a mídia. Beleza, beleza! Era beleza. Subiu, subiu. Era de 10.000, 20.000, 30.000, 40.000, chegou a 40.000 cartões-postais.

Nessa época, o senhor já registrava, já tinha catalogado? Quem havia lhe dado?

Tinha tudo catalogado. Mas não tive essa ideia [de registro completo] porque era tanta coisa que eu não tinha o cuidado. Tinha assim: famílias que ofereceram. O livro tá lá no Tempostal, então família tal, família tal...

¹³² Nesse momento, Marcelino foi atender alguém que o chamava do lado de fora. Ele se desculpou pela interrupção: “Desculpe, são os meus pedintes diários, são meus colecionados...”. Pouco depois, o chamaram novamente; sinalizei se queria dar pausa, ele respondeu: “Não, deixe pra lá” e continuou a entrevista.

¹³³ Mostrando os vidros que estão sobre a mesa.

O senhor registrava a quantidade que eles passavam, referente ao que era?

As vezes eu não tinha a ideia de registrar quantidade. Eu sei que eram álbuns inteiros. Só a Belle Époque era a coisa mais linda do mundo. Tinha uma família Tourinho¹³⁴, que tinha o Colégio São Salvador, ali na Rua da Lama, na Barroquinha, eu peguei quatro álbuns da Belle Époque, que elas deram, antes de se mudarem pra Nazaré, elas deram esse material todo a um negro... Desculpa o termo, a um senhor escuro, ou melhor, a um preto, que era empregado delas há muitos anos; ela chegou, ofereceu a ele. Ele soube que eu colecionava cartões-postais, me vendeu tudo, me vendeu de graça. Mas um cartão-postal com frisos de ouro? Bordado a ouro, bordado a mão, em alto-relevo? De 1902, era uma fortuna! Uma fortuna que eu tive em mãos. A coisa começou a dificultar.

Nessa época, o senhor guardava como?

Em fichário, eu tenho o fichário ali ainda. O fichário deles.

Dificuldade de manutenção da casa

Então cresceu muito. Com a dificuldade de manutenção e do prédio envelhecido, eu não podia fazer a restauração.

Ajuda da imprensa

O que acontece, a imprensa nunca deixou de me atender. A imprensa vinha fazer aqui entrevista, aí eu contava das dificuldades.

Intercessão de Paulo Gaudenzi

Contando as dificuldades, com a sensibilidade e a capacidade de responsabilidade, o secretário de Turismo, Doutor Paulo Gaudenzi, levou o projeto para Dr. Paulo Souto, o governador, em 1995. Levou a ele a necessidade e o valor do acervo como material iconográfico, histórico para a Bahia. Para incluir, para colocar no Centro, lá no Pelourinho.

Venda do acervo

Me convidaram e eu fui atender e chegou lá por surpresa foi aprovada a aquisição do seu material para o Centro Histórico, para o Pelourinho, Patrimônio Cultural da Humanidade.

¹³⁴ Colégio São Salvador – particular, fundado em 1885 e dirigido pelo bacharel Adolpho Frederico Tourinho, situado à Rua Visconde de Itaparica, n. 8, antiga Rua da Lama, no vetusto Solar Berquó. Fonte: NUNES, Antonieta D’Aguiar. A contenção dos ideais republicanos em educação na Bahia: a reforma Sátiro Dias de 1890. In: *Anais do I Congresso Brasileiro de História da Educação*. 2000. Disponível em <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe1/anais/026_antonieta.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2016.

Eu disse: “Oh, que beleza! E como é?”. Ele disse: “Agora você tem que dar o valor, quanto você tá pedindo”.

Eu receber uma casa, instalar um Museu. Um menino pobre que chegou aqui para enfrentar, para trabalhar, para ascender, porque meu ideal sempre era esse, olhar sempre pra cima, nada de baixo. Quando eu vejo aquele sucesso, aquela coisa toda.

Quando eu soube essa notícia, eu fiquei alegre. Sabe o que é alegre? Agradei a Deus, agradei a Senhor do Bonfim, agradei aos bons espíritos, inclusive o de Castro Alves, que não me larga, até se materializou nas minhas fotografias.

Então, o que acontece: foi concretizado o que o Governo quis e o que eu quis.

Valor

Eles disseram: “Cento e cinquenta mil reais nós não vamos pagar, não. Nós vamos fazer uma contraproposta de cento e vinte mil reais em duas parcelas”. Eu tinha outra saída? Eu não tinha.

Processo de venda – levantamento do acervo

Aí, pronto. Começamos, aquela Reuber, aquela morena alta? Ela veio, fez o projeto, preparou o projeto, levantou o material, tim tim por tim tim, contou tudo.

Tantos cartões-postais da Bahia, tantos cartões-postais do Brasil, tantos cartões-postais da França, tantos da Alemanha, tantos da Itália, tantos da Inglaterra, tudo antigo, fez o tombamento.

Fizeram o projeto, eu assinei aceitando. Eu sozinho, não tinha ninguém pra me envolver, pra dizer não, não pode, eu não quero esse preço.

Acervo – fonte de pesquisa

Eu disse: “Quero, está acabado e vai pro Centro Histórico, e vai ser um patrimônio maravilhoso e vai servir” – como já vinha servindo, a historiadores, inclusive ao professor Cid Teixeira, alunos de universidade, alunos de 2º grau, tinha mesa só pra fazer pesquisa.

Era Rio, São Paulo, todo mundo vinha pra aqui visitar.

Exposição Funarte-RJ (1982)

Fui convidado pela Funarte para fazer uma exposição no Rio de Janeiro, foi uma beleza. Quando cheguei lá, sabe quem visitou minha exposição? Carlos Drummond de Andrade visitou com a secretária; “escreva, escreva”. Aquele homem magrinho, nariz afilado, e a secretária escrevendo. Eu não sabia pra que estava escrevendo; curiosidade. No outro dia, no *Jornal do Brasil*, “um baiano” – eu sou sergipano, mas ele me outorgou o título de baiano. Foi ele, não foi a Câmara dos Vereadores, nem a dos deputados. Quem me outorgou o título de baiano foi Carlos Drummond de Andrade, com a crônica: “O baiano Antonio Marcelino foi muito feliz em

ter criado o Tempostal, bem que poderia ser Tempoésia, pois o que não lhe falta é o hábito da nostalgia dos anos de 1900 ao 1920, quando o período da Belle Époque se extinguiu”.

A contribuição da Rainha Vitória – A coleção de cromos

Saiu, porque teve uma influência muito grande da Rainha Vitória, ninguém mais trabalhou pela cultura pra o mundo inteiro como a Rainha Vitória. Bem que a França trabalhou muito, inclusive lançando os cromos, que o cromo, que hoje eu tenho pra mais de 2.000 cromos aí, esta coleção de cromos tem início do século. E o cromo foi invenção da França no início do século XVIII, que se estendeu pelo mundo inteiro. Todo cromo que você encontrar pode dizer: é invenção francesa.

Elogios à sua dedicação à coleção e ao seu projeto de vida

Eu disse: “Meu Deus do céu, então pegar uma referência de Carlos Drummond de Andrade?”. Eu tenho uma referência ali que eu nunca mostrei a ninguém, porque eu tenho vergonha, de São Lourenço-MG, um espírita me comparar com um Vieira, pela imaginação, pelo que eu criei. Agora você veja, meu Deus do céu, é lindo o que Marcelino fez.

Pós-venda

Aí eu continuei pesquisando e pesquisando.

Entreguei lá, mas não parei. Meu Deus, eu vou ficar de braços cruzados? Tudo isso aqui¹³⁵ é depois do Museu entregue, inaugurado no dia da cultura, 05 de novembro de 1997. No próximo ano, faz 10 anos o Museu Tempostal como patrimônio da humanidade.

Pronto. Entreguei a coleção ao Tempostal. Voltei, recebi o dinheiro, paguei compromissos, fiquei sem dever. E o dinheiro todo que eu fiz? Só fiz aplicar.

Porque eu parti daquele princípio: “O livro lava, livra e lustra”, de Nelson Oliveira, de um grande colecionador.

Colecionador de livros

Eu sempre me apeguei a isto e gosto de livros por causa disto, por causa desta frase do professor Nelson Oliveira.

E Castro Alves, o que diz sobre o livro?

“Oh, bendito que semeia
livros, livros à mão cheia
e manda o povo pensar.
Um livro caindo n’alma
É germe que faz palma
É chuva que faz o mar”.

¹³⁵ O acervo que se vê pela casa.

Então eu sou amante do livro, toda semana eu compro dois, três livros antigos. Eu tenho quase todos os álbuns da Bahia Antiga da Odebrecht, da Caixa Econômica.

Nova coleção pós-venda

Cartões-postais chegam à minha porta. Vão vender no Museu Tempostal, o museu diz: “Nós não temos verba; vá pra Marcelino, que ele compra”. Quando eu chego aqui, chega uma pessoa me vendendo cartões-postais. Eu já tenho outra coleção de cartões-postais, não como a do Museu Tempostal, mas já tenho uma quantidade, inclusive a coleção de Hildegardes Vianna, a grande folclorista imortal da Academia Baiana de Letras, hoje me pertence. Porque ela saiu da casa dela e foi morar num quitinete, ali no Politeama. Ela tinha um saco cheio de cartões-postais, viagem dela, de Hildegardes Vianna, saudosa memória, minha amiga, dentro de um saco de linhagem. Você sabe que eu não classifiquei esse material? Ela já morreu, e eu não tive tempo.

Solicitação de pesquisas

Porque eu tenho pesquisa pra um, pesquisa pra outro. Um pede isso, outro pede aquilo. Uma sobrinha está fazendo vestibular, quer que ele levante isso. Continuei a colecionar. Tenho peças belíssimas; se você quiser filmar, eu lhe mostro. Coleções belíssimas de cartões-postais, que eu adquiri porque o Museu Tempostal mandou pra cá. Eu vou pegar num instantinho, só um pouquinho pra te mostrar.

Essa é a peça mais antiga que eu tenho aqui, 1852, é uma empregada doméstica com uma *mademoiselle*, não é ainda, é uma criança; cromos de uma litografia, 1851/1852, assinado por um artista inglês; isto é original, pintura em guache. Mas isso veio depois da entrega do material lá.

Figura 42. Peça mais antiga (1852) do acervo de Antonio Marcelino após a transferência do Museu Tempostal para a Funceb



Foto: Tatiana Almeida, 2006.

Aqui está a primeira homenagem ao Dr. J. J. Seabra, acadêmico honorário e digníssimo governador do Estado em comemoração do centenário de inauguração do Teatro São João, que foi o primeiro teatro colonial do Brasil. Então isso aqui tem que contar em um livro amanhã ou depois, sobre o Teatro São João, essa referência.

Esse material aqui foi adquirido depois que eu entreguei o acervo. Porque o Museu Temporal não compra, só aceita doação. “Vá pra Marcelino, que ele compra”. Como é que deixa passar isso, em alto-relevo? Esta daqui é pintada à mão. Estes aqui eram os garotos para serem vendidos. Isto eu já vi em uma publicação de um álbum, raro, são raríssimos.

Este aqui chama-se postal perolado, mas não é pérola, não, é a técnica que parece que é pérola.

Isso foi o que sempre me encantou. Toda a minha infância.

Se chegar hoje cartões-postais aqui, eu compro. Agora quando a pessoa chega aqui pra vender um postal, não sabe nem o valor. Isso num leilão deve ser uma fortuna.

Além dos postais, quais eram os outros objetos que o senhor tinha interesse e adquiria?

São livros antigos. Os meus eram coleções de livros antigos, santinhos de catecismo, santinhos. Discos, eu tenho uma coleção de discos autografados pra ninguém botar defeito.

E as formas de aquisição, eram doados?

Não, objetos, não. Eram comprados em antiquários e comprados na porta também.

E esses objetos que o senhor tem em casa, têm registro?

Não, não tem condições, é muita coisa. Aquilo mesmo é de instalação de energia elétrica nas roças, nas fazendas.

É que eu percebi que as prateleiras estão identificadas.

É porque isso aí já está registrado.

A coleção de discos autografados e as canetas usadas para autografar.

Eu guardo as canetas usadas para autografar os discos. Assinado pra mim, Agnaldo Timóteo. Isso pra mim... Eu levava o disco para o Teatro, embaixo do braço.

Coleção de beijos autografados

Olhe aqui, um beijo de Nilda Spencer, com dedicatória para mim, e a caneta aqui.

Lábios de Gal Costa¹³⁶. No intervalo da primeira parte pra segunda, aí eu consegui ir ao camarim dela. Ela já me conhecia através dos shows de Caetano, de Bethânia... E eu me dava

¹³⁶ Conta a história do beijo de Gal no bolso de sua camisa.

muito com a senhora mãe dela, D. Mariah¹³⁷. Eu estava com uma camisa rosa-choque de manga comprida, eu fui ao camarim, quando eu cheguei lá, “Gal Costa”, aí vieram me atender, eu disse: “Olhe, diga à Gal que Marcelino veio pedir pra ela autografar o disco que ela está cantando”. Ela mandou entrar, aí eu fui dar um beijo nela, na testa. Ela disse: “Não, Marcelino, eu tô suada, eu saí da praia direto aqui pro palco, eu tô suada”. Eu disse: “Não importa!”. Mesmo assim, eu peguei a cabeça dela e dei um beijo na testa. Nesse ínterim, os lábios colaram no bolso da camisa rosa choque. Eu tive que retirar aquele bolso da camisa e usar a camisa até se acabar, até eu não querer mais. Aí eu, inspirado, escrevi. Aqui está o lábio dela do lado da camisa. São os lábios de Gal Costa. Então, eu escrevi no bolso onde o beijo ficou registrado, naquela parte de cima, aí eu escrevi pra ela: “Lá estava Gal suada, mergulhada numa champanhe de som e vida de Gal. Recusando seu corpo suado que sujava (...), a cabeça voando sobre os ombros, aprisionada nas minhas mãos, garras sedentas, a testa salgada, os olhos brilhantes, o batom vermelho, a camisa suja de batom. O batom vermelho, e o beijo vermelho de Gal, ontem, hoje, amanhã; a camisa guardada, convencida, suja a camisa d’alma. Minha muito minha, muito Gal. Salvador, 09/02/1974”. Eu escrevi isso e guardei com o beijo dela. E ali é o beijo de Nilda Spencer. São os beijos. Aí eu guardo com carinho...

Figura 43. Parte do bolso da camisa com marca dos lábios da cantora Gal Costa e texto sobre a ocasião, escrito por Marcelino



Foto: Tatiana Almeida, 2006.

¹³⁷ Mariah Costa Pena.

Alfarrábio Cultural

Quando eu abrir o Alfarrábio Cultural... Aqui é o beijo de Nilda Spencer, com a caneta que ela assinou, e aqui a caixa das canetas. Olha aqui uma menina grande, Celeste; eu não sei por onde anda essa menina... Aqui é Bethânia, é Gal, todas as canetas.

Você diz que é interessante isto? Isso é loucura! Nada de interessante. É loucura...

Qual é a memória das suas coleções, do seu acervo? A sua memória enquanto pessoa, colecionador?

Minha vida. É uma vida dedicada...

A sua coleção conta a história da sua vida?

Conta. Conta. Tem coisas que não vou mostrar. Me desculpe!

Você pega uma coleção dessa, você pega, isto aqui: “De Roberto Santos para Marcelino”, Roberto Santos, o governador, autografado para Marcelino: “Para Marcelino, a Bahia deve tudo isso. Roberto Santos”.

Você pega aqui: Sá Menezes, Antonio Carlos Magalhães¹³⁸, um livro que foi autografado por Antonio Carlos Magalhães pra mim.

Figura 44. Marcelino mostra livros e documentos autografados por autoridades com dedicatórias para ele



Foto: Tatiana Almeida, 2006.

Exemplar da Ata da Sessão Solene de inauguração do Fórum Ruy Barbosa em 05 de novembro de 1949. Eu assisti à inauguração. Agora você vê um livro deste... Quando Octavio Mangabeira morreu, foi encontrado este documento no bolso dele, é este daqui, no bolso do paletó de Octavio Mangabeira, que Ruy escreveu:

¹³⁸ Mostra os livros e documentos autografados para ele.

“De tanto ver triunfar as nulidades, de tanto ver prosperar a desonra, de tanto ver crescer a injustiça, de tanto ver agigantarem-se os poderes nas mãos dos maus, o homem chega a desanimar-se da virtude, e rir-se da honra e ter vergonha de ser honesto”. Ruy Barbosa.

Agora, olhe a assinatura, o Fórum Ruy Barbosa, a assinatura de Octavio Mangabeira, Dr. Sávio de Oliveira e Dr. Laudo Camargo. Todos assinaram nesta ata.

Essa é a Casa de Ruy Barbosa, essa daqui; e ali tem umas notícias sobre Ruy Barbosa. Quem quis colecionar isso colecionava. Eu vim pegar isso depois.

Amostra de petróleo – Lobato

Aqui é interessante! “Amostra do primeiro petróleo que jorrou no pequeno Vale do Lobato de cor verde fino em 1938. Lembrança de Landulfo Alves de Almeida ao seu irmão Isaías Alves de Almeida”. A mim ofertada por Dr. Isaías. Aí eu lhe mostro o primeiro petróleo que jorrou no Lobato. Landulfo ofereceu ao Dr. Isaías Alves e o Dr. Isaías Alves me ofertou.

“Amostra do primeiro Petróleo do Posto Pioneiro do Lobato. Oferta a mim do Dr. Isaías Alves¹³⁹”. Tá aqui guardado como Dr. Isaías Alves me ofereceu. Agora, isto aqui quem escreveu fui eu. Mas eu recebi nesta caixa de madeira. É importantíssimo! Ter um material desse é importante. [O telefone toca e ele não atende].

Figura 45. “Amostra do primeiro petróleo que jorrou no pequeno Vale do Lobato de cor verde fino em 1938. Lembrança de Landulfo Alves de Almeida ao seu irmão Isaías Alves de Almeida”



Foto: Tatiana Almeida, 2006.

¹³⁹ Texto escrito por ele no papel que identifica a caixa.

Coleção de filmes, autógrafa de Zé Trindade em cédula

Ali são todas as fitas de Zé Trindade, os filmes dele¹⁴⁰, se você quiser registrar alguns você pode tirar fotografias, que é interessante. Ali é a cédula¹⁴¹, eu era funcionário do Serviço de Águas e Esgoto na Ladeira de São Bento, e eu soube que Zé Trindade tinha chegado à Bahia, estava hospedado no Hotel da Bahia, ali na Rua Chile. [O telefone para de tocar]. Eu disse: “Puxa, ele está aqui, e eu não vou deixar de pegar um autógrafa de Zé Trindade”. Eu fui lá e consegui o autógrafa dele. Eu não tinha onde registrar e estava com esse dinheiro no bolso, que era dinheiro, valia. Me encaminharam a ele, eu fui lá aonde ele estava, ele autografou o dinheiro. Depois eu venho conseguir todos os filmes¹⁴² dele, de Zé Trindade. “Vídeo gravado no sistema TDK, japonês. Fitas de alto nível para estúdios de gravação. A filmografia de Zé Trindade”. Aqui, todos os filmes dele. Aquilo ali o cinema não tem mais na Bahia.

Figura 46. Ao fundo, cédula presa à pilha de fitas VHS com filmes de Zé Trindade. Em primeiro plano, canetas utilizadas por artistas e autoridades nos autógrafos dedicados ao colecionador



Foto: Tatiana Almeida, 2006.

Ninguém tem esse material porque é inédito. Agora, devia ter, mas não tem. Uma pessoa foi vender a um lugar de filmes no Estado e a pessoa não quis – “Ah, não me interessa, não”. Aí a pessoa veio me vender, eu comprei.

Eu queria que o senhor me falasse da relação que o senhor tem com esses objetos. É uma relação de posse, de deleite...?

É uma compulsividade minha. Sou compulsivo. Você acredita que ali eu tenho um quadro que é de Raimundo Oliveira, aquela Gamela? Você sabe o que é ter uma Gamela de Raimundo Oliveira? Então, tudo é compulsividade.

¹⁴⁰ Fitas VHS.

¹⁴¹ Cédula presa à pilha de fitas VHS.

¹⁴² Reprodução em fita VHS.

O acervo, sua família

É como se fosse uma família. São meus filhos. O Tempostal lá é um filho meu. O Alfarrábio Cultural é outro filho meu, dois filhos. Não tive esposa, não tive família, graças a Deus.

Publicações que falam sobre ele

Atendo a todo mundo. Ter a felicidade de um livro desse ser publicado em São Paulo e fala mais em mim do que nos outros colecionadores. É você se sentir bem. Se sentir realizado.

“Ao amigo e colecionador Antonio Marcelino”, a saudação. Este livro *Cartão Postal, Arte e Magia*¹⁴³ foi um livro publicado ano passado em São Paulo. Fala mais no Museu Tempostal, fala mais em mim, que em outro colecionador. Esse daqui, *Lembranças do Brasil*¹⁴⁴, são de dois sócios: João Emilio Gerodetti e Carlos Cornejo. Eu estou aqui, mencionado. “Lembranças de São Paulo¹⁴⁵”, dedicado a mim; eu estou aqui. Este é outro livro, o convite da exposição, para ir à exposição, lançamento do livro; ainda com passagem de ida e volta, eu não fui. No *Lembranças do Brasil*, a parte de Aracaju e Salvador, os textos das fotografias são meus.

Como é que o senhor mantém os objetos aqui? Tem alguma forma de conservação?

Eu não tenho nada de conservador. Conservar é o manusear todo dia. Pegar, bulir. Você vem fazer uma entrevista comigo, eu vou lhe mostrar, por exemplo: este aqui é sobre colecionadores, ele menciona mais Antonio Marcelino e o Museu Tempostal do que outro colecionador qualquer. Certamente, ele achou que eu merecia.

Coleção de anúncios

Você vai ver aqui: isto aqui é uma propaganda da máquina Singer. Repare, propaganda. O que diz aqui? [texto em espanhol que ele pede que eu leia] “El antigo juízo de...”. Aqui, as mulheres eram nuas. Aqui o que é que diz “o novo juízo do mundo”. Elas aqui estão vestidas. Isso tem mais de um século. Isso foi publicado em 1900, é original. Estão vestidas, a inglesa, a americana e a alemã. E aqui o Singer, o inventor, o que criou a marca Singer. Então elas estão agradecendo a ele por hoje elas estarem vestidas. O antigo juízo e o atual juízo, moderno juízo. Porque aqui elas estão agradecendo. A inglesa, a alemã e a americana. Aqui, a máquina Singer original. Várias coisas sobre a máquina Singer. Tudo é guardado.

Aqui é tudo sobre Castro Alves. Eu coleciono ele. Tudo o que sai sobre ele eu coleciono. Essa é filha de Castro Alves, um livro sobre a filha de Castro Alves.

¹⁴³ DALTOZO, José Carlos. *Cartão-Postal: arte e magia*. Presidente Prudente: Gráfica Cipola, 2006.

¹⁴⁴ GERODETTI, João Emílio; CORNEJO, Carlos. *Lembranças do Brasil: as capitais brasileiras nos cartões-postais e álbuns de lembranças*. São Paulo: Solaris Edições Culturais, 2003. 252 p.

¹⁴⁵ GERODETTI, João Emílio; CORNEJO, Carlos. *Lembranças de São Paulo: o interior paulista*. São Paulo: Solaris Edições Culturais, 2003. 200 p.

Qual a contribuição que o senhor acha que está dando para a sociedade com o seu acervo, tanto o do Tempostal como a que o senhor tem aqui?

Aqui, não. Aqui eu só dou entrevista. Por exemplo: *Correio da Bahia, Jornal da Bahia, A Tarde* querem saber da minha vida. Porque quando vão visitar o Museu Tempostal, falam em Antonio Marcelino. Você viu minha fotografia lá, não viu? Na parede? Quem é este homem? Aí, muita gente que visita quer me ver. Aí dão meu endereço, dão telefone, marcam um encontro. E quer visitar. Eu digo: “Mas é desarrumado”. Mas não importa! Colecionador é isto. Eu tenho um depósito aí, que eu não tive nem tempo de ir buscar coisas pra exibir. Eu tenho tudo. Se você quiser fazer uma pesquisa sobre teatro, você faz aqui, desde os primórdios.

Loucura por autógrafos

Aqui são os célebres autógrafos. Aqui tem outra coisa muito interessante: dois autógrafos de Getúlio Vargas.

Você vê, assinatura de Jorge Amado, Carybé e Junior Silveira, é sobre a Bahia. Coleção *Plásticos da Bahia*, apresentação Jorge Amado. Carybé 38-68. Desenhos. Isso é uma beleza. Assinados. Eu tenho loucuras por autógrafos. Você vê “aquele negócio” que eu escrevi no bolso, de Gal Costa. Me inspira às vezes.

Você, como estudante, já ouviu falar de Carneiro Ribeiro? Vou te mostrar autógrafos valiosíssimos de personalidade da Bahia. Um autógrafo de Ernesto Carneiro Ribeiro. Isso aqui são cenas da Bahia Antiga.

Você sabe o que é ter Luiz Gonzaga autografado pra mim? Autógrafo dele pra uma família amiga: “Aos prezados amigos Procópio, um grande fotógrafo e meu amigo, e Dona Lindaura, com estimas de Helena”, a mulher de Luiz Gonzaga.

Mundo particular

Então, eu digo: “Meu Deus do céu. Isto aqui é minha vida”. Olhe, eu não vou a um teatro. Eu chego em casa, a manhã toda eu tô trabalhando, só tenho que sair onze horas¹⁴⁶, mas eu fico o dia todo pesquisando, pesquisando. Ô, coisa maravilhosa! Isso aqui é minha vida, minha vida. Eu não quero nada lá fora. Sou aposentado, tenho meu dinheirinho bom, não é ruim. Meu ordenado é bom. Não quero ninguém comigo. Prefiro ser encontrado morto a ter gente dentro de casa. Quero ficar sozinho. Tenho meu televisor, assisto [às] minhas novelas, gosto, acompanho; política, arte, curiosidades. Então, o que é que me falta? Tenho minha geladeira, tenho meu uísque, tomo meu pilequinho antes de almoçar. Tenho minha cervejinha em lata ou garrafa. A minha vida é esta. Vivo bem porque tenho saúde, agora mesmo fiz um check-up. Quando levei o resultado para o Dr. Haroldo Lona [cardiologista], ele disse: “Venha cá, você está melhor do

¹⁴⁶ Ele havia informado que tinha compromisso e precisaria sair às 11 horas.

que eu?”. Eu digo: “Por que?”. “A sua idade e a minha, eu não estou como você”. Eu chupo laranja, tomo café com leite, pão integral. Me trato. Se eu tiver uma dor de barriga, não tenho. Nem sei o que é dor de barriga, nem dor de cabeça, nem dor de coluna, nem de osso. Eu sou feliz, essa é minha vida.

O reconhecimento do seu trabalho como colecionador

“O livro lavra, livra, lustra”, Nelson Oliveira, um grande colecionador. O Governo não aproveitou a coleção dele para um museu. Mas eu tive a felicidade de Paulo Souto e Paulo Gaudenzi se sensibilizarem com meu acervo, que eles já conheciam, já acompanhavam, e aí eu entreguei. Não sei qual o destino, mas estou feliz da vida. Porque está servindo. Não tem um álbum sobre a Bahia Antiga que não tenha o dedo de Marcelino. Você não viu aquele pouco de beleza da Belle Époque, período áureo do cartão-postal, os maiores ilustradores de cartões-postais do mundo?

O senhor já pensou na sua coleção, no seu acervo, depois que o senhor falecer? Já chegou a pensar nisso?

Não. Não pensei ainda. Porque é o seguinte, eu pretendo voltar pra minhas origens. A minha origem é Simão Dias. Vim para a Bahia, cumpri minha missão; entreguei um museu à Bahia, ao Brasil e ao mundo. Estou com outro museu, porque alfarrábio é o lugar onde se coleciona quinquilharias, objetinhos. Eu tenho de tudo. E eu caí na asneira de dar uma entrevista ao *A Tarde* e disse: “Por favor, quem tiver alguma coisa que quiser jogar fora, procure Antonio Marcelino, meu telefone é... Que eu vou buscar”. Você sabe que até vestido antigo eu recebi? Até colchas de cama bordada à mão eu recebi? Que eles não queriam mais, porque era do finado, era da finada. Até escarradeira eu recebi.

Mortos ilustres

Eu estou com uma exposição pra montar brevemente, “Mortos ilustres e seus funerais”. São 64 mortos dentro do esquite, estão todos ali [aponta para o armário]. Tem da Rainha Vitória a Guido Guerra, meu amigo, dentro do esquite. Paguei R\$ 60,00 para o fotógrafo ir ao funeral, porque eu não fui, e tirar a fotografia dele dentro do caixão; é o último que chegou pra fazer parte da minha exposição.

Figura 47 – Acervo do Alfarrábio Cultural, formado após a transferência do Museu Tempostal para a Funceb



Foto: Tatiana Almeida, 2006.

O senhor falou que tudo que tem serve para pesquisador, para todos que querem fazer pesquisa. Seria essa a sua contribuição?

Mas eu não tenho condições, numa casa dessa. Tô lhe dando essa entrevista porque estou lhe ajudando. Eu não tenho espaço.

Mas a sua contribuição social como pessoa, o senhor está permitindo que as pessoas conheçam a Bahia Antiga. O senhor poderia ter deixado guardado.

Eu fui privilegiado, porque foi através de mim, expondo cartões-postais, que outros pequenos colecionadores do Brasil começaram a se movimentar. Se você chegar hoje no Rio de Janeiro, se chegar em São Paulo, Minas Gerais, procure os colecionadores e pergunte: “Você conhece Marcelino?”. “Ah, o mestre da cartofilia?”, porque a cartofilia é o hábito de colecionar cartões-postais, como a filatelia é o hábito de colecionar selos, e a numismática é o hábito de colecionar dinheiro, cédulas ou metais.

Aí você está sentada numa cadeira que nela tem prata imperial presa na cadeira, que é uma cadeira parideira; eu fui entrevistado por você sentada nesta cadeira.

Figura 48. Cadeira parideira com moedas imperiais de prata encrustadas no espaldar, na qual a pesquisadora sentou durante a entrevista



Foto: Tatiana Almeida, 2006.

Novo museu em Simão Dias

Então, eu pretendo retornar à minha terra. Eu retornando à minha terra, eu vou criar lá um museu inédito, porque eu levarei o meu acervo pra lá para visitação pública; para palestras, eu faço palestras... Dizendo o valor do acervo. Você sabe o que   ter uma cole o de óculos dessa daí? Você sabe o que   ter uma cole o de mais de 200 vidros de perfume? Ter uma cole o de mais de 200 vidros de perfumes raros? Você sabe que aquela jarra   vidro de perfume? Aquele telefonezinhos ali   um vidro de perfume em cristal leitoso. E não está catalogado, não.

Você sabe o que tem ali dentro daquele armário? São pra mais de 3.000 cromos do Século XIX até o Século XX. Como foi que eu adquirei? Através de dinheiro, aquilo foi caro.

Acervo sobre teatro

Se você disse que quer fazer uma pesquisa desde os primórdios da Escola de Teatro, vai fazer. Olhe aqui uma cena, quando a escola foi inaugurada com a primeira peça. *Bahia, teatro se aprende na universidade*, João Gama.

Isso aqui   uma subida. Aqui são os atores. Helena Ignez está aqui. Isso   teatro. Muito interessante isto. Eu acredito que a Escola de Teatro, de onde eu fui secretário 27 anos, não tenha essa revista.

Então se você quer fazer uma pesquisa sobre a Escola de Teatro, você vem aqui e eu lhe mostro. Se você quer sobre o Vila Velha, eu tenho coisas que o Vila Velha não tem. Quer fazer sobre dança, vem fazer. Agora tem que me dizer com antecedência, para eu separar o material e dizer: "O material que eu tenho   este aqui", sobre teatro, sobre dança. Sobre isso, sobre aquilo...

Sr. Antonio Marcelino finaliza a entrevista mostrando os recortes que fazia na infância.
Pedi uma cópia do trabalho, pois ele coleciona tudo que escrevem a seu respeito.

“Muito importante... o Museu Tempostal... a sua existência também...” [referindo-se à pesquisadora]

ANEXO

Relação nominal dos doadores de cartões-postais e fotografias à Coleção Antonio Marcelino (1965-1995). Transcrito exatamente como está escrito no livro, incluindo depoimentos registrados por eles.

Anexo 1. Termo de abertura do Livro de registro de doadores de cartões-postais e fotografias à Coleção Antonio Marcelino e, posteriormente, ao Museu Tempostal (Sede Sodré), 03/07/1965. Acervo do Museu Tempostal

"Termo de Abertura"
Servirá o presente livro, contendo
Cinquenta folhas numeradas e rubricadas
por mim, Antonio Marcelino do Nascimento,
para registrar os nomes das pessoas que doarem
postais ou fotografias à Coleção "Antonio Mar-
celino". Salvador - Ba, 3 de julho de 1965.
Antonio Marcelino

Foto: Tatiana Almeida. Setembro/2016.

Fl.1

01. D. Paulina Martins Paes de quem recebi os primeiros postais antigos da Europa
02. Dr. Isaias Alves
03. Professôra [sic] Maria José Soares Teixeira (Zezé)
04. A inesquecível Lili Teixeira (falecida em 22/12/1964)
05. Glosinha Fróes
06. Edson Muniz Lomanto
07. D. Heloísa Freire de Carvalho – No dia 3 de setembro fez doação de 833 postais antigos
08. D. Maria Carolina Freire de Carvalho – (belíssimos postais)
09. A garôta [sic] Emilia de Oliveira
10. Geraldny Monção
11. Carlos Araújo da Silva

12. Toty Villar
13. Walter Vun Alvares (Postais de Aracaju antiga – Bondes de Burro)
14. Professor Francisco Torres
15. Jairo Nelson Gusmão
16. Diogo Gusmão
17. D. Maria Pinto de Carvalho Souza
18. Professor João Gama Filho – repetiu e está contribuindo sempre
19. Alfredo de Oliveira Simões – Santeiro
20. Professor José Loureiro Marques
21. Professor Alberto Valença (belíssimos postais da África – Senegal)
22. Sebastião Valença Filho
23. Hildeberto Daltro
24. Eduardo Domingues
25. Pedro Lôpo [?] Queiróz
26. Frederico Menezes Falcão
27. Sérgio Viveiros Laranjeira
28. Bennett Oberstein
29. Nelson Ruy Gil
30. Dr. Deocleciano Coêlho
31. Carlos Alberto Nascimento Carvalho

Fl. 1 (verso)

32. Alberto Carlos Alves
33. Walterloo Salomão
34. R. Carvalho
35. Rogério José Britto de Carvalho 21-4-72
36. D. Antoniêta dos Santos Reis
37. Isaias Carneiro
38. Léo Eduardo Amorim – repetiu em 1968 com cerca de 200 postais
39. Armando de Matos Rolim
40. Professor Roberto Luiz Cezi...[?] de Assis
41. José Carlos Barreto
42. Professor Lauro Sylvio Passos de Azevêdo
43. Professôra [*sic*] Mary Kathym de Oliveira
44. Professor Ítalo Gaudenzi
45. Professora Nilda Spencer
46. Professor Enéas Almeida

47. Professor Milton Lourenço dos Santos
48. Noême Barbosa Romeu 1951-1969
49. Amneres Benevides de Almeida
50. Padre Aloísio Martins Guerra
51. Eduardo Barbosa Sampaio
52. Roberio Marcelo Rodrigues Ribeiro
53. Carlos Cunha (Poeta)
54. Antônio Augusto Andrade Pinto Coêlho
55. Ari Nunesmaia
56. Antônio Dias Pereira Filho
57. Rafael Cesar de Oliveira
58. (Juli) Luiz Antonio dos Santos Soeiro [?]
59. Elisio Lisbôa [?]
60. Marcos A. Correia Lima
61. Cora Machado
62. Dr. Heitor Marback

Fl. 2

63. Professor Cid Teixeira
64. Paulo B. Gomes
65. Jorge Anibal Correa Barbosa – Postais de Amazonas. Manaus.
66. Jackson Palmeira
67. Maria Lúcia do Nascimento e Silva
68. Eduardo Luiz Lacerda Dominguez
69. Rafael José Freitas de Souza
70. José Leonídio Senna
71. Ítalo Gaudenzi – ÍTALO
72. Sérgio Hirsch
73. [assinatura ilegível] (Português)
74. Luiz Carlos Cirne Rodrigues de Miranda
75. João Tavares de Alcântara
76. Dr. Alfredo Vieira Lima
77. Hélio Valverde Costa
78. Jovianí Moura Neto
79. Professôra Lia Robatto
80. Rommel Velame [?] Passos
81. Paulo M. Correia (Edifício Flaming)

82. Luiz Ivan Duarte Veloso (21-4-1966)
83. Prof. Luiz Nonato Minas da Silva
84. José Raimundo Rocha
85. Prof.^a Laura Folly (Feira de Santana)
86. Eudaldo [Edvaldo?] R. Motta
87. Carlito Mendes (Getúlio Vargas)
88. Maria Lúcia Americano da Costa
89. Jaldo [?] Sapucaia de Farias Goés (do Museu do Prado – Madrid)
90. Maria Angelita Gomes da Silva (vários Ceará, Recife, R.G. Norte e Sergipe)
91. Raimundo Carvalho [ator do Teatro Cultura da Bahia] – fotografia inauguração Praça Duque de Caxias “Monumento” [?] 2 Julho 2/7/1895
92. Antônio Rolim
93. João Alcântara Tavares (João Tavares Alcantara)

Fl. 2 (verso)

94. Lucemar Alcântara Ferreira (Lucemar de A. Ferreira)
95. Álvaro Sampaio
96. José Roberto Dantas Gaudenzi
97. Helio Valverde Costa – Cacareco
98. Antônio Miranda Fernandes
99. Elieth Leal d'Araújo (Lia Mara)
100. Antoniêta Pinto Cardoso (Niêta)
101. José Carlos Prada
102. Evangivaldo Franco de Oliveira (62 postais)
103. Helena Pitangueira
104. Augusto José Fascio Lopes
105. Alberto Fascio Lopes
106. Arnaldo Lopes Neto
107. Paulo Roberto
108. Professor Firmino Leal Torres
109. Eduardo Cabús (repetiu em 9-1-71 Postais da Índia)
110. Harildo Esteves Déda
111. Poeta Fernando Batinga de Mendonça
112. Poeta Carlos Cunha (repetiu)
113. Gildásio Leite Amorim
114. Terezinha Leal dos Santos
115. Deolindo Chiccucci Neto

116. Ana Rosa catalã – (Postais da Belle époque)
117. Tito Vespasiano Bastos Guimarães
118. Helson Batinga de Mendonça
119. Virgilia Maria Athayde Bispo Pereira
120. Firmino Leal Torres (repetiu)
121. Gato Felix
122. Jesus Chediak (19/7/69)
123. Marco Antonio Souza Machado
124. Paulo Renato Dantas Gaudenzi

Fl. 3

125. Maria de Fátima Dantas Gaudenzi
126. Professora Célia Santos
127. Kleber Marcelo [Maicelo?]
128. Celeste Chiarelle
129. Coronel Melo Campos
130. Maria Terezinha Cajuhy (amazonense)
131. Almiro Oliveira Sobrinho
132. Dr. Mario Linhares Nou [?] (sub [?] gerente do Banco do Brasil S.A.) 4/12/69
133. Norton Bezerra
134. Prof. Ulisses Floquet (grande oferta de 197 postais do Brasil – antigos) Dia 12 dezº. 1969
135. Maria Eliene
136. Claudio da Costa Reis
137. José Carlos Prada
138. Alexis Augusto Machado
139. Olga Maria Raponi (31/12/1969)
140. D. Alice Moniz Silva (filha do Dr. Gonçalo Moniz e esposa Prof. Presciliano Silva)
141. Francisco Ribeiro Neto (31/1/70)
142. Risoleta Lima Queiroz
143. Adelino Bomfim Cardoso
144. Virgilia Maria Athayde Bispo Pereira
145. José Raimundo Rocha
146. Dr. Raimundo Velloso (com autógrafo do Governador de Sergipe “Dr. Lourival Batista”)
147. Carlos Alberto Lealy Veloso
148. Maria Luzindete [?] de Jesus
149. Roberto Luiz Cezi...[?] de Assis
150. Lourival de Oliveira Bahia

151. José Carlos do Nascimento (irmão) – postais de Aracaju
152. Alhenodoro [?] Ribeiro (Postais Japoneses)
153. Alda Pêpe (coordenadora da Secretaria de Cursos da Ufba) Sergipe Postais
154. Plínio Mesquita de Araújo Filho (Coreia)
155. João Lopes Carneiro

Fl. 3 (verso)

156. Aldo Matos Rocha (20/2/70)
157. Antonio Carlos de Britto Barroso (22/2/70)
158. Marianize Oliveira Vasconcelos 24/2/70 (importantes ...)
159. Jorge Antonio Gaspari Mad... [?] 24/2/70
160. Maria de Araújo Sampaio
161. Francisca de Araújo
162. José Lauro Freitas Freire
163. Haidil de Alcântara Linhares (repetiu)
164. Otávio [?] Francisco de Moraes
165. Dulce Schwabacher (repetiu)
166. Joildo Fonseca Góes 10/3/70
167. Raimundo Sérgio [?] Duarte Bastos 11-3-1970
168. Maria de Lourdes Salles de Castro (era mãe de Alberto, Paulo, Guilherme, Frederico, Luiz Henrique Souza [?] Castro)
169. Vanda Maria Athayde Bispo
170. Marina [?] Veiga Soares – Largo da Lapinha 20-3-5770
171. [?] Caetano R. Rocha 28.5.70
172. Délio Menezes Barreto 16-5.70
173. Dolores Nobre
174. Dante Bittencourt do Nascimento
175. Valença Industrial pelo Dr. Luiz Raimundo Tourinho Dantas – 2/9/70
176. Antero (20/10/70)
177. Juliêta Magalhães
178. Zenaide Fraga Linia [?]
179. Adalgisa Leite
180. Gersei Arapiraca
181. Luis Carlos Tassure [?] Halla
182. Dr. Eduardo Berbert de Castro
183. Otávio Francisco de Moraes
184. Arnon Rodrigues Sandes

185. Hely Daltro de Oliveira
186. Rosilda / Rositta [?] Salgado Goés
[anotação à lápis no final da página à direita: Dr. Eduardo Berbert de Castro, Dr. Eugênio Teixeira Leal [palavra ilegível] oferta 26/11/70]

Fl. 4

187. Rogério Brito Carvalho – Farmácia Madragoa
188. Hélon Batinga de Mendonça (repetiu)
189. Norton Bezerra (irmão de Kerton)
190. Ubiratan Amorim
191. Leonardo Alencar (pintor Sergipano)
192. Carlos Alberto Monteiro Teixeira (Carlinhos)
193. Julieta Magalhães
194. Antônio Celso Sarno Cid Teixeira
195. Osmário dos Santos
196. Antonio Alves de Santana (Aracaju)
197. Floriano Nascimento e espôsa [sic]
198. José Carlos do Nascimento Filho (Simão Dias)
199. D. Julieta Freire de Carvalho (avó de Tereza do D. Cultural UFBA)
200. Club de Las Tablas – Mar Del Plata – Argentina
201. [assinatura ilegível]
202. Edison de Palma Meirelles – dentista – Rua Chile
203. Giselia da Silva Alves
204. Ruy Sandy
205. Profª Lízia Duarte (cunhada do Dr. Raimundo Veloso) 26 postais 27/9/71
206. A garota Virgínia Veloso e família 3/10/71 (62 postais) – 10.082 a 10.143
207. Romeu Resende Silva Júnior 17-10-71
208. Arnaldo Fernandes
209. Raul William Amaral Barbosa
210. Jacques Silva (Inhambupe)
211. Aryvaldo Barata
212. Hélio Lima
213. Ernest Frich (Fotógrafo – Rua Chile, 6)
214. Roberto Carracedo [?] 53162
215. Edgard Miranda Chaves
216. Sante Scaldaferrri (76 postais) dentre eles [sic] 7 de Jorge Amado – 29-5-72
217. Raymundo Nonato de Sant'Anna

Fl. 4 (verso)

[inscrição à lápis na parte superior da folha, ao centro, acima das linhas numeradas]

Família Possi (Zizi) Neto)

218. [assinatura ilegível]

219. [assinatura ilegível]

220. Angela Maria Rocha de Paula (excelente material antigo)

221. [assinatura ilegível]

222. Manuel [?] Antonio dos Santos

223. Natan [?] R. da Silva

224. [assinatura ilegível]

225. Pedro Ivo (50 postais)

226. Terezinha Pimenta [a numeração salta de 226 para 229]

229. Carlos MCatharino Carlos MCatarino (31.1.73)

230. José Abílio [?] Moniz [?] de Aragão (neto de Egas [?] Moniz Barreto de Aragão O Pethion [?] de Villar) ofereceu à Coleção Antonio [palavra ilegível – possivelmente assinatura Marcelino do Nascimento] 142 postais – 1 duplicata e 1 fotografia – de 14.222 a 14.362 (4 postais autografados pelo poeta Pethion [?] de Villar)

231. [ilegível] da Conceição Dias

232. Eduardo F... [?] Telefone – 5-0958

233. Pedro Ivo Bacelar [?] (50 postais)

234. Maria Lélia [?] Serra Saraiva

235. Lourival Tavares Pinto

236. Luiz Roberto Velloso Cairo [?]

237. Anibal Araujo Alves Peixoto

238. Sylvia [?] Teixeira Leal de Alves – A 2ª grande colaboração da Família inesquecível Dr. Eugenio Teixeira Leal (Em, 7.11.1974)

239. Tércio Luis da Silva Freitas (19185 a 19203)

240. Irmãs Celuta e Djanira Melo – Igreja de São Pedro Velho nº. 18.969

241. Edison de Palma Meirelles nos. 18970 a 19.184 (217 postais)

242. Rogério – Heber e Buá

243. Alice Soares – [?] Piedade, 4, Aptº.410 – Ed. Venesia Tel. 3.0804 (Fotografias da Bahia antiga de 1912 e outros)

244. [assinatura ilegível] – Rio de Janeiro

245. Eunice [?] da Silva – pelo meu pai Esmeraldo Silva - 17-03-92

246. Eduardo Cabús

247. Emília Biancardi

248. Flávio Magnavita

249. Antonieta Pinto Cardoso
250. Mercedes e Carlos Pinto
251. Nilda Spencer
252. Anatólio Batista de Oliveira
253. Lia e Silvio Robatto
254. Ângela Cristina Tenório de Albuquerque – Ângela Tenório – 13.03.94
255. Ângela Cristina Tenório de Albuquerque – Ângela Tenório – 19.08.94
256. Gilda Pires Ferreira – 20 agosto 1994
257. Família Newton Lima
258. *Antônio Marcelino possui uma das melhores coleções de cartões postais do Brasil, dando assim uma grande contribuição à cultura de nossa terra. Só os “loucos” e privilegiados têm [sic] esta coragem de lutar pelos seus ideais. Com mais esta doação presto homenagem ao sensível amigo de muitos anos.*
Afetuosamente 21/04/95 [assinatura ilegível – possivelmente Sante Scaldaferrì]
259. *Antonio Marcelino tem um missão preservar um patrimônio de toda uma história do cartão postal.*
Aplauso para ele.
Calazans Neto 21/IV/95
260. *Em nome de Carlos Bastos faço entrega de postais, parabenizando Antonio Marcelino pelo interesse e dedicação que presta a cultura do país, com o Museu Tempostal.*
Pedra do Sal 03/05/95 P.P. Altamir Galimherti
261. Família Silvio Deolindo Fróes
262. Francisco Cavalcanti Moura
263. Família José Possi Neto (São Paulo)
264. Alejandro Velasquez Franken
265. Jackson Pinto de Souza
266. Renato Fróes e Família (filho de Deolindo Fróes)
267. Gilda Geão – Seplantec – Tel. 371.2855

*Anotações em pedaços de papel presos à contracapa:

“Querido ‘Marcelo’

Aí vão os 1º... Depois mando mais.

Abraços” [assinatura ilegível – possivelmente Dario Peixoto – o bilhete está escrito no papel timbrado com esse nome]

“Matilde Lira envia para Marcelino – ofereceu – 97 postais. Muitos da Belle-époque amiga de Olga Raponi”

“Ana Rosa Catalá”

“10 postais de D. Laura de Menezes Dantas Aracaju-Sergipe”